

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Programa de Pós-graduação em Urbanismo – PROURB  
Mestrado em Urbanismo

**CARLOS RODRIGO AVILEZ ANDRADE BEZERRA DA SILVA**

**BAIRRO-ESCOLA:** Educação e urbanismo em uma política pública integrada

Rio de Janeiro

2011

Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da Silva

**BAIRRO-ESCOLA:** Educação e urbanismo  
em uma política pública integrada

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB/FAU/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientadora:

Prof. Dra. Lilian Fessler Vaz

Rio de Janeiro  
2011

S586 Silva, Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da.  
Bairro-Escola: educação e urbanismo em uma política pública integrada  
/ Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ / FAU,  
2011.

xvi, 205 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Lilian Fessler Vaz.

Dissertação (mestrado) – UFRJ / PROURB / Programa de Pós-Graduação  
em Urbanismo, 2011.

Referências bibliográficas: f. 146-150.

1. Urbanismo. 2. Política urbana. 3. Políticas públicas. 4. Política educacional  
– Nova Iguaçu (RJ). I. Vaz, Lilian Fessler. II. Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-  
Graduação em Urbanismo. III. Título

CDD 711

Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da  
Silva

**BAIRRO-ESCOLA:** Educação e urbanismo  
em uma política pública integrada

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro – PROURB/FAU/UFRJ, como  
parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de Mestre em  
Urbanismo.

Aprovado em 28 de fevereiro de 2011.

Profa. Dra. Lilian Fessler Vaz  
PROURB/FAU/UFRJ  
Orientadora

Profa. Dra. Eliane da Silva Bessa  
PROURB/FAU/UFRJ

Profa. Dra. Maria da Silveira Lobo  
Ex-pesquisadora PROURB/FAPERJ

Prof. Dr. Humberto Kzure-Cerquera  
DAU/IT/UFRRJ

## **Dedicatória**

*A todos que empregam seu tempo e dedicação em benefício do nosso planeta e de seus ocupantes, que fazem do seu trabalho um instrumento do bem comum, com base na ética e amor ao próximo, é dedicado este trabalho.*

## **Agradecimentos**

É muito prazeroso constatar que mais uma etapa da minha vida profissional foi concluída, consolidando o início da minha trajetória acadêmica tão desejada.

Mais gratificante é ter a capacidade de perceber que todo o esforço não foi feito de forma isolada. Se há sucesso alcançado por mim, este é apenas o reflexo do amor, da dedicação, da competência e, muitas vezes, da paciência de todos com os quais tive a sorte de me relacionar durante minha vida.

Esse sucesso também se deve às várias lições que aprendi neste curto tempo, tanto nas experiências bem sucedidas quanto nas outras. Estas que me trouxeram ao lugar onde estou com muita satisfação.

É por essas e outras coisas, que nem tenho como descrever, que deixo aqui o meu eterno agradecimento a Deus por este momento.

Também agradeço a minha família por todo seu amor e cada gesto de apoio em mais esta jornada. É imensa a alegria de ver em seus olhos a chama da alegria de mais uma conquista nossa. Não é Mãe? Não é Bá? Vocês que muitas vezes me orientam e que tanto cuidam de mim, muito muito obrigado!

Faço aqui um registro especial para a “queridíssima” Lilian Fessler Vaz que, não por acaso, me orientou para este momento. É muito engraçado lembrá-la de vez em quando, que sou orientado por ela desde muito antes de começar o mestrado, quando, num desses encontros inesperados que acontecem na vida, eu encontro minha ex-professora de Urbanismo da graduação e peço dicas para fazer a tão desejada pós-graduação. Alguns anos depois, a reencontro na cidade de Nova Iguaçu, interessada em pesquisar sobre o trabalho que era realizado pela Prefeitura desse município, no qual eu estava diretamente relacionado. Trabalho este que me inspirou pela pesquisa e pelo desenvolvimento em políticas públicas, sob um olhar que, por fim nos reuniu nesta “deliciosa” empreitada. Como aprendi contigo nesta convivência!

“Fessora”! Muito obrigado pelo seu incentivo, muito obrigado pelas riquíssimas oportunidades de diálogo e por ter aceitado me orientar neste trabalho e, principalmente, por sua dedicação. Ainda temos muito trabalho pela frente!

Nestes dois intensos anos de mestrado pude conhecer várias pessoas com as quais tive a feliz oportunidade de conviver nas salas de aula e pela universidade. Na impossibilidade de me estender, destaco aqui a minha especial gratidão às

professoras Ana Clara Torres Ribeiro, Ana Lúcia Britto, Claudia Pfeiffer, Eliane Bessa e Luciana Andrade pelos ricos debates e pela extrema gentileza e dedicação com que devotam tempo para compartilhar seus conhecimentos e suas experiências acadêmicas.

Sou muito grato também pelas novas amizades feitas e aos excelentes momentos de confraternização que tivemos. Que venham muito outros! Agradeço em especial à minha nova amiga Claudinha, cuja ajuda foi indispensável na última etapa deste trabalho.

À minha “galera” que cada vez cresce mais! Valeu! Mesmo espalhados pelo mundo ou sumidos da convivência por uns tempos é bom saber que nossos laços de amizade se mantêm fortes. É isso aí!

Agradeço a todos do Programa de Pós-graduação em Urbanismo por toda essa experiência, e pelos ensinamentos. Lamento apenas por não ter aproveitado todas as oportunidades que passaram por mim e que tanto me instigaram à ação, apesar da minha total dedicação em aproveitar o máximo destes últimos dois anos.

Agradeço, por fim, ao CNPQ pelo apoio dado, sem o qual este trabalho não teria sido possível.

*“Informação não é um dado, mas uma produção que decorre da capacidade de inferir, da e sobre a realidade, novos conhecimentos suficientes para provocar aprendizado e mudança de comportamento”. (FERRARA, 1999).*



## Resumo

SILVA, Carlos Rodrigo Avilez. **Bairro-Escola:** Educação e urbanismo em uma política pública integrada. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esta pesquisa examina as possibilidades de mudanças na rotina dos habitantes dos bairros de Nova Iguaçu após a implantação do Bairro-Escola como política sócio-educacional para o município. Baseados nas orientações de Henri Lefebvre, Boaventura S. Santos e Edgar Morin, entre outros, procuramos compreender, se, como e por que o Bairro-Escola passou a fazer parte das vidas das pessoas, pela ótica dos próprios habitantes, verificando a hipótese de uma possível transformação nas suas práticas socioespaciais cotidianas após a consolidação dessa política pública. A realização de um estudo de caso se mostrou a estratégia mais indicada para atingir os objetivos da pesquisa, realizada nos bairros de Miguel Couto e Rancho Novo. As atividades realizadas envolveram uma caracterização geral do bairro, verificando a existência e o estado das intervenções do Bairro-Escola no espaço urbano, e entrevistas com a população, através das quais foram observadas, em cada bairro, as atitudes e os valores que os habitantes guardam em relação aos seus lugares e percursos habituais. Quanto ao Bairro-Escola, foi observado o grau de conhecimento e de envolvimento nessa política pelos habitantes, assim como da opinião destes a respeito das ações que conhecem. Consideramos que essa abordagem de pesquisa abre possibilidades para descobertas no campo do urbanismo e das políticas públicas participativas, além da possibilidade de ampliação do debate sobre a vida urbana em esfera pública. Foi constatada a crucial

importância da escolha e da correta aplicação de uma metodologia adequada para a criação de um processo participativo de implantação do Bairro-Escola desde o seu planejamento, que alcançasse o envolvimento da população novaiguaçuana para o desenvolvimento das ações pretendidas nos bairros propostos. Desta forma, ressaltamos o estabelecimento de processos amplos de politização e democratização do conhecimento e, de suas aplicações objetivas nas abordagens voltadas à temática urbana, que visem enfrentar os desafios impostos pelo fenômeno urbano rumo à prática do direito à cidade.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Educação. Participação. Complexidade.

## **Abstract**

SILVA, Carlos Rodrigo Avilez. **Bairro-Escola:** Educação e urbanismo em uma política pública integrada. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This research examines the possibilities of change in Nova Iguaçu neighbourhood's routine after the Neighbourhood-School policy implementation. Based on the guidelines of Henri Lefebvre, Boaventura S. Santos and Edgar Morin, we seek to understand if, how and why the Neighbourhood-School, as a socio-education municipal policy, became part of people's lives. We look for the standpoint of the inhabitants, thereby checking the possibility of a socio-spatial practice transformation after this policy experience. The case study was considered the most appropriate approach strategy to be used to achieve the research objectives, applied on two districts: Miguel Couto and Rancho Novo. It involved a general district characterization, noting the existence of Neighbourhood-School policy interventions in the urban space. Interviews with the inhabitants were also used to observe their attitudes and values held in relation to usual pathways and places in the neighbourhood. Those interviews were used to understand the inhabitant's opinion, knowledge level and involvement level with the policy. We believe this research approach opens possibilities for discoveries in the field of urbanism and participatory public policies. It also creates an opportunity to expand the debate about urban life in the public sphere. The crucial importance of choice and the correct application of an appropriate participatory methodology were observed. This is an important issue for Neighbourhood-School implementation since planning steps to achieve the

community involvement in a way to achieve the goals of the actions proposed in the neighbourhoods. Thus, we emphasize the establishment of broad processes of politicization and democratization of knowledge and its application in objective-oriented approaches to urban themes, aimed at addressing the challenges posed by urban phenomenon towards the practice of the right to the city.

Keywords: Public Policy. Education. Participation. Complexity.

## Lista de Imagens

Imagem 1 – Regiões de Governo e Microrregiões Geográficas do Rio de Janeiro..	51
Imagem 2 – Centro de Nova Iguaçu no início da década de 40 .....	52
Imagem 3 – Município de Iguassú em 1932.....	53
Imagem 4 – Emancipações Municipais a partir do território de Nova Iguaçu .....	54
Imagem 5 – Localização de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro .....	55
Imagem 6 – Unidades Regionais de Governo da Nova Iguaçu.....	56
Imagem 7 – Centro de Nova Iguaçu em 2007 .....	57
Imagem 8 – Mapa de Incidência da Pobreza .....	59
Imagem 9 – Incidência da Pobreza Subjetiva .....	60
Imagem 10 – Mapa Índice Gini (desigualdades).....	61
Imagem 11 – Carta Imagem de Nova Iguaçu .....	62
Imagem 12 – Sistematização da problemática urbana de Nova Iguaçu .....	70
Imagem 13 – Sistematização das ações para o PEU-BE .....	73
Imagem 14 – Caminhos Bairro-Escola em Miguel Couto.....	83
Imagem 15 – Escola Municipal Barão de Tinguá vista da praça do bairro, 2007.....	88
Imagem 16 – Mercado popular de Miguel Couto em 2007. ....	90
Imagem 17 – Reuniões para apresentação do programa, 2006. ....	90
Imagem 18 – Ruas de Miguel Couto antes as intervenções do Bairro-Escola.....	91
Imagem 19 – Escolas de Miguel Couto escolhidas para o Bairro-Escola em 2006 ..	92
Imagem 20 – Praça do DPO em Miguel Couto .....	92
Imagem 21 – Ruas de Miguel Couto após as intervenções do Bairro-Escola.....	93
Imagem 22 – Localização do bairro Rancho Novo em Nova Iguaçu. ....	112
Imagem 23 – Rodovia Presidente Dutra e túnel vistos pela Av. Nilo Peçanha em direção ao Centro.....	113
Imagem 24 – Vistas do centro de Rancho Novo. ....	114
Imagem 25 – Ruas próximas ao centro de Rancho Novo. ....	115
Imagem 26 – Ruas próximas à Rodovia Pres. Dutra em Rancho Novo.....	115
Imagem 27 – Caracterização de Rancho Novo. ....	116
Imagem 28 – Ruas afastadas do centro de Rancho Novo. ....	117
Imagem 29 – Rua Dona Clara de Araújo. ....	117
Imagem 30 – Estrada do Iguaçu. ....	118
Imagem 31 – “Caminho de valão” .....	119
Imagem 32 – Acesso à Praça Imperatriz a partir da Rua dos Comerciantes. ....	120
Imagem 33 – Vista geral da Praça Imperatriz a partir da Rua dos Comerciantes. ..	120
Imagem 34 – Fotos gerais da Praça Imperatriz. ....	121
Imagem 35 – Localização de Miguel Couto em Nova Iguaçu. ....	122
Imagem 36 – Rua Cameron, centro de Miguel Couto .....	123
Imagem 37 – Posto de saúde de Miguel Couto .....	124
Imagem 38 – Rua Dolores, centro de Miguel Couto.....	124
Imagem 39 – Algumas ruas de Miguel Couto .....	125
Imagem 40 – Rodoviária na Rua Profa. Marli Carvalho, centro de Miguel Couto...	126
Imagem 41 – Estrada de Iguaçu, centro de Miguel Couto .....	126
Imagem 42 – Padrão construtivo, ocupação dos morros em Miguel Couto .....	127
Imagem 43 – Praça Miguel Couto .....	128
Imagem 44 – Igreja da Matriz de Miguel Couto.....	128

Imagem 45 – Clube Miguel Couto visto a partir da Rua Cameron .....	129
Imagem 46 – Praça do DPO .....	129
Imagem 47 – Sinalização do Bairro-Escola na Estrada do Iguaçu .....	130
Imagem 48 – Caminho Bairro-Escola na Rua Madeira .....	131
Imagem 49 – Escola Livre de Cinema, ao lado da E.M. Ana Maria Ramalho .....	132
Imagem 50 – Desgaste e mau uso dos caminhos das crianças .....	141

## **Siglas**

CGBE	Coordenação Geral do Bairro-Escola
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PCNI	Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PEU-BE	Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola
PIB	Produto Interno Bruto
PDDUS	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RMRJ	Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro
SEMCTUR	Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
URG	Unidade Regional de Governo

## Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>vi</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>ix</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>xi</b>
<b>Lista de Imagens</b> .....	<b>xiii</b>
<b>Siglas</b> .....	<b>xv</b>
<b>Sumário</b> .....	<b>xvi</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>16</b>
<b>Capítulo 1   Bases conceituais e teóricas</b> .....	<b>22</b>
1.1 Rediscutindo o racional .....	24
1.2 Emancipar para transformar .....	25
1.3 Uma aposta nas micropolíticas urbanas .....	30
1.4 Forma urbana .....	31
1.5 Operações urbanas, forma, identidade, movimento e memória .....	33
1.6 A problemática urbana consolidada até primeira década do século XXI .....	36
1.6.1 O contexto social como contexto socioeconômico .....	36
1.6.2 O contexto social enquanto contexto de significados e de valores .....	41
1.7 Educação Integral .....	43
1.8 Cidades Educadoras .....	48
<b>Capítulo 2   Nova Iguaçu</b> .....	<b>51</b>
2.1 O diagnóstico do Município de Nova Iguaçu .....	64
2.2 Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola .....	70
<b>Capítulo 3   Bairro-Escola</b> .....	<b>74</b>
3.1 Bairro-Escola em Nova Iguaçu .....	74
3.2 A primeira experiência em Tinguá .....	87
3.3 Miguel Couto: o “primeiro” Bairro-Escola .....	89
3.3.1 A implantação do programa .....	91
<b>Capítulo 4   A pesquisa</b> .....	<b>95</b>
4.1 O Bairro-Escola e o urbano .....	97
4.2 Metodologia .....	99
4.3 O Horário Integral nas escolas .....	103
4.4 A imagem dos bairros .....	111
4.4.1 Rancho Novo .....	112
4.4.2 Miguel Couto .....	122
<b>Conclusões</b> .....	<b>133</b>
<b>Referências</b> .....	<b>146</b>
<b>Apêndice</b> .....	<b>151</b>



## **Introdução**

O desejo de realizar essa pesquisa partiu de uma experiência de trabalho vivida na Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu, entre os anos de 2006 e 2007, em que trabalhamos na elaboração, execução e acompanhamento de parte das ações, projetos e programas que compunham o conjunto de políticas públicas reunidas sob o nome *Bairro-Escola*.

Basicamente, o Bairro-Escola em Nova Iguaçu, tem a tarefa de garantir o ensino em tempo integral para as crianças do ensino fundamental, com atividades complementares às do currículo educacional básico, sem a construção de novos equipamentos educacionais, mas utilizando os recursos do bairro para esse objetivo. E quais seriam esses recursos? Considerando que é comum uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro funcionar em dois turnos de meio período, a primeira demanda observável é a de espaço físico, pois, para reunir todos os estudantes em um programa de ensino em tempo integral é necessário, a princípio, dobrar a quantidade de espaço útil das escolas. O bairro pode proporcionar esses espaços, o bairro pode se “transformar numa extensão da sala de aula”, conforme os princípios primários do Bairro-Escola (Medeiro Filho, Galiano 2005). Mas esses, não são os únicos recursos procurados no bairro.

Fundamentado nas bases conceituais da Educação Integral, cujas origens históricas estão nos ideais democráticos do educador Anísio Teixeira – ainda que não exclusivamente –, e da Escola Cidadã, idealizada por Moacir Gadotti e José Romão a partir de princípios educacionais freirianos, o Bairro-Escola objetiva valorizar as iniciativas educacionais extraescolares e a vinculação entre o trabalho escolar e a vida em sociedade, como princípio para um exercício para a cidadania. Neste sentido, propõe o envolvimento de todos em seu projeto pedagógico numa rede de

parcerias: estudantes, professores, pais, moradores, todos os que se interessam e podem contribuir são bem-vindos. Nas palavras de Maria Antônia Goulart, então primeira-dama de Nova Iguaçu, uma das principais idealizadoras e, posteriormente, coordenadora geral do Bairro-Escola no município:

Esse processo inverte a lógica de planejamento de políticas públicas. Cabe aos atores sociais locais a construção das estratégias específicas de desenvolvimento das mesmas, reconhecendo e incorporando os saberes locais e potencializando a rede de Educação Integral local.

Instaura-se, assim, um processo de radicalização democrática que reconhece os atores sociais como agentes protagonistas do processo educativo local, devendo o poder público apoiar o desenvolvimento dos mesmos (Goulart, 2008).

Assim, mais do que uma política de Educação, o Bairro-Escola é um conjunto de políticas públicas integradas que tem a finalidade de elevar a questão educacional para além da esfera curricular, transformando-a numa política social ampla com a possibilidade de gerar grandes impactos na cidade. Aspecto de grande interesse para a realização desta pesquisa.

A experiência de trabalho vivida em Nova Iguaçu começou a partir de um convite recebido para participar da nova equipe de arte, chamada pelo então Prefeito Lindberg Farias, que integrou as propostas para a formulação do *Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola* (PEU-BE). A Prefeitura contratou uma série de empresas que se responsabilizaram pela formulação de diagnósticos, entrevistas com a população e discussões públicas, que embasaram a formulação do Programa e os projetos de urbanismo e de arquitetura para alguns bairros da cidade que o compunham, cuja realização deveria ter sido financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (Pinto, 2008, p.69), porém, até o momento desta pesquisa não foi constatado nenhum progresso neste sentido.

A equipe de arte foi responsável pelo projeto setorial de arte e teve o papel de complementar os projetos de urbanismo desenvolvidos para os bairros de forma a

“refletir toda a diversidade cultural existente em Nova Iguaçu [...] contida em sua população”, conforme declarado na proposta (Rodrigues et al. 2006, p.3).

Neste trabalho foi observado que a comunidade artística de Nova Iguaçu já havia trazido inovações para a cidade na área das políticas culturais, como o documento “Agenda 21 para a Cultura de Nova Iguaçu”. Assim, buscamos dar continuidade para este movimento reunindo os valores trazidos pelo Bairro-Escola, em um conjunto de diretrizes para formulação de uma política cultural para a Cidade. O projeto foi denominado “Bairro-Escola, Cultura e Arte de Inclusão: Desenvolvimento de Trabalho Artístico, Cultural e Educacional dos Projetos Vinculados ao Bairro-Escola para o município de Nova Iguaçu”.

O resultado do trabalho levou a nossa equipe a compor a nova gestão da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SEMCTUR), com participação na Coordenação do Bairro-Escola em Nova Iguaçu. O desafio lançado foi o de pensar a intervenção na cidade a partir de uma política social, centrada na Educação, sob o viés da Arte e da Cultura. Além das atribuições da Secretaria, nossa tarefa foi pensar essa intervenção no âmbito do bairro, integrados com os programas de outras secretarias, considerando os eixos principais do Bairro-Escola, articulando nossas ações e observando a especificidade de cada local.

O caráter inusitado da experiência esteve na oportunidade de explorar o espaço urbano como palco de implementação de medidas para promover políticas públicas a partir das escolas municipais, passando pelas ruas e praças, alcançando o envolvimento da população e os recursos que esta possa oferecer. Falando mais especificamente do lugar que ocupávamos na SEMCTUR, nossa meta era alcançar esses objetivos através da valorização da arte, da tradição e da cultura presente em cada lugar da Cidade.

Durante esse tempo chamou a atenção, entre os avanços e as dificuldades do dia-a-dia, o processo que ocorria desde a elaboração dos planos, projetos e ações, nos gabinetes até a implantação destes nos bairros, assim como a forma que a população se relacionava com o que estava acontecendo. Isso, com um olhar mais atento no que acontecia no bairro, e menos preocupado com as escolas. Afinal, as ações elaboradas tinham como premissa mudar os hábitos da cidade, como se verá mais adiante.

Foi a partir daí que surgiu o interesse para a realização desta pesquisa, assim como em compreender melhor e trabalhar com políticas públicas e, no seu papel no alcance do bem estar comum para a população, mais especificamente, a importância do envolvimento popular para o alcance de resultados sociais relevantes em políticas públicas e a sua relação com o ambiente urbano (Vaz, Seldin, 2008). Mais uma vez, a experiência adquirida em políticas culturais fez com que fosse despertado também o interesse para a relevância de se considerar a Cultura nesse processo, no caso, como políticas públicas podem interferir na *construção social da realidade*, na produção de novos padrões e normas sociais de convivência (Velho, 1994).

Portanto, nesta pesquisa foi escolhido examinar a possibilidade de mudança na rotina dos habitantes dos bairros de Nova Iguaçu após a implantação do Bairro-Escola. Não se pretende aqui discutir pormenorizadamente todos os aspectos dos programas que o envolvem, e sim, compreender *se, como e por que o Bairro-Escola passou a fazer parte das vidas das pessoas nos bairros onde foram implantados*, pela ótica dos próprios habitantes, para verificar se é válida a hipótese de uma possível transformação nas *práticas socioespaciais* desses, a partir desta política.

Consideramos para a formulação dessa pesquisa as orientações de Boaventura Santos (1989) que, ao estabelecer uma crítica sistemática às “correntes dominantes da reflexão epistemológica sobre a ciência moderna” e “o distanciamento e a estranheza do discurso científico”, o autor propõe transformar a ciência, usando a compreensão enquanto “prática social de conhecimento” (Op. Cit. p.11-13), e assim, aproximar a ciência do “mundo da vida” pelo senso comum, o “menor denominador comum daquilo em que um grupo ou povo coletivamente acredita” (Santos, B. 1989, p.37).

Boaventura Santos propõe que, no paradigma científico moderno, "a subjetividade social" é cada vez mais “o produto da objetividade científica”, e que passamos para o momento de emergência de um novo paradigma: o pós-moderno, onde “a criação dos objetos teóricos está cada vez mais vinculada aos objetos sociais dos sujeitos sociais que podem investir no conhecimento científico ou apropriar-se dele”, quando a “subjetividade científica” deve ser “cada vez mais o produto da objetivação social” (Op. Cit. p.15). Boaventura Santos propõe a *hermenêutica*<sup>1</sup>, enquanto uma "pedagogia da construção de uma epistemologia pragmática", em busca de "enfrentar sem mistificações a avaliação das consequências sociais da ciência" aproximando cidadãos e cientistas pela reflexão epistemológica<sup>2</sup> (Op. Cit. p.29). Um olhar comunitarista que pode ser visto, dentro de um contexto de disputa de classes, como "naturalizador de injustiças", ou como instrumento de resistência (Op. Cit.

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss, hermenêutica é a “teoria, ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico”, se propõe à “interpretação dos textos, do sentido das palavras”. Muito usada para interpretar “textos religiosos ou filosóficos, especialmente das Sagradas Escrituras”.

<sup>2</sup> "A reflexão hermenêutica visa transformar o distante em próximo, o estranho em familiar, através do discurso racional, orientado pelo diálogo com o objeto da reflexão [...] e nesta medida se nos torne relevante, nos enriqueça e contribua para aprofundar a auto compreensão do nosso papel na construção da sociedade, ou, [...] do mundo da vida" (Santos, B. 1989:12).

p.37). Portanto, o *estudo de caso* como estratégia de pesquisa, se mostrou como mais indicado para atingir os objetivos almejados.

Devido o tempo necessário para o desenvolvimento da pesquisa de campo, entrevistas e análise dos resultados, escolhemos dois bairros para aplicar o estudo de caso, Miguel Couto e Rancho Novo, embora isso não queira dizer que se trata de dois estudos de caso, ou que se procura analisar comparativamente os bairros, nem que a pesquisa procura alcançar dados generalizáveis.

A pesquisa de campo envolveu uma caracterização geral do bairro, observando a existência de intervenções do Bairro-Escola no espaço urbano, além de entrevistas e debates com seus habitantes, por onde foi observada, em relação ao bairro, a percepção, as atitudes e os valores que os habitantes guardam em relação aos percursos e aos seus lugares habituais. Quanto ao Bairro-Escola, foi observado o grau de conhecimento e de envolvimento em relação ao programa em sua diversidade pelos habitantes, além da opinião destes a respeito das ações que conhecem.

## Capítulo 1 | Bases conceituais e teóricas

Observamos a estreita relação existente entre a *forma dos aglomerados humanos* e a sua *base social*. A especificidade da cidade, segundo Lefebvre (1991[1968]), está nas suas relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento na história. Observa-se aqui a cidade como um processo, mas que o autor afirma não ser passivo, nem limitado às relações dos indivíduos e grupos nem à ordem da sociedade regidos pelo poder. Para ele a cidade está situada no meio termo dessas relações, regidas por um corpo jurídico, formalizado ou não, pela cultura e seus conjuntos significantes. A cidade para ele – e também para nós – “é uma mediação entre as mediações”, é uma obra, “a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material” (Lefebvre, 1991[1968], p.46).

A partir daí, discutimos a relevância de projetos e de políticas sociais integradas como estruturantes dos processos de transformação que visam melhorias na ambiência urbana e na qualidade de vida das pessoas, com foco no bem estar comum.

Assim, pelo fato do Bairro-Escola ser uma política centrada na educação que incorpora ações sociais e intervenções no espaço público, incluindo uma esfera de participação social em seu escopo e, que se propõe a envolver todo o bairro em seu desenvolvimento, observamos a relevância de verificar de perto como se deu a resposta dos seus habitantes a esta implantação.

Mais do que um conjunto de diretrizes, o Bairro-Escola em Nova Iguaçu é um processo. É o resultado da busca de uma administração pública municipal de responder às exigências que esta proposta traz em seu escopo, a partir de um conjunto de ações coordenadas.

Para nós, o caráter mais forte a considerar desta administração na formulação desta política é o foco pragmático. E, o que fez com que esta alcançasse patamares de inovação não foi apenas o reconhecimento da transversalidade dos temas que envolvem as demandas municipais no planejamento. Mas, a capacidade dos líderes municipais de reestruturar todo o aparelho executivo do município na medida em que aprendiam com as limitações que a prática da gestão pública impõe em seu dia a dia, corrigindo os rumos dos processos em andamento, sem perder o foco nos objetivos centrais das ações do Bairro-Escola.

É o que observamos como característica necessária para enfrentamento real da *problemática urbana* conforme esta se apresenta no cotidiano das pessoas. Conforme orienta Lefebvre, para enfrentar os desafios impostos pelo "fenômeno urbano" rumo à prática do *direito à cidade*, se faz necessário reunir "todos os dados da experiência e do conhecimento", superando as especulações e a aplicação de conhecimentos parciais, pelo *exame crítico* do *urbanismo*, fazendo desta uma *prática social* "que diz respeito e interessa ao conjunto da sociedade" (Op. Cit. p.39), o que envolve, é claro, "uma estratégia do conhecimento, inseparável da estratégia política, ainda que distinta dela" (Op. Cit. Apresentação).

No entanto, assumir a dimensão do real na elaboração de políticas públicas é um risco. Demanda ambicionar metas e objetivos, desde o planejamento, para além dos resultados mensuráveis pela eficácia das ações, mas segundo os benefícios reais que estas, em seu conjunto podem trazer para o bem estar e a qualidade de vida das pessoas. Medidas demasiadamente subjetivas, que demandam um novo paradigma executivo nas administrações públicas, cuja compreensão demanda uma diferente forma de olhar para o que é *racional*.



## 1.1 Rediscutindo o racional

Não nos reconhecemos mais como senhores da Terra. Somos senhores do nosso destino, nossas possibilidades são infinitas, mas nossos recursos não. Já aprendemos a reconhecer o planeta em que vivemos como uma totalidade que nos é extremamente complexa, desde a sua física e biologia, até as suas características antropológicas. É assim que observamos com Edgar Morin (1995) que a nossa relação com a natureza e entre nós mesmo precisa acontecer sobre novas bases conceituais, e que precisamos pensar o contexto e o complexo (Morin 1995, p.167).

Morin questiona a “falsa racionalidade” do pensamento condicionado a compartimentos, especializações, e a abstração, apostando na contextualização dos conhecimentos. O autor observa os resultados catastróficos dessa “inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista” nos trabalhos realizados em todo o mundo ocidental, principalmente onde a burocracia tecnocrata teve maiores condições de impor suas racionalizações (Op. Cit. p.165).

Morin afirma que a “verdadeira racionalidade [...] opera uma ligação incessante entre a lógica e o empírico”, estabelece o diálogo como o real com que lida e que muitas das vezes lhe resiste. Considera “os seres, a subjetividade, a afetividade, a vida”, assim como lida racionalmente com o “mito, o afeto, o amor, a mágoa, [...] conhece os limites da lógica, do determinismo, do mecanismo; sabe que o espírito humano não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério”. Busca sempre a relação entre os fenômenos e seus contextos, assim como a raiz dos problemas, é multidimensional, organizador – sistêmico –, concebe a relação do todo com as partes e, vice-versa. Acima de tudo é autocrítica, reconhece suas insuficiências (Op. Cit. p.166-168).

## 1.2 Emancipar para transformar

Apoiados em Boaventura Santos, acreditamos na compreensão da ciência enquanto “prática social de conhecimento”, que se cumpre no “diálogo com o mundo” em uma relação de proximidade com seus atores, fazendo dos objetos teóricos, “objetos sociais dos sujeitos sociais”, possibilitando sua apropriação pelos mesmos conforme seus diferentes objetivos e necessidades (Santos B. 1989, p.13-14; Fridman 2000, p.67-69). Assim, democratiza e aprofunda a sabedoria prática – *phronesis aristotélica* –, “o hábito de decidir bem” (Santos B. 1989, p.29). E, nos liberta da “visão eurocêntrica colonialista”, sem dogmatismos e sem “sermos neutros em relação às condições injustas da nossa sociedade”, para podermos discutir sobre a reinvenção da *emancipação social* (Santos B. 2007).

Boaventura Santos (2007) aborda o tema da emancipação social, por considerá-lo “absolutamente central na modernidade ocidental”. Para ele a sociedade moderna cria pela primeira vez uma “tensão entre experiências correntes do povo, [...] e a expectativa de uma vida melhor, de uma sociedade melhor” (Santos B., 2007, p.17).

O problema dessa sociedade, segundo o autor, é que vive duas crises, uma de “regulação” e outra de “emancipação”, além de haver uma inversão nas expectativas sociais, antes mais positivas em relação às experiências, estas se tornam então negativas, fazendo com que alguns não vejam mais sentido em falar de emancipação social. Para o autor, precisamos “continuar com a ideia de emancipação social”, mas não podemos pensá-la mais em termos modernos, pois seus instrumentos de regulação estão hoje em crise (Op. Cit. p.18). Então uma das questões propostas é como intensificar a vontade de transformação social?

No campo das Ciências Sociais, o autor propõe duas ferramentas epistemológicas para enfrentar a crise, a *Sociologia das Ausências*, contra a ignorância –

reducionismos, determinismos, dualismos, monoculturas da epistemologia positivista – e a favor do conhecimento alternativo e das diferentes racionalidades, e que vê a ciência como parte delas – ecologias –, incluindo todas as experiências “ausentes”. A segunda ferramenta epistemológica é a *Sociologia das Emergências* que combate a expansão infinita do futuro e da “descrédibilidade” das “possibilidades de emergência” que oferecem sinais do futuro já no presente. Confrontaremos, então, com uma realidade muito mais rica, fragmentada e caótica, possível a partir dessas duas sociologias, que traz esses outros conhecimentos para dentro das universidades, por exemplo, num projeto de extensão universitária ao contrário (Santos B., 2007).

O desafio a ser enfrentado, antecipa Santos, é de encontrar o sentido a partir de toda essa diversidade e fragmentação. Não há uma resposta simples para isso, não é possível uma epistemologia geral para responder a isso. Segundo o autor, para articular todos os conhecimentos, práticas, ações coletivas e, todos os sujeitos coletivos “é necessário criar [uma] inteligibilidade recíproca” que seja protegida contra a canibalização e a homogeneização, um “procedimento de tradução”. Princípio fundamental do que o autor chama e propõe como a *Epistemologia do Sul*, baseada no alcance da justiça social pela “justiça cognitiva global”. Considerando que nenhuma cultura é completa, a tradução é necessária para ser possível alcançar a diversidade sem relativismos, sem desperdiçar a riqueza de experiências, para podermos pensar numa sociedade mais justa (Op. Cit. p.38-41).

Proposta aparentemente utópica, porém, concordando com Harvey (2006), não seria mais ou menos utópica do que a ideologia capitalista financeira neoliberal hegemônica atualmente, que se sustenta justamente por incorporar a condição humana em seu mecanismo, mesmo que não considerado em meios acadêmicos. A

ideologia capitalista incorpora as necessidades e os desejos das pessoas e grupos, substituindo seus bens e valores pelo fetichismo das conquistas materiais e de status, incorporando a criatividade de cada um na reprodução social do pensamento e dos ideais necessários para sua reprodução, neste início de século XXI, hegemônicos. E assim, possibilita sua reinvenção nos momentos em que o modelo de reprodução social corrente entra em crise. Devemos lembrar que a ideologia hegemônica capitalista, para o bem ou para o mal, procura envolver a todos.

Concordamos com a proposta de Boaventura Santos (2007), de buscar alternativas ao paradigma “desenvolvimentista”, que considere o fato de vivermos em meios mais ou menos culturalizados dentro de ambientes naturais. Particularmente, neste trabalho criticamos a polaridade das abordagens “a partir de cima” ou “de baixo para cima”, preferindo ainda acreditar na possibilidade da equidade democrática e de justiça social. Pois, apesar da disputa clara – e histórica – pelo poder, ou por um melhor uso do poder, pelos mais utópicos, não podemos esquecer que dentro da diversidade de culturas, ainda temos que considerar que a cultura ocidental atual, hoje hegemônica, encontra na ambição das pessoas todo o apoio necessário para sua existência.

A necessidade de reconhecimento descrita por Maslow (1970) também se apresenta, na prática, na vontade de um melhor posicionamento social, não apenas na vontade de superação, mas em superar os outros, ser melhor, vencer. Sem contar a forma como se estruturam as relações sociais e as instituições mercadológicas atuais (Santos B. 2007; Fridman 2000, p.70-73) que não desaparecerão de um dia para o outro. Desconsiderar estes aspectos humanos tão evidentes é ultrapassar os limites da utopia para o da inocência.

Para sermos pragmáticos ao pensar uma sociedade inclusiva, é importante considerar os atores-produtores da sociedade atual, que também dependem de respostas aos seus anseios. Harvey (2006) fala sobre a compreensão da nossa natureza humana:

Se não enfrentarmos a ideia, por mais arriscada que seja de nossa natureza humana e do ser de nossa espécie, e chegarmos a uma compreensão dela, não poderemos saber de que estamos alienados nem o que pode ser a emancipação. (Harvey 2006, p.271)

Apesar de fugir um pouco da linha de raciocínio construída pelo autor ao desenvolver esta frase, acredito que esta também pode ser lida dentro do contexto que estamos a construir até agora. Harvey (2006) ao considerar a nossa natureza, alerta para condição em que vivemos em nosso meio ambiente. Afirmando que as formas sociais futuras estão diretamente relacionadas ao que produziremos junto ao nosso ambiente natural e, que precisamos compreender como nossas “ações se disseminam por entre a rede de interconexões que constitui o mundo vivo, com todo tipo de consequências”, sob pena de nossa sociedade entrar em colapso, como em sociedades anteriores (Harvey 2006, p.286). O autor propõe o *utopismo-dialético* em resposta às correntes ideológicas hegemônicas, por assim dizer, baseadas no capitalismo vigente neste início de século XXI, como alternativa possível de ação em busca de uma sociedade melhor.

Longe de definir uma ruptura, sua proposta considera que a construção desse pensamento se fundamenta nas “matrizes contingentes de relações sociais existentes e já formadas”, conforme nossas condições materiais, ecológicas, ambientais, histórico-geográficas e simbólicas, apostando na nossa criatividade frente às adversidades e ao inesperado (Harvey 2006, p.303-304). Entretanto, antes de alcançar propostas desta magnitude, há uma condição anterior a considerar: a condição da sociedade de sustentar seus anseios e desígnios. Condição que passa,

inevitavelmente, pela *expansão das liberdades*, como defende Amartya Sen (2000). Em seu trabalho, fica fácil reconhecer como a liberdade fundamenta as condições dos indivíduos de moldarem seus próprios destinos e ajudarem uns aos outros, oferecendo as oportunidades sociais adequadas (Sen 2000, p.26).

É especialmente relevante para este trabalho ressaltarmos que o autor considera as liberdades dos sujeitos como a “*expansão das ‘capacidades’ das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam – e com razão*” (Sen 2000, p.32). Potencialmente, com mais liberdade, as pessoas se tornam *sujeitos e agentes do próprio destino* para influenciar o mundo a sua volta e, com mais iniciativa para expressar sua criatividade conforme as condições que possui, buscando efetividade em suas ações por meio do debate com outros sujeitos, do experimento e da pesquisa.

Para isso, facilidades são necessárias. Uma economia inclusiva em um meio social que ofereça serviços para o bem estar social e oportunidades aos interessados; um meio político democrático, igualitário e, principalmente, fraterno entre os seus e solidário entre os povos, além de equalizador das diferenças, sem as quais a sociedade não se sustenta; transparência nas relações institucionais e segurança voltada à proteção. (Laraia 1993; Morin 1995; Sen 2000; Harvey 2006; Santos B. 1989, 2007).

Essa nova forma de olhar, nos apresenta o mundo em todas as suas possibilidades, assim como na materialidade do que ele é em sua forma concreta, construída ao longo da sua história. É um caminho que arriscamos, mas que não o fazemos sozinhos, pois encontramos outros que partilham do mesmo interesse por mudanças, e que acreditam na possibilidade de estabelecer novos parâmetros para a consolidação desse caminho que almejamos trilhar.

### 1.3 Uma aposta nas micropolíticas urbanas

É por uma *troca de lentes* que lazana Guizzo nos propõe a nos redirecionarmos do que nos habituamos a ver, deixando de lado uma visão “binária”, característica do pensamento filosófico próprio da razão que criou o *sujeito moderno* e a sua relação *binária* com o mundo – *sujeito* e o *objeto* –, para enxergar através de uma *lente de forças* (Guizzo, 2008).

Essa lente faz ver que nada é em essência, mas tudo é relação em movimento, um vir a ser; faz ver o próprio homem como um produto de modos de viver, dizer e sentir. Sujeitos, espaços, saberes e objetos são composições de forças que estão sempre sendo produzidas através de jogos de verdades, de interesses, de relações de poder. Buscamos, através da lente de forças, trazer a compreensão da verdade como uma questão de produção de jogos de poder que sustentam um domínio instituído. Forma esta, muito distinta da proporcionada pela lente binária que vê a verdade como algo transcendente que pode ser acessado pela consciência (Guizzo, 2008, p.19).

Essa “lente de forças” proposta por Guizzo nos leva a prestar especial atenção ao que acontece mais próximo das pessoas, na escala “micro”, ou das *micropolíticas urbanas*, como diz a autora. O espaço, por essa lente, se desdobra “em infinitas camadas possíveis, sempre sendo produzido por novas relações de forças, por novos jogos de poder, a cada momento”, além de ser restituído ao seu lugar de produtor de subjetividades, um *espaço folheado*. E, os territórios se apresentam como “expansão dos corpos que se expressam criando a possibilidade da diferenciação”. Nesta concepção o que fica clara é a dimensão política do espaço, ligado à “produção dos modos de viver”. (Guizzo, 2008, p.20)

A partir da crítica do que chama a *onipotência* das elaborações de mundo ideal e o *niilismo* das ações insensíveis às condições adversas existentes na sociedade atual, Guizzo chama a atenção para o que Guatarri (1999) classificou como *revolução molecular*. Um composto de “transformações possíveis em cada encontro, em cada projeto, em cada passo”, realizadas de forma coletiva. *Microprocessos*

*revolucionários*, ressalta a autora, capazes de “restituir uma potência às práticas espaciais”. Assim, a autora aposta na capacidade dos espaços arquiteturais de provocar “microprocessos revolucionários”, e na responsabilidade da atividade arquitetônica. (Guizzo, 2008, p.43-44).

O exercício do arquiteto, então, não produz um endereço, tampouco “o” espaço folheado, mas uma cama deste, uma camada de forças que entrará em relação com outras, e é o arranjo dessas relações que irá compor o espaço enquanto forma, mesmo que por um instante (Guizzo, 2008, p.98)

Compreender a relação de forças no espaço nos faz reavaliar também a potência de cada um no cotidiano das cidades, nesses “jogos de poder”, como diz Guizzo.

#### **1.4 Forma urbana**

Ao se considerar a especificidade do Urbanismo na discussão sobre os aglomerados urbanos, um dos primeiros aspectos a considerar é a *forma urbana*, o aspecto material e visível, aparência, configuração exterior dos aglomerados urbanos. Lamas (1989) propõe uma definição inicial ao tratar do tema no seu estudo sobre “morfologia urbana”.

Aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. A forma, sendo o objetivo final de toda a concepção, está em conexão com o ‘desenho’, quer dizer, com as linhas, espaços, volumes, geometrias, planos e cores, a fim de definir um modo de utilização e de comunicação figurativa que constitui a “arquitetura da cidade” (Lamas 1989, p.44).

Outra conceituação observada foi a de Kevin Lynch (1981) que traz como título de seu livro “A Boa Forma da Cidade”. Mas, Lynch não utiliza o termo “forma urbana” nas suas definições, prefere falar da forma do “aglomerado populacional”.

O que se observa desde o início é a busca de uma definição para a forma do aglomerado populacional mais clara e descritiva, em comparação com Lamas, mas



o conceito se torna bem mais complexo, pois Lynch apresenta esta forma de maneiras quase antagônicas. Primeiramente ele afirma:

A forma do aglomerado populacional, habitualmente mencionada através da designação 'ambiente físico', é normalmente encarada como padrão espacial dos objetos físicos grandes, inertes e permanentes numa cidade: edifícios, ruas, serviços públicos, colinas, rios, talvez mesmo as árvores. (Lynch, 1981; p.52, l.6)

Esta definição se aproxima do que Lamas chama de “alargamento da noção de forma urbana” (Lamas 1989, p.63) que inclui todos os elementos naturais à forma urbana o que ele chama de “suporte geográfico”, e trata esta como a forma do território (Lamas 1989, p.63). Mas adiante, Lynch inclui uma dimensão dinâmica, ao conceito de forma do aglomerado populacional:

A forma do aglomerado populacional é a disposição espacial das pessoas a desenvolverem atividades, os fluxos espaciais resultantes de pessoas, produtos e informações, e as características físicas que modificam o espaço de um modo significado para estas ações, incluindo recintos, superfícies, canais, ambiências e objetos. Além disso, a descrição inclui as mudanças cíclicas e seculares nessas distribuições espaciais, o controle do espaço e a percepção dele. Estes últimos elementos, como é evidente, são incursões nos domínios das instituições sociais e da vida mental (Lynch 1981, p.52).

O aprofundamento da questão sobre a forma urbana nesta definição ratifica o fato que qualquer tentativa de se buscar uma definição que não passe por um longo debate, que permeie várias áreas do conhecimento científico, é leviana. Entretanto, o que fica claro na sua definição é que a forma que procuramos definir *não é estática nem eterna ou inata*, pois se realiza ao longo do tempo conforme as ações humanas, e muito menos óbvia, pois depende da maneira como é percebida.

Esta ideia, apesar de trazer várias dúvidas, apresenta uma noção muito próxima do que se pode observar empiricamente na cidade, e todo o dinamismo que se observa na sua produção e reprodução. Portanto, a conclusão de Lynch sobre a forma do aglomerado populacional oferece uma base muito apropriada para balizar uma pesquisa que venha a responder a questão sobre forma urbana:

[A forma do aglomerado populacional é a] distribuição espaço-temporal das ações humanas e dos objetos físicos que são o contexto dessas ações, mais tudo acerca das instituições sociais e das atividades mentais que possa ser diretamente ligado a essa distribuição espaço-temporal e que seja significativo à escala dos aglomerados populacionais como um conjunto (Lynch 1981, p.53).

O que se conclui é que para definir um conceito para forma urbana é necessário responder a vários outros questionamentos que se põem como estruturadores de qualquer base de reflexão que venha a se realizar sobre o tema. Trata-se de um assunto complexo, que permeia conceitos de várias outras disciplinas cujo caráter é tão dinâmico, ao longo do tempo, quanto o objeto que se pretende definir.

No entanto, para este trabalho é suficiente observar a riqueza que envolve considerar a potencia da forma dos aglomerados urbanos no contexto do cotidiano das pessoas, aspecto que voltaremos a tratar mais adiante.

### **1.5 Operações urbanas, forma, identidade, movimento e memória.**

Consideramos conveniente trazer a contribuição da geógrafa Ana Fani Carlos (2001), pois ela chama a atenção para os problemas que podem ser causados por ações governamentais nos espaços da cidade que atendam a interesses específicos. Baseada numa visão lefebvriana dos estudos sobre a cidade a autora também chama a atenção para a indissociabilidade entre cidade e sociedade, porém seu trabalho ancora esta indissociabilidade à forma urbana pelo uso, pela memória e pela identidade.

A partir do caso da Operação Urbana Faria Lima a autora analisa a dimensão do processo de transformação no espaço para além das práticas que foram adotadas. Sua preocupação está na ruptura estabelecida no “plano da *prática socioespacial*, por meio da alteração morfológica dos bairros afetados” (Carlos 2001, p.45).

A autora constata que a forma da cidade, ligada aos usos definidos no espaço-tempo da vida, é tida como o “mais exterior” e o “mais interior” ao habitante, pelo

“sentido que a forma adquire pelo uso, gerando identidade, sustentando a memória, marcando a vida, [e] dando-lhe conteúdo” (Carlos 2001, p.54).

A questão da forma na cidade para Ana Fani Carlos está diretamente relacionada à história nas tramas que se constituem no espaço urbano, organizadas em seus conjuntos. Por isso, as formas nunca são gratuitas, além de suportar as funções, são lugares; “vistas e percebidas como signos, imagens e símbolos”. A forma se modela, na invenção, na escolha e pela composição, como um determinado “grupo social imagina sua inscrição no solo, por isso ela tem sentido na sociedade” (Carlos 2001, p.47).

O habitante neste contexto se reconhece experimentando os espaços habitados, pelo corpo, em seus sentidos, construindo uma identidade ao longo do tempo em seu cotidiano, pelos “atos da vida” – modos de apropriação, uso – e pela durabilidade e continuidade das formas onde, memória objetiva, impressão, se torna memória subjetiva, durável (Carlos 2001, p.55).

A reflexão de Ana Fani Carlos (2001) abre campo para novas possibilidades de abordagem da pesquisa e serve de orientação para a abordagem do objeto empírico da pesquisa, no caso, os bairros aonde o Bairro-Escola foi implantado.

A importância da questão da pesquisa em políticas públicas está nas grandes diferenças observadas na qualidade de vida das pessoas na maioria dos aglomerados humanos na atualidade, principalmente nas metrópoles, e da inépcia do Estado e da sociedade, em solucionar os problemas resultantes dessas desigualdades. Enquanto algumas áreas urbanas gozam de todas as facilidades e oportunidades que a vida urbana proporciona, há outros espaços aonde seus habitantes carecem do mínimo necessário para o conforto, seja pela falta de infraestrutura, de equipamentos ou de serviços urbanos. Ou mesmo pela falta de

manutenção do existente, degradado. Essa situação é exponencialmente agravada pela radicalidade das desigualdades sociais que fundamentam as diferenças nos espaços urbanos. É importante, também, considerar o papel dos sistemas simbólicos refletidos nos territórios dos grupos sociais, pois estes compõem a imagem dos aglomerados humanos. É a partir daí, que questionamos a exclusão urbana, sem menosprezar as consequências da escalada galopante da desigualdade social nos seus espaços, que cria uma condição desfavorável para o ambiente urbano e desconfortável para os seus habitantes.

No âmbito dos espaços da cidade, portanto, dois aspectos aparecem como relevantes, a condição dos espaços enquanto “valor de uso”, apresentado por Lefebvre (1991[1968]), e a liberdade real, substantiva, que indivíduos e grupos possuem, ou não, de desfrutá-lo, de que fala Amartya Sen (2000).

Enquanto “valor de uso” o espaço é onde se estabelece a “vida comunitária”, que se desenvolve nas ruas e nas praças, nos conflitos e nas festas, nos vários lugares que contribuem para o apego à cidade e ao embelezamento de sua obra pelo “investimento improdutivo” (Lefebvre, 1991[1968], p.5-6). Já como componente do desenvolvimento social, a cidade pode oferecer liberdade aos seus habitantes no que é possível relacionar como a prática na cidade. Esta deve ser usada por todos sem restrições, sejam por meios econômicos, carência ou negligência de condições técnicas, instrumentais ou de serviços públicos, tirania, destituição social sistemática, intolerância ou repressão (Sen, 2000, p.18). Pois, como nos ensina Sen (2000):

O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras, como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas. (Sen 2000, p.19)

A partir da minha posição de arquiteto-urbanista questiono, portanto, as condições antagônicas de atendimento do bem estar de todos os habitantes nos aglomerados humanos, mesmo em suas diferenças e idiossincrasias. E ainda a escalada da desigualdade social materializada no espaço urbano das últimas décadas, fator de condições ambientais degradantes para todos os habitantes. E, buscamos soluções às precárias situações dos grupos sociais em desvantagem socioeconômica.

### **1.6 A problemática urbana consolidada até primeira década do século XXI**

Para falar da vida em sociedade é necessário estabelecer um panorama geral do contexto atual, início do século XXI. No caso deste trabalho, nosso olhar está atento às disparidades e diferenciações revestidas “na aparência, nas estruturas [e] no uso” pelo “espaço humano”, como nos alerta Milton Santos (1994).

Neste período, que se inicia nas últimas décadas do século XX, há uma profunda mudança na “realidade social, econômica e política dos Estados Nação, das regiões transnacionais e das cidades com a globalização da economia” e com o “surgimento de uma cultura global”, com consequências devastadoras na reconfiguração da organização espacial (Sassen 1994, p.11). Processo já em operação até então, em ciclos de “destruição criativa” e “criação destrutiva”, nas palavras de Harvey (1989), só que agora radicalizado pela ascendência da tecnologia da informação, como observado por Saskia Sassen (1996).

#### **1.6.1 O contexto social como contexto socioeconômico**

Observa-se dentro do contexto da sociedade ocidental que a vida é cada vez mais definida pela economia, sendo que, neste início de século, parece que a “casa” que

tentamos “organizar” foge da competência da maioria das pessoas<sup>3</sup>, segundo determinados atores hoje hegemônicos, que subordinam a economia local às condições da economia em contexto mundial, ou global.

Sassen (1996) vê a globalização da economia, com a ascendência da tecnologia de informação, como a reconfiguração da organização espacial da economia. Alguns pesquisadores enfatizam neste processo a “hipermobilidade”, o desenvolvimento de uma plataforma de comunicação global e uma gradual neutralização dos lugares e das distâncias, enquanto outros veem o poder das corporações transnacionais. Sassen (1996), porém, enfatiza o poder das grandes corporações e o alcance das novas tecnologias, observando a globalização da economia e o controle global da produção e reprodução, como a organização e administração de um sistema global de produção industrial e um mercado financeiro global, sob as condições da concentração econômica da propriedade e do controle, com consequências devastadoras, na maioria das vezes, para cidades e comunidades, por exemplo, na falta de poder de muitas localidades ao confrontar com o “capital hipermóvel” (Sassen 1996).

Para Sassen (1996), as categorias de “local” e de “processo de produção” salientam o fato que muitos dos recursos necessários para as atividades da economia global não são “hipermóveis”, mas profundamente vinculadas ao local. Mais do que isso, os processos globais são estruturados por limitações locais, incluindo a composição da força de trabalho, da cultura de trabalho e das culturas políticas que prevalecem.

---

<sup>3</sup> Essa reflexão se dá pelo fato do termo “economia”, de origem grega, significar “administração da casa”, conforme sua origem: oikos (casa) e nomos (costume ou lei, ou também gerir, administrar) (Harper, Douglas 2001).

É nas grandes cidades que a multiplicidade dos processos impostos pela economia globalizada assume uma forma localizada concreta, “é disto que a globalização se trata”, nas palavras da autora. Como toda série de conflitos e contradições sociais e espaciais que passam a existir a partir da sua consolidação.

Estes processos acontecem na crescente rede de cidades globais e em cidades que assumem “funções de cidades globais”, mesmo com grandes porções dessas cidades caindo em profunda pobreza e degradação de sua infraestrutura. O novo regime econômico dos novos complexos financeiros e de serviços voltados para o mercado financeiro internacional, embora sendo apenas parte da economia da cidade, se impõe sobre esta pela possibilidade de grandes lucros, pela necessidade que tem de infraestrutura, um vasto conjunto de recursos humanos e materiais para produzir os serviços avançados para maximizar seus os benefícios, obrigando a concentração de recursos e políticas.

Mesmo em cidades localizadas nas zonas periféricas da economia mundial observam-se os efeitos da globalização nas suas condições político-econômicas e nas trajetórias de desenvolvimento. Nos estudos de Simon (1995), algumas cidades africanas subsaarianas, por exemplo, fazem parte da rede internacional de transportes como pontos de passagem de matérias-primas para exportação, assim como se observa o crescimento do setor de serviços, principalmente devido às agências não governamentais que se instalam nessas cidades.

Neste sentido, algumas cidades do Terceiro (ou Quarto) Mundo expandem a “semiperiferia e a periferia” da economia mundial, “sofrendo crescente urbanização e pobreza com estagnação econômica, marginalização e degeneração do meio ambiente”, enquanto as poucas cidades recebem investimentos se tornam importantes centros financeiros continentais e globais à sua maneira (Simon 1995).

O olhar do urbanista, neste contexto, está para além dos aspectos sociais, culturais e econômicos, pois a cidade os espacializa. São os novos padrões espaciais impostos por essa economia urbana, dominada pelos serviços especializados e financeiros, aonde trabalhadores, por exemplo, não especializados e outras firmas e setores, que aparentemente possuem poucas ligações com essa econômica, preenchem uma série de funções em condições de segmentação social econômica e, muitas vezes, étnica e racial severas que também transparecem na morfologia urbana, como nos esclarece Sassen (1996):

As torres das corporações que projetam sua especialização na engenharia, precisão e técnica, são bem mais fáceis de marcar como necessárias para um sistema econômico avançado do que os motoristas de caminhão e outros trabalhadores da indústria de serviços, mesmo estes também sendo um dos ingredientes necessários (Sassen 1996).

A transformação econômica das cidades está associada também ao aumento do desemprego estrutural. As conquistas ganhas pela valorização das funções especializadas são diminuídas pelas perdas de vagas no setor industrial e pelo aumento dos empregos de baixa qualidade no mercado de varejo, nos setores menos valorizados de serviço, de lazer e do turismo, além do mercado informal (Shatkin 1998, Graham e Marvin 2006[1996]). O que Barqueiro (2002, p.44) também nos apresenta como a “forma de organização do sistema produtivo [...] no centro do processo de acumulação de capital dos sistemas produtivos”. Em palavras mais elucidativas, Barqueiro observa a “forte imbricação entre economia e sociedade” na teoria do desenvolvimento endógeno que acompanha a ideologia da economia global, aonde, na vinculação do sistema econômico e produtivo “ao sistema de instituições e à sociedade”, com empresas atuando “como interface entre economia e a sociedade”, entre outros, há “transferência de recursos das famílias para as empresas” (Barqueiro 2002, p.92).



Infelizmente, nas cidades, há famílias que acabam por entrar em colapso pela falta de qualquer recurso, pois essas transferências se dão também de forma massiva indiretamente, pois o Estado aparece também como aspecto importante da globalização econômica, na diminuição do seu papel regulatório, e como fornecedor de subsídios para operações visando exclusivamente o desenvolvimento econômico, ancorando neste a possibilidade de desenvolvimento social.

O Estado se responsabiliza então de realizar os arranjos institucionais necessários para possibilitar o desenvolvimento da nova economia globalizada, como a desregulamentação e a flexibilização de múltiplos mercados e da força de trabalho. Assim produz ambientes regulatórios favoráveis à implantação de operações transnacionais entre firmas, investidores e mercados (Sassen 2002).

Mas, esse novo cenário que se estabelece não significa que a economia das cidades tenha mudado completamente, muito pelo contrário. Como disse Milton Santos (1996), “no viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes”, no espaço geográfico as temporalidades não são as mesmas, vivemos socialmente em sincronia conforme a assincronia – dos recursos, possibilidades e ações – dos lugares, “pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos os homens, empresas e instituições” (Santos, M. 1996, p.104). Portanto, há consequências da mudança de foco na economia das cidades, no impacto causado nas atividades industriais que não geram lucros na mesma proporção das atividades financeiras. Estes acabam se desvalorizando, assim como outros setores que não conseguem acompanhar a nova dinâmica de valor imposta às atividades econômicas e aos seus resultados, perdendo na competição por espaços e investimentos com grandes impactos nas cidades (Sassen 2002).

A partir deste ponto, em que os espaços “luminosos” da cidade ganham um novo brilho e há cada vez mais espaços que se tornam “opacos”, é que surgem algumas questões, por exemplo: Como tratar os locais que estão em desvantagem nos processos econômicos globais? Quais seriam os papéis das cidades em relação aos seus atores locais que não acompanham as interações econômicas e político/jurídicas que acontecem numa velocidade sem precedentes?

#### 1.6.2 O contexto social enquanto contexto de significados e de valores

Abordando outro aspecto importante desta discussão, Nestor Canclini (1999) nos apresenta um relato a respeito da imagem que passa a representar e instituir, cada vez mais, o social na ideologia da globalização. São imagens sobre lugares, que são construídas a partir de narrativas sobre a possibilidade de uma “vida melhor”, baseadas em metáforas que alimentam a ideologia da metrópole “global” (Canclini 1999, p.49). Essas imagens fundamentam simbolicamente a reprodução social, daí a relevância da discussão sobre a dimensão simbólica da cidade no seu contexto urbano.

Acrescentamos também o que Ana Clara Torres Ribeiro (2007) nos alerta a respeito do trabalho imagético realizado por atores hegemônicos, materializados nas avançadas e luxuosas centralidades de negócios e de consumo, que impactam na sensação exacerbada de deterioração da qualidade de vida em outros espaços da cidade. Nos alerta Ribeiro que estes “trabalhos imagéticos” ocultam o domínio do capital financeiro e legitimam na cidade os movimentos de exclusão de grupos sociais dos espaços da cidade.

[A] anulação do sujeito corporificado – presente, soberano e ativo – pela radicalização das desigualdades sociais, [...] atingem o patamar da exclusão e do extermínio [...] (Ribeiro, 2000). A cidade que espelha a hegemonia do capital financeiro, apoiada pelos que concentram o poder simbólico, é portadora de elevados níveis de violência, incluindo a que sustenta a versão dominante de ordem urbana (Ribeiro, 2007, p.108).

Esta condição do ambiente urbano é desfavorável para muitos e desconfortável, de alguma forma, para todos os seus habitantes. A respeito das diferenças que se apresentam na morfologia das cidades, é preciso considerar que mesmo nas suas “áreas de exclusão”, os habitantes procuraram atender, nas maneiras possíveis, as suas necessidades de bem estar, a partir da “manipulação adequada e criativa” dos recursos presentes, com o conhecimento e a experiência acumulados pelas gerações anteriores, como nos ensina Laraia (1993, p.46). Pois, “a grande qualidade da história humana foi a de romper com as suas próprias limitações” (Laraia1993, p.20).

Acrescentamos que, uma vez não havendo um interesse público na atenuação dos processos de exclusão e de fragmentação socioespacial, os impactos desses grupos, então excluídos, na produção e reprodução da sociedade, e da cidade, também dificilmente atenderão ao interesse público, pois a apatia aos valores sociais de um grupo social leva ao abandono da crença nos valores sociais comuns com aquela sociedade, fazendo-os perder a motivação que os mantém unidos e vivos enquanto um todo coeso (Laraia, 1993, p.77).

Entendendo que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado, justifica-se a formação de novos valores e comportamentos conflitantes numa sociedade como esta, fragmentada, muitas vezes com consequências graves para a ordem social. Afinal, valores e comportamentos são formados conforme as possibilidades e limites de cada grupo encontrar meios para o seu desenvolvimento, pois a Cultura age seletivamente sobre o ambiente, conforme a capacidade de aprendizado de cada indivíduo ou grupo, processo chamado de “endoculturação” (Laraia 1993, Fridman 2000).

Considerando também que o comportamento humano não é justificado apenas pela sua necessidade de sobrevivência, mas por suas motivações – busca de satisfação, que vão desde as necessidades mais básicas, fisiológicas, até as necessidades de respeito, reconhecimento e de auto realização – conforme nos ensina Maslow (1970), encontramos argumentos para justificar a importância de se considerar o papel dos sistemas simbólicos que constituem a imagem dos territórios dos grupos sociais, e a imagem da própria cidade, para além das metáforas que interessam aos representantes do capital financeiro. E, a partir daí, *questionar a escalada galopante da desigualdade nos espaços da cidade, dos apartheids sociais*, como fala Fridman (2000, p.20), visando o bem estar comum para todos, mesmo que dentro das suas diferenças sociais, culturais, econômicas ou de qualquer outro aspecto, como valor primordial para nossa sociedade, e para bem da sua existência como costumamos idealizá-la, una, coesa e feliz.

Considerando a base teórica até agora discutida, procuro sustentar a hipótese da possibilidade de estabelecer um novo sentido de cidade para seus habitantes, a partir de uma sociedade mais compromissada na busca do bem estar de todos.

### **1.7 Educação Integral**

Nos textos pesquisados sobre ensino em tempo integral no Brasil, nos deparamos com o conceito de Educação Integral, tema recorrente em educação no Brasil desde a primeira metade do século XX, com experiências significativas.

De acordo com o texto “Educação integral: texto referência para o debate nacional” da “Série Mais Educação”, publicado pelo Ministério da Educação, o conceito e as práticas variaram bastante conforme as matrizes ideológicas o embasavam – católicos, anarquistas, integralistas e educadores. Desde a década de 30,

Integralistas e Anarquistas já divergiam entre valores político-conservadores ou político-emancipatórios.

Na década de 50, ganha destaque a prática em Educação Integral no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, Bahia, concebido por Anísio Teixeira. Idealizada para embasar a proposta do movimento novaescolista para um Sistema Público de Ensino para todo o país, o programa educativo envolvia leitura, escrita, aritmética, ciências físicas e sociais, artes industriais, desenho, música, dança, educação física, saúde e alimento para as crianças (Mec/Secad, 2009, p.16).

Essa experiência levou Anísio Teixeira à Brasília, na década de 60, para coordenar a criação do “Plano Humano” do então novo Distrito Federal, com “Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e outros expoentes da educação brasileira”. O Sistema Educacional da capital foi concebido para servir de modelo para todo o país, criou a Universidade de Brasília e o Plano para a Educação Básica, um modelo mais evoluído do aplicado em Salvador de Educação Integral (Op. Cit. p.17).

Na década de 1980, a experiência dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), apesar de inovadora, foi cercada de polêmicas. Concepção de Darcy Ribeiro, a partir da experiência de Anísio Teixeira, teve o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e “foram construídos aproximadamente quinhentos prédios escolares durante os dois governos de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro”. Seu propósito era implantar a “Escola Integral em horário integral” (Op. Cit. p.17).

Os Centros Educacionais Unificados (CEU) foram criados em São Paulo em 2000 e, funcionaram conforme planejado até 2004, apesar de não ser uma experiência em ensino em tempo integral, destacam-se:

A persecução de articular os atendimentos de creche, educação infantil e fundamental, o desenvolvimento de atividades educacionais, recreativas e culturais, em um mesmo espaço físico, com a perspectiva de que os centros se constituíssem em experiências de convivência comunitária (Mec/Secad 2009, p.17).

Embora as diversas experiências de Educação Integral a caracterizem como modelos para uma formação “mais completa possível” para os alunos, observa-se que não há consenso sobre essa ideia, ou sob quais pressupostos ou metodologia está baseada. O documento registra que há “naturezas semelhantes” nas atividades educativas, apesar das diferenças político-ideológicas que fundamentam as diferentes, e divergentes, concepções de Educação Integral.

Na busca de novas formas de “construção” do modelo educacional, o Ministério da Educação acompanhou as experiências recentes de ampliação da jornada escolar pelo país, “Educação Integral em Tempo Integral” nas escolas públicas brasileiras, aonde foram destacadas a iniciativa que o próprio Ministério da Educação teve de financiar ações educativas complementares, entre 2004 a 2006, além das experiências desenvolvidas nos municípios de Belo Horizonte, em Minas Gerais, Apucarana, no Paraná, Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, entre outras que vem sendo acompanhadas pela Pesquisa Nacional sobre Experiências de Jornada Ampliada no Ensino Fundamental conduzida pelas universidades federais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e de Brasília. Para o Ministério da Educação, os paradigmas da Educação Integral hoje:

Envolve considerar a questão das variáveis tempo, com referência à ampliação da jornada escolar, e espaço, com referência aos territórios em que cada escola está situada. Tratam-se de tempos e espaços escolares reconhecidos, graças à vivência de novas oportunidades de aprendizagem, para a reapropriação pedagógica de espaços de sociabilidade e de diálogo com a comunidade local, regional e global (Mec/Secad, 2009, p.18).

Observamos que cada vez mais haverão iniciativas para implementação da Educação Integral no país, incentivadas pela administração anterior do governo e que tende a ser mantida pelo atual, que o vem implementando no Sistema Formal de Ensino Brasileiro pela “promulgação de legislação específica” nos últimos anos. O que é proposto na lei para a educação é o desafio de “promover articulações e

convivências entre programas e serviços públicos, a fim de expandir sua ação educativa, o que demanda um compromisso ético com a inclusão social, por meio da gestão democrática e integrada”. O que leva a Educação Integral a se inscrever no campo das políticas sociais, sem perder suas especificidades (Op. Cit. p.21). O Programa Mais Educação, por exemplo, articula a Educação à Assistência Social, ao Esporte, à Cultura, entre outras políticas públicas, congregando:

Ações conjuntas dos Ministérios da Educação (MEC), Cultura (MinC), Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Esporte (ME), Ciência e Tecnologia (MCT), Meio Ambiente (MMA) e da Presidência da República (PR). Importante ressaltar que esse Programa conta com a participação de ações promovidas pelos Estados, Distrito Federal, Municípios e por outras instituições públicas e privadas, desde que as atividades sejam oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens e que estejam integradas ao projeto político-pedagógico das redes e escolas participantes (Mec/Secad, 2009, p.25).

Consideramos importante ressaltar que o tema Educação Integral está em debate. O poder público traz essa pauta para discutir com a comunidade escolar e a sociedade civil. Dentro do escopo de trabalho, se reconhece que o alcance da qualidade da educação básica compreende incluir “práticas, habilidades, costumes, crenças e valores que estão na base da vida cotidiana” no currículo escolar, que “articulados ao saber acadêmico, constituem o currículo básico à vida em sociedade”, assim como:

a necessidade de resignificação da relação com a natureza, na perspectiva da sustentabilidade ambiental, na pauta da construção de um projeto de sociedade democrática em relação ao acesso, usufruto, produção e difusão de saberes, espaços, bens culturais e recursos em geral, numa interação em rede com diferentes espaços sociais da cidade (Mec/Secad, 2009, p.27).

Nesse sentido, rediscute-se a instituição escolar, que passa a ser vista como parte de uma “rede de espaços sociais”, exigindo desta uma nova configuração, posturas mais “dialógicas e articuladas”, assim como novos acordos entre as “instituições socializadoras”, para reeducar “a gestão política dos sistemas escolares” e todos o que estão envolvidos no processo, como os profissionais da área de educação,

estudantes, gestores, parceiros e sociedade em geral (Op. Cit. p.28). A proposta é a constituição de uma “comunidade de aprendizagem”, aonde todos aprendem com a experiência baseados na cooperação. Procura-se mitigar as carências e potencializar os esforços de superação dessas, a partir de um “projeto educativo e cultural próprio, tendo um ponto de encontro e de legitimação de saberes oriundos de diferentes contextos”, pelo “estabelecimento de políticas socioculturais” (Op. Cit. p.31).

Apesar de, historicamente, as experiências de Educação Integral terem tido na escola um lugar privilegiado, embora tenha sempre considerando atividades fora de seu espaço formal, como museus, parques e outros espaços socioculturais, “sempre acompanhadas por profissionais que, intencionalmente, constroem essas possibilidades educativas em outros espaços educativos”, o Ministério da Educação considera também a relevância e a complementariedade da abordagem derivada do movimento das Cidades Educadoras, cuja proposta:

incita a abertura de um processo de reflexão e de debate público que conduza ao estabelecimento de um novo contrato social na educação, um contrato que estabeleça claramente as obrigações e responsabilidades dos diferentes agentes sociais que atuam, de fato, como agentes educativos. Nessa perspectiva, entende-se que não se trata de afirmar a centralidade da escola em termos de sediar, exclusivamente, as ações e atividades que envolvem a Educação Integral (Mec/Secad, 2009, p.34).

Assim, o governo reconhece a importância do seu papel indutor para “a ampliação dos tempos e dos espaços educativos”, reservando para si um lugar, apesar de insubstituível, coadjuvante, pois a tarefa de construir um Sistema Nacional Articulado, onde há a oferta de “serviços educacionais para o atendimento dos direitos sociais”, parte de um “o esforço organizado, autônomo e permanente do Estado e da sociedade, por meio da gestão democrática e participativa” (Op. Cit. p.42).



## 1.8 Cidades Educadoras

Segundo a Carta das Cidades Educadoras (2004)<sup>4</sup>, a cidade deste início de século XXI, mais do que em qualquer outra época anterior, dispõe de possibilidades educadoras. A Cidade Educadora, porém, articula todas as suas instituições, formais, não formais e informais, para exercer essa função em paralelo com as suas funções tradicionais – econômica, social, política de prestações de serviços – com o objetivo de “enriquecer a vida dos seus habitantes”, ocupando-se prioritariamente com as crianças e os jovens, procurando incorporar todas as pessoas num processo de formação ao longo da vida, para enfrentar os desafios do século XXI. O direito a uma cidade educadora é a extensão efetiva do direito fundamental à educação, e “garantia relevante dos princípios de igualdade entre todas as pessoas, de justiça social e de equilíbrio territorial”, trazendo para os governos locais a responsabilidade de desenvolver as potencialidades educativas das cidades, “incorporando em seu projeto político os princípios da cidade educadora” (Carta das Cidades Educadoras – Gênova, 2004).

Na Cidade Educadora, o governo provê informações, orientação e formação em valores éticos e cívicos, para que a população tenha condições de participar enquanto cidadãos das decisões que interessam a cidade e às suas vidas, de maneira crítica e corresponsável.

---

<sup>4</sup> Lançada no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, acontecido em Barcelona, em Novembro de 1990, foram reunidos os princípios essenciais ao impulso educador da cidade. Seu texto foi revisto no III Congresso Internacional em Bolonha, 1994, e, posteriormente em Génova, 2004, onde foi adaptada aos novos desafios e necessidades sociais. A Carta se baseia na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001).

A garantia da qualidade de vida para os habitantes na cidade educadora é um dever, o governo local “deverá dotar a cidade de espaços, equipamentos e serviços públicos adequados ao desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes, prestando uma atenção especial à infância e à juventude”. Isso significa também garantir o direito a um ambiente sadio, o direito à moradia, ao trabalho, ao lazer, a transportes públicos de qualidade, entre outros, assim como o equilíbrio entre o ambiente urbano e o natural, o que demanda a promoção de boas práticas para o desenvolvimento sustentável. “O planejamento urbano deverá ter em conta as fortes repercussões do ambiente urbano no desenvolvimento de todos os indivíduos”, garantindo um “enquadramento amável e respeitador das limitações” das pessoas, quando for o caso, para que estas não “tenham que renunciar à maior autonomia possível”, conforme escrito na Carta das Cidades Educadoras (2004).

O termo, Cidade Educadora, foi cunhado em Barcelona pelo Conselho da Cidade no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, que ocorreu em novembro de 1990. Um grupo de representantes dos governos locais das cidades participantes do evento começou neste congresso o movimento das cidades educadoras e, tinham como objetivo desenvolver projetos e atividades conjuntas para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes, envolvendo-os no uso e na evolução da cidade, conforme a recém aprovada Carta das Cidades Educadoras. Em 1994, o movimento se formalizou como a Associação Internacional das Cidades Educadoras, no 3º Congresso acontecido em Bologna.

Qualquer cidade que se comprometa com os princípios da Carta das Cidades Educadoras pode se unir à Associação, desde que tenha essa decisão aprovada e assinada pela administração municipal e ratificada pelos órgãos legislativos locais. A cidade participará nos canais de debate, trocas e de colaboração com a Associação

e, compartilhará seus programas e experiências, além de pagar uma taxa anual correspondente ao número de habitantes e renda *per capita* do país de origem. Atualmente a Associação conta com 91 cidades associadas em 370 países, o Brasil possui 14 cidades associadas, sendo elas: Belo Horizonte e Montes Claros, em Minas Gerais; Campo Novo do Parecis, Mato Grosso; Caxias do Sul, Porto Alegre e Santiago, no Rio Grande do Sul; Dourados, Mato Grosso do Sul; Jequié, Bahia; Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Carlos, São Paulo e Sorocaba, em São Paulo.

## Capítulo 2 | Nova Iguaçu<sup>5</sup>

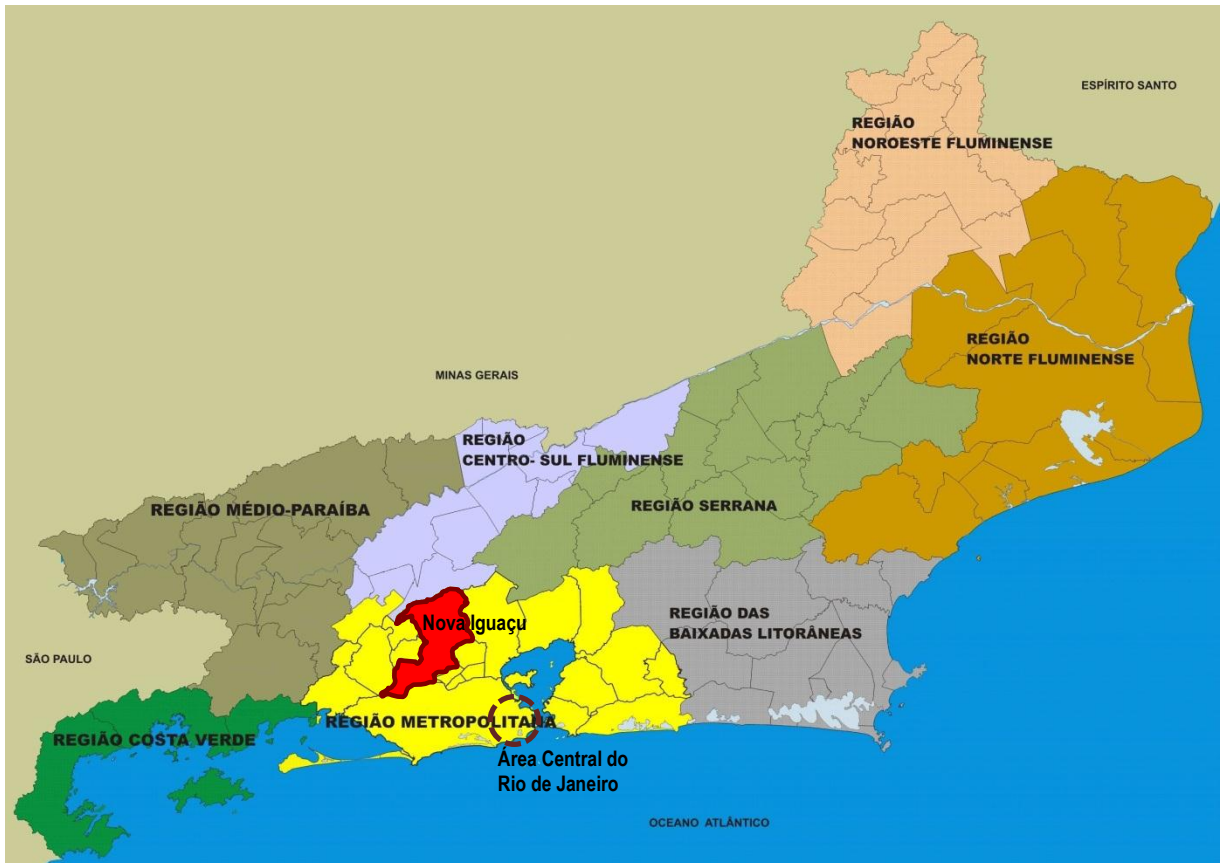


Imagem 1 – Regiões de Governo e Microrregiões Geográficas do Rio de Janeiro

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços (SEDEIS/RJ)

As origens da cidade remetem ao período colonial, final do século XVI, época de exploração da cana-de-açúcar e seu porto, na foz do Rio Iguassú, escoava as riquezas de Minas Gerais. Desde o século XIX era cortado pelo “Caminho Real do Comercio”, dessa origem pouco se resta, com a hegemonia da cultura cafeeira e a posterior construção da ferrovia Dom Pedro II, inaugurada em 1858.

---

<sup>5</sup> Município situado na Baixada Fluminense inserido na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (RMRJ). Localiza-se a 29,6 km da área central da cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado e centro da RMRJ. Maior município da Baixada em extensão territorial, 524 Km<sup>2</sup> (responde por 11,1% da Área Metropolitana), segundo em população, 795.212 habitantes, conforme o último censo, realizado em 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Quarto município da RMRJ em tamanho da população, tendo uma densidade de aproximadamente 1.518 habitantes por Km<sup>2</sup>. Segundo dados de 2008 do IBGE, aproximadamente 53 mil se matricularam na rede pública municipal de ensino, sendo atendidos por 1977 docentes. Limita-se ao norte com Miguel Pereira, a oeste com os municípios de Duque de Caxias e Japeri, ao sul com o Rio de Janeiro, Mesquita e Seropédica, a leste com Belford Roxo e, a oeste com Queimados.

A rota comercial mudou, atraindo pessoas e ocasionando a mudança da sede do Município, antes situada às margens do rio Iguassú, para Maxambomba, em 1891, próximo da estação de trem, que passou a se chamar, em 1916, Nova Iguaçu. A então Vila de Iguassú passa a se chamar Iguassú Velho (Ozório, 2007, p.10; Pinto, 2008, p.28).



Imagem 2 – Centro de Nova Iguaçu no início da década de 40  
Fonte: Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu, 2004.

A partir desse período se consolidou na região a cultura da laranja que rendeu ao município o título de “Cidade Perfume”, sua produção correspondia a 83% do total do estado. Porém essa situação durou pouco, durante a Segunda Grande Guerra a

exportação do fruto foi interrompida com consequências terríveis para toda a produção.

Essa situação levou ao desenvolvimento da praga da mosca do mediterrâneo, decorrente do apodrecimento das frutas nos pés devido à carência de transporte e compradores que levou toda a produção ao colapso. Isso somado à eletrificação do trecho Rio-Japeri, em 1937, assim como o Ramal Deodoro do sistema ferroviário, ocasionou a substituição dos laranjais pelos loteamentos, que vinham ocupando toda a extensão à margem dos trilhos, principalmente nos locais próximos às estações ferroviárias. (Ozório, 2007, p.12; Pinto, 2008, p.29)

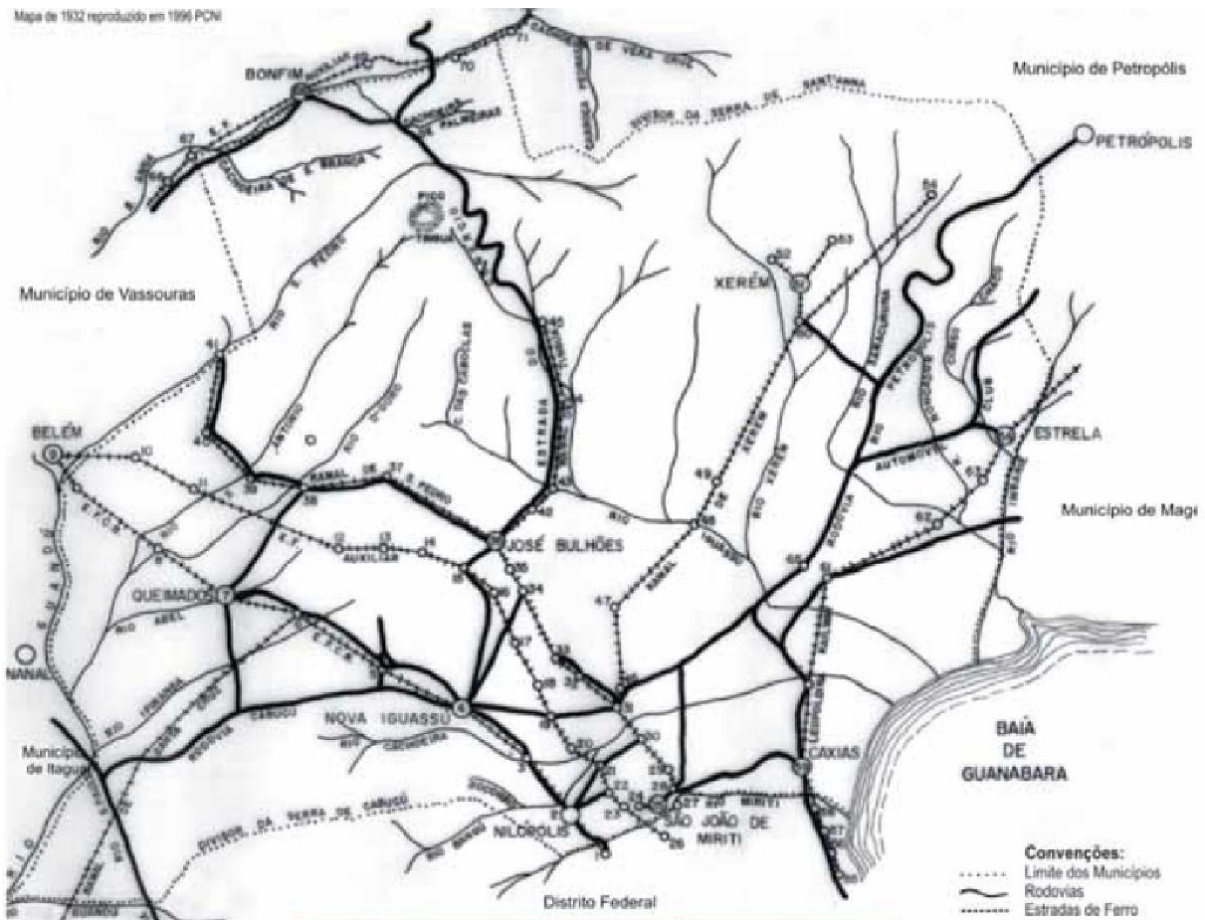


Imagem 3 – Município de Iguassú em 1932  
 Fonte: Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu, 2004

No final da década de 1930 as características dessa região começam a se formar. Os catalisadores dessa transformação foram os investimentos da capital da República em saneamento e transporte que direcionaram boa parte do fluxo de



rápido crescimento e adensamento populacional da cidade do Rio de Janeiro para os subúrbios e municípios vizinhos ao Distrito Federal, para onde se direcionavam os vetores do crescimento industrial. Diversas foram as vantagens para a ocupação da região: terrenos amplos e baratos, abundância de água, proximidade, conseqüentemente um menor custo da mão-de-obra para as indústrias, impostos mais baixos, entre outras facilidades oferecidas pelas municipalidades locais (Ozório, 2007, p.9).

No início dos anos 1950 a expansão física alcança os limites da cidade de Nova Iguaçu, o Centro verticaliza e ocorre uma explosão demográfica. A construção da Rodovia Presidente Dutra (BR-116) e o maior uso do automóvel contribuem “na transformação do espaço rural para o urbano, [e] na dispersão da ocupação do território” (Pinto, 2008, p.29).

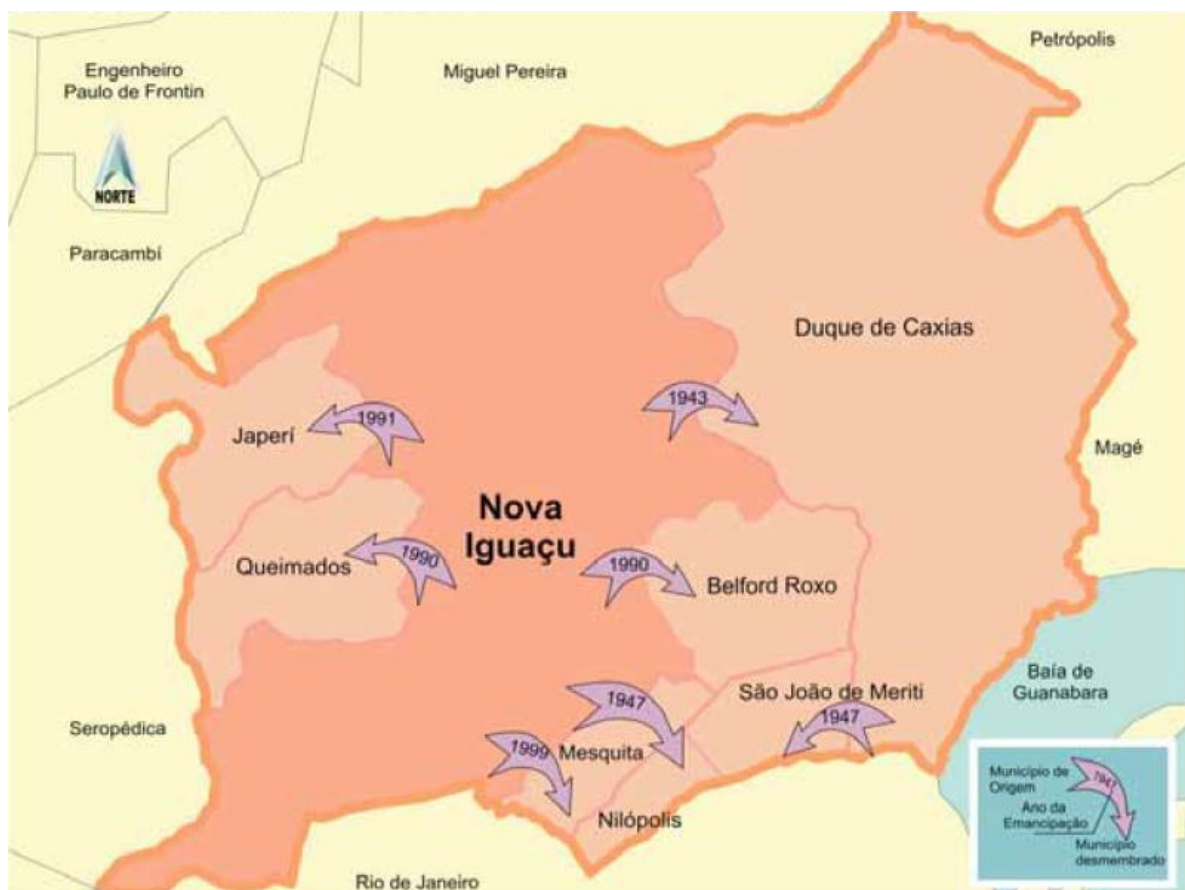


Imagem 4 – Emancipações Municipais a partir do território de Nova Iguaçu  
 Fonte: Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu, 2004

Desde meados do século XX, o município vem perdendo partes de seu território, conforme esquematizado na figura acima, com a emancipação de Duque de Caxias em 1943; Nilópolis em 1947; Belford Roxo e Queimados em 1990, Japeri em 1991 e, Mesquita em 1999, todos os novos municípios inclusos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)<sup>6</sup>. Atualmente, Nova Iguaçu apresenta a seguinte situação atual:

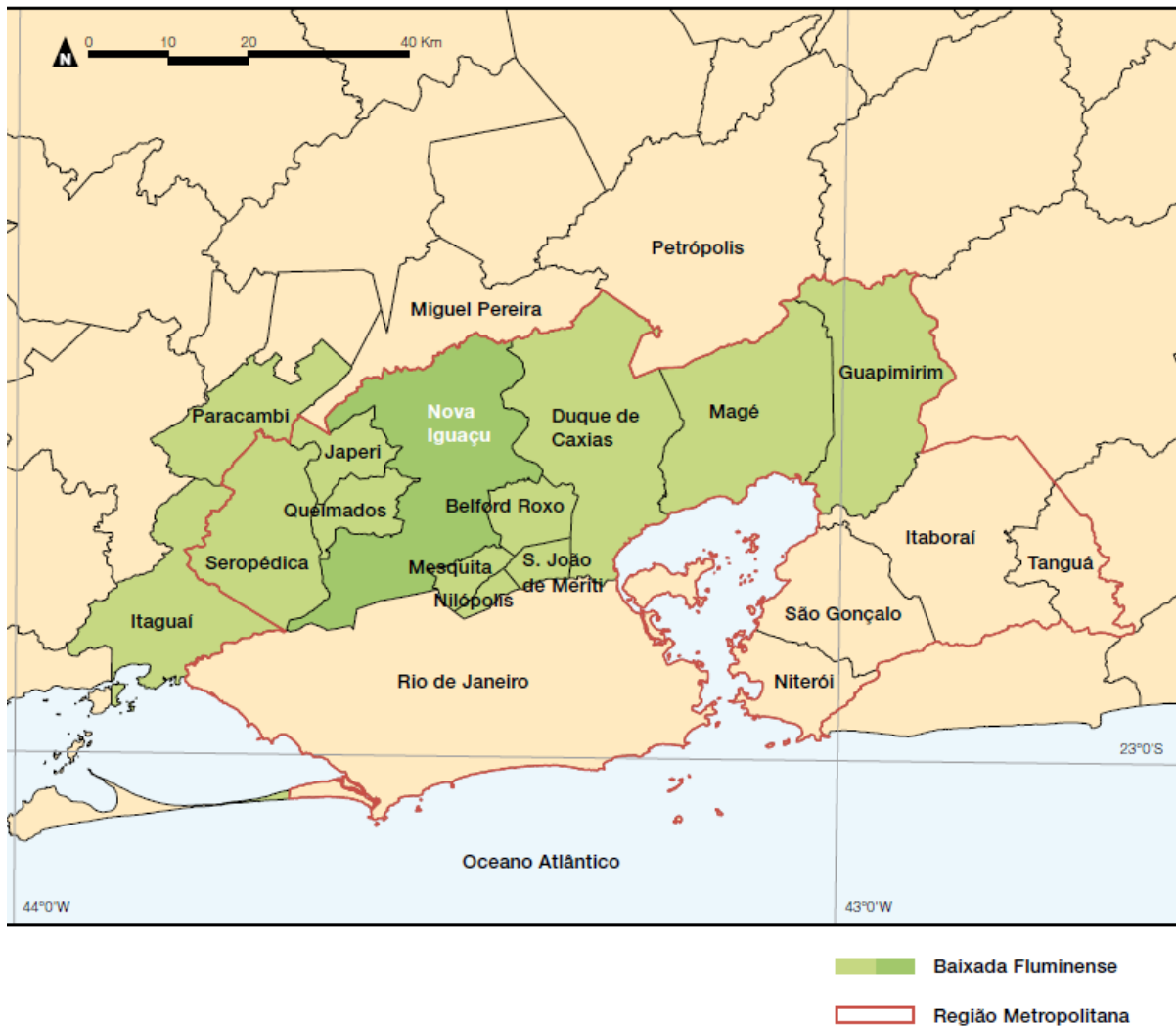


Imagem 5 – Localização de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro

Fonte: NIMA/PUC-Rio; PETROBRÁS; Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu (PMNI) – 2010.

<sup>6</sup> A Região Metropolitana do Rio de Janeiro é composta por 18 municípios desde 2009, sendo eles: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá.



Até o ano de 1997, Nova Iguaçu era denominada “Município de Nova Iguaçu”, quando passou a denominar-se “Cidade de Nova Iguaçu”, pela Lei Complementar nº 006 de 12/12/1997 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável (PDDUS) da Cidade de Nova Iguaçu –, e foi dividido administrativamente em nove Unidades Regionais de Governo (URG)<sup>7</sup>, englobando 69 bairros<sup>8</sup>.

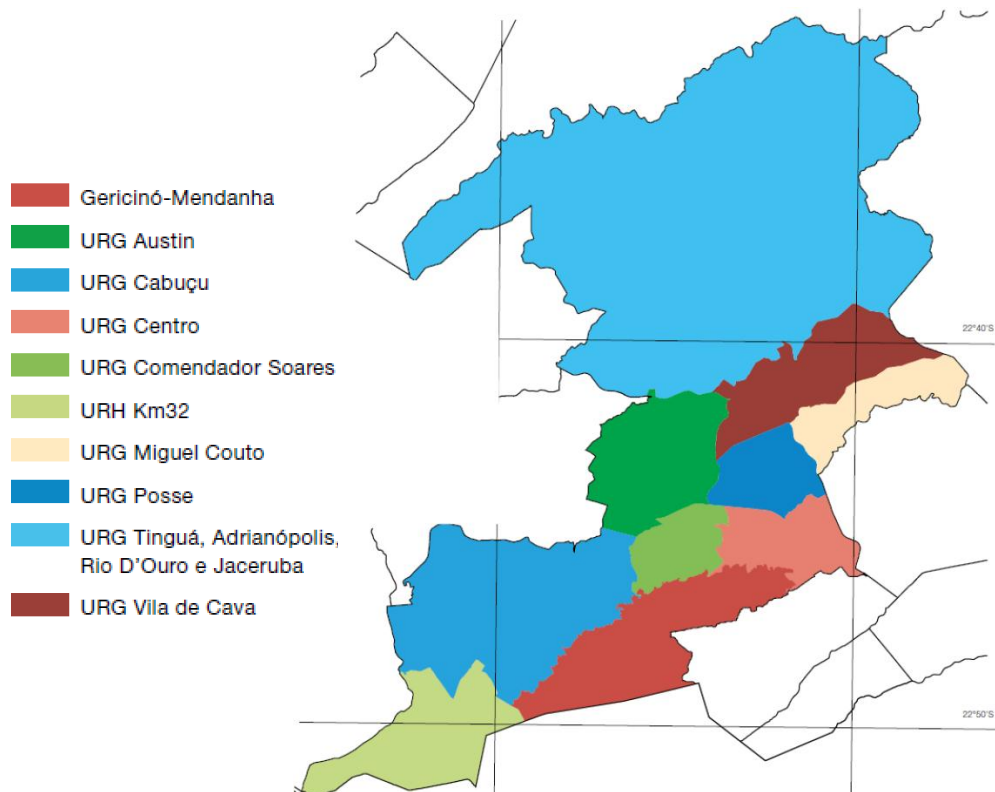


Imagem 6 – Unidades Regionais de Governo da Nova Iguaçu  
Fonte: NIMA, PETROBRÁS, PMNI – 2010

Em estudo recente realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), pela PETROBRAS e pela prefeitura de Nova Iguaçu (2010), publicado

<sup>7</sup> Administrativamente, o município de Nova Iguaçu está dividido em bairros, agrupados em Unidades Regionais de Governo (URG) que, por sua vez são agrupadas em Setores de Planejamento Integrado (SPI), levando em conta a posição geográfica e a história da ocupação. A organização da cidade de Nova Iguaçu obedece, atualmente, a duas leis – Lei nº 006 de 12 de dezembro de 1997 - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável (PDDUS) de Nova Iguaçu, e Lei nº 2952, de 17 de dezembro de 1998 – e um decreto – Decreto nº 6083, de 12 de janeiro de 1999. Há, oficialmente, cinco SPIs.

<sup>8</sup> Desde o estabelecimento do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável (PDDUS) em 1997, Nova Iguaçu deixou de reconhecer suas áreas rurais, considerando todo seu território como área urbana. A partir das discussões do novo plano diretor, desenvolvido em bases participativas,

sob o nome de: “Educação Ambiental: Formação de valores ético-ambientais para o exercício da cidadania no município de Nova Iguaçu”, foi reconhecida a décima URG do município, a URG Gericinó Mendanha<sup>9</sup>. É importante também ressaltar que neste trabalho, a prefeitura se identifica como Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, o que remete ao reconhecimento de sua área rural.



Imagem 7 – Centro de Nova Iguaçu em 2007  
Fonte: Acervo pessoal

---

conforme o Estatuto da Cidade, Lei nº. 10.257, de 10 de Julho de 2001, foi proposto novamente reconhecimento das áreas rurais, conforme o Projeto de Lei nº.15/2008.

<sup>9</sup> A URG X – Gericinó-Mendanha corresponde à área do Maciço incluída no território do município de Nova Iguaçu e, as outras URG seriam divididas conforme os bairros, sendo: URG I – Centro, composta pelo Centro, Califórnia, Vila Nova, Caonze, Bairro da Luz, Santa Eugênia, Jardim Iguaçu, Chacrinha, Moquetá, Jardim da Viga, Rancho Novo, Vila Operária, Engenho Pequeno, Jardim Tropical e Prata; URG II – Posse, composta pela Posse, Cerâmica, Ponto Chic, Ambaí, Nova América, Carmary, Três Corações, Kennedy, Parque Flora e Bairro Botafogo; URG III – Comendador Soares, composta por Comendador Soares, Ouro Verde, Jardim Alvorada, Danon, Jardim Palmares, Rosa dos Ventos, Jardim Pernambuco e Jardim Nova Era; URG IV – Cabuçu, composta por Cabuçu, Palhada, Valverde, Marapicu, Lagoinha, Campo Alegre e Ipiranga; URG V – Km 32, composta pelos bairros Paraíso, Jardim Guandu e Prados Verdes; URG VI – Austin, composta pelos bairros Austin, Riachão, Inconfidência, Carlos Sampaio, Tinguazinho, Cacuia, Rodilândia e Vila Guimarães; URG VII – Vila de Cava, composta pelos bairros Vila de Cava, Santa Rita, Rancho Fundo, Figueiras, Iguaçu Velho e Corumbá; URG VIII – Miguel Couto, composta pelos bairros, Miguel Couto, Boa Esperança, Parque Ambaí, Grama e Geneciano; URG XIX – Tinguá, composta pelos bairros, Tinguá, Montevideu, Adrianópolis, Rio D’Ouro e Jaceruba (NIMA, PETROBRAS, PMNI, 2010)

Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2002, relatam que Nova Iguaçu apresenta bons indicadores de desenvolvimento humano na área de educação, apesar de estar abaixo da média dos indicadores de renda média e de esperança de vida, em relação ao resto do Estado. É o sexto maior Produto Interno Bruto (PIB), R\$ 6.957.962, e o quinto maior orçamento, R\$ 575.906.043, do Estado segundo dados de 2007 considerados pelo IBGE, concentrando significativa parcela das atividades de comércio e indústria, representando uma importante centralidade econômica na Baixada Fluminense.

Entretanto, conforme o diagnóstico inicial realizado pelo Observatório das Metrópoles em 2006, “essa centralidade econômica, no entanto, não é embasada em um modelo de desenvolvimento sustentável, democrático e incluyente, traduzindo-se em enorme desigualdade intramunicipal” (Observatório das Metrópoles 2006, p.6).

Pelo Mapa de Pobreza e Desigualdade dos Municípios Brasileiros, realizado em 2003 pelo IBGE, observamos que 54,13% da população de Nova Iguaçu se encontra em situação de pobreza, medida segundo a capacidade de consumo das pessoas, “sendo considerada pobre aquela pessoa que não consegue ter acesso a uma cesta alimentar e de bens mínimos necessários a sua sobrevivência” (IBGE, 2008).

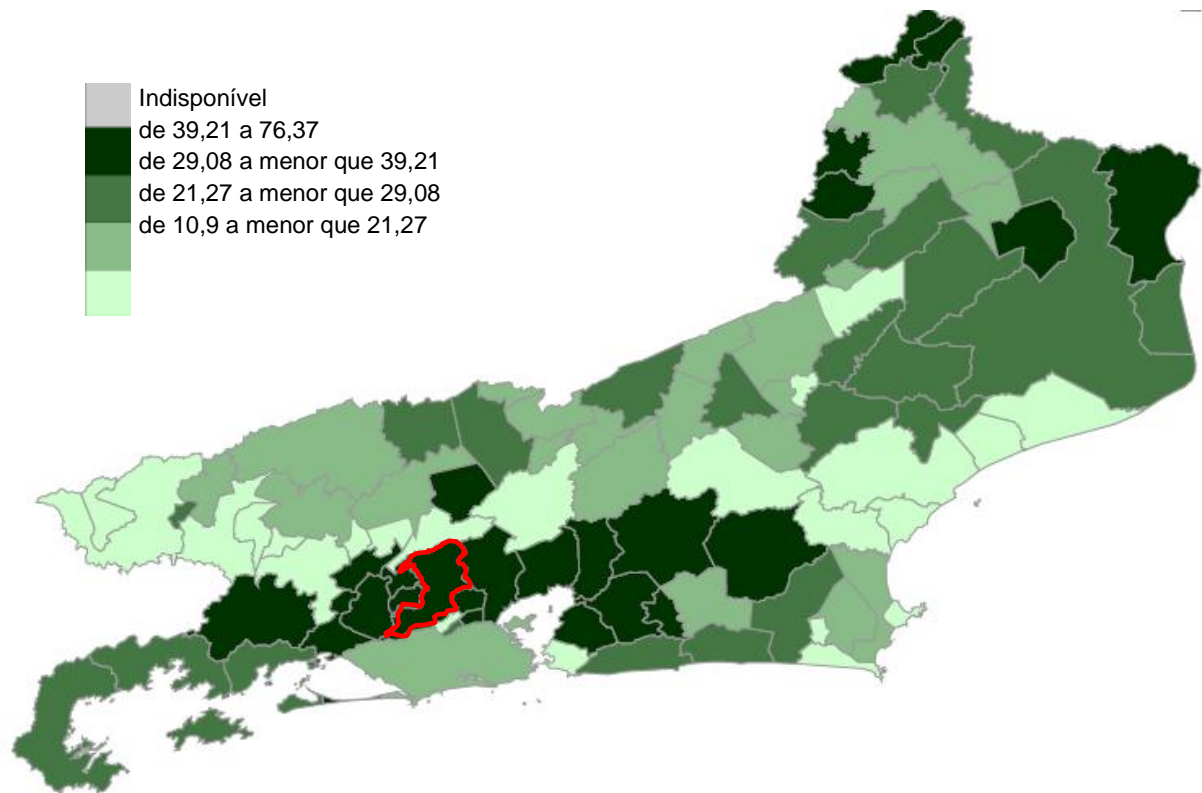


Imagem 8 – Mapa de Incidência da Pobreza  
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2003

O mapa aponta, entretanto, que há uma incidência de apenas 29,27% da população em situação de *pobreza subjetiva*, medida “derivada da opinião dos entrevistados, e calculada levando-se em consideração à própria percepção das pessoas sobre suas condições de vida”. Trata-se da percepção de bem-estar de um indivíduo conforme sua “posição em relação aos demais indivíduos de um determinado grupo de referência” (IBGE, 2008). É interessante observar que há uma discrepância entre esses indicadores, situação que permite indagar a respeito da validade critérios estabelecidos pelas dinâmicas capitalistas para avaliar o bem estar das pessoas em sua heterogeneidade e idiosincrasias.

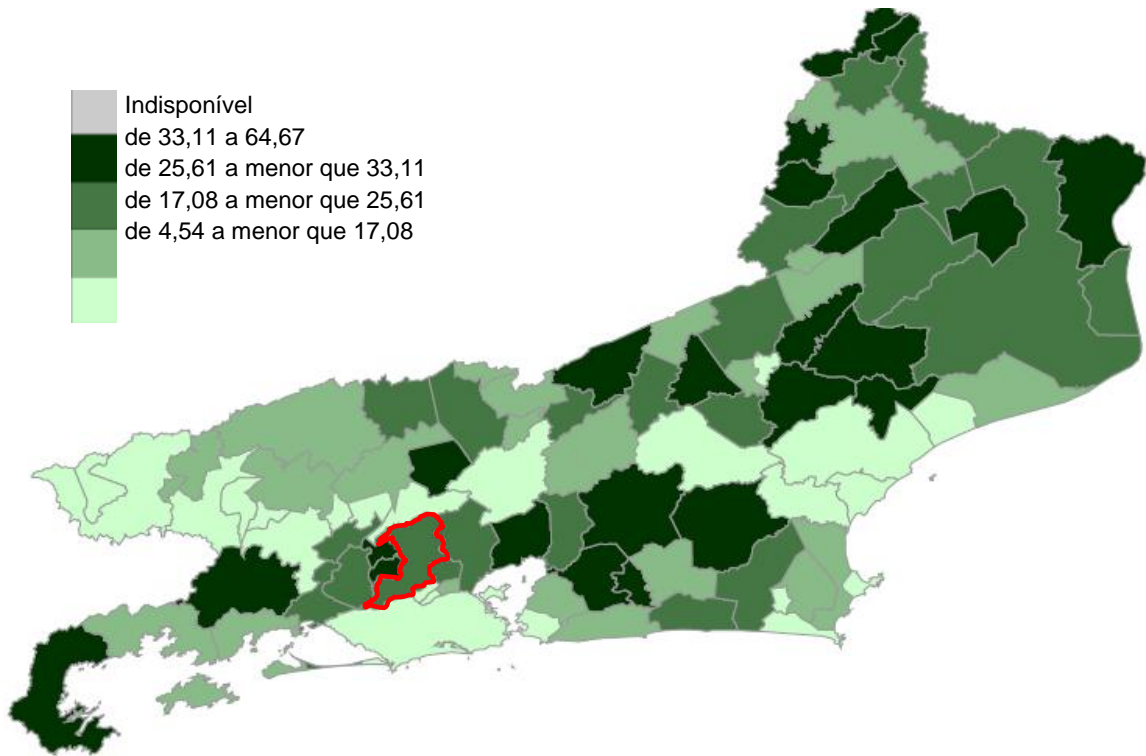


Imagem 9 – Incidência da Pobreza Subjetiva  
 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2003

Porém, não podem ser descartados os dados referentes às desigualdades no contexto intraurbano que, refletidos territorialmente, apresentam as mazelas das populações mais pobres. Nesse contexto de regulação econômica dos espaços da cidade, acabam por ocupar as áreas mais desprovidas do acesso a serviços e equipamentos urbanos (Observatório das Metrôpoles, 2006, p.10).

O índice Gini, que mede o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar *per capita*, se reflete nas condições da cidade. Segundo a leitura comunitária feita no processo para elaboração do Plano Diretor Participativo da cidade, realizado em 2007, há grandes diferenças no estágio do processo de urbanização, na qualidade urbanística e na existência de equipamentos sociais, comércio, serviços e de infraestrutura em Nova Iguaçu. Dificuldades fruto do processo histórico de crescimento urbano desordenado da cidade.



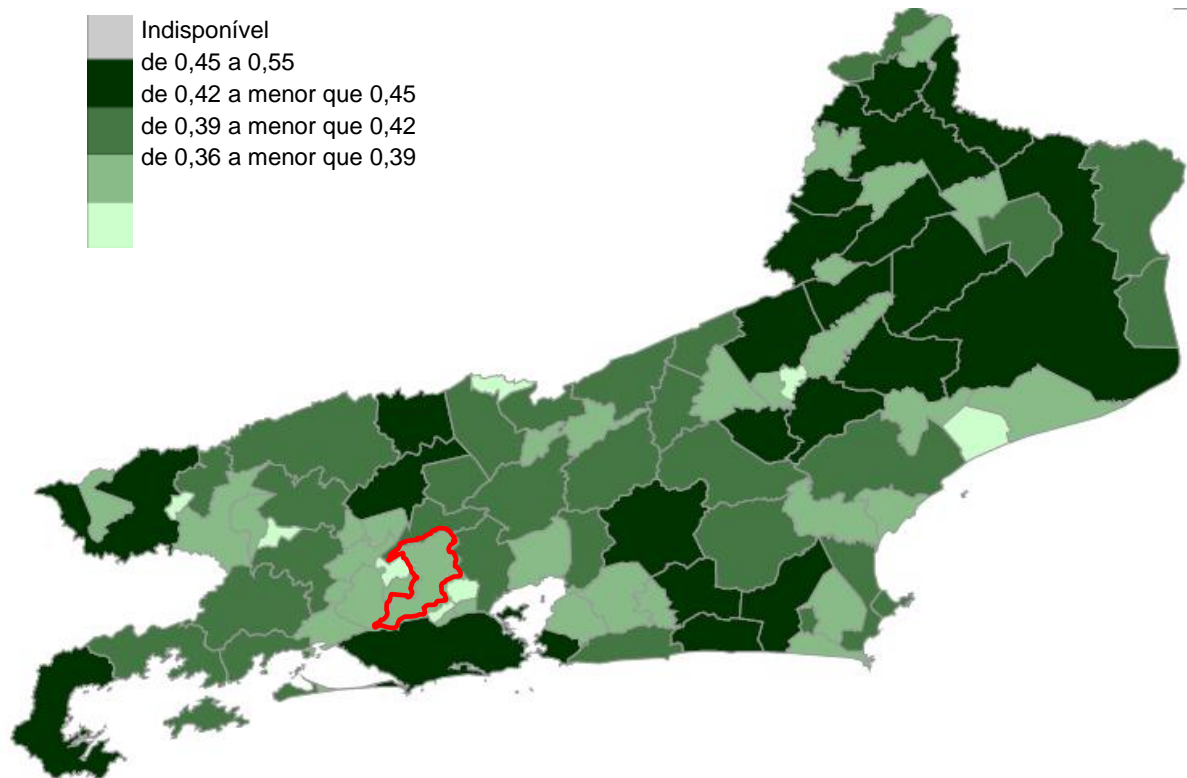


Imagem 10 – Mapa Índice Gini (desigualdades)  
 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2003

Além das emancipações, outros fatores contribuíram para as condições de desigualdades sociais, de produção do espaço urbano e para o enfraquecimento de Nova Iguaçu, segundo Álvaro Ferreira (2010). Observando a evolução urbana da cidade, por exemplo, dois padrões distintos de produção do espaço urbano são evidentes, um ocorrido nas “áreas do centro da cidade e dos distritos, com casas, edifícios residenciais e comerciais”, atendidos pelos serviços públicos, e outro baseado na “autoconstrução da moradia em loteamentos populares, ou seja, na transferência da responsabilidade da produção da habitação e da própria urbanização para seus moradores”, demonstrando o tratamento diferenciado dado à população, que também não encontra meios para lutar por condições igualitárias (Ferreira, 2010).

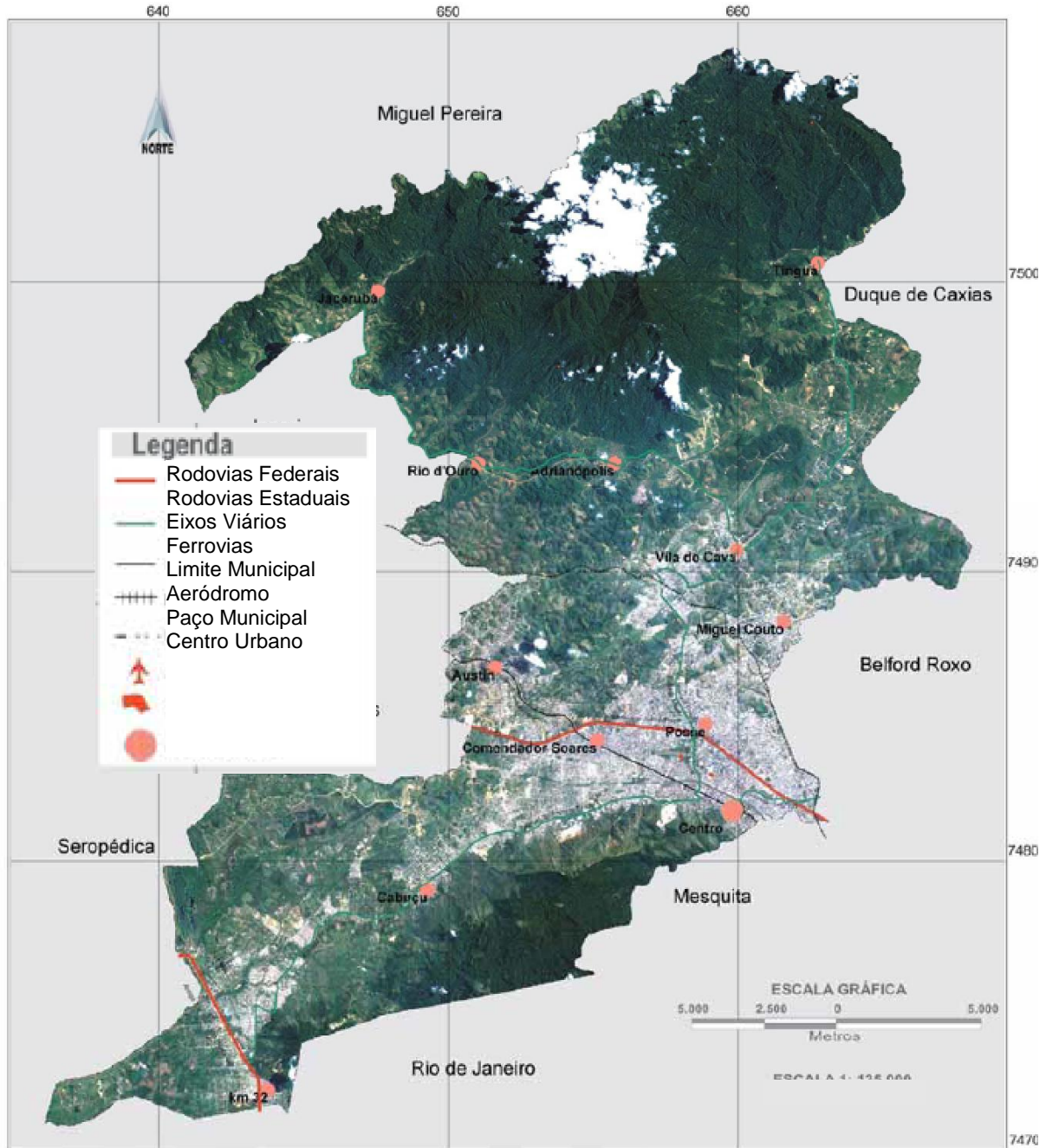


Imagem 11 – Carta Imagem de Nova Iguaçu  
 Fonte: Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu, 2004

Outra característica encontrada em Nova Iguaçu são as diferentes concentrações nas densidades habitacionais dos bairros do município, que contam com aproximadamente 298 mil domicílios, praticamente todos em sua região urbana (Pinto, 2008, p.32). Os locais que apresentam maior concentração superam 10 mil habitantes/km<sup>2</sup> (Ouro Verde, Moquetá, Chacrinha, Jardim Iguaçu, Cerâmica entre outros), enquanto outros bairros, mais distantes da área central, apresentam

concentrações inferiores a 300 habitantes/Km<sup>2</sup> (Tinguá, Jaceruba, Rio d'Ouro e Figueira). Por conta disso, em seu território verificam-se amplos vazios urbanos, muitos em função das áreas verdes preservadas (67% do território) no município, porém, há muitos lotes não ocupados e áreas com alta concentração populacional aonde se encontram também locais com predominância de assentamentos irregulares e precários.

O diagnóstico realizado pelo Observatório das Metrôpoles (2006) apontou pelos dados do Censo de 2000 que Nova Iguaçu possuía 5,6% (6.257) das suas crianças e adolescentes, entre 07 e 14 anos, fora da escola, percentual que aumentou até o ano de 2005 para 7,2%, totalizando 8.820 crianças e adolescentes. Dados que eram seguidos por outros igualmente graves de atraso e evasão escolar (Observatório das Metrôpoles 2006, p.20-21).

Outras questões ressaltadas pelo diagnóstico chamavam a atenção para o tamanho da rede pública municipal e para as “ações de reversão da reprovação e abandono escolar pela rede pública municipal”, que impactavam somente 49% dos estudantes então matriculados. Alertavam também para as possíveis causas desses indicadores ruins como: a má qualidade do ensino, a desvalorização dos profissionais de educação, as condições socioeconômicas dos estudantes, situações de trabalho infantil, violência, precariedade no transporte e gravidez na adolescência, dentre outros. Por fim, o diagnóstico observava a necessidade de haver uma melhor administração dos programas sócias das outras esferas governamentais atuantes na cidade, como o Bolsa Família e o Cheque Cidadão, além de ressaltar também a importância dos espaços democráticos e de representação popular como os Conselhos Municipais de Educação, de defesa dos direitos da Criança e do Adolescente, os Conselhos Tutelares, Conselhos comunidade-escola e os



Conselhos gestores do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF)<sup>10</sup>, que são as “esferas existentes de controle social sobre os investimentos na educação e sobre as ações voltadas à garantia dos direitos das crianças e adolescentes” (Op. Cit. p.28).

## **2.1 O diagnóstico do Município de Nova Iguaçu**

Em livro recente, o arquiteto André Luiz Pinto (2008) apresenta sua experiência na equipe de elaboração do PEU-BE. Seu relato descreve uma nova experiência da cidade a partir da administração municipal de 2005, com investimentos maciços em estruturação urbanística, feitos associados à Educação. Segundo o autor, a experiência “apresenta elementos de grande ineditismo” além de ser potencialmente forte na promoção da cidadania (Pinto, 2008, p.9).

O diagnóstico que precedeu o PEU-BE se deu de maneira objetiva e focada na análise otimizada dos dados relevantes ao Programa. A participação e a observação por debates, entrevistas com atores-chave e estudos prévios basearam o trabalho. Assim, foi montado um quadro referencial da cidade, com análise dos seus pontos fortes, fracos, das oportunidades e das ameaças que foram identificadas ao longo do processo (Op. Cit. p.27).

---

<sup>10</sup> Instituído pela Emenda Constitucional – EC 14/96, garante a aplicação de um percentual dos recursos de estados e municípios na manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental público, vigorando de 1998 a 2006. Foi substituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006, que além dos recursos originários dos estados e municipais, conta também com verbas federais em sua composição, com o objetivo de assegurar o valor mínimo nacional por aluno/ano (R\$ 1.722,05 em 2011) a cada estado (Retirado de: <http://www.fnde.gov.br/index.php/financ-fundeb>, em 05/04/2011).

No que diz respeito à infraestrutura da cidade, o quadro geral da cidade foi avaliado como bom, aproximadamente 75% da população é atendida e, a parcela da população não servida é considerada pequena, aquela presente nas zonas de baixa densidade e que não possui qualquer tipo de infraestrutura urbana. Os dados demográficos do município apontaram para uma “maior concentração da população nas áreas mais centrais situadas nos percursos dos sistemas estruturantes principais da cidade”, o cruzamento desses dados com os de infraestrutura demonstrou “certa coerência nos investimentos historicamente realizados, pois atenderam a maior parte da população”. Foram observados problemas relativos à falta d’água, devido à distribuição irregular no sistema existente, e a inundações na ocasiões de chuvas fortes, ocasionados por problemas pontuais de drenagem e da precariedade dos sistemas hídricos da cidade (Op. Cit. p.44).

Um levantamento parcial dos principais equipamentos institucionais, de saúde e educação, também este contido no diagnóstico, porém a análise estabeleceu um raio de 01 Km de distância de cada equipamento, que marca sua influência no que se refere aos programas de mobilidade da Prefeitura. Também “foram identificadas as principais centralidades de cada bairro, sua área de abrangência e sua importância para todo o território em uma hierarquia estabelecida”, assim como se identificou os principais eixos do sistema de mobilidade, formando também uma hierarquia dentro da estrutura geral da Cidade (Op. Cit. p.45).

Para uma avaliação mais aprofundada do quadro referencial da Cidade foi utilizada a metodologia de análise do tipo SWOT (*Strengths; Weakness; Opportunities; Threats*), quadro formulado para apresentar os *pontos fortes* e os *pontos fracos* do que está sendo avaliado, para ser confrontado com as *oportunidades* e *ameaças* “que resultam do contexto em que se situam”. Como resultados, observaram-se

como principal ponto forte na dimensão física, “a clara percepção da estrutura da cidade pelos moradores que a reconhecem, mesmo sendo esta fragmentada e desarticulada”, com os centros de bairro bem estruturados e consolidados, apesar de desqualificados, e com frequência razoável nos espaços públicos pela população local. Observou-se também a existência em número razoável de equipamentos escolares, de cultura, esporte e lazer. Os principais pontos fracos observados foram a “fragmentação da estrutura da cidade por meio da ruptura do tecido urbano pelos grandes eixos de mobilidade”; a deficiência e fragmentação do sistema geral de mobilidade, observado principalmente no subdimensionamento ou inexistência das transposições dos grandes eixos; a falta de articulação dos equipamentos urbanos; a falta de qualidade urbanística dos centros de bairro; e, a dificuldade de articulação entre os bairros, “fragmentados pelos principais eixos de mobilidade”; além do abandono e desqualificação dos espaços públicos em geral, que carecem de mobiliário urbano e sofrem com a ocupação irregular. Estes são pontos reveladores de “uma falta de cidadania permanente no que diz respeito ao direito à cidade”, nas palavras do autor (Op. Cit. p. 46).

As oportunidades apresentadas foram a “consolidação dos centros de bairro como áreas polarizadoras de serviços vários”, “a estruturação geral da cidade e do sistema de mobilidade” para fomento de investimentos públicos e privados, as linhas de financiamento internacionais existentes para municípios, voltadas à realização de projetos e o então alinhamento político entre as esferas de governo. No entanto, os prazos curtos de financiamento, assim como “o ajuste das ações às várias linhas de financiamento”, as eleições e a possibilidade de sucessão política e conseqüente mudança de prioridades de governo saltaram como principais ameaças (Op. Cit. p.49).

No âmbito social, o interesse de investimento da Prefeitura nas áreas de educação, trabalho e de redução da violência, assim como o interesse recíproco também com a população em estabelecer parcerias para ações, seu apoio nos processos participativos e a pouca presença do tráfico de drogas na região são os pontos mais fortes destacados. Por outro lado, como pontos fracos foram apontados a alta taxa de exclusão infantil do ensino fundamental, de analfabetismo funcional – pela má qualidade de ensino –, a falta de espaço físico para as demandas educacionais presentes e futuras, a “falta de qualificação profissional entre jovens e adultos” e as altas taxas de empregos informais e de violência. As oportunidades aparecem na possibilidade de financiamento, tanto público como privado, existentes na área social, como: qualificação profissional, implantação de horário integral nas escolas e a promoção de ações contra a violência. Mais uma vez a dificuldade de ajuste das linhas de financiamento aparece como uma ameaça, somado ao crescimento dos empregos informais e as dificuldades de implantação e gestão do horário integral dentro de um quadro educacional de grande imobilidade institucional. Outra ameaça crescente é o avanço gradativo “do tráfico de drogas na cidade e as dificuldades de gestão de segurança pública nos níveis de governo responsáveis” (Op. Cit. p.49).

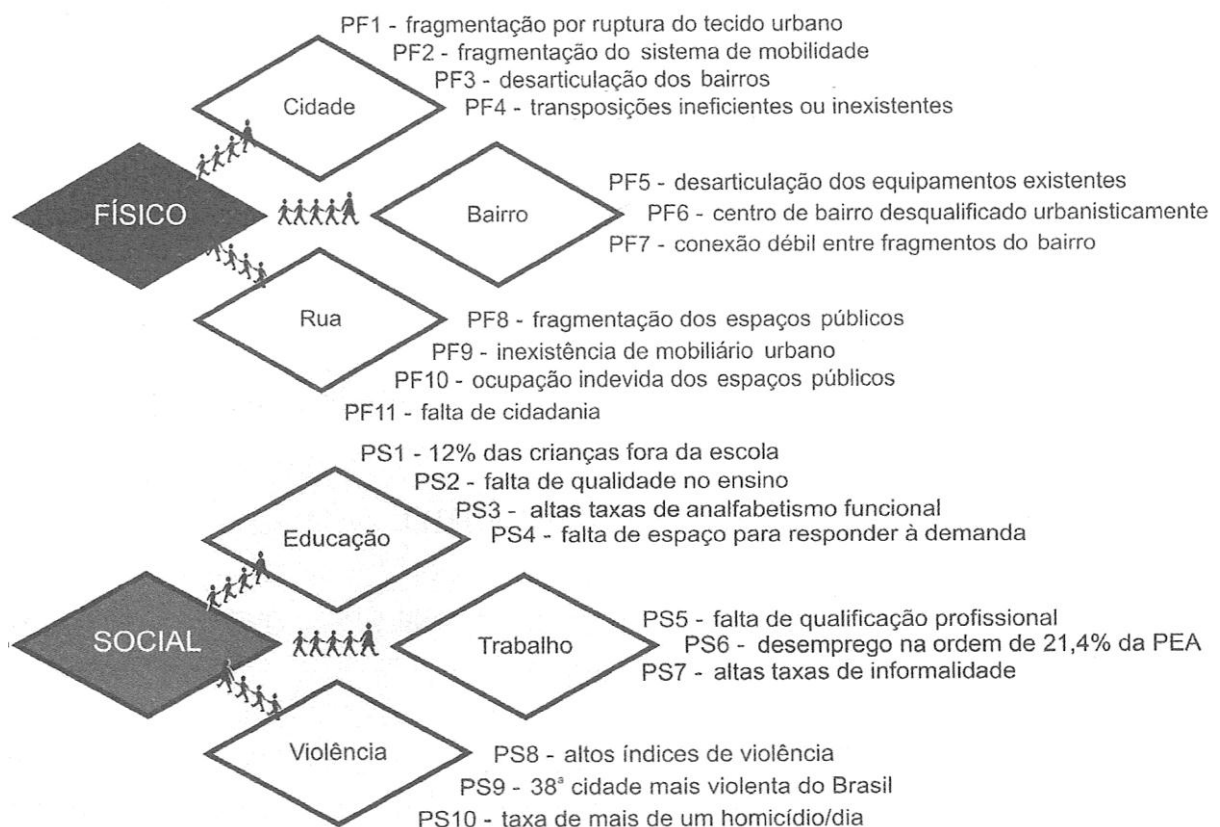
Na política, os pontos fortes estão no interesse da então administração pública em implantar políticas integradas e coerentes, além da reestruturação e qualificação institucional que estava em processo. Também foram apontados “o interesse geral da sociedade nos processos de participação nas decisões referentes aos interesses da cidade, e a existência de redes de sustentação e solidariedade locais”. Os pontos fracos ficaram marcados no “quadro de fragmentação e incoerência de políticas e ações públicas” observados, muito por conta de interesses políticos particulares, na “ausência de preceitos básicos de cidadania, como processos efetivos de

participação”, na “falta de coesão no sentimento coletivo de pertencimento à cidade”, além da constatação de “questões institucionais de fragilidade estrutural da administração e da insuficiência e despreparo dos quadros técnicos existentes”. Mudanças na cultura política que privilegiem uma visão mais integrada, coerente e de interesse coletivo das ações, o reconhecimento das redes sociais locais existentes, “a ampliação dos direitos de cidadania, a valorização dos processos de participação” e a oportunidade presenciada de reestruturação e requalificação institucional formaram o quadro de oportunidades observado. No entanto, o “imobilismo que dificulta a mudança da cultura institucional, as limitações para incremento do quadro de pessoal, o tempo reduzido para qualificação do quadro existente”, interesses particulares no âmbito da política e a dificuldade da garantia de continuidade das ações planejadas foram os pontos verificados de ameaça (Op. Cit. p. 50).

A análise da dimensão ambiental apresentou como pontos fortes a presença de infraestrutura de saneamento básico em 80% da cidade, sendo os quadros críticos de ausência de saneamento observados “apenas em regiões de baixa densidade, já que o quadro esperado inicialmente era pior [...], a inexistência de contribuição negativa de outros municípios à rede hidrográfica local”, o número reduzido de habitações irregulares nas encostas desmatadas e a abundância de arborização privada (Op. Cit. p.50). Em contraponto a isso, os pontos fracos observados envolvem a “deficiência existente no saneamento, incluindo a ausência e o mau dimensionamento das redes existentes, o despejo *in natura* na rede hidrográfica”, a existência de pontos críticos de alagamento decorrentes do assoreamento dos rios por despejo dejetos, a pouca arborização dos espaços públicos, o processo de degradação das encostas das áreas protegidas, e a “presença de habitações

irregulares nessas áreas protegidas”. As oportunidades aparecem nas “possibilidades de obtenção de financiamentos específicos” para o saneamento e para políticas ambientais, a possibilidade de estabelecer impostos de saneamento e “agregar externalidades positivas”, além da possibilidade de tratamento do sistema hídrico da cidade e de reflorestamento das áreas de proteção ambiental, potencializando o turismo local. As ameaças rondam basicamente em torno da “dificuldade de ruptura com os paradigmas técnicos do saneamento” ainda vigentes, o não reconhecimento da “cultura local e os esforços já executados” na área. A falta de sintonia da administração com a CEDAE e a dificuldade de gestão da empresa sobre o saneamento da cidade, assim como a falta de cultura ambiental da população também reforçam o quadro (Op. Cit. p.53).

Os principais desafios da cidade de Nova Iguaçu foram divididos em quatro esferas, da mesma forma o entendimento da problemática da cidade foi sistematizado (Pinto, 2008):



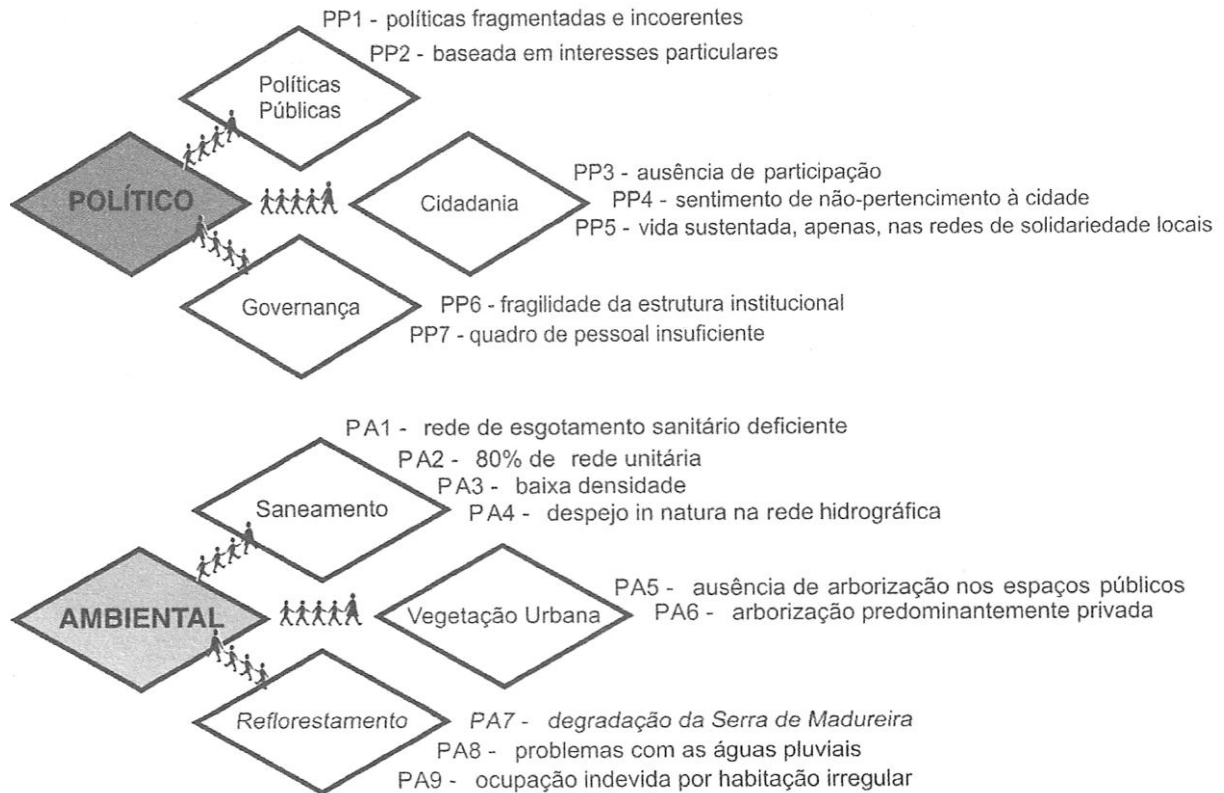


Imagem 12 – Sistematização da problemática urbana de Nova Iguaçu  
 Fonte: PINTO, 2009, p.68

## 2.2 Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola

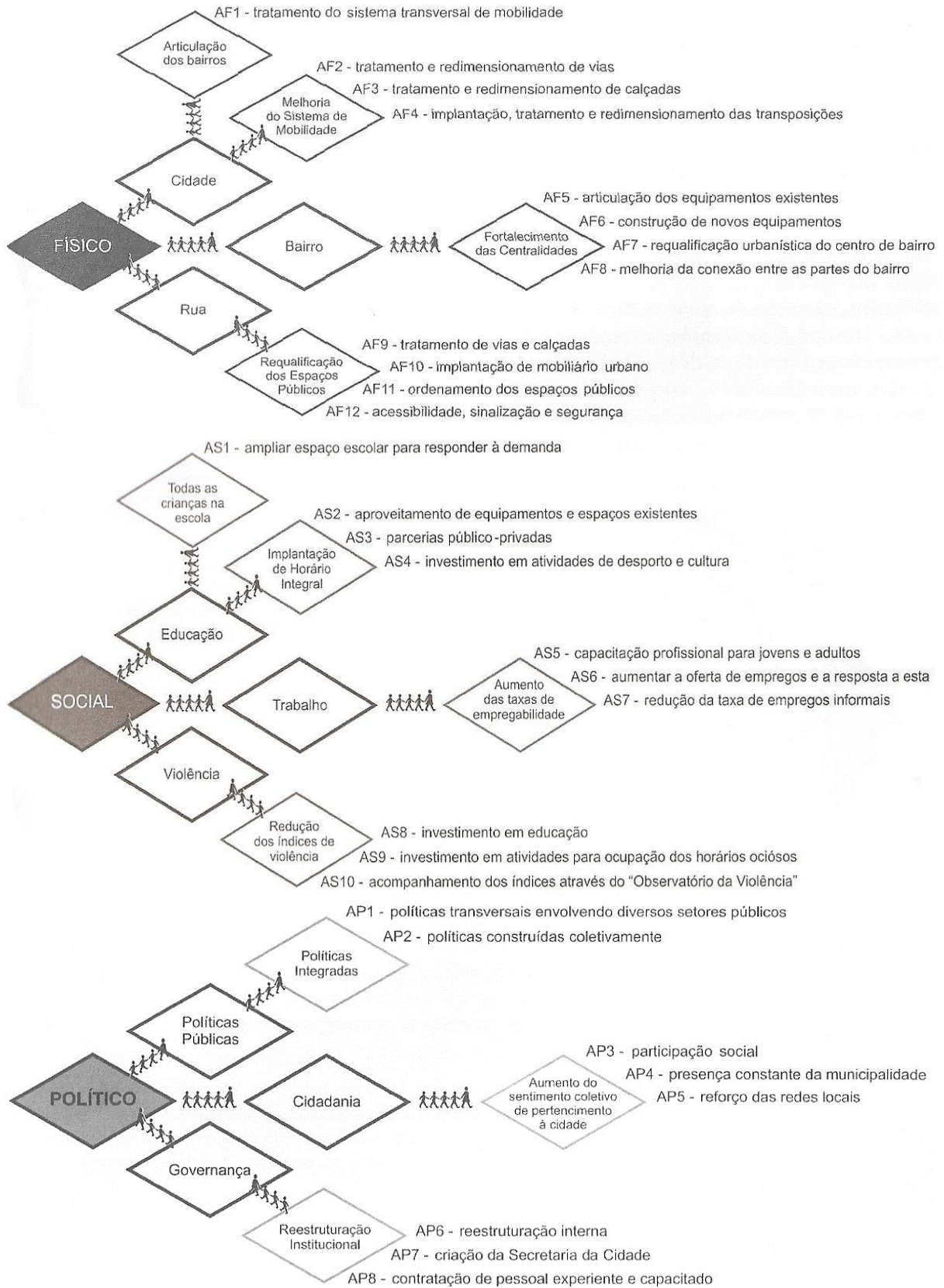
Foram duas as decisões estratégicas que embasaram os objetivos e ações da administração municipal: *melhorar a qualidade de vida* da população enfatizando a educação como forma também de impactar nos índices de violência; e, *estruturação, consolidação e qualificação* física da cidade pela qualificação dos espaços públicos, “utilizando como ferramenta o projeto urbano” (Pinto, 2008, p.71). A definição principal do programa também é apresentada:

“O Programa de Estruturação Urbanística – Bairro-Escola apresenta-se como um instrumento para a articulação entre as parcelas estanques da cidade, para a melhoria das condições sanitárias, ambientais e de mobilidade da população, para o levantamento da autoestima cidadã e, especialmente, para a inclusão cidadã por meio da educação e da cultura.”

“O Programa de Estruturação Urbanística – Bairro-Escola propõe-se como um instrumento de construção de uma cidade democrática – política, social e urbanisticamente.” (Nova Iguaçu, 2006 apud Pinto, 2008, p.74).

Assim, são definidos os objetivos principais do programa nas quatro dimensões anteriormente apresentadas. No que diz respeito à dimensão física, definiu-se à escala da cidade que a *melhoria do sistema de mobilidade* era uma prioridade para se obter uma melhor *articulação entre os bairros*, fundamento do programa por onde se procura estabelecer a “estruturação macro da cidade” pela conexão dos bairros. À escala do bairro, o *fortalecimento das centralidades* existentes foi estabelecido como foco das ações e, por fim, *requalificar os espaços públicos* determina o principal objetivo do programa à escala da rua, melhorando as condições das ruas, praças e parques da cidade. A dimensão social é tratada em seus respectivos temas, conforme o diagnóstico. Os objetivos na área de educação foram a *redução da evasão escolar* no ensino fundamental e a *implantação do horário integral*, que visava também “qualificar o ensino prestado pelas escolas do município, incluindo o investimento nas áreas de cultura e de esporte”. O *aumento das taxas de empregabilidade* pela qualificação e pela capacitação dos jovens e adultos foi o foco na dimensão do trabalho, e a *redução dos índices de violência* o principal objetivo do tema violência. No âmbito da política investiu-se no desenvolvimento de *políticas integradas*, no *aumento do sentimento coletivo de pertencimentos à cidade*, e na *reestruturação institucional*. Por fim, na área ambiental buscou-se, a *universalização do saneamento* no município, e o *tratamento do sistema hidrográfico*, com foco no Rio Botas, o principal rio da cidade. Além desses, a *implementação da vegetação urbana e pública* e o *reflorestamento da Serra da Madureira* também foram objetivos do programa. (Pinto, 2008, p.77-78). Conforme quadro abaixo:





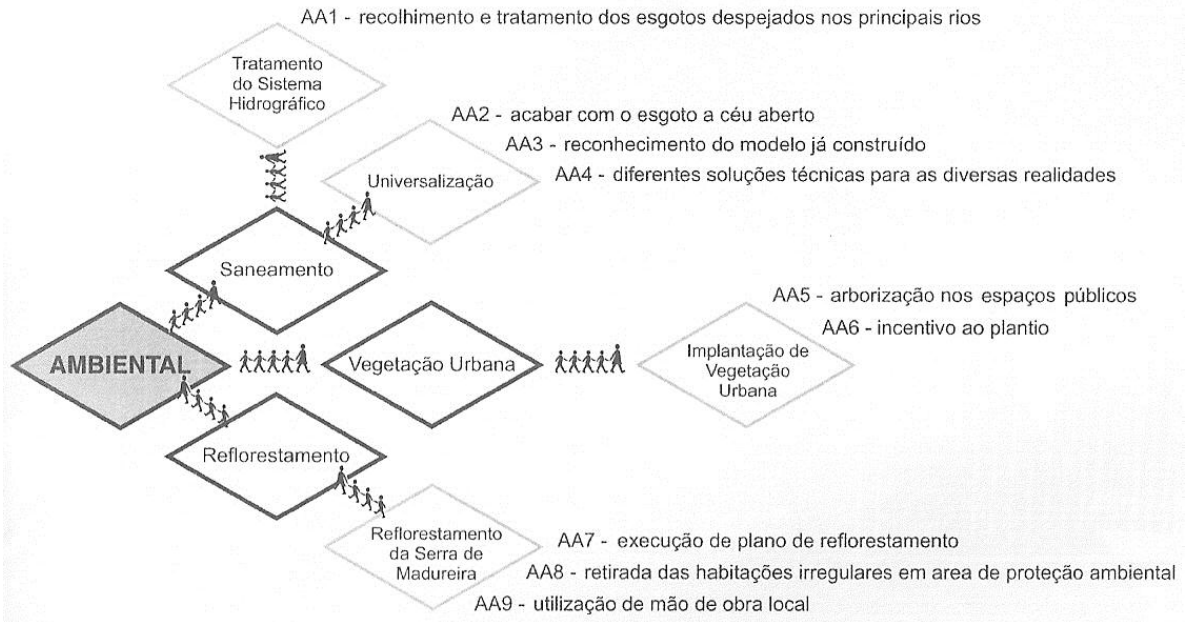


Imagem 13 – Sistematização das ações para o PEU-BE

Fonte: PINTO, 2009, p.79-83

## **Capítulo 3 | Bairro-Escola**

O Bairro-Escola é um conceito idealizado pelo jornalista Gilberto Dimenstein a partir da experiência desenvolvida em Vila Madalena, na Cidade de São Paulo, no projeto “Cidade Escola Aprendiz”, implantado em 1997, fundamentado num “laboratório de pedagogia comunitária” dedicado ao “aprimoramento simultâneo da comunicação e da educação”. De um lado, pretende abrir a escola para a comunidade e para o bairro e, de outro lado, incentivar um movimento de envolvimento da comunidade e do bairro com a escola. A proposta é integrar a escola e a comunidade, explorando diversos espaços do bairro como “salas de aula informais”, compondo uma vivência única de aprendizado (Medeiros Filho, Galiano, 2005).

Ainda atuante em Vila Madalena, seu objetivo primeiro foi construir uma metodologia de transformação urbana, fazer do bairro inteiro uma escola, mobilizando educadores e aprendizes a lançarem mão das diferentes linguagens – internet, rádio, jornal, revistas, fotografia, grafite, mosaico, cerâmica, televisão, *blogs* – para promover a melhoria das condições de vida da comunidade, conforme relatório elaborado em parceria entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Educarte e a Central de Projetos (2003, p.32).

### **3.1 Bairro-Escola em Nova Iguaçu**

Em Nova Iguaçu, o Bairro-Escola foi adotado como um programa de políticas integradas da prefeitura que reúne diversos órgãos da administração pública – secretarias, coordenadorias, empresas de capital misto – e tem por foco a Educação. A proposta é a “união entre a sociedade civil e a Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu” (Nova Iguaçu, 2010), e o seu objetivo é proporcionar atividades de ensino em tempo integral, pelo Programa de Educação Integral, para as crianças matriculadas na rede municipal de ensino, ou seja, proporcionar o aumento do

tempo na escola para os estudantes dos dois turnos escolares em escolas que comportam apenas um turno. Isso significa dobrar o número de alunos em atividades educacionais sem dobrar o número de escolas.

O Bairro-Escola foi adotado pelo governo municipal em 2006, ainda como um projeto piloto, na Escola Municipal Barão de Tinguá, situada no Bairro Tinguá. No primeiro semestre de 2010, a prefeitura afirmou garantir a oferta do Bairro-Escola à totalidade das escolas da rede municipal, o que corresponde a 126 escolas municipais em toda a cidade, sendo que destas 31 atuam com o 2º segmento do ensino fundamental.

Essa nova dimensão da educação foi perseguida ultrapassando os muros da escola, oferecendo aos educandos atividades educativas nos mais variados lugares, caminhando pela cidade e tendo contato direto com toda população. A proposta é oferecer “um processo dinâmico e rico em vivências” (Nova Iguaçu, 2009).

Considerando que as escolas da cidade não foram dimensionadas para comportar, no mesmo período de utilização, todos os alunos matriculados – que são divididos em dois turnos, manhã e tarde –, a experiência de Vila Madalena demonstrou meios para criar novos espaços, pela formação de parcerias, que também possibilitam novas práticas educativas com a circulação orientada das crianças pelo bairro.

André Pinto (2008) apresenta como desafio do Bairro-Escola, possibilitar a integração das suas ações nas diferentes dimensões – física, social, política, ambiental –, potencializando todas entre si, em especial a “junção entre urbanismo, educação e participação” (Pinto, 2008, p.85). O seu papel fundamental está na “ampliação da participação cidadã na composição da oferta de educação e cultura para todas as faixas etárias, a partir da primeira infância”. Em seu conjunto de propostas, também considera articular as centralidades dos bairros, requalificando-

os, permitindo um melhor aproveitamento dos espaços, equipamentos e serviços instalados, para criar uma sinergia entre eles (Op. Cit. p.86).

Pelo emprego de todas as energias sociais já despendidas, pelo aproveitamento dos equipamentos e serviços, sejam públicos ou privados, será consolidada a proposta do Bairro-Escola (Pinto, 2008, p.86).

O Bairro-Escola, diferente de outras propostas educacionais, cria uma rede no bairro articulada a partir de um projeto urbano, específico para cada bairro, que liga os equipamentos, priorizando a circulação das crianças em total segurança e, fazendo do espaço urbano um “catalizador dos espaços educacionais existentes”, valorizando a vida urbana e melhorando o centro do bairro urbanisticamente.

Sua sustentação política é justificada na ampla participação cidadã, que, evidentemente, não pode ser restringida aos aspectos de ensino, mas precisa se espraiar em todas as forças sociais presentes no bairro (Pinto, 2008, p.91).

O bairro se torna “um local de aprendizado e cidadania”, um *bairro-escola*, estruturador do sistema educacional-cultural de Nova-Iguaçu. A articulação com os outros bairros pelos “eixos de mobilidade”, ligado entre seus centros, “configurará uma cidade estruturada urbanisticamente na educação”. É assim que o Bairro-Escola articula a escola, o bairro e a cidade (Op. Cit. p.87).

Centralidades e sistema escolar, em sinergia com as forças sociais, educacionais, culturais e recreativas de cada núcleo, compõem o Bairro-Escola. A articulação desses núcleos educacionais por toda a cidade compõe a estruturação geral de Nova-Iguaçu (Pinto, 2008, p.88).

As centralidades de Nova Iguaçu foram hierarquizadas segundo critérios de densidade populacional, “sua importância no contexto geral da cidade” e seu grau de autonomia, segundo agentes representativos da cidade. Quatro níveis de centralidades foram estabelecidos, escaladas de “A” a “D”, sendo nomeados como “A” as centralidades que concentram a melhor infraestrutura e a maior quantidade de

investimentos em relação às vizinhas, de maior densidade populacional e, capazes de suportar aumento da demanda de serviços e de equipamentos. Dos 52 bairros analisados, Miguel Couto, Centro, Comendador Soares e Austin foram classificados como centralidades do tipo “A”; Cabuçu, Laranjeiras, Cerâmica, Posse, Km32 e Vila de Cava foram classificadas como centralidades do tipo “B”; Santa Rita, Jardim Alvorada, Jardim Tropical e Tinguá foram classificados como centralidades do tipo “C”; e os demais bairros tiveram suas centralidades classificadas como tipo “D” (Op. Cit. p.88).

Diferentes graus de intervenção foram propostos conforme a necessidade de equipamentos das centralidades para o Bairro-Escola, estipulando “pacotes-básicos” de intervenção por bairro (Op. Cit. p.89). Assim como as centralidades, os principais eixos de circulação que integram “os bairros inseridos na rede Bairro-Escola” foram hierarquizados, de 1 a 3, conforme sua “densidade e importância para o conjunto urbano” (Op. Cit. p.90).

O autor chama a atenção para a complementariedade e as interrelações das ações previstas no PEU-BE. Observamos com André Pinto que um contexto urbano articulado é fundamental para o Bairro-Escola, assim, desde a articulação dos equipamentos urbanos, que corresponde à atuação na dimensão física da cidade, se relacionam interdependentes, outras ações de “âmbito social, como a ampliação do espaço escolar, [...] definição de parcerias público-privadas e o investimento em atividades de cultura, esporte e lazer”; assim como “ações de cunho político”, para “construção coletiva das políticas, programas e projetos [...], e reforço das redes locais já existentes, por meio do comprometimento com a rede formada pelo Bairro-Escola” (Op. Cit. p.92).

A construção da rede se dá a partir dos “parceiros do Bairro-Escola”, que proporcionam a ampliação dos espaços educativos, “instituições religiosas, clubes, associações, casas particulares, bibliotecas comunitárias, organizações não governamentais, fundações, empresas privadas”, entre outros, que fazem dos bairros aonde o Bairro-Escola é implementado “um grande laboratório de experiências de aprendizagens” a partir do que a prefeitura chama de “rede cidadã” de “troca de conhecimentos e valores, na qual se ensina e se aprende ao mesmo tempo” (Nova Iguaçu, 2010).

As redes de parcerias são importantes por que: lançam um novo olhar sobre a escola e provocam a sua renovação; estabelecem uma maior integração entre a escola e a comunidade; desenvolvem práticas educacionais inovadoras; criam espaços de debates e mobilizam a sociedade para a melhoria do ensino; trazem uma dose de idealismo e colaboram para a formação cidadã; encorajam a troca de experiências entre as escolas e oferecem novos espaços e possibilidades para a Educação Integral. Na contrapartida, os parceiros fortalecem os seus projetos com os recursos oferecidos pelo Bairro-Escola sob a forma de disponibilização de mão-de-obra, espaços, metodologias, cursos, palestras e equipamentos, bem como auxílio financeiro (Nova Iguaçu, 2010).

O diálogo com a prefeitura se dá tendo em vista a participação e a avaliação dos projetos e nas constantes formações, qualificações e seminários oferecidos pelo “Programa de Desenvolvimento Institucional”, que também oferece acesso priorizado, gratuidade ou desconto promocional na participação em eventos, apresentações, atividades culturais e esportivas, projetos, programas ou outras atividades que sejam de apoio, patrocínio ou de responsabilidade da prefeitura. Os parceiros cedem seus espaços para que se desenvolvam as atividades do Bairro-Escola e os recursos que são empregados se destinam apenas às despesas extras que estes passam a ter com as novas utilizações dos espaços cedidos, como

consumos extras de água, energia elétrica, limpeza e manutenção<sup>11</sup>. (Nova Iguaçu, 2010).

O público alvo do Bairro-Escola são crianças, adolescentes e jovens matriculados no primeiro e segundo segmento do ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade. Entretanto, os moradores dos bairros onde o Bairro-Escola é implantado também são contemplados. A prefeitura busca integrar, em especial, as famílias beneficiárias de Programas de Transferência de Renda, como o Bolsa-Família (Nova Iguaçu, 2010).

As atividades complementares de aprendizagem do Bairro-Escola se dão pela integração de diversos órgãos da Prefeitura que passam a interagir em função do funcionamento de seus programas. Dentre as atividades oferecidas, os estudantes dispõem de complementos para o aprendizado de “português e matemática e de conteúdos correspondentes às Redes de Cultura, Meio Ambiente e Esporte e Lazer”. Estes “resultam da articulação de programas e projetos federais e municipais e do modelo de cogestão das ações das secretarias municipais de Assistência Social, Cultura, Educação, Esporte, Meio Ambiente e Saúde”, e são de responsabilidade dos membros da “Unidade Gestora Local (UGL)” do Bairro-Escola, liderada pelo Coordenador Político Pedagógico e pelo Coordenador de Aprendizagem de cada

---

<sup>11</sup> Para interagir com a nova rede criada entre as escolas e seus novos parceiros, foi desenvolvido o “Programa de Apoio aos Parceiros do Bairro-Escola” e criada a Apoio ao Trabalhador Autônomo – ATA, uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), com a qual a Prefeitura estabeleceu um convênio para execução dos contratos de parceria. Além da garantia do comprometimento de cada parceiro e da execução dos projetos a ele relacionados, as atribuições da ATA incluem a constituição e o suporte das novas redes de espaços do Bairro-Escola, o diagnóstico das redes de parcerias e as ações para o desenvolvimento dessas redes. Seus objetivos são: a melhoria constante da qualidade e da quantidade do atendimento dos parceiros, o fortalecimento das instituições parceiras em suas atividades operacionais, financeiras, de recursos humanos, informação e conhecimento metodológico e prático, além do intercâmbio das experiências das diversas instituições parceiras envolvidas por meio de uma “Rede de Aprendizagem” em defesa da infância e juventude para a cidade (Nova Iguaçu, 2010).



escola. As aulas são ministradas por universitários preparados especialmente para essas atividades (Nova Iguaçu, 2010).

Dentre os estudantes universitários que integram o Bairro-Escola, os que residem em Nova Iguaçu e pertencem às famílias com renda mensal per capita de até um salário mínimo participam de projetos de extensão vinculados ao Programa Cidade Universitária, também da Prefeitura. Neste, os universitários recebem uma bolsa mensal no valor de R\$ 300,00 e dedicam 12 horas semanais a atividades, envolvendo oito horas em atividades educativas ministradas para crianças e adolescentes matriculados na rede municipal de ensino e quatro horas de aprimoramento dos próprios universitários em cursos de capacitação continuada. A prefeitura prevê o envolvimento de aproximadamente 3.000 mil estudantes do nível superior no Projeto Cidade Universitária (Nova Iguaçu, 2010).

A integração se dá também com a Secretaria Municipal de Saúde (SEMUS), a Secretaria Adjunta de Atenção Básica e Políticas Estratégicas e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), cujos financiamentos são dados “pelo Ministério da Saúde e fruto do Programa Mais Educação do Ministério da Educação”. Já que os estudantes passam o dia inteiro na escola, é possível programar atividades preventivas de saúde e de acompanhamento familiar, no Programa de Saúde na Escola, desenvolvidas pelas equipes do Programa de Saúde da Família, e objetiva a “formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, tendo em vista o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens”. Incluem visitas aos Postos de Saúde locais para exames de rotina e acompanhamento, programas de vacinação, de saúde bucal, ocular e auditiva, além do acompanhamento do

crescimento e de orientações para uma alimentação saudável, dentre outros (Nova Iguaçu, 2010).

Durante o processo de implantação e de desenvolvimento do Bairro-Escola, o Plano Municipal de Educação e o Plano Plurianual foram rediscutidos e elaborados com a participação, além dos representantes do Poder Legislativo e de diversos conselhos de direito, de líderes comunitários. O Bairro-Escola também segue demandas estabelecidas por outros programas que o integram e o co-financiam (Nova Iguaçu, 2010).

Como se observa, para o funcionamento do programa a prefeitura faz parcerias com diversos segmentos da sociedade civil. Entende-se que qualquer cidadão interessado em participar do processo “ensino-aprendizagem” é bem-vindo para desenvolver atividades no turno complementar de ensino. O ganho desta proposta, além do envolvimento, é a redução de custos de contratação pela prefeitura. O próprio voluntariado de algumas das mães, cujos filhos são matriculados na Rede Municipal de Ensino, auxilia na organização das atividades. Elas somam suas experiências de casa com seus filhos com as que são oferecidas em “oficinas de formação continuada, ministradas pelas secretarias municipais de Educação e de Saúde”. Essas “Mães Educadoras estendem os cuidados cotidianamente dedicados a sua família para todas as alunas e todos os alunos da escola”. A prefeitura aposta no estreitamento dos laços afetivos entre as gerações por esta iniciativa, potencializando também os canais “de apoio, carinho e de atenção que se busca na escola” (Nova Iguaçu, 2010).

As mães monitoram as atividades do horário de almoço, quando estudantes em atividades complementares se preparam para as atividades regulares de ensino no período seguinte, conhecido nas escolas como Horário Intermediário, que inclui,

prioritariamente, o almoço, a escovação dos dentes e o banho das crianças<sup>12</sup> (Nova Iguaçu, 2010).

A prefeitura pretende articular, portanto, as ações governamentais tendo a escola como local privilegiado e de integração das intervenções urbanas, que são focadas nos educandos e em seus trajetos entre a escola e os “espaços parceiros” – cedidos pela população –, que passam a complementar o espaço escolar no processo de aprendizagem. Assim, trabalha-se, entre outras coisas, a segurança das crianças nos trajetos pela cidade, investindo na iluminação e na sinalização públicas, nos agentes de trânsito, na guarda municipal, além da qualificação dos caminhos das crianças. (Nova Iguaçu, 2006, p.5).

A viabilidade do Bairro-Escola é garantida pela articulação de recursos vindos das três instâncias governamentais – municipal, estadual e federal<sup>13</sup>. Todo o processo de “otimização de recursos” é feito pela Câmara de Gestão e pela Coordenação Geral do Bairro-Escola (CGBE), “em conjunto com as demais secretarias municipais, e a partir da integração de programas e políticas públicas que viabilizam recursos financeiros, humanos e programáticos”. Este é o princípio orientador do Bairro-Escola, a “integração de programas sociais e educativos, nos âmbitos municipal, estadual e federal, potencializando a utilização de recursos humanos, materiais, programáticos e financeiros” (Nova Iguaçu, 2010).

---

<sup>12</sup> Por este serviço de voluntariado, as mães voluntárias recebem uma bolsa auxílio de R\$100,00 e são incentivadas a viabilizar o crescimento da sua própria escolaridade. O Bairro-Escola prevê a participação de aproximadamente 1.200 Mães Educadoras. A preferência é para as matriculadas no Programa Bolsa Família do Governo Federal (Nova Iguaçu, 2010).

<sup>13</sup> A prefeitura destaca os seguintes programas federais que co-financiam o Bairro-Escola: Pelo Ministério da Educação, o Escola Aberta, o Mais Educação, o Plano de Ações Articuladas (PAR), o Programa Direto de Dinheiro na Escola (PDDE), o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar-Creche (PNAC); pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o Programa Bolsa Família (PBF), o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), o ProJovem Adolescente; pelo Ministério do Esporte, o Segundo Tempo; pelo Ministério da Cultura, o Cultura Viva e o Pontos de Cultura; além do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (Nova Iguaçu, 2010).



Imagem 14 – Caminhos Bairro-Escola em Miguel Couto  
 Fonte: Coordenação Geral do Bairro-Escola, 2006.

No início da implantação do Bairro-Escola na cidade, os programas principais tratavam da Educação Integral, da Requalificação Urbana, da Democratização da Cultura, da Valorização da Vida e Proteção contra a Violência, Trato da Juventude, da Participação e da Sustentabilidade Social. De acordo com o manual de gestão do programa, a proposta do governo é definir suas prioridades com a participação da população (CGBE/ Nova Iguaçu, 2006). Atualmente os “programas matriciais” são:

- *Programa de Educação Integral* – Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (Setor de Ciências e Tecnologia);
- *Programa Defesa da Vida e Formação de Rede de Proteção Social* – Secretaria Municipal de Assistência Social e Prevenção à Violência, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação;
- *Programa de Requalificação Urbana e Ambiental* – Discute como se articulam as ações de projetos urbanos, obras, serviços públicos, limpeza urbana e meio ambiente em torno da requalificação dos territórios;

- *Programa de Democratização da Cultura, Esporte e Lazer – Secretaria de Cultura e Turismo, Secretaria de Esporte Secretaria de Educação. (Nova Iguaçu, 2010)*

Outro princípio orientador do Bairro-Escola é a “mobilização e articulação de redes sociais e o investimento na organização comunitária”. Acontece na integração entre os projetos culturais, de esporte e lazer e de meio ambiente, escolhidos por meio de edital para estabelecimento de parcerias entre escolas e organizações sociais, além do “edital de seleção de parcerias para ampliação dos espaços onde são desenvolvidas as atividades educativas” e da “construção de redes locais no entorno das escolas”. Essas redes se dividem em temas conforme suas especialidades, como a Rede de Aprendizagem, coordenada pela SEMED e envolve as Unidades de Gestão Local do Bairro-Escola, os Conselhos Escolares e a articulação das atividades das outras redes que integram o Programa de Ensino Integral (Nova Iguaçu, 2010).

A Rede de Cultura, coordenada pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SEMCTUR), está encarregada pela “qualificação de diversas instituições, grupos, manifestações e espaços culturais da cidade de Nova Iguaçu”. Destina-se a integrar os bairros com suas escolas e a estabelecer uma “Rede Cultural sustentável em cada bairro e na cidade como um todo”. A “Ação Escola Viva”<sup>14</sup> integra as atividades dos Pontos de Cultura (Pontinhos) com as escolas, com o propósito de “fortalecer o papel da cultura no processo de afirmação da diversidade que caracteriza a identidade nacional”. Suas atividades voltadas às escolas são destinadas aos

---

<sup>14</sup> “São objetivos específicos da Ação Escola Viva: fortalecer as relações socioculturais entre os produtores culturais locais, as escolas, os bairros e a cidade; promover o desenvolvimento artístico-conceitual dos grupos culturais locais através da troca de experiência, de consultoria oferecida pela Secretaria de Cultura e Turismo das parcerias, por intermédio de convênios firmados pela Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, com instituições geradoras que sejam referência no panorama cultural nacional; bem como capacitar os grupos locais para o aproveitamento das leis de incentivo dos programas ligados ao Fundo Nacional de Cultura” (Nova Iguaçu, 2010).

adolescentes do segundo segmento – faixa etária entre 12 e 18 anos (Nova Iguaçu, 2010).

A Rede de Esporte e Lazer, coordenada pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL), “tem como objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura esportiva a partir da ênfase aos seus aspectos educacionais e culturais”, observando o esporte para o “desenvolvimento integral de crianças e adolescentes como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (Nova Iguaçu, 2010).

A Rede de Meio Ambiente aplica o Programa de Educação Ambiental do Bairro-Escola, criado conforme a Política Municipal de Meio Ambiente da pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), criada em 2007. Suas atividades são viabilizadas “por intermédio da execução de projetos ambientais de pesquisa-ação-participante propostos por organizações não governamentais, instituições sem fins lucrativos, grupos informais, pessoas físicas e professores”. Suas atividades são viabilizadas pelo Fundo de Meio Ambiente e coordenadas em conjunto com a SEMCTUR. Fazem parte no Programa Escola Viva/Bairro-Escola e refere às ações educativas culturais que contemplam estudantes do segundo segmento do ensino fundamental e jovens dos programas de juventude; integram a Rede de Cultura (Nova Iguaçu, 2010).

Conforme observado, o roteiro de implantação do Bairro-Escola nos bairros manteve praticamente a mesma estrutura da sua formulação inicial, alterando apenas o necessário para se adaptar às evoluções dos programas ao longo do tempo (Nova Iguaçu, 2006):

- Escolha do bairro;
- Mapeamento dos espaços ociosos e potenciais;
- Identificação das ações potenciais locais;
- Levantamento das ações da Prefeitura no bairro;
- Identificação das deficiências nos espaços;

- Inclusão da escola na rede de parceiros;
- Abordagem dos responsáveis pelos espaços;
- Reuniões com os segmentos da sociedade (educacionais, religiosos, culturais, comerciais);
- Estudo da requalificação urbana necessária;
- Montagem da grade do horário integral;
- Estabelecimento do mapa dos caminhos educacionais;
- Pacto com o parceiro os termos do contrato;
- Fechamento do processo de comodato;
- Formação das equipes: Agentes e Educadores do Bairro-Escola;
- Requalificação dos caminhos educacionais;
- Composição do Conselho Gestor do bairro;
- Desenvolvimento do Plano de Comunicação (Nova Iguaçu, 2006).

Assim, o “novo” bairro pretendido (a cidade enfim, que é formada pelo conjunto de bairros) é um espaço educativo e “educador”, e contribui para o processo de aprendizagem das pessoas que, nela habitando, lhe “dão alma e rosto” (Nova Iguaçu, 2006, p.5). A intenção do Bairro-Escola é:

Aproximar as pessoas dos lugares, numa relação dinâmica, participativa, criativa, considerando processos pedagógicos. Isso pressupõe a compreensão e o respeito pelas diferenças ideológicas, de raça, gênero, de classe social, de modo de compreensão da vida, como também o enfrentamento coletivo dos problemas concretos que a todos afligem. E no contexto específico da educação escolar, aproximar a escola das demais redes educadoras que se configuram no espaço da cidade e na própria cidade como lócus educativo. (Nova Iguaçu, 2006, p.5)

A prefeitura pretende, com o Bairro-Escola, conquistar o comprometimento de cada um com o destino e a ocupação dos espaços da cidade. Um “movimento cultural e pedagógico” que permita a todos, na qualidade de educadores em potencial, a participação na construção de “novos olhares e fazeres” sobre o território da escola, do bairro, da cidade (Nova Iguaçu, 2006, p.6).

Informações levantadas na prefeitura indicam que o “programa se tornou modelo para todo o país, fazendo de Nova Iguaçu um roteiro para especialistas em

educação”, servindo de referência para o Programa Escola Integrada, em Belo Horizonte, e o Programa Mais Educação do governo federal, por exemplo<sup>15</sup>. Também o UNICEF “aponta o Bairro-Escola de Nova Iguaçu como referência para regiões metropolitanas” (Nova Iguaçu, 2010).

Constata-se que a pretensão dos idealizadores do Bairro-Escola em Nova Iguaçu comunga com os interesses que levam ao desenvolvimento desta pesquisa, conforme o que foi anteriormente exposto. Entretanto, para o alcance desses objetivos pretendidos, compreende-se que novos olhares sejam alcançados. Fruto de uma nova maneira de compreender e de se relacionar com o espaço no meio social em que se pretende intervir. Portanto, consideramos relevante a avaliação da capacidade envolvimento dessa política com a população dos bairros aonde foi implantada, entendendo que é a partir dessa experiência de compromisso de todos com o programa educativo do bairro, que pode possibilitar uma transformação na relação dos habitantes com o urbano. Esta, fundamental para a construção de novas práticas, “novos fazeres”, na cidade.

### **3.2 A primeira experiência em Tinguá**

Em estudo anterior (Avilez, 2007), foi levantado, junto a CGBE, como se deu o início da implantação do Bairro-Escola em Nova Iguaçu. Antes de ser lançado como o programa de políticas públicas daquela administração, uma primeira experiência foi realizada no bairro de Tinguá.

---

<sup>15</sup> O Bairro-Escola também foi contemplado pelo Prêmio Caixa Melhores Práticas em Gestão Local 2009/2010; Menção Honrosa na XVI Bienal Pan-americana de Arquitetura de Quito, Equador, em 2008, que contemplou o Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola; também contemplado com Menção Honrosa na Categoria Urbanismo na Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento do Rio de Janeiro (IAB/RJ), no mesmo ano; Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social em 2007; Prêmio Gestão Eficiente de Merenda Escolar, concedido pela organização não-governamental Ação Fome Zero, também em 2007; e, Prêmio Escola Viva, concedido em sua primeira edição, em 2007, pelo Ministério da Cultura (Nova Iguaçu, 2010).





Imagem 15 – Escola Municipal Barão de Tinguá vista da praça do bairro, 2007.  
Fonte: Acervo pessoal

Mesmo apresentando algumas dificuldades foi possível validar o formato geral das ações pela experiência realizada no bairro. Tinguá possui características urbanas bastante específicas, como: pouco movimento de veículos durante a semana; todos os parceiros estavam localizados bastante próximos entre si e da escola municipal; e, a proximidade com a Reserva Biológica de Tinguá, que já alinhara os parceiros com o tema “meio ambiente”, independente da sua articulação intencional, como a ONG Onda Verde.

Mas, algumas questões relevantes precisaram ser consideradas para a implementação do Bairro-Escola com sucesso em outros bairros. Em Nova Iguaçu há bairros com forte movimento de veículos, ônibus e caminhos inclusive, daí a garantia da segurança das crianças nos momentos de mobilidade era o tema de maior relevância, como: solucionar questões de ordenamento urbano, ambulantes e lojistas que ocupavam grandes porções das calçadas com seus produtos, a proximidade das lojas de *flipperama* e *lan houses* próximo das escolas, carros

estacionados irregularmente, além de outras questões, como manutenção das calçadas degradadas, construção das inexistentes e a falta de mobiliário e de equipamentos urbanos.

### **3.3 Miguel Couto: o “primeiro” Bairro-Escola**

Foi decidido então que a experiência seguinte deveria ser em um bairro com características diferentes de Tinguá, movimentado, com trânsito intenso, apresentando problemas de ordenamento urbano, característicos da cidade, e escolas com quantidade maior de crianças. Assim começou o Bairro-Escola Miguel Couto, já como o início oficial da política municipal.

Para preparar o bairro, a equipe da coordenação relatou que foram realizados diversos seminários nas empresas de ônibus, junto aos seus funcionários, explicando a nova dinâmica que a circulação de crianças traria ao bairro. Também foram realizadas reuniões com ambulantes, no sentido de liberação das calçadas. Muitos foram ocupar novas áreas, como o Mercado Popular do bairro, decisão tomada junto aos seus representantes e bem recebida pela maioria do grupo. As reuniões com os comerciantes do bairro não teve o mesmo resultado obtido com as empresas de ônibus e com os ambulantes, resultando na aplicação de multas e na apreensão das mercadorias de muitos lojistas. Entretanto, após o estabelecimento da nova ordem do bairro, muitos dos lojistas reconheciam os seus benefícios, conforme relato da Coordenação. Mesmo nas férias de julho daquele ano (2006), a ordem se manteve, mesmo com a diminuição do movimento das crianças por conta da interrupção das atividades de mobilidade do Programa de Educação Integral.



Imagem 16 – Mercado popular de Miguel Couto em 2007.  
Fonte: Coordenação Geral do Bairro-Escola

Foram realizadas assembleias públicas para apresentar o Bairro-Escola e discutir a respeito do que deveria ser melhorado no bairro para que funcionasse. Assuntos como a falta de espaços abertos de lazer, problemas com o trânsito, necessidade de sinalização horizontal e vertical nas vias ordenamento do fluxo de pedestres e a falta de mobiliário urbano foram algumas das demandas apresentadas. A comunidade sinalizou seu sentimento de desamparo pelo poder público e demandou que sua participação fosse mais solicitada para discutir assuntos de interesse do bairro.



Imagem 17 – Reuniões para apresentação do programa, 2006.  
Fonte: Coordenação Geral do Bairro-Escola



Também foram realizados levantamentos para se avaliar as potencialidades do bairro, encontrar parcerias e avaliar os trajetos a serem realizados pelas crianças. Nesses levantamentos foram observadas as condições de iluminação pública, asfaltamento e infraestrutura.

Observou-se que no bairro havia muitos vazios urbanos e ocupações irregulares, além de pontos críticos de acúmulo de águas pluviais nas vias devido à falta de obras de adequação urbana.



Imagem 18 – Ruas de Miguel Couto antes as intervenções do Bairro-Escola  
Fonte: Coordenação Geral do Bairro-Escola (2006)

### 3.3.1 A implantação do programa

As parcerias foram estabelecidas conforme a área definida para iniciar o Bairro-Escola. Existiam três escolas municipais no bairro na época de implantação<sup>16</sup>, a E.M. Ana Maria Ramalho, a E.M. Janir Clementino e a E.M. Ruy Afrânio Peixoto, porém, para a primeira fase de implantação das atividades foram escolhidas apenas

---

<sup>16</sup> Em 2007 foi inaugurada a Escola Municipal São Miguel Arcanjo no imóvel cedido pela Casa do Menor São Miguel Arcanjo, instituição de assistência social do bairro.

as escolas Janir Clementino e Ana Maria Ramalho, por serem próximas entre si e assim facilitar o acompanhamento de todo o processo.

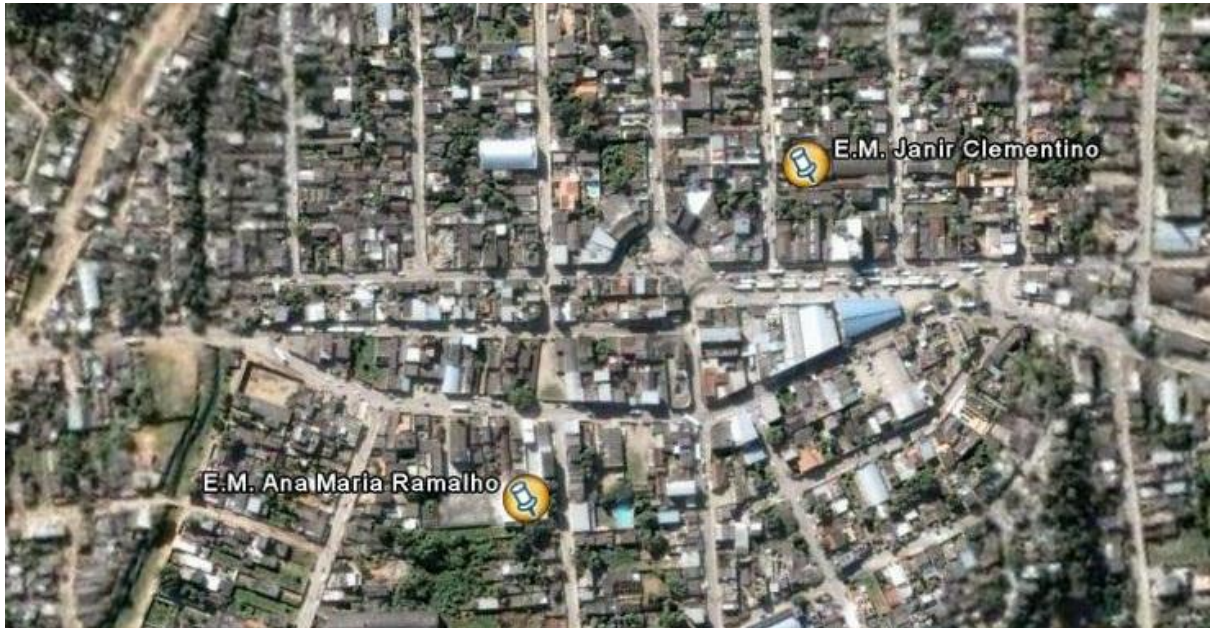


Imagem 19 – Escolas de Miguel Couto escolhidas para o Bairro-Escola em 2006  
Fonte: Google Earth

Diversas instituições aceitaram firmar parceria com o Bairro-Escola para atender a demanda de espaço das escolas. A quadra de uma praça próxima, a Praça do Destacamento de Policiamento Ostensivo (DPO), também passou a ser utilizada para atividades com as crianças.



Imagem 20 – Praça do DPO em Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal do autor

Uma das questões que precisou ser resolvida foi a adequação de alguns dos espaços cedidos para utilização das escolas. Como a proposta é dinamizar o bairro pela ocupação dos seus espaços ociosos, poucos destes apresentavam condições



de receber as crianças. Para resolver isso, a prefeitura se propôs a realizar os reparos necessários para garantir condições mínimas de funcionamento.



Imagem 21 – Ruas de Miguel Couto após as intervenções do Bairro-Escola  
Fonte: Coordenação Geral do Bairro-Escola

Foi criada também em Miguel Couto a proposta do “caminho pedagógico”, na qual as ruas que conduziriam as crianças pelo caminho entre as escolas e os parceiros receberiam um tratamento especial.

Assim, foram configurados novos espaços de circulação, recuperando as calçadas, pintando novas faixas de travessia e colocados redutores de velocidade nas ruas que eram cruzadas por estes caminhos, foram colocadas novas sinalizações orientativas, tanto para motoristas quanto para pedestres, desobstruídas as calçadas, de entulhos, material de obra, lixo e de ambulantes. E, os muros dos caminhos receberam uma intervenção especial pelo Projeto de Arte Pública, que tinha por objetivo fazer do caminho um espaço mais lúdico, interessante, alegre e convidativo para as crianças, além de pretender envolver artistas locais e da baixada nas atividades artísticas, incluindo, também, as pessoas que moradoras dessas ruas no novo cotidiano que a implantação do programa criava (Avilez, 2007).

Em junho de 2007, uma grande cerimônia marcou o aniversário do Bairro-Escola em Miguel Couto. Diversas autoridades locais, estaduais e federais estiveram presentes, a prefeitura e a CGBE recuperaram as ruas dos caminhos para reconquistar a

comunidade. Foi observado neste período, que se devia encontrar uma melhor forma de lidar com a intensificação da circulação de crianças nas ruas; e, a articulação com as instituições, que se mostrou frágil. Porém, a CGBE diagnosticou que o Bairro-Escola possibilitava a construção de *redes locais* e, quanto maior o número de pessoas do bairro envolvidas com o processo, melhor seria para sua consolidação.

Após um ano, 20 bairros e 31 escolas da rede de ensino estavam incluídas no Bairro-Escola. Assim, bairro a bairro, todas as pessoas envolvidas no processo foram amadurecendo a cada um novo desafio, a cada nova solução encontrada para problema recorrente.

## **Capítulo 4 | A pesquisa**

O princípio considerado neste trabalho é que podemos – e queremos – viver juntos da melhor maneira possível, conforme nossas diferenças, no mesmo espaço e tempo. Entendemos que para isso é necessário procurar maneiras adequadas de estabelecer os acordos sobre como agir no mundo para atingir nossas aspirações individuais e coletivas de acordo com os nossos interesses e aspirações, segundo nossas crenças e idiossincrasias, e conforme a capacidade do próximo de se realizar nas mesmas condições. Para isso a pesquisa busca contribuir para o campo do urbanismo, especificamente na área de planejamento de políticas públicas.

Consideramos a possibilidade de elaboração de planos e projetos que sejam suficientemente estruturados, para permitir sua aplicação em escala – atendendo a escala metropolitana quando necessário –, que sejam suficientemente flexíveis, a ponto de atender aos interesses locais segundo suas especificidades, com o sentido de estabelecer um novo sentido de urbanidade para seus habitantes, baseado em valores sociais mais compromissados na busca do bem estar de todos.

Lefebvre (1991[1968], p.1) chama atenção para as limitações do pensamento condicionado a sistemas e, para o desconhecimento das questões relativas à cidade e à realidade urbana nos debates à luz do urbanismo. Conforme apresentado, o autor ressalta a importância de se conscientizar politicamente sobre essas questões e o seu significado tanto no pensamento – teoria – quanto na prática, nos programas políticos.

Sua crítica aborda tanto a prática do que ele chama de "filosofia da cidade", especulações sobre uma cidade ideal disfarçadas de ciência, quanto de um "urbanismo ideológico", que justifica suas aplicações na cidade pela "redução-extrapolação" dos conhecimentos parciais a uma totalidade. (Lefebvre, 1991[1968],



p. 42). Edgar Morin (1995) acrescenta argumentos elucidativos a respeito das análises parciais:

A especialização abs-trai, ou seja, extrai um objeto de um campo dado, rejeita suas ligações e intercomunicações com o seu meio, o insere num setor conceitual abstrato que é o da disciplina compartimentada, cujas fronteiras rompem arbitrariamente a sistemicidade e a multidimensionalidade dos fenômenos (Morin 1995, p.159)

No entanto, Morin (1995) não descarta a abstração no processo de construção de conhecimento, mas que seja por referência ao contexto, mobilizando o que se conhece do mundo, pois só assim que a compreensão de dados particulares se torna pertinente (Morin 1995, p.160). A abstração conduz à abstração matemática, operando “automaticamente uma cisão do concreto”, que ignora o “contexto necessário à inteligibilidade” dos objetos, assim, para o autor, a economia seria a “ciência social matematicamente mais avançada” e “humanamente mais atrasada”, e daí o motivo pelo qual seus especialistas serem cada vez mais incapazes de interpretar as causas e consequências dos processos de financeirização.

Retomando a reflexão de Lefebvre, o autor defende então que a superação do problema especulativo e das análises parciais se dá reunindo todos os dados da experiência e do conhecimento pela prática do urbanismo. Observamos uma grande aproximação das recomendações de Lefebvre com o que nos orienta Boaventura Santos a respeito do trabalho científico como um todo. E, assim procuramos compreender melhor e colocar em prática essas orientações.

No caso específico desta pesquisa, buscamos avaliar a efetividade das ações de uma política integrada a partir da experiência do habitante no âmbito do seu próprio espaço urbano, conforme sua objetiva apropriação das ações implementadas, assim como nos interessamos em saber como esta influenciou na sua relação com o bairro e por que. Para nós, esta possibilidade de abordagem da pesquisa no campo do

urbanismo oferece possibilidades de novas descobertas no que diz respeito ao planejamento de políticas participativas e de ampliação do debate sobre a vida urbana em esfera pública.

#### **4.1 O Bairro-Escola e o urbano**

Pela reflexão de Ana Fani Carlos (2001) anteriormente citada, é possível observar a relevância de estudar o Bairro-Escola em Nova Iguaçu como ação governamental que visa responder às necessidades da cidade considerando seus espaços, a sua dinâmica e a sua diversidade. Observamos que a prefeitura procurou atingir tanto a escala da cidade, maior, a partir do PEU-BE – o que também ajuda a criar uma imagem que simboliza este novo processo –, quanto na escala do urbano, mais próxima das pessoas, operando novos “planos de realidade” pela criação de novos “modos de apropriação” do espaço.

Esta constatação nos permite arriscar a hipótese que, uma vez aplicado conforme suas diretrizes, o Bairro-Escola, ao longo do tempo, pode contribuir fortemente para grandes mudanças em Nova Iguaçu, pelo reflexo dessas novas relações que podem se estabelecer no dia-a-dia dos bairros, somadas às intervenções e melhorias planejadas pelo governo.

Interferir na dinâmica da cidade a ponto de mudar velhos hábitos e criar outros novos é uma ambição antiga da prática urbanística, mas o atual paradigma filosófico demanda, cada vez mais, entender as relações da sociedade com a cidade de maneira empírica. Como alerta Ana Fani Carlos, o desafio à análise do mundo moderno está na interpretação da cidade na multiplicidade de formas e dos seus conteúdos, dentro da sua dinâmica histórica (Carlos, 2001, p.50). Não é por coincidência o emprego desta visão, pois seus estudos estão baseados em Lefebvre que já atribuía ao Urbanismo este desafio.

Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1988) já alertava para a distância entre o plano e a prática urbanística nas cidades brasileiras desde os primeiros períodos coloniais, quando “as boas intenções abstratas” trazidas “para agradar a *el-rey*” tencionavam com o “salve-se quem puder das práticas possíveis”. Nossas cidades são o retrato das contradições do seu uso funcional “como impulsionadoras do desenvolvimento”, que fora traçado para superar “um passado que não nos orgulha”, em direção a um futuro grandioso, para o qual “fomos predestinados”, ironiza o autor. Isso, “sem se importar muito com os efeitos não desejados que causa. [...] É assim que vão se armar quase cem anos de conveniências rumo ao ‘progresso’” (Santos C., 1988, p.40). Carlos Nelson fala de um hiato formado no “mundo urbano brasileiro”, reformulado, deixando de ser o que era, “mas nunca chegou a ser o que se queria que fosse” (Op. Cit. p. 41).

Como se mantém sempre vivas aquelas escaramuças entre as abstrações idealizadas e as práticas de vale-tudo, é preciso conviver com muita coisa fora dos trilhos. Escritas certas nos lugares errados, erros tipográficos como as favelas. Ou escritas anacrônicas para as novas edições de luxo, como o comércio pobre ou cabeças-de-porco em avenidas abertas para outros fins. Ou escritas pouco elegantes que tem de ser afastadas dos olhos requintados, como subúrbios distantes, cidades-dormitório, loteamentos de periferia, centros pioneiros permitidos nas localidades mais desagradáveis, onde gente ‘civilizada’ jamais poria os pés (Santos C., 1988, p.40).

Os problemas estavam nos modelos idealizados, que apenas se concretizavam “no papel ou na data de inauguração”, mas não resistiam aos “paradoxos e contradições que tinham de conciliar”. Assim como Lefebvre, Carlos Nelson dividiu o dilema da prática urbanística em dois extremos, o das *análises* idealistas dos *experts*, “que não querem ou não conseguem interferir nas práticas urbanas cotidianas”, e o das *sínteses* positivistas dos urbanistas, “impostas como corpos estranhos à vida real das cidades que não alcançam decompor em seus elementos e mecanismos fundamentais”, em ambos os casos há a tendência a “posições totalizantes, definitivas”, que são sobrepujadas pelo meio urbano real, cujas formações

socioespaciais escapam as generalizações e os simplismos com que é tratado (Op. Cit. p. 40-41).

O que arquitetos, urbanistas e *experts* em cidades teimam em separar é juntado pela cultura do dia-a-dia, pelo senso comum da população.

[...]

O podem fazer, afinal, os arquitetos e os urbanistas que, com as melhores intenções, tentam levar à prática, teorias? E os pensadores que, por definição, tem o direito de praticar teorizando? As respostas são simples: tem de romper as separações absolutas entre síntese e análise, se o objetivo é uma atuação refletida e consciente sobre cidades. No seu trabalho terão de entender que cuidam de conjunturas, expressas através de uma síntese das mais elaboradas que comunica e ensina, com sua linguagem direta, muito mais do que um milhão de discursos eruditos.

[...]

Quem pensa ou quem atua terá de perceber que lida com representações, descrições que tem tanto valor quanto muitas outras de natureza distinta, neste tipo especial de sistema de símbolos chamado ciência. Aprenderá então, com humildade, as muitas lições que lhe podem oferecer campos tão inusitados como o religioso, o familiar, o dos comportamentos etários, o do trabalho, o do lazer, o da política etc. Verá que há muitas fontes de conhecimento e percepção das relações sociais. Se conseguir fazê-lo, usará o privilégio da análise sistematizada como um instrumento de ida-e-vinda entre a lógica limitada e, por conseguinte, ilusoriamente clara, e as lógicas aparentemente absurdas das sínteses finais urbanas. (Santos C., 1988, p.41-42).

Assim, Carlos Nelson sustenta que a abordagem da temática urbana só vale a pena num amplo processo de “politização e democratização do conhecimento e de suas aplicações objetivas” (Op. Cit. p. 46).

## 4.2 Metodologia

Em Ciências Sociais uma pesquisa poderá ter fins exploratórios, descritivos ou explanatórios (causais). Assim, as pesquisas podem ser experimentais, *survey* (levantamento), histórica, documental (análise de informações de arquivos) e estudo de caso. Os estudos de caso são frequentemente mais usados para fins exploratórios e descritivos, segundo Yin (2001). A estratégia depende do tipo de questão da pesquisa, do grau de controle que o investigador tem sobre os eventos,

ou do foco temporal – eventos contemporâneos ou fenômenos históricos. Os estudos de caso são preferidos para responder “questões do tipo ‘como’ e ‘porque’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (Yin 2001, p.19). Yin afirma que as situações de aplicação dessa estratégia incluem:

política, ciência política e pesquisa em administração pública; sociologia e psicologia comunitária; estudos organizacionais e gerenciais; pesquisa de planejamento regional e municipal, como estudos de plantas, bairros ou instituições públicas; supervisão de dissertações e teses nas ciências sociais – disciplinas acadêmicas e áreas profissionais como administração empresarial, ciência administrativa e trabalho social (Yin 2001, p.19).

*Um estudo de caso é uma estratégia de pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes e múltiplas fontes de evidências são utilizadas* (Op. Cit. p.32). Pode ser utilizado para propósitos exploratórios, descritivos ou explanatórios (Op. Cit. p. 23).

Yin usa as palavras de Schramm (1971) para esclarecer a essência do estudo de caso ou sua tendência central: “esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como elas foram implementadas e com quais os resultados” (Op. Cit. p.31).

Desde a elaboração do projeto de pesquisa, uma preocupação foi como se daria a abordagem junto aos moradores dos bairros. Seria de forma aleatória com as pessoas nas ruas? Bateria nas portas das casas? Mas, quem seriam essas pessoas encontradas? Para que a avaliação tivesse representatividade no bairro, seria necessário calcular um percentual mínimo de pessoas para abordar. Isso levaria a um contingente de pessoas que inviabilizaria trabalhar com pesquisas qualitativas aprofundadas devido o tempo necessário para seu desenvolvimento e a posterior

análise, e o tempo que é disponibilizado para elaboração desta pesquisa de mestrado.

Optou-se por acessar as pessoas do bairro a partir das escolas, por esta configurar uma territorialidade própria, reunindo pais, professores, parceiros e voluntários. Além disso, considerou-se relevante ter um panorama geral de como a escola recebeu o Bairro-Escola e de que forma se organizou para implantar seus programas e na relação com sua área de abrangência do bairro, além de saber como o programa está no momento da pesquisa. Pois, todos os programas, assim como as intervenções feitas no bairro, tem a escola como centro integrador e articulador e seus alunos como principais beneficiados.

Para se obter esse panorama geral consideramos necessário entrar em contato com a equipe das escolas. Entrevistar o pessoal envolvido com a direção e coordenação nos possibilitou ter uma visão estratégica da escola como um todo. Também foram entrevistados os professores, que necessariamente não se envolveram, desde o início, diretamente nas atividades do Bairro-Escola dentro da escola. Estes ofereceram uma avaliação qualitativa do Bairro-Escola nas escolas, assim como foi possível verificar se houve diferença perceptível, entre os alunos e seus respectivos pais que participam ou participaram do Bairro-Escola, e, os que não participaram, já que o programa foi, durante os primeiros anos, opcional para as crianças matriculadas. Consideramos que entrevistas semiestruturadas, com poucas perguntas abertas possibilitariam um melhor desenvolvimento dos entrevistados.

O dado que observamos em campo, é que a nomenclatura do Bairro-Escola, por vezes, se confunde a do seu eixo educacional dentro das escolas, o Programa de Ensino Integral, também conhecido como Horário Integral nas escolas, a partir do

qual procuramos identificar um dos aspectos que influenciavam na imagem do Bairro-Escola no bairro.

Assim, indagamos à direção e à coordenação a respeito da implantação do Horário Integral na escola e o seu desenvolvimento, e também questionamos sobre as condições do programa na atualidade e também pedimos por uma avaliação da experiência da escola no programa. Aos professores, as perguntas se repetiram, porém as entrevistas foram direcionadas para entender como foi, e como é na atualidade, a relação deles com o programa. Por fim, foi perguntado se eles perceberam mudanças nas crianças que participaram do Horário Integral.

Aos moradores dos bairros que foram entrevistados, questionamos a respeito da sua relação com o bairro, os percursos mais utilizados, e os lugares que mais frequenta ou que gosta, e os lugares que evitam ou que não gostam. Em seguida, a entrevista passa para uma segunda etapa, onde perguntamos se os moradores se lembram de obras e melhorias realizadas no bairro pela prefeitura no período de implantação do Bairro-Escola, e se estas foram importantes para o bairro. Por último, questionamos se o Bairro-Escola mudou a rotina da vizinhança.

Ao dimensionar o tempo para o desenvolvimento do trabalho de campo e de entrevistas, consideramos que todo o processo de pesquisa de campo, entrevistas e compilação dos dados se demonstrou extenso demais, para que o estudo de caso fosse aplicado em vários bairros, considerando o número de escolas por bairro e, o tempo necessário para elaboração das entrevistas, compilação e análise dos dados.

Assim, para a realização do estudo foram escolhidas seis escolas municipais, situadas em três bairros. Três escolas foram escolhidas em Miguel Couto, o primeiro bairro de implantação do Bairro-Escola, duas em Rancho Novo, cuja reforma da Praça Imperatriz causou uma mudança significativa tanto no bairro, como em seus

arredores, e uma escola foi escolhida em Vila Operária, por ter apresentado nas entrevistas uma relação diferenciada com o bairro, em relação com as outras escolas visitadas.

Foram utilizadas reuniões com os diferentes grupos para minimizar o tempo de entrevistas e as divergências entre opiniões particulares nas equipes escolares, assim também foi possível reunir um maior número de pessoas para contribuir com a pesquisa, aproximando o resultado do que se procurava entender, a relação da escola com o Bairro-Escola, mais da imagem do que se pode chamar de um “senso-comum” de cada grupo. Assim, três reuniões por escola foram suficientes para se desenhar a imagem geral do Bairro-Escola para a coordenação da escola e os professores. A partir daí que se procuramos fazer contato com moradores do bairro, convidando-os para conversar sobre o bairro, e contribuir com a pesquisa em desenvolvimento.

Ao todo foram entrevistadas 59 pessoas. Destas, 34 compõem as equipes das escolas visitadas, envolvendo equipe da direção, coordenação, professores, estagiários e cozinheiros. Nos bairros escolhidos, foram entrevistadas 27 pessoas ao todo, sem contar as pessoas abordadas informalmente, nas visitas de campo. Também foram entrevistadas quatro pessoas que participaram da CGBE entre 2006 e 2009, e, uma coordenadora regional de Nova Iguaçu do sindicato dos professores, e o secretário adjunto de educação de Nova Iguaçu.

### **4.3 O Horário Integral nas escolas**

De uma maneira geral, constatou-se que as experiências com o Horário Integral nas escolas municipais visitadas tiveram resultados similares, segundo relatos dos entrevistados. Observou-se que a implantação do programa, uma vez iniciada, se



dava de forma intensiva, tanto nas escolas quanto nas obras de adequação das ruas, que aconteciam poucas semanas antes da implantação.

Nas entrevistas, foi constatado que o planejamento das atividades não foi realizado com as equipes das escolas. Apenas as pessoas destacadas das suas funções habituais para assumir cargos de coordenação e de acompanhamento do Horário Integral tiveram conhecimento da sua metodologia, assim como, os estagiários, universitários e *normalistas*, incluídos na equipe escolar para executar as atividades extracurriculares com as crianças. Havia também a equipe da prefeitura, que acompanhava periodicamente o processo e dava assistência quando necessário. Para os outros integrantes das escolas, o programa era geralmente anunciado em uma reunião com a participação da equipe de implantação do Bairro-Escola no bairro. Na maior parte dos casos relatados, a adaptação à nova rotina se dava conforme o cotidiano de trabalho permitia. Assim descreve uma das entrevistadas:

Eles jogaram o Bairro-Escola aqui [...], era fazer acontecer, mas trabalhando. Sem fazer um planejamento prévio nosso. A escola não tinha um planejamento prévio para implantar o programa. Aí, tinha problema, porque faltava espaço [...], a gente [ainda] não trabalhava com parceria. [...] [Depois] A gente já tinha parceiros, mas para o horário intermediário, não. [...] Foi muito difícil. (Professora, Escola2, 2010).

Em outra escola se observa o mesmo tipo de experiência, conforme o relato abaixo:

Foi de súbito. Quando a gente percebeu a 'coisa' já estava acontecendo. E, a escola era um ponto, um foco. A gente recebeu [...] um livreto, né? Explicando, mais ou menos, como era. Mas a 'coisa' foi tão rápida que a gente viu a escola como um ponto de passagem de muita gente. Um fluxo, um corredor de gente o tempo todo, de comida... Uma loucura (Professora1, Escola2, 2010).

Uma coisa que fiquei impressionada foi a sobrecarga para o pessoal da cozinha e o da limpeza. Era trabalho demais o dia todo! (Professora2, Escola2, 2010).

Conflitos neste período foram uma constante, desde os que envolviam a própria equipe do Horário Integral que ainda não tinha experiência para lidar com as atividades que estavam sendo desenvolvidas, até os conflitos que envolviam as

parcerias e as outras pessoas da escola que não tinham relação direta com as atividades do programa, como os professores do turno regular, que acabaram sendo rotulados de “resistentes”. Um dos conflitos mencionados pelos professores foi a impossibilidade destes de usar os espaços da escola para suas atividades do ensino regular porque todos os espaços da escola estavam sendo usados pelo Horário-Integral. Segundo a opinião de uma das professoras entrevistadas:

Para os professores não foi uma ideia bacana. Porque, todo o espaço que tinha na escola o Bairro-Escola usava. [...] Para o professor é muito angustiante ficar quatro horas na sala de aula. Quando tem algo extraclasse pra fazer, é bom para o professor e bom para o crescimento do aluno (Professora3, Escola3, 2010).

Mesmo na relação da escola com as crianças houve conflito, pois como no início o Horário Integral era opcional, as crianças dos diferentes grupos, inscritos e não inscritos, tinham tratamento diferenciado, tanto nas atividades disponibilizadas, quanto na merenda. Os benefícios eram apenas para os inscritos no Horário Integral. Apenas com o tempo que as escolas conseguiam absorver o programa em suas rotinas, cada uma ao seu jeito.

E, sem essa preparação, a aceitação fica difícil. Quando não há preparação, não existe a sensibilização. Então, neste momento, a escola acabou ficando dividida entre os alunos do Integral e os alunos do “regular”.

Só aos poucos e com o tempo que conseguimos por meio de reuniões, demonstrar que não se tratava de uma escola dividida, que todo mundo ali estava trabalhando e passando pelos mesmos problemas, que era uma escola em horário integral, e que todos faziam parte daquela escola (Coordenadora, Escola2, 2010).

Também não foram feitas, de imediato, obras para preparar as escolas para as novas demandas do programa. Em muitos casos, o espaço físico das escolas era inadequado para o bom funcionamento do programa e as dificuldades apareciam no cotidiano. Os professores questionaram muito a precariedade do programa. A “falta de estrutura” foi a maior reclamação, assim como a falta de lugares para as atividades.

[Na escola] não tinha chuveiro, que demorou a ser colocado. Material para banho, toalhas, essa parte higiênica. Capas de chuva. Onde colocar mochila... (Professora1, Escola1, 2010)

Eu acho que a escola não tem estrutura para ter o Bairro-Escola, como boa parte das escolas. A questão de banho é uma questão muito complicada, um chuveiro para dezenas de crianças tomarem banho? Tem dia que chove, não pode ter Bairro-Escola. Ou se a criança está aqui, tem que ir no chuveiro, ou tem que improvisar algum lugar na escola para que eles fiquem. Uma coisa é ter um lugar para eles ficarem, outra coisa é eles ficarem no corredor... Botar uma mesinha, uma cadeira, que é o que eles fazem para conseguir alcançar o objetivo. É um lugar que as pessoas passam, e passam falando alto. É um local público! Querem ir ao banheiro? As crianças passam por ali... Uma implica com a outra... Então, é complicado para o estagiário trabalhar. Há uma dispersão do objetivo que é proposto. É desgastante para o estagiário e às vezes pra gente também, porque o aluno vê o que está sendo feito e quer fazer também... (Professora2, Escola1, 2010)

As parcerias com as instituições locais se dava por intermédio de uma equipe destacada pela prefeitura para essa função. No momento de iniciar as atividades, as turmas do Horário Integral eram formadas conforme a capacidade desses espaços as absorverem.

Uma equipe da Postura Municipal, que fiscalizava o ordenamento urbano nos bairros, era responsável por garantir a desobstrução das calçadas e, agentes Guarda Municipal de Trânsito foram posicionados em pontos estratégicos para garantir a segurança das turmas que circulavam pelas ruas mais movimentadas dos bairros.

Cabiam aos estagiários universitários e *normalistas* a condução das turmas de crianças pelos caminhos destacados para chegar aos espaços parceiros, assim como pelo desenvolvimento das atividades complementares.

A relação da escola com os pais dos alunos inscritos no Horário Integral não mudou muito do que professores e coordenação consideram como habitual. Os pais que sempre foram presentes no acompanhamento dos filhos na escola mantiveram sua frequência. Os outros pais que se interessaram em matricular seus filhos no

programa, se limitavam apenas levar e buscar seus filhos nas escolas. Mesmo em alguns conselhos escolares, a assiduidade dos conselheiros é reduzida.

Em entrevistas com algumas mães observamos o pouco conhecimento a respeito do Horário Integral, algumas disseram que matricularam seus filhos no programa apenas para tirá-los um pouco de dentro de casa, ou para tirá-los da rua. Outras mães justificavam a matrícula pelo fato de trabalharem fora e viam no programa uma forma de ocupá-los, ou como alternativa a deixá-los com familiares e vizinhos.

Todas as mães entrevistadas afirmaram ter gostado da experiência que os filhos tiveram no Horário Integral, algumas relatam até que os filhos passaram a perder o medo de andar pelo bairro depois de participarem do programa. Em um dos relatos, a mãe foi precisa em comentar sobre a melhora que ela observou na capacidade de escrever dos filhos.

Porque era uma coisa boa para eles e para mim, porque eles num ficam jogados na rua. Eu trabalho e não tenho condições de olhar eles. [...] Antes do Bairro-Escola eles se perdiam na rua, agora eles não se perdem mais. Eles vão à padaria. Vão comprar pipa, doce, brinquedo. Vem na pracinha brincar. Antes eles não faziam isso. “Não, não vou não, não vou não, eu vou me perder”. Agora eles já sabem ir e voltar pra casa (Moradora1, Rancho Novo, 2010).

Porém, algumas mães consideraram melhor tirar seus filhos do programa, e outras atenderam ao pedido dos filhos de sair do Horário Integral, devido ao desgaste que as novas atividades causavam.

Um dos impactos do programa no bairro tem a ver com a quantidade de pessoas que passaram a se envolver a partir das parcerias e dos trabalhos voluntários. As pessoas que se envolveram com o Horário Integral nestas condições, no geral, já eram próximas às escolas e observavam as demandas enfrentadas no dia-a-dia pela equipe responsável pelo funcionamento do programa. Muitas das pessoas contratadas como estagiários nas escolas eram moradoras dos bairros ou são de alguma localidade de Nova Iguaçu. Uma mãe voluntária em seu relato afirmou que

passou a dedicar parte do seu tempo ocioso para estar com as crianças nas escolas, ela declarou o gosto que tem de conviver com crianças, principalmente as menores, que demandam mais afeto. A posterior ajuda de custo, foi um grande incentivo para a continuidade do trabalho destas mães.

Os guardas municipais também se destacaram nos bairros. Muitos dos moradores elogiaram a presença deles no bairro, assim como pelas equipes das escolas. A saída deles das suas funções próximo às escolas foi muito criticada por todos.

Durante as entrevistas dos professores, foram registrados vários relatos afirmando que os alunos que participam no Horário Integral ficam mais integrados com a escola, ficam mais “populares”. Essas crianças passam a ter uma relação mais entrosada com as pessoas de seu convívio escolar, professores, coordenação, e, ficam mais envolvidos com as atividades promovidas, além de se sentirem mais acolhidos pela escola. Porém, os professores não perceberam mudanças significativas no rendimento escolar dos alunos inscritos no Horário Integral, apenas em alguns casos isolados. No entanto, eles reconheceram que as novas vivências proporcionadas a esses alunos proporcionam um novo tipo de aprendizado. Em uma das escolas, o relato da mudança na relação das crianças com a escola praticamente remontou na prática um dos principais almejos dos idealizadores do programa:

Também foi assim com as crianças, elas também precisaram se adaptar ao Bairro-Escola. Elas não tinham um relacionamento com a escola. Antes era apenas aquele horário de aula e depois ir para casa. Hoje em dia, eles têm um relacionamento que a escola é a casa deles. [...] Hoje em dia, eles estão brincando na rua e, quando dá sede, eles batem no portão, pedem para beber água, bebem água, e saem. Então, eles começaram a tomar a consciência que a escola é algo público, que podem usufruir disso no horário que precisam e, enquanto a escola estiver aberta, ela estará disposta a receber esses alunos. É claro que precisamos ter regras, não pode virar bagunça, mas eles entenderam isso (Professora2, Escola1, 2010).

A falta de recursos para o programa fez com que suas atividades se reduzissem drasticamente nas escolas, assim como reduziu o número de alunos inscritos, a partir da metade de 2008. Os agentes de trânsito foram tirados dos seus postos, o número de estagiários diminuiu. Outro problema foi a desistência dos parceiros das escolas em cederem seus espaços. Sem eles, a maioria das atividades passou a ser realizadas dentro das próprias instalações escolares e, apenas as escolas que possuíam uma praça próxima continuaram a utilizá-las. No entanto, o programa não foi completamente interrompido. Em 2009, foi possível garantir a continuidade parcial do Horário Integral, que, nesta época, já estava sendo universalizado em toda rede municipal, com auxílio dos recursos do Mais-Educação<sup>17</sup>.

A falta de manutenção e a demora na resposta da prefeitura para problemas de desgaste das estruturas e equipamentos escolares também foi relatado como um problema para continuidade do programa, em alguns casos observados. Entretanto, apesar da precariedade, equipes de manutenção da prefeitura eram destacadas para resolver os casos mais graves.

Mas, a SEMED está ciente da importância do Bairro-Escola, e quando há alguma ameaça à continuidade eles dão “um jeitinho” e a gente vai “levando”, cada vez com uma dificuldade diferente, mas agora a gente conta com o apoio de todo muito. Antes, nas reuniões, não havia essa integração, tinham as reuniões da escola e as reuniões do Bairro-Escola, tudo isso foi mudando, até que hoje temos reuniões únicas com a presença de todos, professores, direção, estagiários, coordenadores... (Professora2, Escola1, 2010).

---

<sup>17</sup> O Programa Mais Educação foi criado em 2007, de iniciativa do Ministério da Educação, e garante recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para as escolas, por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Seu objetivo é melhorar o ambiente escolar a partir de atividades optativas nas áreas de acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica, desenvolvidas com base nos estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, sigla em inglês). Um dos destaques dos estudos foi o uso do Índice de Efeito Escola (IEE), de impacto possível da escola na vida e no aprendizado do estudante, obtido pelo cruzamento de informações socioeconômicas do município em que a escola está localizada. Por isso, o programa foi aplicado prioritariamente nas escolas que apresentaram baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), nas capitais e regiões metropolitanas. Suas atividades tiveram início em 2008.

Em quase a totalidade das entrevistas nas escolas foi afirmado que o Horário Integral é um bom programa. Visto como necessário para enriquecer a formação das crianças e, as atividades das próprias escolas, o Horário Integral, apresenta a cada dia algo de novo para as crianças, ampliando seus horizontes, segundo o relato das equipes escolares. Porém, foi ressaltado que, desde o início, deveria ter tido maior participação de toda a equipe da escola nas atividades, já a partir do planejamento. Da mesma forma, ratificaram que há a necessidade de adequação da infraestrutura das escolas, pois foi observado no dia-a-dia que a falta de vestiários, a intermitência do abastecimento de água, e em alguns casos a falta de salas extras dificultaram o funcionamento do Horário Integral, comprometendo com a continuidade das atividades, e assim também comprometendo com a credibilidade do programa como um todo para com os pais das crianças matriculadas.

A imagem dos CIEP foi evocada em algumas entrevistas para ilustrar o que seria uma escola com estrutura para a aplicação de um programa como o Horário Integral. Mas, isso também pode ser um indício da falta de conhecimento dos princípios do Bairro-Escola, ou simplesmente como indício da discordância com esses princípios.

Uma exceção foi encontrada em uma escola em Rancho Novo que só iniciou o programa no final de 2007. A diretora afirmou que trabalhou muito no sentido de conseguir levar o Horário Integral para a escola. Mesmo assim, foram relatadas dificuldades na implantação, que, neste caso, foram encaradas como dificuldades normais de adaptação à nova realidade, já que a escola já tinha ciência de todo o processo.

Alguns dos professores dessa escola já conheciam ou acompanhavam o funcionamento do Horário Integral em outras unidades, então, desde o início houve uma grande expectativa pelo sucesso do programa na escola. A necessidade de

uma estrutura ideal para o programa não se tornou o principal parâmetro de avaliação, e sim os benefícios que as atividades traziam para as crianças. Neste caso, o lema aplicado pela CGBE de "trabalhar com a precariedade e com as potencialidades do bairro" foi desde o início aplicado.

Observamos que as pessoas que puderam se envolver no processo tem uma postura muito positiva em relação ao Horário Integral e ao Bairro-Escola como um todo e, apesar de ressaltarem que há problemas a serem trabalhados, o defendem como importantes para o desenvolvimento das crianças, e para a melhoria do bairro. As pessoas que não puderam se envolver diretamente com o programa, no geral, apontam todas as dificuldades enfrentadas como problemas do Bairro-Escola, e veem todo tipo de falta de recurso como impedimento para o seu funcionamento.

#### **4.4 A imagem dos bairros**

Ao tratar da importância do desenho das cidades, Lynch (1981) sugere um método para lidar com a forma visual em escala urbana. O autor define o conceito de *imageabilidade* direcionado aos "atributos de identidade e estrutura mental" dos espaços da cidade. Para o autor, é possível reforçar a imagem da cidade através de artifícios simbólicos e do reaprendizado de quem a percebe, como pela reformulação do seu entorno.

No entanto, Lynch abstrai do estudo influências do significado social, da função, da história e até mesmo do nome de uma área sobre a *imageabilidade* da cidade em função de analisar o papel da forma em si, e a sua capacidade de reforçar o significado pelo desenho. Conforme nossas considerações anteriores, não estamos completamente de acordo com esse dado, apesar de termos a consciência da importância do trabalho de Lynch para os estudos urbanos.



Por isso mesmo utilizamos parte de seu ferramental de análise proposto para executar a primeira etapa de nossa pesquisa. Observamos os objetos físicos perceptíveis dos bairros escolhidos em cinco tipos de elementos, conforme nos orienta o autor:

- vias – canais de circulação;
- limites – elementos lineares que quebram a continuidade, barreiras, costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram;
- pontos nodais – lugares referenciais na cidade, pelo uso ou pela capacidade de concentrar pessoas, e;
- marcos – referência visual;
- bairros – regiões médias ou grandes dotadas de identidade (aqui serão avaliados os limites percebidos do bairro).

O processo de trabalho envolveu visitas a campo, para análise e registro dos elementos formais conforme o método, e, entrevistas com habitantes e grupos locais, encontrados ao longo dos percursos executados.

#### 4.4.1 Rancho Novo



Imagem 22 – Localização do bairro Rancho Novo em Nova Iguaçu.  
Fonte: Nova Iguaçu / Google Earth

Rancho Novo é um bairro da URG I – Centro, vizinho do centro de Nova Iguaçu e também dos bairros Moquetá, Jardim Esplanada, Jardim da Viga, Vila Operária, Engenho Pequeno e Jardim Tropical. A área do bairro é de aproximadamente 833m<sup>2</sup> e possui população de 6.962 habitantes, distribuídos em 3.688 domicílios, segundo dados da prefeitura (2006).

É margeado pela rodovia Presidente Dutra que o limita e separa do Centro. As possibilidades de travessia da rodovia são: o viaduto, no bairro Jardim Esplanada, e o túnel, na Avenida Nilo Peçanha, que possibilita o acesso ao Centro em poucos paços.



Imagem 23 – Rodovia Presidente Dutra e túnel vistos pela Av. Nilo Peçanha em direção ao Centro.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

O bairro é predominantemente residencial, porém possui uma atividade comercial considerável, com presença de oficinas, escolas particulares, serralherias, mercearias, lanchonetes e bares, muitos destes informais, com maior concentração em seu centro urbano, que costuma ser movimentado. No centro estão o mercado, farmácias, a casa lotérica e o posto dos Correios, além de uma variedade de prestadores de serviços. Além desses, o bairro ainda conta com três escolas municipais e um posto de saúde.



Imagem 24 – Vistas do centro de Rancho Novo.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

As ruas apresentam boas condições de urbanização, todas são asfaltadas, porém, nem todas gozam de boas condições de iluminação pública. Os domicílios possuem acesso à água, esgoto e a serviços de saneamento. Não há fornecimento de gás canalizado. No geral, os ônibus circulares passam com pouca frequência no bairro, e os moradores fazem muitos dos percursos à pé, mesmo em distâncias percorridas em períodos entre 15 a 25 minutos de caminhada. “Porque vale mais a pena do que esperar pelo ônibus”, segundo palavras de um dos entrevistados. Apesar dessa condição, o passeio das calçadas não é regular em todas as ruas, sendo muitas destas obstruídas por causa da sua condição degradada, por entulhos, restos de material de obras, ou simplesmente pelo desnível elevado entre calçadas vizinhas. Assim, em algumas ruas, os pedestres e ciclistas disputam espaço nas ruas com carros e ônibus, correndo o risco de atropelamento, mesmo nas ruas internas, pelo fato destas serem bem largas e gozarem de uma boa condição de asfaltamento. Lombadas, em alguns casos, são utilizadas para diminuir a velocidade de tráfego. O padrão construtivo é basicamente residencial unifamiliar térreo, porém a paisagem das ruas é marcada pelas construções com gabarito até três pavimentos, no máximo, e, não há muito respeito aos recuos mínimos das divisas dos lotes. Há também pequenos prédios comerciais e residências multifamiliares – mais próximos do centro –, além de alguns galpões.



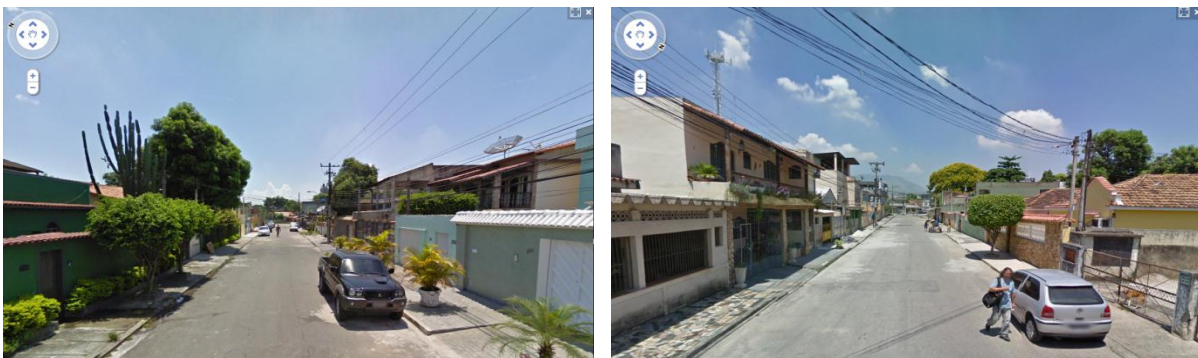


Imagem 25 – Ruas próximas ao centro de Rancho Novo.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

Foram observadas características diferentes entre as ruas do bairro durante a pesquisa de campo. As ruas próximas ao centro de Rancho Novo apresentam melhores condições urbanísticas e de estado de manutenção das construções e calçadas, a exceção fica para as ruas à margem da Rodovia Pres. Dutra, que apresentam uma maior quantidade de galpões e lojas, aproveitando o melhor acesso ao fluxo consumidor, e de vazios urbanos, criando um ambiente mais impessoal, com movimento maior de carros e caminhões, vazio na maior parte do dia.



Imagem 26 – Ruas próximas à Rodovia Pres. Dutra em Rancho Novo.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.







Transitar pelas ruas nesses dias é uma tarefa extremamente desconfortável, nas horas de sol à pino.



Imagem 28 – Ruas afastadas do centro de Rancho Novo.  
Fonte: Acervo pessoal.

A exceção é a rua Dona Clara de Araújo que apresenta melhores condições de calçamento, sinalização, iluminação e asfalto em bom estado. Isso é muito devido às recentes obras da prefeitura no período de implantação do Bairro-Escola no bairro.



Imagem 29 – Rua Dona Clara de Araújo.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

Em Rancho Novo, a Estrada do Iguaçu é uma grande referência por ser a via de ligação de vários bairros de Nova Iguaçu com o Centro, e por onde passam as principais linhas de ônibus. A Rua dos Comerciantes também é muito utilizada, pelo

fato de praticamente atravessar o bairro, ligando as duas vias principais da região, a Rua Dona Clara de Araújo e a Estrada do Iguaçu.



Imagem 30 – Estrada do Iguaçu.  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

A travessa do “valão”, caminho que acompanha um córrego afluente do Rio da Prata, é um caminho alternativo muito utilizado para a circulação de Rancho Novo e bairros vizinhos em direção ao centro de Rancho Novo, porém este caminho não tem nenhum calçamento, e onde se encontra acúmulo de lixo e entulho, além de haver locais com ocupação irregular. Uma das entrevistadas da pesquisa é “moradora do valão” e trabalha para uma empresa prestadora de serviços de limpeza. Em seu depoimento, foi ressaltado o risco de inundação como o maior problema a ser enfrentado no bairro, pelo fato das águas contaminadas ameaçarem a sua casa e a de seus vizinhos.

No geral, as pessoas entrevistadas afirmam gostar do bairro em geral, mencionado sempre a rua onde moram, e não indicaram nenhuma referência negativa do bairro ou lugar que evitem passar. No entanto, sempre é ressaltada a falta de manutenção das ruas ou a necessidade de urbanização, infraestrutura e saneamento para o caminho do “valão”. Melhorar as condições de urbanização deste trecho do bairro é uma demanda dos seus moradores, assim como o aumento da quantidade de áreas de lazer. Rancho Novo conta apenas com a Praça Imperatriz, criada em 2007, durante as obras do Bairro-Escola.





Imagem 31 – “Caminho de valão”  
Fonte: Acervo pessoal.

O trajeto mais descrito pelas pessoas foi o de casa para o trabalho. Ao serem questionados a respeito de um segundo trajeto mais importante, alguns entrevistados relatavam não sair muito. Algumas falaram sobre visitas aos amigos, e outras de percursos feitos para realizar as compras e outros afazeres do dia a dia, como visitas à Igreja.

A Praça Imperatriz, criada a partir de um vazio urbano na Rua dos Comerciários, foi muito comentada como opção de área de lazer da região. Reformada durante as obras realizadas pelo Bairro-Escola em 2007 passou a ser muito conhecida por ser um dos poucos espaços livres “bem executados”, segundo o relato do presidente da associação de moradores.





Imagem 32 – Acesso à Praça Imperatriz a partir da Rua dos Comerciários.  
Fonte: Acervo pessoal.

Onde está a praça hoje, se localizava uma quadra de escola de samba e um campinho de futebol que, em 2002, foi limpo para a criação de uma área de lazer, porém, sem avanços nesse sentido até a chegada da equipe do Bairro-Escola.



Imagem 33 – Vista geral da Praça Imperatriz a partir da Rua dos Comerciários.  
Fonte: Acervo pessoal.

O projeto da praça foi apresentado e discutido com a comunidade, o que levou a equipe da prefeitura a realizar alterações no projeto para atender a vontade dos moradores locais. Depois que a praça foi criada seu uso mudou muito, relata o presidente da Associação de Moradores:

Vem gente de longe. Vem gente dessa área aqui toda! Nilópolis, Miguel Couto, Figueira. Fica cheia a praça. Ambulantes, evangélicos, são organizados eventos, escolinha de futebol... Tudo isso e mais!



Imagem 34 – Fotos gerais da Praça Imperatriz.  
Fonte: Acervo pessoal.

Os entrevistados não souberam indicar um marco do bairro quando questionados, e entre os mencionados não houve um consenso, além disso, suas respostas não avançaram para além de lugares de encontros ou que eles mais frequentam, sem nenhuma relação com a história do bairro ou da cidade.

Poucas pessoas souberam falar sobre o Bairro-Escola, apenas sabiam que existiu por conta das obras e das atividades nas escolas, quem é próximo. Quem relatou perceber mudanças trazidas pelo Bairro-Escola falou a respeito das obras realizadas, principalmente as de calçamento, asfaltamento e de infraestrutura. Quem



mencionou as pinturas e as sinalizações se queixou que as melhorias realizadas não duraram muito tempo, que estas foram feitas apenas para “sair bem na foto”. Apenas a reforma da praça Imperatriz e as melhorias na rua Dona Clara de Araújo e na Estrada do Iguaçu, já em processo de degradação, foram percebidas como melhorias trazidas pelo Bairro-Escola para o bairro.

#### 4.4.2 Miguel Couto

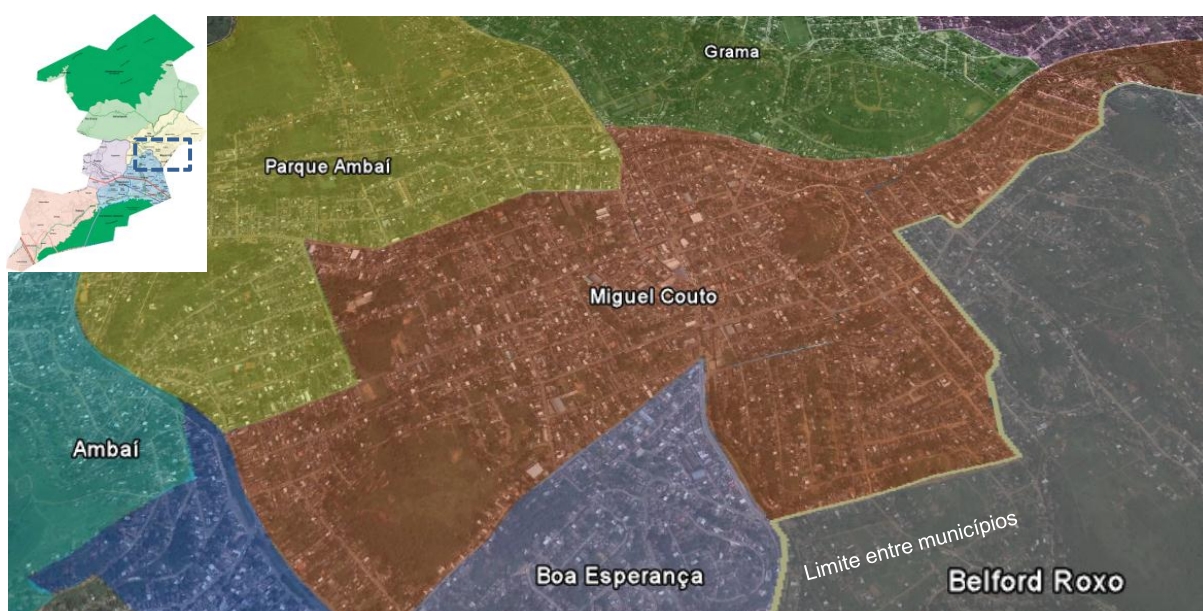


Imagem 35 – Localização de Miguel Couto em Nova Iguaçu.  
Fonte: Nova Iguaçu / Google Earth.

Miguel Couto é um dos bairros mais antigos de Nova Iguaçu. Já existia no período do Império, conhecido como Bairro Branco devido às jazidas de Tabatinga – uma espécie de argila utilizada na fabricação de louças e porcelanas, exploradas na região. Posteriormente chamou-se Retiro, Bom Retiro e por último Miguel Couto. Passou por um período de grande progresso na transferência da administração do povoado da Vila de Iguaçu para Maxambomba, hoje Nova Iguaçu.

Hoje é centro administrativo da URG XI – Miguel Couto. O bairro faz limite com o município de Belford Roxo e, com os bairros, Geneciano, Grama, Parque Ambaí, Ambaí, Nova América e Boa Esperança. É um bairro predominantemente

residencial, porém é uma das principais centralidades de Nova Iguaçu, como anteriormente visto. Concentra a maior parte da atividade comercial da região, assim como os segmentos mais importantes. Possui uma população de 18.626 pessoas em 8.219 domicílios, distribuídos numa área de 2,19 km<sup>2</sup>, conforme dados da prefeitura (2006). É um dos bairros que mais arrecada ICMS para a cidade, no entanto, apenas nos últimos oito anos foram melhoradas as suas condições urbanísticas, principalmente de seu centro, atraindo novos investidores comerciais e agências bancárias para atender a população, o que agilizou muito a economia financeira local.



Imagem 36 – Rua Cameron, centro de Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal.

O centro de Miguel Couto é muito importante para a região como um todo, pois além de concentrar boa parte do comércio de médio porte e dos serviços, bancos, possui um supermercado e um mercado popular, possui boas condições de atendimento social comunitário, situação melhor do que outras centralidades da cidade.





Imagem 37 – Posto de saúde de Miguel Couto  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

Além desses, há também a rodoviária que reúne linhas para diversas localidades da cidade e o seu centro, assim como para outros municípios, como o Rio de Janeiro, fazendo do bairro um importante ponto de conexão. Todos esses atrativos atraem sempre uma grande quantidade de pessoas.

Miguel Couto apresenta condições variadas de urbanização, o acesso à água e esgoto está garantido e, os serviços de saneamento urbano atendem a praticamente a totalidade do bairro. Assim como Rancho Novo, não há fornecimento de gás canalizado.



Imagem 38 – Rua Dolores, centro de Miguel Couto  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

As ruas e calçadas do centro apresentam melhores condições, apresentando boa iluminação, sinalização e equipamentos urbanos em alguns trechos, há também algumas ruas em bom estado no bairro. No entanto, o estado de conservação e a qualidade do espaço variam conforme a rua, chegando a algumas em que as pessoas ainda “põem o pé na lama”, como se costuma dizer. Assim como em Rancho Novo, praticamente não há árvores nas calçadas das ruas de Miguel Couto. Os principais acessos ao bairro se dão pela Avenida Duque Estrada Mayer, pela Estrada de Iguaçu e pela Rua Cameron, por onde chegam as principais linhas de ônibus.



Imagem 39 – Algumas ruas de Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal

Apesar de possuir um tráfego intenso, a maior parte das ruas do centro de Miguel Couto não são largas, por isso, o trânsito neste local foi dividido em um binário – de



ruas de sentido único –, passando parte do tráfego da Estrada de Iguaçu, que atravessa o Centro, para as ruas Profa. Marli Carvalho, onde se localiza a rodoviária, e Dolores.



Imagem 40 – Rodoviária na Rua Profa. Marli Carvalho, centro de Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal.

Observou-se que além do trânsito intenso de carros, em Miguel Couto muitos dos percursos também são realizados a pé ou de bicicleta, devido a pouca frequência dos ônibus circulares, principalmente para as localidades fora dos eixos viários.



Imagem 41 – Estrada de Iguaçu, centro de Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal.

O padrão construtivo do bairro é residencial unifamiliar térreo, com casas coladas em uma ou nas duas divisas laterais do lote, porém, assim como Rancho Novo, o bairro também apresenta residências que expandem sua área, na maior parte das vezes para o segundo pavimento. Já a paisagem das ruas do centro é marcada pelas construções de mais de três pavimentos, pequenos prédios, alguns de uso misto, alguns comerciais, todos colados nas divisas, procurando o maior aproveitamento de espaço possível. Há também áreas de ocupação irregular e loteamentos precários no bairro, principalmente nos morros.



Imagem 42 – Padrão construtivo, ocupação dos morros em Miguel Couto  
Fonte: Acervo pessoal.

Nas entrevistas, a rodoviária e a Praça Miguel Couto foram apresentadas como as maiores referências do bairro, seguidas pela Igreja da Matriz, o Mercado Popular e pelo Clube Miguel Couto, praticamente a única referência de lazer para o bairro. A Praça do DPO (Departamento de Polícia Ostensiva) também é muito conhecida por ser a referência de área de lazer aberta do bairro. E, a Casa do Menor São Miguel Arcanjo também é um trabalho de assistência social muito conhecido.



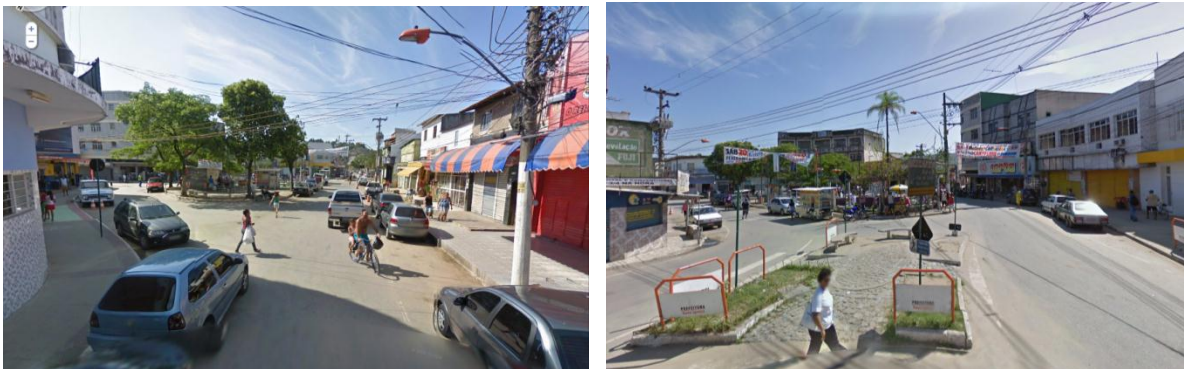


Imagem 43 – Praça Miguel Couto  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

Os entrevistados gostam do bairro onde moram e sempre fazem referências à disponibilidade de serviços e comércio para atendê-los. A rua Profa. Marli Carvalho é a mais utilizada pelas pessoas em seus trajetos mais frequentes, que envolvem o caminho para o trabalho, para as compras ou idas ao banco, além de ser o maior ponto de encontro do bairro. Outras ruas muito utilizadas nos trajetos mencionados foram a rua São Pedro, onde está a Igreja da Matriz, a rua Cameron, que dá acesso ao Clube Miguel Couto e a Prof. Digomar Simões – rua do posto de saúde.



Imagem 44 – Igreja da Matriz de Miguel Couto  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.



Imagem 45 – Clube Miguel Couto visto a partir da Rua Cameron  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.

Apesar dos entrevistados não apresentarem nenhuma referência negativa no bairro, a maioria afirmou evitar realizar longos percursos à noite, principalmente na Estrada do Iguaçu, na altura da Praça do DPO, por esta ficar muito vazia.

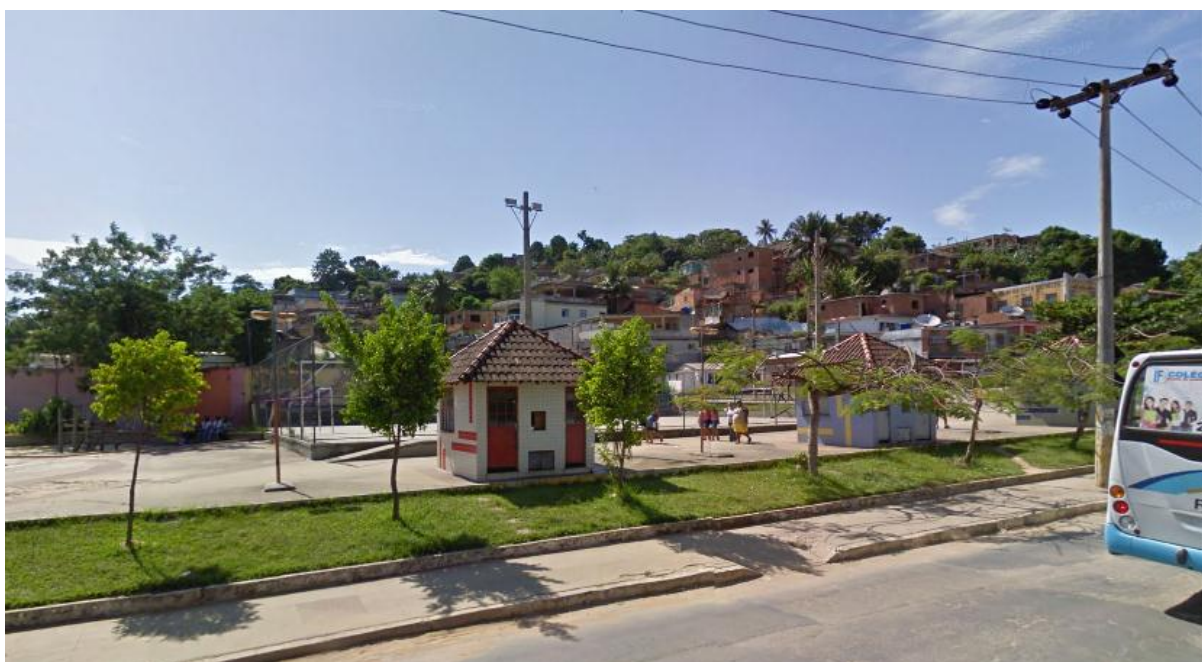


Imagem 46 – Praça do DPO  
Fonte: Google Maps. Acesso em 09/02/2011.



Ao serem questionados sobre obras no bairro, praticamente totalidade dos entrevistados fizeram referência apenas a obras de infraestrutura e de calçamento de ruas. No geral, os entrevistados dizem que as obras ficaram apenas pelo Centro, e mencionam a academia pública instalada na Praça Miguel Couto, entre os anos 2006 e 2007, período de implantação e desenvolvimento do Bairro-Escola no bairro, quando a SEMEL implantou seu programa de ginástica na praça, instalando aparelhos e disponibilizando pesos e alteres para o uso da população. Hoje, o espaço da academia está vazio.

Os entrevistados que falaram sobre as obras de adequação das ruas para a criação do caminho das crianças matriculadas no Bairro-Escola, eram moradores dessas ruas e vivenciaram esse período. As outras pessoas se lembraram das pinturas dos muros, das novas sinalizações e desimpedimentos das calçadas após observações a respeito realizadas no momento da entrevista.



Imagem 47 – Sinalização do Bairro-Escola na Estrada do Iguaçu

Fonte: Acervo pessoal.

Obs.: De um lado da placa diz: “Bem-vindo, este é um Bairro-Escola”, e do outro: “Volte sempre, Prefeitura de Nova Iguaçu”

Também foi observado em Miguel Couto que as pessoas não têm um conhecimento claro do Bairro-Escola. Dentre as que ouviram falar a respeito, poucas sabem o que faz, ou das ações que o envolvem apesar das marcas deixadas na cidade, hoje em processo avançado de desgaste.



Imagem 48 – Caminho Bairro-Escola na Rua Madeira

Fonte: Acervo pessoal.

Obs.: O estado de desgaste das intervenções realizadas pelo Bairro-Escola faz com que o caminho das crianças praticamente desapareça na paisagem da rua.

Os moradores que tem algum tipo de contato com as escolas também não souberam falar sobre o programa de Horário Integral, nem do Bairro-Escola, porém chamaram a atenção para as atividades oferecidas para a comunidade. Estas são oferecidas pelo Programa Escola Aberta e pelo Mais Educação. A E.M. Janir Clementino, neste caso, é uma das escolas mais mencionadas, pois, além destas atividades, a escola disponibiliza seu espaço coberto para reuniões e festividades do bairro. A Escola Livre de Cinema também foi mencionada como um importante conquista do bairro.



Imagem 49 – Escola Livre de Cinema, ao lado da E.M. Ana Maria Ramalho  
Fonte: Acervo pessoal.

Também no caso de Miguel Couto, os entrevistados não souberam indicar um marco do bairro, todos os pontos destacados eram referenciados apenas como importantes referências para encontros ou para uso, como o Clube Miguel Couto, mesmo a Praça Miguel Couto, não possui nenhum significado especial para os entrevistados. Conforme observado, em ambos os bairros pesquisados, não houve relato de nenhum tipo de mudança ou de influência significativa do Bairro-Escola na rotina dos habitantes, apesar das intervenções e melhorias urbanas realizadas na época da sua implantação ou das atividades realizadas nas escolas com seus alunos pelas ruas e praças dos bairros. Mesmo observando importantes avanços em algumas áreas, observou-se que a Prefeitura não desenvolveu uma metodologia de trabalho que possibilitasse ampliar suas metas, objetivadas conforme as etapas de implantação de cada programa, para o estabelecimento de objetivos comuns com a população interessada, da mesma forma que não possibilitou o seu envolvimento efetivo durante qualquer parte do processo. Fatos que comprometem qualquer possibilidade de mudança nos hábitos dos habitantes desses bairros.

## **Conclusões**

De fato, a experiência do Bairro-Escola foi inédita para Nova Iguaçu. Desde 2005, a administração pública procurou se reestruturar para alcançar seu objetivo de melhorar a qualidade de vida da população.

O foco na educação fez com que vários aspectos da cidade fossem observados com mais atenção, mais especificamente os espaços públicos e as condições da sociedade. Urbanizar não era apenas construir ruas e calçadas, não era apenas assentar infraestrutura, mas preparar o espaço urbano para o uso intensificado, principalmente para oferecer as condições adequadas para as crianças circularem com conforto e segurança.

Da mesma forma, o cuidado social atinge novos níveis. Houve a consciência que a mesma pessoa poderia ser referida em um prontuário médico, assim como numa matrícula escolar e, esta seria pertencente a uma estrutura familiar composta de outras pessoas das quais depende para que tenha as plenas condições de frequentar a escola e, desenvolver seu aprendizado. Isso apenas para citar alguns exemplos. Neste sentido, Nova Iguaçu passa a compreender melhor a necessidade de se realizar investimentos concretos na cidade e na sociedade para elevá-los para outro patamar qualitativo. Evidencia-se a busca de uma metodologia mais ampla de atendimento social.

Os novos princípios educacionais expandem os horizontes de possibilidades pedagógicas, na mesma medida em que propõem novos desafios aos administradores públicos, como afirma Maria Antônia Goulart, então primeira dama da cidade e coordenadora geral do Bairro-Escola, em artigo a respeito da experiência:

Novos sujeitos ganham legitimidade para propor políticas públicas de educação que se complementam, uma vez que as diversas linguagens são reconhecidas como parte de um mesmo processo de construção do conhecimento (Goulart, 2008).

Não foi à toa que uma transformação precisou começar dentro da estrutura executiva do governo municipal. Em entrevista, Bianca Ramos, uma das integrantes da equipe da CGBE, foi categórica: “Apesar de não estar declarada, a reforma da estrutura administrativa de governo é um dos eixos fundamentais do Bairro-Escola”.

Desde o início desta política de governo, foi observada a necessidade de reestruturação administrativa. De acordo com Maria Antônia, as atribuições dessa política eram de responsabilidade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e, foram as demandas operacionais que determinaram a criação de uma estrutura ligada diretamente ao Gabinete do Prefeito, na Secretaria Municipal de Governo, para que as ações necessárias fossem executadas com a atenção devida pelas outras secretarias, assim foi criada a Coordenação Geral do Bairro-Escola (CGBE).

Em um período de menos de cinco anos, a estrutura de governo passou por várias mudanças para se adaptar aos seus novos propósitos. Novos nomes passaram a integrar os quadros da administração, assim como secretarias foram extintas ou tiveram suas pautas reunidas para a formação de novas outras, como a criação da Secretaria Municipal da Cidade, ou da Secretaria Municipal de Prevenção da Violência e Valorização da Vida, que hoje faz parte da Secretaria Municipal de Assistência Social; ou ainda, a criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.



Da mesma forma, toda uma reestruturação da chamada “área meio”<sup>18</sup> da prefeitura precisou ser realizada para dar agilidade e qualidade na formulação dos processos, nas licitações, nos pagamentos, assim como na fiscalização de todo os procedimentos.

Integrar as ações dos diversos órgãos de governo também foi necessário. Algumas ações eram transversais a várias secretarias. A Secretaria de Educação precisava atuar em conjunto com a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Esportes para que o Programa de Educação Integral acontecesse conforme seus princípios. A Secretaria de Saúde e a de Assistência Social precisavam acompanhar as crianças e as suas famílias para que fossem garantidas as condições para o bom desenvolvimento escolar. E, os jovens precisavam de oportunidades para se preparar para a vida adulta e para o mercado de trabalho. Por outro lado, a Secretaria da Cidade teve que se articular os diversos serviços públicos e direcionar as obras para que os equipamentos e os espaços públicos estivessem nas devidas condições para atender as demandas operacionais das pretendidas pela rede urbana de educação integral. Tudo isso sem deixar de atender as outras demandas desta cidade em franco processo de desenvolvimento. Afirma Bianca Ramos durante sua entrevista:

[O Bairro-Escola] não se sustenta simplesmente como uma política de educação. Ele (o Bairro-Escola) só conseguirá se sustentar quando se transformar numa política de atendimento integral das crianças e adolescentes. É essa a lógica. Não adianta ofertar uma série de atividades educacionais se a criança não tem boa saúde, se a família não tem uma condição social adequada, nem acesso a serviços de saúde, nem de assistência social, adequados e necessários, se ela não tem uma casa com o mínimo de condições de moradia, se o espaço urbano em que vive não colabora com esse novo processo educacional. Então, assim, o nível de compreensão que Nova Iguaçu chegou, que eu acho que é o grande ganho

---

<sup>18</sup> A “área-meio” refere-se aos setores da administração municipal que recebe, avalia, contabiliza e prepara os processos para a execução. De modo geral, corresponde à Procuradoria, Controladoria, à Secretaria de Planejamento e à Secretaria de Finanças/Fazenda.



do Bairro-Escola, é esse, que políticas públicas isoladas não resolvem problemas sociais, o que resolve são políticas integradas, que “atacam” todos os pontos de instabilidade social de uma comunidade, neste ponto o Bairro-Escola avançou muito. E, eu acho que tem boas lições e respostas a dar e já está dando, inclusive a nível federal (Bianca Ramos, 2010).

Segundo Bianca, constatada a necessidade de integração, observou-se a necessidade de se estabelecer uma forma de trabalho, envolvendo o planejamento, o acompanhamento e a avaliação de resultados. Metodologias diferentes foram experimentadas na busca dos melhores resultados para as equipes, resultando finalmente na constituição dos fóruns comuns de gestão<sup>19</sup>. Observa a entrevistada:

É muito difícil fazer esse tipo de fórum funcionar numa estrutura política, independente de qualquer coisa. É um exercício de organização e condicionamento de interesses bastante complexo. Mas, numa certa medida, Nova Iguaçu conseguiu ser bem-sucedido nesta tarefa. O que tem hoje implantado é resultado dessa operação conjunta, desse esforço conjunto, desse monitoramento conjunto. Mas é um processo complicado [...]. Enfrentar bem os interesses [...] com os quais lida. [...] O secretário está lá, um pouco para cooperar com o Prefeito, mas tem também seus interesses outros, indiretos à administração municipal que lhe cabe. Mas, a integração do grupo aconteceu e deu resultados (Bianca Ramos, 2010).

O relato de Maria Antônia Goulart esclarece melhor como a metodologia desenvolvida lida com as questões internas de gestão:

Embora óbvia, a lógica de trabalho aqui proposta não é simples e não se desenvolve de forma natural. As estruturas hierarquizadas da Administração precisam ser provocadas a uma nova forma de planejamento e gestão, em que cada Secretaria mantém sua autonomia, mas trabalha de forma articulada com as demais em Comitês Gestores intersetoriais. Estruturas de trabalho mais horizontais permitem o estabelecimento de novos diálogos e conexões, aproximando programas e percebendo o indivíduo na sua complexidade e não de forma parcial (Goulart, 2008).

É importante salientar que muitos problemas foram resolvidos pela prática conforme as dificuldades foram surgindo dentro da máquina administrativa. A necessidade de se estabelecer melhores formas de trabalho foi imposta desde a definição dos objetivos norteadores do Bairro-Escola. Estes foram alguns dos condicionantes da

elevação do nível de exigência que impôs melhorias. Assim, Nova Iguaçu foi avançando com o Bairro-Escola, conforme suas possibilidades e, evoluindo de acordo com as potencialidades dos recursos acessíveis e das pessoas envolvidas. Conforme ressaltado em nossa base teórica, apontamos o foco *pragmático*, característico desta administração, e os *valores* que cercam os conceitos empregados com o Bairro-Escola, o grande destaque desta experiência.

Na opinião de Bianca Ramos, o desafio da prefeitura neste período final da atual administração municipal é garantir um marco legal para que o Bairro-Escola faça parte das atribuições do município, assim como firmar os dispositivos de garantia de funcionamento dessas leis e dos fóruns de gestão formados, para que mudanças no cenário político da cidade não ameacem a consolidação de todo o processo.

Neste sentido, a experiência da Secretaria de Cultura apresenta muitos dos avanços no sentido de sustentar o Bairro-Escola. Conforme relatado pela entrevistada, a SEMCTUR era uma secretaria assessoria, como acontece em diversas outras prefeituras, resumia-se a algumas poucas ações e a realização de eventos. E, mesmo estes eram disputados por outras secretarias, como a de comunicação, que também se incumbia desta pasta. Em paralelo, a secretaria de esportes era responsável em realizar eventos esportivos. A partir da implementação do Bairro-Escola, há a demanda de programas complementares para compor com o Programa de Educação Integral, assim:

[Essas secretarias] passam a ter outra relevância e outra importância no cenário político e na atuação na cidade, trazendo também outras mudanças. Por exemplo, essas secretarias passam a ter orçamento, ou este deixa de ser contingenciado, e agora, essas secretarias, passam a ganhar importância no processo de construção da política para a cidade. Nesse

---

<sup>19</sup> Os fóruns comuns de gestão eram formados pela reunião dos responsáveis das secretarias envolvidas em cada programa do Bairro-Escola, no sentido de agilizar os processos de decisão a respeito dos melhores procedimentos, do emprego de verbas e divisão das responsabilidades.

processo, elas passam a enfrentar uma reestruturação interna e de reformulação de suas equipes para atender as novas demandas oriundas das suas novas atribuições: estruturar um programa de atendimento a crianças e adolescentes, articular esse programa ao programa de educação da cidade, e, articular os grupos da cidade para cooperar na execução dessas ações. Porque é óbvio que prefeitura em lugar nenhum do mundo terá condições de fazer esse atendimento por sua conta. Nem do ponto de vista administrativo, nem financeiro, nem do ponto de vista institucional. Você imagina estruturar uma Secretaria de Cultura e de Esportes ao nível de uma Secretaria de Educação e de todo o seu quadro. (Bianca Ramos, 2010)

Essa última afirmação é devido aos pequenos orçamentos destas secretarias frente às necessidades de desenvolvimento de programas, diferente do caso das secretarias de educação e de saúde que contam com 25% e 15% do orçamento municipal, respectivamente, segundo a entrevistada. Assim, alternativas foram estudadas para que houvesse condições de realização das novas atribuições, como procurar outras possibilidades de aquisição de recursos.

Para isso, dispositivos e instrumentos legais foram criados para estabelecer essa articulação com organizações da sociedade civil, como: estruturar um fundo municipal de cultura, impulsionar a estruturação do Conselho Municipal de Cultura, e em paralelo impulsionar a criação do Conselho Municipal de Esportes, que por função deliberar a respeito da aplicação dos orçamentos, o gerenciamento dos seus respectivos fundos, a participar dos diversos processos de seleção e, de acompanhamento das políticas, entre outros.

A falta de pessoal fez com que a Secretaria de Cultura optasse por estabelecer parcerias com a sociedade civil organizada do município para colaborar em seus programas. Foram realizados editais de seleção de grupos a partir de um convênio da SEMCTUR com o governo federal, por intermédio do Ministério da Cultura. A

conquista do “Pontão” de Cultura<sup>20</sup> possibilitou aumentar o contingente de grupos contratados.

Essas medidas deram tão certo que passaram a ser tomadas por todas as secretarias, Meio-Ambiente, Esporte, Educação... Muito elogiadas pelos órgãos de controle. E a prefeitura, um pouco antes de eu sair, caminhava para construir um modelo unificado de seleção para todas as áreas.

Assim, por conta de todas as experiências, a Secretaria de Cultura é, na minha opinião, uma das secretarias que mais executam e dão resultado. E, a que mais impacta diretamente no resultado do programa com seus beneficiários diretos, que são os alunos. Na comunidade também. E, podem mensurar isso. É a secretaria que mais evoluiu. A Secretaria de Esportes vai pelo mesmo caminho. A Secretaria de Educação ainda tem questões paradigmáticas para serem resolvidas e, a Secretaria de Saúde começa a ter avanços significativos (Bianca Ramos, 2010).

No entanto, todos esses avanços ainda não foram suficientes para que a prefeitura de Nova Iguaçu conseguisse responder a todas as questões impostas pelo Bairro-Escola para o município, assim como essa política ainda não se desenvolveu o suficiente para atender todas as demandas de Nova Iguaçu. É claro que muito disso é função do Bairro-Escola ser uma política recente, com apenas seis anos de existência, e, Nova Iguaçu enfrentar problemas estruturais históricos cuja raiz transcende suas origens locais, se confundindo com a história do país.

É por estas condições que uma política urbana desta magnitude não pode ser avaliada apenas segundo os indicadores estabelecidos para as atuais políticas públicas brasileiras, pois os resultados alcançados pelo Bairro-Escola ainda não atendem àquelas expectativas idealizadas no momento em que ainda pensávamos positivamente, em termos modernos, como vimos pelos ensinamentos de

---

<sup>20</sup> Os Pontões de Cultura foram criados para articular os Pontos de Cultura, difundir as ações de cada entidade e estabelecer a integração e o funcionamento da rede dos Pontos de Cultura. Atuam tanto na dinamização dos contatos entre os Pontos, com foco temático ou regional, quanto como parceiros na implantação de ações do Programa. O Ponto de Cultura é a ação prioritária e o ponto de articulações das demais atividades do Programa Cultura Viva. Sem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade, os Pontos são entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura que desenvolvem ações de impacto sociocultural em suas comunidades (MinC, 2005).

Boaventura Santos (2007). O Bairro-Escola, precisa ser avaliado considerando os valores que fundamentam seus princípios, sob pena de serem descartados esses valores no lugar de se discutir melhores práticas.

A questão aqui apresentada não é a qualidade desses indicadores ou das avaliações baseadas na comparação de metas estabelecidas e objetivos alcançados, mas indagar se os resultados destas pesquisas realmente atingem os propósitos pelos quais se avaliam políticas públicas, saber se melhorou ou não as condições de vida das pessoas e por que. Foi neste sentido que ao invés de procurar fazer uma análise sistemática desses dados, nos propomos a compreender se, como e porque a população dos bairros se relacionou com o Bairro-Escola no seu cotidiano.

Desde o início deste trabalho estávamos conscientes da particularidade dos dados coletados em campo. Em um município com mais de 700 mil habitantes, 69 bairros e 126 escolas de ensino fundamental, pesquisar em seis escolas, dois bairros e, conversar com aproximadamente 100 pessoas, onde destas 27 foram formalmente entrevistadas nos bairros, pretender resultados abrangentes ou dados generalizáveis seria ilusório. Indagamos inclusive, se caso fosse realizado estudos em todas as escolas e bairros de Nova Iguaçu, se haveriam dados generalizáveis ou apenas uma quantidade maior de experiências particulares. Entretanto, muito do que foi observado em campo corresponde aos dados levantados, assim como com as críticas feitas a essa política, não apresentadas neste trabalho, por não fazer parte do escopo desta pesquisa, verificar amplamente opinião das pessoas a respeito do Bairro-Escola.

Observamos ao examinar os dados coletados que os valores que impulsionaram os avanços nas esferas de planejamento e de gestão do Bairro-Escola, não foram

suficientemente trabalhados para sustentar os mesmos resultados em campo. O propósito de se construir uma política pública de baixo para cima não conseguiu ser alcançada nos bairros, ou nas escolas visitadas.

Conforme observado nas entrevistas e no material levantado, a implantação do Bairro-Escola nesses bairros não superou muito a antiga fórmula de se constituir um modelo e aplicá-lo indiscriminadamente nos bairros de Nova Iguaçu. A diferença deste modelo para outros é que este se adapta parcialmente à estrutura encontrada, sendo esta: as escolas, as parcerias firmadas e, as ruas que ligam as escolas a esses parceiros. Neste sentido, muitos bairros se beneficiaram das melhorias urbanísticas realizadas, como construção ou reforma das calçadas e ruas, na maior parte dos casos, e das praças, em felizes casos aonde realizados. Entretanto, mesmo estas se perderam com o tempo, pois muitas dessas melhorias não foram acompanhadas por um posterior cuidado na manutenção.



Imagem 50 – Desgaste e mau uso dos caminhos das crianças  
Fonte: Acervo pessoal.

Enquanto suporte das práticas sociais, os espaços públicos precisam continuar a ser valorizados e ter sua manutenção garantida para que continue com o papel de protagonista das ações sociais no âmbito do Bairro-Escola, anteriormente observado por Lilian Fessler Vaz e Claudia Seldin (2008).

No que tange às escolas, não envolver de toda equipe desde o início da implantação do Bairro-Escola comprometeu o seu envolvimento com as ações, dividindo as

equipes das escolas, conforme relatado. Apenas isso comprometeu por meses o enfrentamento das questões de aplicação prática dos princípios da Educação Integral em cada escola e, cada bairro. A falta de investimento nas estruturas escolares tornou muito mais difícil a realização das atividades e, podem ter contribuído em muito com a descrença das pessoas sobre o valor das ações. Da mesma forma, que o tipo de relação de parceria estabelecida em muito divergem dos princípios declarados como norteadores do Bairro-Escola.

Infelizmente, a necessidade de espaços para as atividades imperou sobre a possibilidade de construção de oportunidades educativas mais amplas nos bairros. Foi constatado que não era a equipe das escolas que estabelecia e firmava a relação com os parceiros, mas uma equipe da prefeitura. Nestes bairros a relação das escolas com os parceiros era mecânica, aproveitavam dos espaços enquanto disponíveis. O fato de termos encontrado uma exceção na experiência da E.M. Ornélia Lippi em Vila Operária, nos deixa esperançosos pelo fato das outras cinco escolas visitadas serem a verdadeira exceção e não a regra desta prática.

Essas singelas experiências nos fizeram observar que, mesmo no caso em que a escola tem uma relação com o bairro, ao ponto das pessoas participarem ativamente do seu cotidiano, não apenas das festividades, mas cooperando em programas como o de Educação Integral, e na realização de pequenos reparos em sua infraestrutura, construir um projeto pedagógico integrado e integrador com a comunidade é um desafio ainda a ser enfrentado. Em muito devido ao enraizamento das antigas práticas de ensino no corpo docente, por diversos motivos, mas, em muito também ao despreparo da população para esse processo. Metodologias participativas poderiam ser utilizadas para enfrentar esse problema nos bairros.

Conforme observado em estudo anterior, muito da falta de envolvimento do Bairro-Escola com os bairros aonde foi implantado está relacionado com a falta ou com a inadequação das metodologias participativas empregadas. O resultado disso é o pouco envolvimento das pessoas no processo, ou o seu simples abandono das atividades, tanto por parte da prefeitura, que não consegue alcançar seus objetivos nas reuniões, quanto por parte da população, ao ver suas expectativas de discussão de suas demandas frustradas (Avilez, 2007, p.86).

Desta forma, o alcance da complexidade esperado no planejamento se perde nas simplificações metodológicas dos processos implantados e a política perde seu sentido. Após dois anos na coordenação geral dos processos, Maria Antônia já acumulava experiências suficientes para compreender as consequências de não se comprometer a com a qualidade dessas ações e, alertava para os resultados:

Não bastasse o desafio de integrar as políticas públicas setoriais em um plano de Educação Integral, a territorialização propõe, ainda, que cada política pública seja articulada aos atores sociais locais que atuam em dado território. É a partir desses conhecimentos, saberes, potenciais e dificuldades locais que deverão ser implementadas as políticas públicas. Ou seja, respondendo em cada território às demandas concretas ali apresentadas e se articulando aos demais atores sociais locais.

(...) Não se trata de simples reunião ou soma de oportunidades educativas locais que são organizadas para serem acessadas pelos atores sociais, mas da compreensão de que essas oportunidades devem ser percebidas como parte de um todo maior e, portanto, precisam ser permeáveis umas pelas outras, construindo em cada território um conjunto diferenciado, onde se percebe a diversidade dos atores, linguagens e oportunidades educativas existentes, mas onde as mesmas não podem mais ser percebidas individualmente sem que fique evidente sua incompletude. O conjunto percebido, diverso e complexo, impede que cada parte se afirme por si só. Os programas educativos desenvolvidos naquele território passam a não mais fazer sentido se não como parte do projeto educativo local, ficando clara sua necessidade de complementação, sua busca pela integralidade – integralidade da educação, porque reconhece os sujeitos do processo de aprendizagem como integrais (Goulart, 2008).

De acordo com José Reginaldo Bastos Cruz, secretário adjunto pedagógico da SEMED, o Bairro-Escola passará por uma nova fase de melhorias. Em entrevista relatou que, naquele momento realizava uma série de reuniões com diretores, coordenadores e professores para se rediscutir a metodologia operacional para o



Programa de Educação Integral nas escolas, onde, desde questões pedagógicas até o envolvimento do bairro estavam sendo discutidas. Notícia muito bem recebida por nós. No entanto, não completamente isenta de questionamentos, pois, conforme o desdobramento do assunto, foi observado que muitas das expectativas para o desenvolvimento deste novo processo remontam as primeiras fases de planejamento do Bairro-Escola em 2006, o que muito de ser em função do contato com o material de base de desenvolvimento desta política.

Por um lado, este pode ser um indício do comprometimento desta gestão do programa com os princípios fundamentais da Educação Integral contidos no Bairro-Escola, o que pode resultar numa cobrança maior de comprometimento das escolas com a construção de um novo projeto político-pedagógico. Por outro, pode ser a evidência de um retrocesso desta política, se for constatada a busca de uma condição “ideal” nos bairros para o seu estabelecimento a despeito de todas as experiências já acumuladas durante esses seis anos de atividades.

O sentido do Bairro-Escola está no seu caráter participativo que deve ser considerado desde as primeiras fases de planejamento das ações e intervenções que serão feitas nos bairros. A grande dificuldade da administração pública novaiguaçuana foi admitir certo grau de subjetividade na formulação de seus programas em função de buscar objetivos em comum com a população de cada localidade a partir das suas necessidades e expectativas.

Enquanto metodologia de transformação social, o Bairro-Escola remete a outro patamar qualitativo a relação entre os diversos atores sociais com a prefeitura, um em que a garantia do direito a uma cidade melhor para todos está diretamente relacionada à ampliação da responsabilidade de cada um de se encarregar com esta tarefa.

Porém, conforme foi constatado na pesquisa, para se alcançar o envolvimento das pessoas é preciso que estas vivenciem todo o processo, apropriando-se dele, inclusive. Assim, diferente de desenvolver uma metodologia programática sequenciada e estruturada, a prefeitura deve “aprender” como permitir que o Bairro-Escola faça a transição de plano administrativo para se consolidar como uma prática social nos bairros.

Arrisca-se, por fim, a hipótese que o preço pago pelas administrações públicas para se alcançar a complexidade e a diversidade urbanas em sua amplitude, a partir de um “diálogo com o real”, está em ceder o controle absoluto das políticas públicas em favor de processos mais democráticos. O que dificulta a especulação sobre cenários futuros ou de objetivação de resultados antes do efetivo envolvimento popular. Êis o dilema da pós-modernidade, *lidar com a incerteza e com a desordem*, como nos lembra Morin (1995). Este é o novo paradigma da administração pública para as próximas décadas.

Desta forma, recomendam-se novos estudos, no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento do processo de formulação de políticas públicas objetivando sua legitimidade social. Considerando especificamente as políticas que buscam estabelecer uma metodologia de transformação social a partir de ações voltadas para o contexto local, ressaltamos a importância da realização de estudos de caso e de avaliações qualitativas baseadas na opinião e no conhecimento popular para o estabelecimento de uma epistemologia voltada para o diálogo entre os “diversos conhecimentos”, conforme aprendemos com Boaventura Santos (1989, 2007), para que, cada vez mais, os estudos urbanos se aproximem do plano da “prática socioespacial” e da cidade, descritos por Ana Fani Carlos (2001) e por Lefebvre (1991[1968]), respectivamente.

## Referências

AVILÉS, Alfredo García. **Introducción a la metodología de la investigación científica**. México: Plaza y Valdés Editores, 1996.

AVILEZ, Carlos Rodrigo. **Sustentabilidade cultural e planejamento urbano participativo: Caminhos para uma cidade sustentável**. Rio de Janeiro: UGF/CEPAC, 2007.

BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Cultura Viva: Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária**. Catálogo. 3ª Edição. Brasília: MinC/SPPC, 2005. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2010/11/Cat%C3%A1logo\\_-Cultura\\_-Viva-2005.pdf](http://www.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2010/11/Cat%C3%A1logo_-Cultura_-Viva-2005.pdf). Acesso em: 19 de Janeiro de 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação integral : texto referência para o debate nacional**. Série Mais Educação. Brasília: Mec, Secad, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal\\_educ\\_integral.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf). Acesso em: 19 de Janeiro de 2011.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Mapa de Pobreza e Desigualdade 2003: IBGE lança Mapa de Pobreza e Desigualdade 2003**. Comunicação Social/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/MPOG, 2008. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1293&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1293&id_pagina=1). Acesso em: 17 de Maio de 2010.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Site IBGE**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/default.php>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2011.

BRILHANTE, Ronaldo de Moraes. **A formação do ambiente dialógico: argumentos introdutórios à pedagogia das paixões urbanas a perspectiva dos lugares experimentados**. Niterói: UFF, 2007.

CANCLINI, N. García. **La globalización imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS, 8., 2004, Gênova. **Carta das Cidades Educadoras**. Gênova, 2004.

FERRACIOLI, Marcelo Ubiali. **Escola Cidadã: Contexto, gênese e consolidação**. XXXI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Grupo de Trabalho 2: História da Educação. Caxambú: 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/inicio.htm>. Acesso em 16 de fevereiro de 2011.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico: Informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, Álvaro. **Algumas reflexões para ajudar a entender a produção desigual do espaço urbano em Nova Iguaçu**. In: NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE MEIO AMBIENTE, PETROBRÁS, NOVA IGUAÇU, Prefeitura Municipal de. Educação ambiental: formação de valores ético-ambientais para o exercício da cidadania no Município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010

FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas. Configurações Institucionais Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GADOTTI, Moacir. **A escola na cidade que educa**. 2005. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/7017062/A-Escola-Na-Cidade-Que-Educa-Moacir-Gadotti>. Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

GUIZZO, Iazana. **Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva**. Niterói: UFF, 2008.

GOULART, Maria Antônia. **A intersectorialidade no contexto da educação integral**. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Salto para o futuro: Educação Integral. Boletim da TV Escola. Número 13. Ano XVIII. Rio de Janeiro: 2008.

GRAHAM, Stephen. **Global grids of glass: On global cities, telecommunications and planetary urban networks**. In: BRENNER, N e KEIL, R. The Global Cities Reader. Londres: Routledge, 2006.

GUARUJÁ, Prefeitura Municipal de. Departamento de Imprensa. **“Jornalista Gilberto Dimenstein defende ‘Escola de Tempo Integral’”**. Click Litoral, Notícias. Guarujá, 10 de Abril. 2008. Disponível em < <http://www.clicklitoral.com.br/08544-jornalista-gilberto-dimenstein-defende-escola-de-tempo-integral/> >. Acesso em: 29 de Novembro. 2009.

HARVEY, David. **Sobre arquitetos, abelhas e o “ser da espécie”**. In: Espaços de esperança. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF EDUCATING CITIES. **Chater of Educating Cities**. Genoa, 2004. Disponível em: [http://www.bcn.es/edcities/aice/estatiques/angles/sec\\_charter.html](http://www.bcn.es/edcities/aice/estatiques/angles/sec_charter.html). Acesso em: 22 de Janeiro. 2011.

LAMAS, José M. R. Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004. Introdução. Capítulo 2.2: “A Forma Urbana”.

LARAIRA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes Ltda., 1991.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MASLOW, A. **Motivation and Personality**. Nova Iorque: Harper & Row, 1970.

MEDEIROS FILHO, Barnabé, GALIANO, Mónica Beatriz. **Bairro-Escola: Uma nova geografia do aprendizado: A tecnologia da Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade**. São Paulo: Tempo D’Imagem, 2005.

MORIN, Edgar. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE MEIO AMBIENTE, PETROBRÁS, NOVA IGUAÇU, Prefeitura Municipal de. **Educação ambiental: formação de valores ético-ambientais para o exercício da cidadania no Município de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010

NOVA IGUAÇU, Prefeitura da Cidade de. **Atlas Escolar de Cidade de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu, 2004.

\_\_\_\_\_. **Site Bairro-Escola**. Disponível em: <http://www.bairroescola.novaiguacu.rj.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2010.

COORDENAÇÃO GERAL DO BAIRRO-ESCOLA. **Manual de Gestão do Programa Bairro-Escola**. Nova Iguaçu: 2006.

\_\_\_\_\_. **Bairro-Escola: fazendo de Nova Iguaçu uma cidade educadora**. Encarte. Nova Iguaçu: 2006.

OZÓRIO, Elaine Cristina. **O processo de (re) produção do espaço urbano na cidade de Nova Iguaçu-RJ : (1990-2007)**. Rio de Janeiro, 2007

PINTO, André Luiz. **Urbanismo na fragmentação: a resposta do Bairro-escola**. Rio de Janeiro: PTK Livros, 2008.

PORTOCARRERO F. SILVA, M. L. **Problemas da Hermenêutica Prática.** in: Revista Filosófica de Coimbra, (1995) n°8, vol. 3, 313-335.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **A acumulação primitiva do capital simbólico: Sob a inspiração do Rio de Janeiro.** In: JEUDY, Henri Pierre e JACQUES, Paola Berenstein (Orgs.). *Corpos e cenários urbanos: Territórios urbanos e políticas culturais.* Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Imagem: Alguns enredamentos urbanos.** In: RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). *Cadernos PPG-AU/FAUFBA Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. – Ano 5, número especial, (2007),* Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2007.

RODRIGUES, Raimundo ; AVILEZ, C.R. ; RAMOS, Bianca S. ; PAGOTO, Camila . **Bairro-Escola: Cultura e Arte de Inclusão: Desenvolvimento de trabalho artístico, cultural e educacional dos projetos vinculados ao Bairro-Escola para o Município de Nova Iguaçu.** Programa de Estruturação Urbanística de Nova Iguaçu – Bairro-Escola. Projeto Setorial de Cultura. Nova Iguaçu: Nova Iguaçu / BID: 2006

ROSSETTI, Fernando (Editor). **Projetos de Educação, Comunicação & Participação: Perspectivas para Políticas Públicas.** UNICEF, Educarte, Central de Projetos, 2004. Disponível < [http://aprendiz.uol.com.br/downloads/educacao\\_comunitaria/projetos.pdf](http://aprendiz.uol.com.br/downloads/educacao_comunitaria/projetos.pdf) >. Acesso em: 29 de Novembro. 2009

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas.** São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: HUCITEC, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial.** São Paulo: Studio Nobel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Locating cities on global circuits.** In: *The Global City Reader.* Londres: Routledge, 2005.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHATKIN, Gavin. **Fourth world cities in the global economy: The case of Phnom Penh, Cambodia**. In: The Global City Reader. Londres: Routledge, 2006.

SIMON, David. **The world city hypothesis: Reflections from the periphery**. In: The Global City Reader. Londres: Routledge, 2006.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – TCERJ. **Estudo Socioeconômico 2003: Nova Iguaçu/Mesquita**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://mail.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/2003/areal.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2006.

VAZ, Lilian Fessler, SELDIN, Cláudia. **Bairro-Escola: Espaços públicos em uma política urbana integrada**. In: VAZ, Lilian Fessler, ANDRADE, Luciana da Silva, GUERRA, Max Welch. **Os espaços públicos nas políticas urbanas: Estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlin**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi – Porto Alegre: Brookman, 2001.



## Apêndice

### Transcrição das entrevistas<sup>21</sup>.

#### 1. Entrevista com Bianca Soares Ramos

**Pesquisador:** O que é o Bairro-Escola pra você?

**Bianca:** Uma política intersetorial de intervenção do Estado no território, de aplicação de ações que cabem ao Estado no território. Um instrumento criado pelo Estado, no caso pela prefeitura de Nova Iguaçu, para intervir no território, para intervir no município, na sociedade de Nova Iguaçu, de forma intersetorial, mas com a alçada da educação, a partir da alçada da educação.

**Pesquisador:** Como o Bairro-Escola opera?

**Bianca:** Em que sentido?

**Pesquisador:** Você diz o que o Bairro-Escola é, uma política intersetorial, cunhada na educação, de intervenção no território. Como essa política opera? Como você vê essa operação?

**Bianca:** É uma operação em vários eixos, que se propõe atuar em vários eixos, onde o objetivo principal é garantir a educação em tempo integral para crianças e jovens, mas que opera de forma paralela em várias frentes, como a da educação. Outra frente, complementar a primeira, das ações de assistência social e de saúde que amparam e possibilitam a educação. Outra frente, que é a intervenção urbana, propriamente dita, de qualificação do espaço urbano e a sua preparação para essa nova ocupação dos espaços da cidade, do bairro. E, uma frente, que seria, a própria articulação do Estado mesmo, a interdisciplinaridade das instituições do Estado, para que essas outras frentes possam acontecer. Na minha opinião, esta é fundamental, embora ela não apareça como eixo direto do programa, ela é fundamental para o programa possa acontecer.

**Pesquisador:** Por quê?

**Bianca:** Porque o Bairro-Escola, como se propõe... É lógico que o Bairro-Escola hoje é o resultado de uma construção feita ao longo de 5, 6 anos... Ele começou como uma política educacional, como uma política de garantia da oferta de educação integral para as crianças e foi sendo desenhada a partir das possibilidades, daquele Estado e, das possibilidades daquele território. Essa construção demanda do Estado uma atuação em diversas frentes e em diversas áreas, para construir o espaço urbano e social necessário para que o Programa de Educação Integral possa acontecer. Essa interdisciplinaridade... Não é este bem o nome. Esta intersetorialidade dentro das próprias ações e instituições da prefeitura de Nova Iguaçu, das suas secretarias, das suas fundações, das suas empresas públicas... Essa atuação intersetorial e conjunta é fundamental para que o programa aconteça. Então, precisa que a Secretaria de Educação atue com secretarias que

---

<sup>21</sup> Algumas pessoas não autorizaram a gravação das entrevistas, impossibilitando seu registro.

fazem atendimento direto, e, a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Saúde, a Secretaria de Assistência Social. Precisam ter as secretarias de serviços públicos, como a Secretaria de Obras, também atuando de forma conjunta e paralela, para que se tenha o espaço urbano devidamente sinalizado, liberado, constituído, funcionando para que as crianças possam circular. Então essa intersectorialidade acaba sendo mais um eixo do programa e, se ela não for constituída, o resto das coisas não funciona de forma que o programa possa acontecer.

**Pesquisador:** Então, você fala do aparelhamento da estrutura municipal de governo para que o programa funcione.

Bianca: Não do aparelhamento, não só no sentido que a prefeitura se estruture pra isso, mas também do ponto de vista das ações que este estado planeja, sejam planejadas de forma interligada, integrada, com o objetivo em comum que é o programa acontecer.

**Pesquisador:** Como você observou esse processo desde o momento que você chegou? Essas mudanças dentro da prefeitura, as relações que foram se estabelecendo e a estruturação que possibilitou ao Bairro-Escola se desenvolver. Como você vê o desenvolvimento da administração de Nova Iguaçu que possibilitou o Bairro-Escola ser o que se tornou.

**Bianca:** Como ela se desenvolveu?

**Pesquisador:** Você falou de um “quinto eixo” do programa que não é explicitado, porém que é necessário, que, para além da intersectorialidade, para além do programa de educação em si, para além das ações concretas na cidade, no território, há toda uma necessidade de reestruturação das relações da administração municipal...

**Bianca:** Se reorganizar.

**Pesquisador:** Se reorganizar para que o programa aconteça de fato.

**Bianca:** Sim.

**Pesquisador:** Como é que você vê isso em Nova Iguaçu? Como é que o trabalho conseguiu se desenvolver em Nova Iguaçu?

**Bianca:** Bom, desde início o Bairro-Escola foi concebido para ser a política de governo desta administração municipal. Tanto que, um pouco antes da minha saída da prefeitura, o Bairro-Escola estava em processo de ter suas diretrizes e ações constituídas e regulamentadas em leis, para ser fortalecido e ser, de fato, uma política municipal, como é, por exemplo o SUS (Sistema Único de Saúde) e o SUAS (Sistema Único de Assistência Social), que hoje são políticas de Estado (Governo Federal). O que acontece é que um novo dirigente, até mexe no SUS, mas ele não pode interferir com o SUS, porque hoje é uma política do Estado amparada por um marco legal, regulado. Mas, antes disso, que é o que eu acho que você quer saber, a prefeitura era organizada com uma prefeitura em geral se organiza, existe a administração direta na figura do prefeito que governa por meio de uma série de órgãos executivos, alguns autônomos e outros não. As secretarias, diretamente ligadas ao prefeito, não são órgãos autônomos, e você tem algumas fundações, algumas autarquias que são órgãos autônomos, até certo ponto. O que foi acontecendo com o Bairro-Escola, é que a prefeitura procurou estabelecer fóruns comuns de planejamento, acompanhamento e monitoramento da implantação do programa. Então, isso já teve vários nomes, e foram experimentadas várias

metodologias para organização desses fóruns comuns de planejamento, e a mais recente foi a câmara de gestão, constituída por decreto municipal, formada pelos principais dirigentes dos órgãos da administração direta e indireta.

É muito difícil fazer esse tipo de fórum funcionar numa estrutura política, independente de qualquer coisa. É um exercício de condicionamento de interesses bastante complexo. Mas, numa certa medida, Nova Iguaçu conseguiu ser bem-sucedido nesta tarefa. O que tem hoje implantado é resultado dessa operação conjunta, desse esforço conjunto, desse monitoramento conjunto. Mas é um processo complicado, como o SUS, por exemplo, que opera nas três esferas governamentais diferentes (Federal, Estadual e Municipal), mas, tem uma garantia legal, uma garantia de recursos e tem toda uma complexidade de funcionamento que resulta na péssima qualidade de atendimento à saúde que temos, por conta de não conseguir enfrentar bem os interesses que envolvem as três instâncias de governo com as quais lida. Acontece que em Nova Iguaçu, isso também acontecia. O secretário está lá, um pouco para cooperar com o prefeito, mas tem também seus interesses outros, indiretos à administração municipal que lhe cabe. Mas, a integração do grupo aconteceu e deu resultados.

O processo de amadurecimento do programa tem esses dois principais pontos que são frágeis, um seria a sua regulamentação, criar seu marco legal, para estabelecê-lo como uma política de estado e não apenas como uma política de governo, e; por outro lado, conseguir concretizar esse fórum comum de planejamento, monitoramento e de execução, que talvez se resolva mais facilmente, resolvendo a primeira parte, a partir do momento que se cria um marco legal de uma política de estado, de alguma forma, se consegue amarrar um fórum intersetorial, interdisciplinar. De qualquer forma, esses são pontos frágeis do programa.

No mais, na reflexão setorial que envolve o programa, o Bairro-Escola evoluiu muito, ele tem “muito à dizer”, tanto que serviu de base para a construção do programa de educação integral do MEC (Ministério da Educação). E, o MEC tem trilhado, a nível federal, o caminho que Nova Iguaçu trilhou à nível municipal, que é buscar o envolvimento de cada área setorial do governo, compreendendo que o programa não se sustenta simplesmente como uma política de educação. Ele (o Bairro-Escola) só conseguirá se sustentar quando se transformar numa política de atendimento integral das crianças e adolescentes. É essa a lógica. Não adianta ofertar uma série de atividades educacionais se a criança não tem boa saúde, se a família não tem uma condição social adequada, nem acesso a serviços de saúde, nem de assistência social, adequados e necessários, se ela não tem uma casa com o mínimo de condições de moradia, se o espaço urbano em que vive não colabora com esse novo processo educacional. Então, assim, o nível de compreensão que Nova Iguaçu chegou, que eu acho que é o grande ganho do Bairro-Escola, é esse, que políticas públicas isoladas não resolvem problemas sociais, o que resolve são políticas integradas, que “atacam” todos os pontos de instabilidade social de uma comunidade, neste ponto o Bairro-Escola avançou muito. E, eu acho que tem boas lições e respostas a dar e já está dando, inclusive a nível federal.

**Pesquisador:** Então você acha que é essa a grande contribuição que o Bairro-Escola tem pra dar à Nova Iguaçu?

**Bianca:** Sim, acho inclusive que é a grande contribuição que a prefeitura está dando para a população da cidade, que, numa certa medida, começou a incutir esse raciocínio: “Ok! Agora minha criança passa a ficar à tarde na escola. Mas, ela não

tomou a vacina. E aí? E, eu trabalho, e aí?” É essa mudança no paradigma, a mudança de postura da sociedade, é um resultado importante do programa na cidade. E, o que o programa construiu de reivindicação, neste sentido, por outro lado, começa a transforma-lo numa política de Estado, porque faz com que os próximos governantes da cidade comecem a dar algum tipo de resposta nesse sentido.

**Pesquisador:** Mas isso nós só poderemos avaliar a partir da nova administração.

**Bianca:** É.

**Pesquisador:** Agora, neste período você estava trabalhando diretamente com a coordenadora e, principal mentalizadora do programa em Nova Iguaçu. Você vê essa contribuição, essa mudança de mentalidade, dentro do governo?

**Bianca:** Sim.

**Pesquisador:** Como?

**Bianca:** Eu acho que a própria ação política que o prefeito Lindberg fez na virada do primeiro para o segundo mandato... Ele tomou decisões muito complicadas na alocação de pessoas no governo em áreas que, pela cultura, costumam ser ocupadas por políticos e não técnicos, como a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Educação, que tradicionalmente eram geridos por políticos do município e agora o prefeito colocou nos cargos, técnicos e pessoas que tinham acúmulo de reflexão sobre o assunto dessas pastas, uma decisão muito difícil, pois são secretarias com recursos garantidos e objeto de disputas políticas e que o prefeito “bancou” a alocação de técnicos para a administração. Acho que isso é um ganho interno grande.

Por outro lado, teve o processo eleitoral das diretoras das escolas municipais, que ocorreu no primeiro semestre do ano passado e foi a rodada de troca de todas as diretoras do município. De uma forma geral, as novas diretoras eleitas entendiam o programa. Como essa eleição é feita com a participação de toda a comunidade escolar, ou seja, tem a participação dos pais dos alunos, do conselho escolar, da equipe da escola, dos servidores municipais da educação, isso que dizer que, de alguma forma, a comunidade absorveu a ideia do programa e concorda com ele, e, compreende a sua importância. A própria reeleição do prefeito Lindberg com 67% dos votos válidos, também representa a aceitação e compreensão do programa como importante para a cidade.

**Pesquisador:** Então, como o Bairro-Escola se estrutura oficialmente?

**Bianca:** Requalificação urbana, implementação do Ensino em Horário Integral, valorização da vida e prevenção da violência e, democratização da cultura do esporte e do lazer. Esses são os eixos, mas, o envolvimento das áreas setoriais da prefeitura era total. Até a Secretaria de Meio Ambiente, que está envolvida nos processos de licenciamento, nos processos de educação ambiental.

**Pesquisador:** Muitas dessas reestruturações passaram pela criação da Secretaria da Cidade, antiga secretaria de obras, que passou por uma mudança “de cima para baixo”, reorganizando várias secretarias e subsecretarias, o que você tem a acrescentar sobre isso? Sobre a atuação da Secretaria da Cidade no Bairro-Escola?

**Bianca:** Eu acho que houve o esforço de integrar a gestão ao programa, mas foi a área em que o governo menos avançou na integração.

**Pesquisador:** No eixo de prevenção à violência, foi também criada uma secretaria.

**Bianca:** Sim, foi criada a Secretaria de Prevenção da Violência que depois foi integrada à Secretaria de Assistência Social, com a figura do Luís Eduardo Soares como secretário.

**Pesquisador:** Como você avalia isso?

**Bianca:** Eu vejo mais como uma opção técnica. O Luís Eduardo começou ainda no primeiro governo com a Secretaria de Prevenção à Violência, que é um trabalho importante, mas que ainda não estava tão integrado ao Bairro-Escola no início, e, no segundo governo, o secretário absorveu a administração da Secretaria de Assistência Social, numa ótica de trazer os programas sociais, utilizando dos financiamentos federais e municipais para melhor articular com o Bairro-Escola e com os programas de prevenção à violência.

Agora um fato importante que colaborou para dificultar uma integração maior da Secretaria da Cidade com o Bairro-Escola, foi o fato do município estar apenas com 10% do seu território com saneamento básico e infraestrutura<sup>22</sup>, no início do governo do Pref. Lindberg. Então, havia uma emergência anterior de urbanizar, sanear e dar infraestrutura ao município, muitos dos esforços da Secretaria da Cidade estavam voltados para esse objetivo, tanto que na virada do primeiro para o segundo governo, mais de 60% da cidade, já estava urbanizada. E agora o governo está trabalhando para deixar a cidade com a situação inversa, com menos de 10% da cidade sem infraestrutura. Isso contribuiu por uma integração mais direta com o programa, mas, por outro lado, toda urbanização que foi feita pela secretaria na cidade foi pensada dentro da lógica do programa Bairro-Escola. Construir um espaço urbano adequado para possibilitar à comunidade, viver nesse processo de atendimento integral.

**Pesquisador:** Então nós falamos das Secretarias de Prevenção da Violência, de Assistência e da Secretaria das Cidades.

**Bianca:** No caso da Secretaria de Assistência Social, dentro do eixo de valorização da vida e prevenção da violência, eu acho que há uma dificuldade de se compreender, no concreto, na prática, essa integração com o programa, porque essa não é uma integração direta. A ação dessa política não é voltada para um atendimento direto, está mais voltada para a possibilidade de aumento da mobilidade social, de geração de renda entre outros, que colaboram com o processo de Educação Integral, mas não é uma ação direta de Educação Integral.

**Pesquisador:** Então é mais um instrumento de política pública que vem com a mentalidade que traz o Bairro-Escola.

**Bianca:** Sim. Mas, é claro que há políticas e ações que Nova Iguaçu tira proveito, isso em todas as áreas que são planejadas pelo Governo Federal, como o SUAS, na área de Assistência Social, que aplica [verba] direto em ações que são executadas pelo município. A inteligência do Bairro-Escola está em aproveitar esses recursos e essas ações integrando-as no processo de construção e execução do programa. Um exemplo disso está na articulação do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), que visa à criança em situação de trabalho infantil. O que a Prefeitura faz é

---

<sup>22</sup> Dados não confirmados pela pesquisa, segundo PINTO (2008).

articular esse programa com o Bairro-Escola, trazendo os seus recursos, e inserindo essa criança no Programa de Educação Integral, complementado também pelas ações que estavam previstas pra atender aquela criança pelo PETI.

Na teoria funciona, é até fácil entender. Na prática, esse processo complica, porque muitas vezes, é difícil conseguir uma vaga para a criança na escola municipal perto de casa e após a matrícula, a criança sofre. Devido a sua situação anterior e da sua família, que a torna estigmatizada na escola. É aí que entra também o trabalho da Secretaria de Assistência Social, no sentido de procurar resolver esses problemas, que não são fáceis.

Mas esse é o objetivo do programa, articular as diversas políticas, programas e ações das três esferas de governo. Não apenas para garantir a sua sustentabilidade financeira, mas para encarar os beneficiários. Não apenas como um número nestas diversas ações, muitas vezes a mesma pessoa, vista e atendida de maneiras diferentes nestas ações, mas encarando-a como uma pessoa, e mesmo uma família, que é atendida pelas diversas ações, conforme as necessidades que tem.

**Pesquisador:** E a Secretaria de Educação, como você vê a evolução dela neste processo?

**Bianca:** Eu acho que sim. Mas acaba que a própria instituição da educação se torna um dos maiores obstáculos a serem vencidos. Porque o processo de ensino e o sistema educacional no Brasil é baseado em paradigmas que se tornam obsoletos, como em qualquer outro sistema. Você “pega” uma professora que ganha pouco, trabalha em três escolas, por exemplo, e diz pra ela que a escola funcionará com o dobro de crianças e, que haverão outras pessoas de outras profissões, de outras áreas, dentro do ambiente dela, para mexer com as crianças que ela chama de “minhas crianças”... Esse é um processo de enfrentamento muito complicado. Nova Iguaçu enfrenta isso e o MEC enfrenta isso no processo de implantação do programa de educação integral a nível federal.

Nova Iguaçu enfrentou esse problema. Na implantação do Programa de Educação Integral, cuja equipe é estruturada numa equipe interdisciplinar, que, além do professor, do diretor da escola e, dos outros profissionais da educação, conta com profissionais de outras áreas, muitas vezes estudantes universitários, o atendente do Posto de Saúde, a mãe que é voluntária e passa estar dentro da rotina da escola... E, todos esses passam a ser objetos questionadores desse sistema. É difícil para a professora lidar com essa nova situação nas mesmas condições que tinha anteriormente. Eu acho que quando o município diz que vai dar aumento e que vai estabelecer um programa de cargos e salários para o professores, é uma compreensão da administração que não adianta operar uma mudança no paradigma do sistema educacional do município, se esta não operar na qualificação e na gratificação dos principais profissionais desse sistema. Essa foi uma conquista para a classe, e representa também uma evolução do programa.

A Secretaria de Educação teve que se reestruturar internamente, principalmente na área logística, que passa a ter um contingente de abastecimento muito maior, com todas as crianças na escola o dia todo. Além disso, há uma série de novos equipamentos, materiais e atividades que demandam locais de organização e armazenamento, além de pessoas para cuidar disso tudo. Isso tem um impacto no sistema escolar, no espaço da escola e na comunidade escolar, que é muito grande. Isso, no primeiro momento, é um impacto forte para enfrentamento. Não tem jeito. Mesmo havendo um planejamento cuidadoso, na prática, novos fatores das mesmas

questões aparecem, mas, é um processo que vai gerando experiências que contribuem para a própria evolução do programa. Onde fica claro o papel das diretoras das escolas, por exemplo. Onde não houve uma colaboração para que o programa se estabeleça com qualidade, essas diretoras foram substituídas nas eleições escolares. A coordenadoria do Horário Integral<sup>23</sup> da escola passar a ocupar um cargo de diretora adjunta, como um coordenador político-pedagógico, e ter como papel estabelecer a relação entre o bairro e a escola na prática do ensino, é outra evolução do programa. Essas e outras evoluções do programa provocaram mudanças estruturais na Secretaria de Educação, na gestão da educação na cidade, sem a menor dúvida. O próprio incentivo da atuação dos conselhos dentro do programa, com o papel de supervisionar e monitorar os processos no bairro, resultou numa mudança substancial, sim, na compreensão da própria Secretaria de Educação e do papel que esta deveria ter no processo de gestão educacional do bairro.

**Pesquisador:** Mais algum impacto relevante que você possa falar sobre?

**Bianca:** Eu acho que o que aconteceu com a Secretaria de Cultura e na Secretaria de Esportes, que tradicionalmente nos municípios são secretarias acessórias, vale a pena ser dito. A Secretaria de Cultura realizava os eventos. Mas, nem sempre, porque a Secretaria de Comunicação também os executava, então elas brigavam um pouco por essa pauta. A Secretaria de Esportes realizava os campeonatos e as corridas, não muito mais que isso.

Quando o Bairro-Escola propõe a essas secretarias que estruturarem um programa complementar para o ensino, para compor um programa de educação integral, elas passam a ter outra relevância e outra importância no cenário político e na atuação na cidade, trazendo também outras mudanças. Por exemplo, essas secretarias passam a ter orçamento, ou este deixa de ser contingenciado, e agora, essas secretarias, passam a ganhar importância no processo de construção da política para a cidade. Nesse processo, elas passam a enfrentar uma reestruturação interna e de reformulação de suas equipes para atender as novas demandas oriundas das suas novas atribuições: estruturar um programa de atendimento a crianças e adolescentes, articular esse programa ao programa de educação da cidade, e, articular os grupos da cidade para cooperar na execução dessas ações. Porque é óbvio que prefeitura em lugar nenhum do mundo terá condições de fazer esse atendimento por sua conta. Nem do ponto de vista administrativo, nem financeiro, nem do ponto de vista institucional. Você imagina estruturar uma Secretaria de Cultura e de Esportes ao nível de uma Secretaria de Educação e de todo o seu quadro. Daí, a busca para integrar as organizações sociais da cidade, que de alguma forma já prestavam esse serviço de atendimento nas áreas de Cultura e Esporte como entidades privadas, por exemplo. Tem também a articulação das políticas de governo dentro da sua área setorial, porque mesmo não tendo mais o seu orçamento contingenciado, este continua sendo pequeno. Não são 25% como é o orçamento da Educação, nem 15% com é o da Saúde, então, essas secretarias devem ter seus orçamentos complementados.

Para isso, essas secretarias tiveram que também criar outros dispositivos e instrumentos para estabelecer essa articulação com as organizações da sociedade

---

<sup>23</sup> Outra nomenclatura usada para o Programa de Ensino Integral nas escolas

civil, como estruturar um fundo municipal de cultura, impulsionar a estruturação do Conselho Municipal de Cultura e, em paralelo, impulsionar a criação do Conselho Municipal de Esportes, que passam a ter pautas claras para discussão, como a aplicação de orçamento, o gerenciamento do fundo, participar dos processos de seleção e de acompanhamento etc.

A Secretaria de Cultura, por exemplo, pela necessidade de parceria, optou por trazer a sociedade civil organizada da cidade para colaborar com o processo, a partir de editais de seleção de grupos para cooperação, a partir de um convenio com o governo federal pelo MinC (Ministério da Cultura). A conquista do Pontão de Cultura também possibilitou contratar mais grupos via edital de seleção. Essas medidas deram tão certo que foram tomadas por todo o programa, no Meio-Ambiente, no Esporte, na Educação... Muito elogiadas pelos órgãos de controle. E, a prefeitura, um pouco antes de eu sair, caminhava para construir um modelo unificado de seleção para todas as áreas.

Assim, por conta de todas as experiências, a Secretaria de Cultura é, na minha opinião, uma das secretarias que mais executam e dão resultado. E, a que mais impacta diretamente no resultado do programa com seus beneficiários diretos, que são os alunos. Na comunidade também. E, podem mensurar isso. É a secretaria que mais evoluiu. A Secretaria de Esportes vai pelo mesmo caminho. A Secretaria de Educação ainda tem questões paradigmáticas para serem resolvidas e, a Secretaria de Saúde começa a ter avanços significativos.

**Pesquisador:** Mais alguma coisa o que gostaria de falar sobre o Bairro-Escola?

**Bianca:** Por enquanto, não sei bem o que mais posso falar.

**Pesquisador:** Você me indicaria a falar com alguém?

**Bianca:** Como você não fará um “antes e depois” do Bairro-Escola, eu acho que você de ficar atento às entrevistas. Para um conjunto de pessoas a percepção do programa é clara e bem objetiva, para outras não. Outro dado é o grau de efetividade, de operação do programa. Onde o Bairro-Escola foi mais efetivo e onde não foi. O que inclui a questão do espaço urbano, onde houve lugares com mais intervenções de qualificação e outros com menos. E, não é necessariamente a intervenção urbana a responsável pela nova percepção do espaço urbano. Tem lugares da cidade que o Bairro-Escola entrevistou a olhos vistos, mas que não impactou na rotina do bairro. O entorno da Escola Municipal Venina Torres. Lá eu não observei uma mudança real na rotina do bairro.

**Pesquisador:** E, onde você sentiu uma mudança?

**Bianca:** Nova Era. Lá já tem um Ponto de Cultura implantado, a situação social é outra, mais carente. Há uma situação de altos índices de violência. Lá eu fiquei sabendo que houve uma mudança por lá. Você pode falar com o Edilson, do CISANE (Centro de Integração Social Amigos de Nova Era). Mas a opinião dele pode ser muito parcial.

**Pesquisador:** A sua também é.

**Bianca:** É. Você pode falar com a Verônica – da Secretaria de Cultura – porque ela conhece o programa e é moradora de Nova Iguaçu. Ela pode te indicar outras pessoas para conversar. As mães voluntárias que ficam nas escolas podem te dar bons relatos.



**Pesquisador:** Ok! Meus bairros já foram definidos, mas farei contato com essas pessoas para ver o que posso conseguir de informações. Muito obrigado pela entrevista!

Bianca: Disponha.

## **2. Entrevista com o presidente da Associação de Moradores de Rancho Novo<sup>24</sup>**

**Alceu:** Bom dia. Quem são vocês? Posso saber a ocasião das fotos? Vocês são da prefeitura?

**Pesquisador:** Bom dia. As fotos são para minha pesquisa de mestrado.

**Alceu:** Ah, é? Para onde?

**Pesquisador:** Eu faço mestrado em urbanismo na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

**Alceu:** Ah! Você pode ver que a praça foi bem executada. Logo depois foi entregue à Associação de Moradores. Os moradores gostam muito. Antes era uma quadra de escola de samba. Mas, depois de um tempo “rolou” uma confusão aí e ela ficou abandonada. Por fim funcionava apenas como um campinho de futebol improvisado. Em 2002 o terreno foi limpo para a criação de uma área de lazer, mas só em 2007 que foi criada a praça.

Na época, o projeto da praça foi apresentado e discutido com a comunidade, nós passamos para os arquitetos que vieram que o projeto tinha alguns problemas, mas eles revisaram o projeto. O problema da praça é a falta de manutenção! Se você tiver um tempinho eu te levo no “emaranhado” que ficou o quadro de luz da praça. Uma bagunça! Quando chove, aqui enche, aí as luzes da praça apagam, ficam debaixo d’água. A empreiteira disse que voltaria para terminar o serviço, mas nunca mais apareceu. Dizem por ai que ela até deixou outras obras pela metade, por falta de pagamento.

**Pesquisador:** Posso aproveitar que você está aqui para ensaiar umas perguntas que farei no bairro?

**Alceu:** Sobre o que?

**Pesquisador:** Sobre o Bairro-Escola, você conhece?

**Alceu:** Eu conheço, já foi muito bom. Mas, hoje acabou.

**Pesquisador:** Ah, é? (Na época já sabíamos que a informação era incorreta).

**Alceu:** Sim. Você está vendo aquelas paredes pintadas ali? Tudo isso foi feito pelo Bairro-Escola. Sabe aquelas placas? O quebra-molas? Fui eu que andei com o vereador e pedi que fossem colocados para a segurança das nossas crianças. Elas estudam no colégio aqui perto, você conhece?

**Pesquisador:** Sim, já estive lá.

---

<sup>24</sup> Encontrado por acaso no dia de visitação ao bairro, no momento que fotograf vamos a Praça Imperatriz.

**Alceu:** Então você viu que não tem mais nada lá. Assim como nesta praça, olha a pintura. Tudo gasta. Se você me perguntasse que nota que eu dou para o Bairro-Escola, sabe que nota eu daria?

**Pesquisador:** Qual?

**Alceu:** Três! E te digo o porquê. Há uma extrema falta de recursos para executar o projeto aqui no bairro, vem uma ajudante aqui (na praça), um professor de educação física, mais uma pessoa e outra, somam quatro. Aí te digo, quantas crianças? Seis! Brinquedo? Uma corda, bola... Mas, recurso? Nenhum! Para mim, o projeto está abandonado!

**Pesquisador:** Mas, você falou que essa praça não existia. Depois que ela foi feita, o uso deste espaço mudou muito?

**Alceu:** Ah! Muito! Vem gente de longe aqui. Vem dessa área aqui toda, Nilópolis, Miguel Couto, Figueira. Fica cheia, a praça. Ambulantes, evangélicos... São organizados eventos, escolinha de futebol...

**Pesquisador:** Então essa praça aqui mexeu com o bairro.

**Alceu:** Olha, mexeu muito. E é todo dia. Se você voltar aqui mais tarde, vai ver muita gente. Se voltar de noite, vai ver mais gente ainda. De carro, a pé, de bicicleta...

**Pesquisador:** Ok! Muito provavelmente voltaremos a conversar. Eu preciso terminar a minha visita ao bairro agora.

**Alceu:** Certamente. Estou à disposição, é só procurar por Alceu. Todo mundo me conhece aqui.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

### **3. Entrevista com a equipe de direção da Escola1<sup>25</sup>**

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola?

**Professora1:** Chegou para nós sem uma preparação, sem uma estrutura. Chegou, foi imposto e teve que começar.

**Pesquisador:** O que você chama de preparação?

**Professora1:** Seria do espaço físico, o nosso não é adequado, antes era pior.

**Pesquisador:** E a estrutura?

**Professora1:** Por exemplo, para o banho, não tinha chuveiro, que demorou a ser colocado. Material para banho, toalhas, essa parte higiênica. Capas de chuva. Onde colocar mochila... De repente a escola tomou outro movimento, nós tínhamos os turnos, aí aumentou o número de pessoas na escola e nós não tínhamos, e ainda não temos, como acomodar todos.

---

<sup>25</sup> Omitimos os nomes dos professores entrevistados e escolas conforme solicitado nas entrevistas sobre a implantação do Programa de Educação Integral, também conhecido como Bairro-Escola, Horário Integral, ou simplesmente como Integral ou Integralidade dentro das escolas.

Acomodamos as salas para as pessoas poder trabalhar, você vê aqui a secretaria é usada para diversos trabalhos, como você vê toda a hora a porta abre. As pessoas tem que trabalhar no refeitório, repartimos uma sala para fazer um almoxarifado, o antigo almoxarifado virou sala de computadores, mas não deu para todos os computadores que recebemos. Acabamos com a sala da direção para acomodar mais pessoas. Então, precisamos de uma ampliação do prédio, isso é urgente. Também não tínhamos parceiros.

**Professora2:** Não deu tempo de providenciar.

**Professora1:** Não tivemos tempo. Depois fomos nos adequando ao projeto.

**Professora2:** Os professores não tiveram uma reunião com o pessoal da SEMED para receber o projeto aqui na escola, porque influenciou muito na vida deles. Até o fornecimento de água é pouco para essa quantidade de pessoas e o novo ritmo da escola.

**Professora3:** E sem essa preparação, a aceitação fica difícil. Quando não há preparação, não existe a sensibilização. Então, neste momento, a escola acabou ficando dividida entre os alunos do Integral e os alunos do “regular”.

**Pesquisador:** E como se deu o desenvolvimento do Bairro-Escola?

**Professora1:** Foi difícil. Esse período inicial foi um período de adequação, neste momento estávamos tentando resolver os problemas que tínhamos para fazer o Bairro-Escola funcionar.

**Professora2:** Também foi assim com as crianças, elas também precisaram se adaptar ao Bairro-Escola. Elas não tinham um relacionamento com a escola. Antes era apenas aquele horário de aula e depois ir para casa. Hoje em dia, eles têm um relacionamento que a escola é a casa deles.

**Pesquisador:** É assim o relacionamento hoje?

**Professora2:** É sim. Hoje em dia, eles estão brincando na rua e, quando dá sede, eles batem no portão, pedem para beber água, bebem água, e saem. Então, eles começaram a tomar a consciência que a escola é algo público, que podem usufruir disso no horário que precisam e, enquanto a escola estiver aberta, ela estará disposta a receber esses alunos. É claro que precisamos ter regras, não pode virar bagunça, mas eles entenderam isso. Tanto que a Prof. M. foi levar as crianças numa exposição lá na Praça São José Operário e estava tão quente, tão quente, que eles falaram assim: “Ah, Tia M.! Nós queremos voltar para a nossa casinha.” Aí, a professora falou: “Que casinha? Não está não hora de ir para casa”. “Não Tia, a escola, a nossa casinha!” Então, o relacionamento deles aqui é “a casa”, é mais família. Porque aqui eles têm um tratamento que, às vezes, não tem em casa. Por pior que seja o nosso banheiro, eles, em casa, tomam banho de balde, pegam água de poço ou algo assim. Eles não têm a alimentação correta, aqui eles têm horário para tudo, então a rotina virou um hábito. Coisa que eles não têm em casa. Isso tudo mudou o relacionamento do aluno com a escola.

**Pesquisador:** E as parcerias?

**Professora3:** A gente foi buscando pela comunidade. Conseguimos uma parceria com uma escola particular conhecida nossa, que é nosso parceiro até hoje. Conseguimos também com um salão perto da escola. Nossa busca foi porta-a-porta.

**Pesquisador:** E a relação dos parceiros com a escola?

**Professora2:** Muito boa, eles sempre ligam, chegam a nos cobrar quando não vamos lá. O dono da escola, por exemplo, dá valor por esse tipo de coisa, ele diz que o puder disponibilizar da escola dele para as nossas crianças, já que elas não podem pagar para estudar lá, ele irá fazê-lo. Para as crianças é muito bom, são lugares que eles não tinham acesso, então, uma vez lá, há toda uma preocupação em zelar por esses espaços e manter uma boa convivência. Nós reforçamos isso, o cuidado com os espaços que não é “nosso”.

**Professora1:** Isso fez com que os parceiros gostassem muito de trabalhar com a gente. Nós tivemos isso ao nosso favor, muitas escolas não tiveram. Muitas escolas também não conseguiram parceiros.

**Professora4:** Como nós trabalhamos aqui há muitos anos, como conhecemos bem a comunidade, tivemos essa facilidade.

**Pesquisador:** Essa relação se deu também com os pais?

**Professora4:** Sim, temos muitos pais e mães voluntários. Tem um pai de um ex-aluno que nos ajuda bastante, tá sempre aqui fazendo pequenos reparos. Um outro senhor também, volta e meia, nos ajuda aqui. Nós falamos que eles são os amigos da escola, são esses e outros. Na época da eleição aqui da escola, houve uma mobilização de pais ao nosso favor. A gente nem sabia que era tão querida pela comunidade. Nós temos filhos e netos de ex-alunos nossos que estudam aqui.

**Pesquisador:** Mas, vocês estão na direção há muito tempo?

**Professora3:** Não, antes não tinha eleição. E na primeira que teve, só tinha uma chapa, não houve concorrência. Essa foi a primeira eleição com disputa de chapas. Tiveram três chapas.

**Professora5:** Eu acompanhei de longe, a chapa delas ganhou por uma diferença absurda! (Risos)

**Pesquisador:** Quando o Bairro-Escola começou aqui?

**Professora2:** Em agosto de 2006.

**Pesquisador:** E como está hoje?

**Professora2:** Bom, muita coisa mudou em relação ao nosso relacionamento com os alunos, com os pais e os professores. A gente conseguiu estruturar a casa com o que a gente tinha. Mas, em relação à estrutura, muita coisa está como era antes, nossa quadra ainda não foi coberta, foi prometido. Em volta dela cresce muito mato, é um custo para conseguir capina. E, quando não tem a capina, não dá para usar porque cresce aqueles caramujos africanos...

**Professora3:** Mas a nossa escola tem condições boas, tem escola que não tem as condições que a nossa tem. Mas, de qualquer forma, as nossas melhorias são paliativas, não é feito nada definitivo.

**Professora2:** Nós temos um probleminha ou outro. Não temos capa de chuva, às vezes falta água. O fato de ter um chuveiro por banheiro complica muito, porque só temos de 11h às 12h pro banho e de 12h às 13h pro almoço, então às vezes o tempo de banho extrapola o limite e as crianças não podem comer e ir direto pra sala de aula, tem que ter um descanso. Mas, a SEMED está ciente da importância do Bairro-Escola, e quando há alguma ameaça à continuidade eles dão “um jeitinho” e a gente vai “levando”, cada vez com uma dificuldade diferente, mas agora a gente conta com o apoio de todo muito. Antes, nas reuniões, não havia essa integração,

tenham as reuniões da escola e as reuniões do Bairro-Escola, tudo isso foi mudando, até que hoje temos reuniões únicas com a presença de todos, professores, direção, estagiários, coordenadores...

**Professora6:** Nós ganhamos também o Mais Educação que foi muito bom para a escola, nos possibilitou trazer mais profissionais competentes para escola, oficinas, muito bom mesmo.

**Pesquisador:** Como vocês avaliam essa experiência com o Bairro-Escola?

**Professora4:** Muito boa, deve continuar. As crianças sentem falta e os pais gostam muito. Apesar das dificuldades que tivemos, conseguimos criar um vínculo com a comunidade.

**Professora2:** Um laço afetivo mesmo. Isso faz com que a criança venha mais da escola, porque gosta da escola. Antigamente, a gente via que as crianças correndo para casa logo no toque do sinal. Hoje, até nos dias que não tem oficinas do Bairro-Escola eles ficam. A gente até se preocupa em deixa-los na escola porque não tem quem fique com eles, mas, mesmo assim a gente os convida para dentro nos horários de recreio, quem quer entra, outros ficam jogando xadrez ou conversando na grade mesmo... Eles não saem mais daqui de perto.

**Professora4:** Temos talentos que surgiram nas oficinas também. Eles são muito dedicados! Teve até um caso de uma apresentação da banda em que a maestrina não pode aparecer no dia. Eles ficaram desesperados em participar e um aluno se pôs a frente da banda e a comandou por todo o desfile.

**Professora3:** A gente não imaginou que os alunos teriam aquela disciplina, porque nos ensaios eles nem cuidavam tanto da formação. Foi uma surpresa pra nós!

**Pesquisador:** Há mais algo que faltou falar, ou algo que eu não perguntei?

**Professora2:** Eu acho que a escola não tem estrutura para ter o Bairro-Escola, como boa parte das escolas. A questão de banho é uma questão muito complicada, um chuveiro para dezenas de crianças tomarem banho? Tem dia que chove, não pode ter Bairro-Escola. Ou se a criança está aqui, tem que ir no chuveiro, ou tem que improvisar algum lugar na escola para que eles fiquem. Uma coisa é ter um lugar para eles ficarem, outra coisa é eles ficarem no corredor. Botar uma mesinha, uma cadeira, que é o que eles fazem para conseguir alcançar o objetivo. É um lugar que as pessoas passam, e passam falando alto. É um local público! Querem ir ao banheiro? As crianças passam por ali... Uma implica com a outra... Então, é complicado para o estagiário trabalhar. Há uma dispersão do objetivo que é proposto. É desgastante para o estagiário e às vezes pra gente também, porque o aluno vê o que está sendo feito e quer fazer também... Por isso a questão da estrutura é fundamental.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

#### **4. Entrevista com equipe de direção da Escola<sup>26</sup>**

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola.

**Professora:** A gente trabalhava com alunos desde o CA até o nono ano e todas as salas eram ocupadas aqui, não existiam salas vazias na escola. Aí, eles jogaram o Bairro-Escola aqui, fomos uma das primeiras escolas, para testar, e era assim, era para fazer acontecer, mas trabalhando. Sem um planejamento prévio nosso, não teve um planejamento para que pudéssemos nos adaptar ao programa. Aí, dava um monte de problema, porque faltava espaço... Isso em 2006.

Só três de nós foram convidadas para ir à SEMED para conhecer o programa, tinha um curso de formação de mais ou menos um mês, tínhamos as Agentes Pedagógicas, que nos apoiavam no desenvolvimento do programa, elas nos assistiram por mais ou menos um ano. E nós trabalhávamos também cada um em sua função, não tinha muita integração não. Aí era assim: A gente tinha que trabalhar com aluno pequeno, aluno grande... Eles tinham que ficar na escola o dia todo e não podia ir pra casa. Então, dava confusão, porque não tinha onde acomodar esses alunos, e tinha o outro turno que tinha que entrar. O aluno tinha que ficar num espaço, a gente não trabalhava com parceria, aí procuramos fazer parceria para ter espaço para acomodar esses alunos que não podiam ficar só no espaço da escola. A gente não tinha essa estrutura, então dava muita confusão. Nossos vestiários não eram adequados para atender toda a demanda do esporte e dos banhos também, isso atrapalhou.

**Pesquisador:** Mas vocês não tinham parceiros?

**Professora:** A gente já tinha parceiros, mas para o horário intermediário, não. A gente tinha também muitas pessoas que não tinham experiência para lidar com as crianças, por que eram estagiários de 2º grau e universitários que nunca tinham lidado com sala de aula. Então foi muito difícil. Tinha também que reorganizar a utilização da escola em função das aulas regulares. Tinha o caso da quadra, o professor de educação física tinha que dividir a quadra com os alunos do Integral, ele não queria, tinha muita resistência. Isso criou muitas situações difíceis.

Em dias de chuva era muito complicado porque não dava para ir a lugar nenhum. Só aos poucos e com o tempo que conseguimos por meio de reuniões, demonstrar que não se tratava de uma escola dividida, que todo mundo ali estava trabalhando e passando pelos mesmos problemas, que era uma escola em horário integral, e que todos faziam parte daquela escola. Aí todos foram se acomodando e passamos a ter o suporte dos professores também.

Aí, em 2007, 2008, passamos a concentrar aqui os alunos de 2º segmento. Eles davam muito trabalho para a gente, porque tínhamos que levar todos para os parceiros e, como são mais velhos, eles não queriam sair juntos para as oficinas, fazer fila, tinham vergonha... Queriam andar sozinhos... Afinal, eles já o faziam no caminho para escola e para a casa. Isso foi revisto pela equipe do Bairro-Escola, eles ganharam mais liberdade.

---

<sup>26</sup> Neste dia a entrevista se resumiu a uma coordenadora, um imprevisto causou a ausência das outras pessoas que compõem a equipe. Essas conversas foram complementadas posteriormente, porém sem a autorização da gravação.

A partir do ano passado a gente optou por concentrar todas as nossas oficinas aqui. A gente tinha problemas com disciplina, aluno que fugia da mobilidade, coisas que se quebravam nos parceiros. Então, achamos melhor ficar por aqui mesmo. Ampliamos o número de salas, melhoramos o uso da quadra, depois perdemos muitos estagiários e alunos, estávamos com menos verbas do governo, não tinha mais o guarda de trânsito, então era melhor ficar por aqui mesmo. O que nos ajuda mais agora é a verba do Mais Educação.

**Pesquisador:** E como você avalia a experiência da escola em todo esse processo?

**Professora:** A SEMED trazia tudo o que a gente tinha que ter para fazer o Bairro-Escola, dizia quem seriam os parceiros, traziam os estagiários e apresentava o programa para os pais. No início teve um “boom” de adesões ao programa, tanto que era um monte de crianças, porque era muito bom para os pais deixar seus filhos aqui. Andar pelas ruas era bom, porque a prefeitura desobstruiu as calçadas, pintaram as ruas, colocaram guarda de trânsito, que acompanhava todas as mobilidades... Dava certo, a gente não teve problemas com isso não.

O problema era maior em dias de chuva, ou quando não tinha água ou quando faltava a merenda, porque os pais não queriam saber. Eles deixavam o filho aqui de manhã e só voltavam no fim da tarde para buscar. Aí, quando não dava para ter o horário integral, os alunos menores ficavam aqui o dia todo esperando o pai vir buscar. Então, assim, o Bairro-Escola é um bom programa, necessário mesmo para o bairro. No início eles eram bem voltados para isso, mas depois o programa foi perdendo a força, talvez por questões políticas, o prefeito mudou, então deixamos de ter atenção.

O impacto do programa nas crianças foi bem positivo, eles ficaram mais interessados... Assim, era para dar certo, mas era tanta mudança de pessoal, mais essa troca de gestão, que a gente não sabia mais quem procurar para fazer com que o programa funcionasse. Oficialmente, deveríamos ter todas as crianças ocupadas aqui, mas sem pessoal e as condições para isso não dá. Os pais descreditaram do programa então vem buscar seus filhos ou os mandam voltar para casa mais cedo.

**Pesquisador:** Mas as crianças moram longe daqui?

**Professora:** A maioria mora próxima ao centro, quem pega condução para vir aqui, não vai pra muito longe não. Tem muita área residencial aqui por trás (no morro, ou próximo do rio).

**Pesquisador:** E hoje tem Bairro-Escola funcionando?

**Professora:** Tem. A gente depende de ter estagiários, então hoje a gente não tem oficinas de esporte, que era o grande chamariz, né? Esporte e, principalmente, a piscina era a sensação do programa aqui na escola. Eles não têm muito contato com essas coisas, né? É tudo criança carente mesmo... Mas, acabou que a falta dessas coisas ocasionaram a queda da procura. Então hoje eles têm a oficina de cultura, as aulas de leitura e o reforço de matemática. Eles já não ficam aqui todos os dias em horário integral, porque não temos estagiários para isso, então tem “buracos” no horário da semana. Então essa questão de falta de pessoal dificulta.

**Pesquisador:** Há mais algo que faltou falar, ou algo que eu não perguntei?

**Professoras:** Acho que não.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

### **5. Entrevista com a equipe de direção da Escola**<sup>27</sup>

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola?

**Professora1:** O Bairro-Escola foi implantado aqui em 2006. Nós recebemos uma equipe da SEMED para explicar para nós e os professores como seria esse processo aqui em Miguel Couto e, mais especificamente aqui na escola. A ideia em si do programa, das parcerias, é legal, é bacana. Mas, cada escola tinha que adaptar o programa à sua realidade. Mas, na hora de ver os detalhes de cada escola, de cada entorno, não foi dada tanta atenção.

Depois, a SEMED chamou uma reunião com os responsáveis para falar sobre o programa e sobre o que seria oferecido, sendo que eles não tiveram o cuidado de explicar que o que eles diziam existir no Bairro-Escola, dependeria do que existisse próximo das escolas, ou das suas possibilidades. Aqui, por exemplo, muitas coisas que eles disseram que existiriam não eram contempladas pela nossa escola. Mas, por conta da propaganda, a nossa taxa de adesão ao Bairro-Escola foi lá em cima, mais de 90% da escola!

**Professora2:** Aí funcionava assim: As crianças chegavam sete horas e iam para as salas, o horário regular, dez turmas. Oito horas entravam os alunos do Bairro-Escola, que estudavam à tarde, nove turmas. Oito e meia, tomavam café, depois saíam para oficina, que levava uma hora e quarenta. Depois retornávamos do parceiro para a escola, para o lanche, e então, retornávamos para o parceiro.

Aí, mais uma oficina de uma hora e quarenta, depois voltávamos para a escola para o banho e para o almoço e, entregar essa turma toda para as aulas da tarde a uma [hora]. Acontece que, as onze [horas] as crianças do turno da manhã eram liberadas, então, entre onze [horas] e uma [hora] nós ficávamos com todas as crianças na escola. Todas as crianças! Todas para tomar banho e almoçar.

**Professora1:** Nós tínhamos os estagiários de ensino médio, normalistas, para nos ajudar nesse horário com as crianças. Mas, eles não tinham experiência no trato com elas. Então, o nosso trabalho era dobrado, porque nós tínhamos que prestar atenção nos alunos e, nos estagiários, porque eles ficavam... (Risos) Eles não aguentavam.

**Professora2:** As normalistas também davam oficinas, mas elas não tinham a menor noção de sala de aula, então eu marcava com elas bem cedo, de manhã, para fazermos juntas o planejamento de cada dia. E, fazia a mesma coisa com as estagiárias da tarde. Eu tinha vinte estagiárias de manhã e dezoito à tarde. Só para as oficinas de aprendizagem.

**Professora1:** Para o esporte tinham muita gente.

**Professora2:** Para você ter uma noção, o Bairro-Escola começou em agosto. Em outubro, resolvemos fazer uma lembrancinha para dar para eles pelo dia dos

---

<sup>27</sup> O diretor se ausentou no dia combinado, a diretora adjunta e a coordenadora foram da equipe de implantação do Bairro-Escola na escola.



professores, foi então que nós demos conta da quantidade de pessoas que lidávamos no nosso dia a dia. Mais de cem! Pessoas com as quais nós dividíamos responsabilidades, fora os alunos! E tinha que ter diário, tinha que fazer presença, tinha que ensiná-lo a fazer a presença das crianças...

**Pesquisador:** E a escola, como reagiu a esse movimento todo?

**Professora2:** Não foi boa a reação. Nós fomos hostilizadas pelos nossos colegas de trabalho...

**Professora1:** Porque viemos mudar a rotina da escola! O aluno veio da tarde para o horário da manhã? “Não, esse aluno não é meu! Não posso nem chamar atenção porque ele não é do meu turno. Ele é do Horário Integral.” O professor dava aulas à tarde. Chegava mais cedo e queria ir para a sala planejar aula, não podia, estava em uso pelo Bairro-Escola. “Não pode! Esta é a minha sala!” Só que a sala estava ocupada pelos alunos da manhã. “Ah! Então você tem que dar um jeito!” Os alunos mexiam por acaso no material do outro turno? “Olha, são os alunos do Integral (Horário Integral) que estão mexendo!” E, a água acabava porque não dava conta de tudo, almoço, banho, comida...

**Professora2:** A gente nos banheiros, nos banheiros dos meninos, batia na porta... “Vambora! Vambora” Ensinava as crianças a tomar banho. As crianças nem sabiam tomar banho! Entendeu?

**Pesquisador:** E como isso ficou ao longo do tempo?

**Professora1:** Foi uma tensão. Aí, eu peguei a diretora e disse que não dava para trabalhar assim. Porque a gente encontrava dificuldades e não encontrava o apoio dos colegas, é aí que piorava a situação.

**Pesquisador:** E a direção?

**Professora1:** Até então, a direção sabia das nossas reclamações, mas ela mesmo não tinha um contato com o programa. “Elas estão dando conta, não vou me meter no serviço.” Então, chegamos a ela e pedimos para voltar à sala de aula, mas não dava mais! Nós choramos muito! (Risos) Aí, com a ajuda dela pensamos em estratégias para resolver isso, pensamos no que poderíamos fazer para chamar a atenção dos nossos colegas. Aí a equipe foi trabalhando isso, a equipe pedagógica foi trabalhando os professores em reunião, pedindo paciência. Aí, foi moldando o pessoal, foi mudando a situação e, então, foi quando o quadro melhorou. Nós, também, pegamos mais experiência. Delegamos mais coisas para os estagiários, que eram monitores das turmas do Integral, então aprendemos a trabalhar com o Bairro-Escola.

**Professora2:** O Bairro-Escola foi feito assim, muito lindo no papel, mas ninguém pensou no que iria acontecer. Ninguém se perguntou se daria realmente certo. Se, os parceiros iriam concordar com tudo que iria acontecer do jeito que iria acontecer. Os parceiros começaram a fazer exigências para a gente, coisas que não eram problemas nossos. Aí, passávamos as reclamações para o pessoal da SEMED, que tratavam dos parceiros.

**Pesquisador:** Mas, vocês não faziam a relação com os parceiros, a gestão?

**Professora1:** Não, não. Era o pessoal da SEMED que encontrava o parceiro, fazia o contrato e nos avisava que podia usar aquele espaço.

**Professora2:** Aí, depois, eles nos avisavam para não usar o parceiro porque ele tinha desistido.

**Pesquisador:** Isso mudou com o tempo?

**Professora2:** Mudou. Quer dizer, o contrato ainda era feito com a SEMED. Mas, os parceiros não recebia nada em troca pelas parcerias, mas eles começaram a querer. Eles queriam manutenção, conserto de coisas que nem foram as nossas crianças que quebravam. Então começamos a perder parceiros.

**Pesquisador:** E como isso ficou com o tempo?

**Professora2:** Os pais se decepcionaram.

**Professora1:** Nós não oferecíamos tudo o que foi dito que teríamos. Nosso limite de caminhar com as crianças era 1 km, e o clube, por exemplo, ficava mais longe e não podíamos usa-lo, então, piscina, que era o forte, não tinha.

**Professora2:** Eles queriam a piscina e as atividades de esporte, as outras atividades eles não queria. Aprendizagem era um sufoco! (Risos) E olha que eu batia com as meninas que a gente não poderia fazer o que os professores faziam em sala de aula, que tínhamos que trabalhar com jogos, usar o mesmo conteúdo de forma diferenciada. Aí, eu tinha que ensiná-las a fazer o diferente. Mas, mesmo assim as crianças não estavam interessadas naquilo. Mas, no dia do esporte todo muito comparecia... (Risos)

**Professora1:** Mas aí, com o tempo houve uma grande mudança. No início, a gente sempre tinha resposta. A gente pedia papel, por exemplo, eles falavam que daria uma resposta o quanto antes, se chegaria logo, mesmo se a resposta fosse negativa, eles ligavam logo. Tinha uma equipe que vinha sempre na escola para ver como estava, pra ver se precisávamos de ajuda.

**Pesquisador:** E o que aconteceu?

**Professora1:** Depois isso acabou. Agora eu ligo, não tem mais uma pessoa para falar. Eu peço para falar com o responsável e, aí: "Fala com Fulano." "Não, agora é outro" "Ih! O Beltrano não está" Uma dificuldade.

**Professora2:** Os parceiros foram desistindo...

**Professora1:** Aí a quantidade de crianças foi reduzindo, reduzindo...

**Professora2:** Aí, nós saímos... Isso foi em 2009. Teve a eleição para diretor, e a nossa chapa ganhou, então não éramos mais do Bairro-Escola.

**Pesquisador:** E como está o Bairro-Escola hoje?

**Professora1:** Hoje em dia estamos com umas 100 crianças. E, estamos trabalhamos com elas aqui na escola. Eu trabalho com o incentivo à palavra com elas, e tem dia que eu trabalho com 3, 4 crianças. Quer dizer, eu fiz o horário para atender o Bairro-Escola. Mas a frequência é tão baixa que eu abri para atender a qualquer aluno interessado.

**Pesquisador:** Existem parceiros hoje?

**Professora1:** Nossos parceiros desistiram.

**Professora2:** Nós tínhamos agentes de trânsito, mas eles foram tirados também.

**Professora1:** Tinha sinalização, as calçadas foram marcadas, os muros pintados...

**Professora2:** Mas essas melhorias não foram em todos os bairros, eu moro num bairro que não teve nenhuma melhoria dessas do Bairro-Escola.

**Pesquisador:** Mas, quantos parceiros vocês tinham?

**Professora1:** A gente usava a igreja, que tinha várias salas, a quadra, a biblioteca, que é grande, e a Praça do DPO.

**Pesquisador:** Como a escola respondeu a esse período com o Bairro-Escola? Houve alguma mudança?

**Professora2:** O movimento aumentou muito. A cozinha, coitadas das cozinheiras... Hoje o número diminuiu, mas antes... Meu Deus!

**Pesquisador:** E as crianças?

**Professora1:** A partir do momento que as crianças passaram a ficar mais tempo, elas passaram a confiar mais nas pessoas que trabalhavam aqui na escola.

**Professora2:** Nós viramos referências para as crianças, para qualquer assunto ou problemas que eles tinham que tratar. Até assunto de crianças que não queria ir para casa... Outra mudança foi com os alunos que davam trabalho, que brigavam e depois melhoraram de comportamento. Outros alunos que saíram da escola cresceram e falam com a gente na rua, sentem falta...

**Pesquisador:** O bairro escola mudou a relação da escola com o bairro?

**Professora1:** Mudou sim. Bom, a nossa clientela não é daqui, a maioria das crianças daqui estuda em escolas particulares. Mas, as ruas foram pintadas, adequadas para o Bairro-Escola, a escola foi pintada. Isso criou um movimento inicial, depois, algumas oficinas eram feitas pedindo a participação dos nossos vizinhos. Teve campanha de reciclagem... Várias atividades de pesquisas feitas com as pessoas do bairro. Isso fez com que as pessoas conhecessem o Bairro-Escola e tivessem outra imagem da nossa escola.

**Pesquisador:** Teve alguma pergunta que vocês esperavam e que eu não fiz, ou algum tema sobre o Bairro-Escola eu não abordei?

**Professora1:** A nossa escola foi a segunda a ter o Bairro-Escola implantado aqui, e como temos uma escola nova, nós recebemos muitas visitas importantes aqui. Visita dos EUA, da Espanha, da Itália, nós éramos chamadas para falar em outras escolas sobre o movimento do Bairro-Escola, falar sobre as dificuldades que enfrentamos e das soluções de demos. Nós falávamos dos problemas com os professores que não aceitavam o Bairro-Escola, dos estagiários, tinham os estagiários de esporte com suas mochilas... (Risos) Eram pilhas e pilhas de mochilas dos estagiários! Mais pilhas e pilhas de mochilas dos alunos do Integral! (Risos) As diversas trocas de salas feitas até a escola acomodar tudo...

**Professora2:** O Bairro-Escola é um projeto grande, é de grandes proporções. Eu acho um projeto com, mas tem que estar bem estruturado!

**Professora1:** Tem que estar bem amarrado. As secretarias tem que estar amarradas em função disso. Um aluno passava mal, a gente não tinha telefone para ligar. Então a gente tinha que usar cartão. E como a gente usava cartão!

**Professora2:** O Posto de Saúde tinha que estar integrado. Dar prioridade para as crianças. Se o caso fosse mais grave, o hospital tinha que estar ligado. A secretaria de obras tem que fazer a devida adequação nas crianças. Adaptar bem os espaços,

tanto das escolas quanto na rua, garantir a segurança das crianças. A responsabilidade com as crianças é muito grande.

**Pesquisador:** Muito obrigado pela entrevista!

## 6. Entrevista com coordenadora da Escola<sup>28</sup>

**Pesquisador:** Como foi a “chegada” do Bairro-Escola aqui?

**Professora:** Aqui foi muito bem recebido, porque a gente já queria. O programa começou no início de 2008, mas não tinha sido implementado em todas as escolas. Mas já ouvíamos falar a respeito nas reuniões, aí a diretora já ficou logo interessada, porque traria várias oficinas, várias coisas diferentes pra gente, e a gente gosta dessas coisas inovadoras, essas novidades que levam as crianças a melhorarem no aprendizado, na vida delas, no dia a dia, no relacionamento.

Desde quando começamos ouvir falar, já começamos a articular para trazer o programa para escola, que chegou em meados de 2008 e foi muito bem recebido. No início teve um pouco de dificuldade de aceitação, como acontece em todas as escolas normalmente, né? Por exemplo, os funcionários faziam a distinção dos alunos que eram do Horário Integral. Nós tivemos que fazer várias reuniões. Eu era a coordenadora geral, tínhamos, e ainda temos a coordenadora de aprendizagem e a incentivadora da leitura, éramos três.

E, as pessoas achavam que apenas nós três tínhamos que responder pelas crianças deste “contra turno”, e tinham também os estagiários que começaram a trabalhar na escola. Aí, a gente foi conversando, sempre fazíamos reuniões para apresentar todo mundo, o pessoal foi se acostumando. Até porque, se você é estagiário da escola, é bom saber do professor como as crianças estão em sala, quais são as atividades realizadas para que as suas atividades sejam adaptadas para aquela realidade, aquele currículo.

Os estagiários participam das reuniões do conselho de classe. Então, hoje isso não existe mais, toda equipe da escola, de classe e extraclasse participa do processo, o Horário Integral não existe mais, hoje é Educação Integral. Então tudo foi se resolvendo, e eu gostou muito de trabalhar com projetos, já trabalhei com o PETI, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, sempre gostei de projetos, e a gente sempre procura trazê-los para aqui. Tanto que estávamos doidas pelo Escola Aberta, agora a gente já tem.

**Pesquisador:** E como está a adesão ao programa?

**Professora:** No início foi um pouco difícil, porque tem muito pais que ficam receosos com essa história das crianças terem que sair para os parceiros. No início a gente tinha agente de trânsito, então era mais “light”. Mas tem pais que não queriam deixar a criança o dia todo na escola, ou sair na rua, ou deixar a criança fazer as refeições na escola. Mesmo assim, contamos desde o início com um grupo de aproximadamente 220 crianças, isso porque não conta a educação infantil, como

---

<sup>28</sup> A coordenadora falou pela equipe de coordenação e direção da escola.

temos 490 alunos, quer dizer que quase a metade está matriculada, para o ano que vem a nossa meta é que todos os alunos estejam envolvidos.

**Pesquisador:** Então, vocês conseguem manter essa média?

**Professora:** Sim, procuramos flexibilizar, tem crianças que vão em casa almoçar porque não comem a comida da escola, só lancham, tem criança que só quer fazer uma determinada oficina. Temos um problema sério com um núcleo aqui em baixo, que é uma escola que faz um trabalho de acompanhamento, reforço, então tem muita criança matriculada nesse núcleo à tarde. Eu consegui convencer algumas mães que estudar em dois turnos é muito cansativo para as crianças, elas precisam de um momento de recreação, para fazer uma coisa diferente. Aí eu consegui que elas me trouxessem a criança três dias na semana. Então a gente sabe que é obrigatório, mas precisa encontrar caminhos para poder trazer essas crianças.

**Pesquisador:** O Bairro-Escola busca promover uma rede de parcerias, como foi a relação da escola com seus parceiros? Eu vi que a escola tem bastantes parceiros, segundo a placa lá de fora.

**Professora:** Não, hoje a gente tem dois parceiros. A Primeira Igreja Batista em Caioaba, nosso parceiro até hoje, e a Praça da Imperatriz na Rua dos Comerciários. A placa, lá fora, mostra a rede de parcerias das três escolas, daqui, da Ornélia Lippi e da Osires Neves. No caso, não utilizamos mais a praça.

**Pesquisador:** Por causa da distância?

**Professora:** Primeiro, porque a frequência das pessoas da praça estava dando certo, é casal de namorados, isso e aquilo, as crianças voltavam contando diversas novidades, segundo, começaram a aparecer homens estranhos, as meninas ficaram com medo, e depois o “rapaz”<sup>29</sup> de lá começou a exigir. Tipo, fiquei sabendo que a escola recebe verba, então vocês tinham que fazer isso, fazer aquilo... Só que não é obrigação nossa, quem mantém a praça é a prefeitura. Eu não sei como funciona a associação, não sei como pé isso.

**Pesquisador:** O rapaz que você falou é o presidente da associação?

**Professora:** Isso. Então, a gente recebe verba para a manutenção da escola, não posso fazer a manutenção da praça. Aí, a gente perdeu também o agente de trânsito, na rua passa ônibus, naquela principal, e a gente não quis arriscar. Aqui perto tem uma “barrera”, o pessoal chama de “barrera”, é um campo enorme. O pessoal do esporte usa ali.

Então, usa ali e a igreja, mas, a gente também não tá usando a igreja, por enquanto, pela falta do agente de trânsito, ali também passa ônibus e lá é um pouco mais distante que a Praça Imperatriz. É perigoso.

**Pesquisador:** Então as oficinas são feitas dentro da escola.

**Professora:** Isso. A gente usa a entrada da escola, aqui, o pátio interno que é coberto, e a “barrera”. A nossa quadra não tem condições de ser usada. Também temos salas que podemos usar para as oficinas, salas vazias.

**Pesquisador:** E, como se dava a relação com os parceiros?

---

<sup>29</sup> O “rapaz” mencionado se trata do Presidente da Associação de Moradores o Sr. Alceu.

**Professora:** Nós tínhamos o trabalho de procurar parcerias para o Horário Integral e passávamos o contato para a prefeitura estabelecer o contrato, agora tem esse órgão chamado ATA, que lida com as questões de pagamento, essas coisas. Mas, nós não conseguimos parceiros perto da escola, apenas na igreja longe e a praça, a gente utilizava.

**Pesquisador:** E a relação com os pais, como esta evoluiu após a chegada do Bairro-Escola?

**Professora:** Nós fizemos uma reunião no início para apresentar o programa, e todo mês nós falávamos das oficinas, mostramos fotos do que foi feito, a cada dia de evento organizávamos uma “culminância” de uma atividade. As mães voluntárias também davam grande visibilidade para o programa. São elas que vêm, ficam com as crianças, dá o banho. Pena que estas só podiam ficar um ano. Você ia trabalhando a mãezinha, quando ela começava entrar no seu ritmo, elas tinham que sair.

Mas, uma rádio veio aqui fazer entrevista, porque as mães fizeram músicas para a hora do chuveiro, elas trabalharam a questão do banho, elas vêm fazendo esse trabalho. Mas você sabe como é trabalho em grupos, né? Sempre tem um que se destaca. Aí, desse grupo mais antigo, nós conseguimos que uma das mães fosse contratada pela EIMS (empresa de limpeza que atende às escolas), então isso se torna uma coisa boa para o bairro, porque nós conseguimos trazer uma mãe para dentro da escola. Por outro lado, este relacionamento permite que as mães saibam como são as coisas aqui na escola, por que uma mãe conversa com a outra.

**Pesquisador:** Hoje você tem mães que trabalham aqui?

**Professora:** Hoje nós temos cinco mães voluntárias, mas parece que o programa vai acabar porque não estão contratando mais. Eu tinha 12, mais aí foram saindo e eu não podia contratar, e agora só estou com cinco.

**Pesquisador:** E a relação com os pais? Os que não são voluntários.

**Professora:** O Bairro-Escola ajuda bastante. A gente fala que o Bairro-Escola não é creche, mas para os pais que trabalham o dia todo, é uma tranquilidade, porque eles sabem que a criança está aqui na escola, das 7:30h até às 17:00h. Então eu acho que ajudou muito. Porque até aquela mãezinha que estava parada, que não arrumava nada porque não tinha com quem deixar os filhos já tinham essa possibilidade. Não é que a gente trate a escola como um depósito de crianças, muito pelo contrário, a gente trabalha a criança.

Tem as que não se desenvolve na sala de aula, mas que dão bons resultados no coral, na banda, se destacam, aí a autoestima deles vai lá em cima, né? Eu sou suspeita pra falar porque eu gosto muito do programa. A única coisa que deixa a gente chateada é a falta de infraestrutura, se tivéssemos uma quadra com cobertura, um refeitório maior, mais salas, uma biblioteca, banheiros maiores, o projeto seria muito melhor, mas a gente tá bem, porque tem escola com muito mais dificuldade que a gente.

**Pesquisador:** E a relação das crianças com a escola mudou com o Bairro-Escola?

**Professora:** Ah! Agora parece que a escola é a casa deles. Ainda mais agora que temos Escola Aberta aos sábados. A gente se perguntava se valeria a pena trazer esse programa, se teríamos clientela para atender... Nossa! Se abrissemos no domingo eles viriam no domingo. Eles vêm durante a semana, passam o dia no

Bairro-Escola, vem no sábado, fazem Tae Kwon Do, fazem Futebol, as mães fazem artesanato...

**Pesquisador:** Você acha que faltou alguma pergunta?

**Professora:** Não.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

## 7. Entrevista com equipe da Escola<sup>30</sup>

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola.

**Professora:** Foi assustador. Era tudo muito novo. A gente só sabia do projeto, o nome... Tínhamos ouvido falar da experiência que tinha tido em Tinguá, mas foi só. Logo depois eles vieram para cá. Aí o processo foi uma loucura, né?

**Pesquisador:** Mas não houve um preparo, uma reunião, não foi nem distribuído algum tipo de material explicando o que iria acontecer?

**Professora:** Não. Foi assim... Veio toda a equipe do projeto, da SEMED, acamparam aqui... (Risos) Eles vinham aqui todos os dias, estavam coordenando o projeto que estava sendo implantado, na prática, né?

**Estagiário:** Eles chamaram quatro pessoas da escola para a SEMED, para falar sobre o projeto, para conhecer a gente.

**Professora:** Mas isso foi na semana anterior de começar o projeto.

**Pesquisador:** E como foi esse desenvolvimento na escola? Como foi a adaptação da escola com essa nova realidade?

**Estagiário1:** Ah! Depois de umas semanas, o projeto começou a andar. Foi ficando legal. Tinha um monte de gente na escola, principalmente na hora da merenda, do almoço...

**Cozinheira:** Esse povo come muito! (Risos) De hora em hora, esse povo descia (a escola foi construída num terreno em desnível e, o refeitório ficava no nível inferior) para comer, a gente ficava doidinha lá em baixo.

**Estagiário1:** A gente chegava, lanchava, ia para sala ou saía para o parceiro... Voltava, lanchava de novo...

**Cozinheira:** Lanche, um atrás do outro!

**Pesquisador:** E, como está hoje o Bairro-Escola?

**Professora2:** É para falar a verdade? (Risos) A gente perdeu nossos parceiros, então estávamos com problemas de dividir as turmas com os estagiários. A saída dos agentes de trânsito também impossibilitou a nossa saída, porque as ruas são muito movimentadas. Então ficamos presos aqui na escola, com apenas um parceiro, o que fica na frente da escola. Então, uma das coordenadoras pediu para

---

<sup>30</sup> Nesta escola, a diretora preferiu realizar uma reunião com vários integrantes da equipe reunidos, a intenção dela seria realizar um seminário relâmpago antes do Conselho de Classe que estava próximo.

deixar o cargo, e eu também estava com problemas de acumular duas funções, porque estávamos com falta de professores aqui na escola. Então, não tinha como eu dar assistência direta aos estagiários, por exemplo. Eles tinham que preparar as aulas deles sozinhos, e a gente só tinha tempo de dar uma olhadinha rápida no que estava planejado. Outra coisa, foi que não tínhamos mais turmas fora do horário regular, então aproveitamos os estagiários para fazer suas atividades dentro desse horário mesmo. A escola está em obras, e esta não termina. Não temos, mais banheiros para comportar os alunos, ficamos sem bebedouros. Então como continuar?

**Pesquisador:** Então, não tem mais o Bairro-Escola?

**Professora1:** Não, ele apenas funcionava nas condições que tínhamos, com os estagiários estão trabalhando agora com o turno regular.

**Pesquisador:** E a relação com o bairro?

**Professora2:** Não teve relação. Quem cuida dos parceiros é a SEMED. E, agora tem a ATA. É uma pessoa da ATA quem vem à escola para dizer quem são nossos parceiros.

**Professora1:** Até com as pessoas do bairro era complicado. Eu participava do conselho escolar, por exemplo. A gente tentava marcar reuniões, convocar pessoas, chamar para conversar. A gente inventava vários horários para ver se alguém aparecia e não vinha ninguém.

**Pesquisador:** Como vocês avaliam o Bairro-Escola?

**Professora1:** Eu acredito no Bairro-Escola enquanto projeto. Eu acho que é bom para o bairro, para a comunidade. Enquanto as crianças estão na escola, eles não estão ociosos. E, os pais podem trabalhar tranquilos que seus filhos estão sendo bem cuidados e não estão “soltos no mundo”. Mas, na realidade o projeto não funciona desta forma. No modo como acontece ele não tem sido positivo.

**Professora2:** Quando o Bairro-Escola começou era muito bom. Tínhamos muitos estagiários, muitos recursos, era muita gente para trabalhar e acompanhar as crianças, que também eram muitas. Isso entre 2006 e 2007, mas depois ele foi perdendo a força, as pessoas foram saindo...

**Estagiário1:** Depois também o Bairro-Escola foi perdendo a credibilidade com os pais.

**Professora1:** Assim, quando os pais foram percebendo que as crianças estavam voltando para casa cedo, que não tinha mais aula, a credibilidade foi diminuindo. Porque o projeto começa e não tem continuidade.

**Professora2:** Quando chovia também era um problema, nós não tínhamos como sair com as crianças, então ficava tudo mundo no pátio, ou a gente tinha que dispensar. Quando estava com sol muito forte, era outro problema, porque as crianças passavam mal. Ficavam muito suadas. Aí, a gente tentava diminuir as saídas, levando o lanche para os parceiros...

**Pesquisador:** E, como os professores veem o Bairro-Escola?

**Professora3:** Para os professores foi muito complicado, porque quando o Bairro-Escola começou nos foi dito que o conteúdo das oficinas seria como um reforço do que trabalhávamos em sala de aula. E isso não acontecia, entende. Não havia o contato dos estagiários com os professores.



**Pesquisador:** E, no caso de vocês que são estagiários, o que os trouxeram para cá?

**Estagiário:** Eu tinha dezoito anos na época e já desenvolvia oficinas de Hip Hop perto de onde eu morava, e eu quis entrar neste projeto para aprender a fazer coisas novas na área de cultura, mas eu comecei ajudando no horário intermediário, no banho, ensinando as crianças a escovar os dentes, no almoço... Só depois que eu passei para a cultura.

**Estagiário2:** Eu já entrei na cultura. Eu fazia oficinas no Escola Aberta. Conheci o Bairro-Escola com um amigo e resolvi entrar para ver como é, porque gostei da ideia.

**Pesquisador:** E como foi a experiência para vocês?

**Estagiário1:** O Bairro-Escola mexeu muito com o bairro e com a escola. Era uma coisa muito nova, ninguém sabia direito o que estava acontecendo, mas tinha que participar. Tinha muita gente curiosa, porque naquela época a prefeitura estava pintando os muros, decorando... Isso movimentou muita coisa, foi bombástico. Depois as coisas foram caindo com o tempo. Como a professora falou, era gente com muita coisa, acumulando cargos, tarefas, os estagiários novos ficavam sem saber o que fazer, a gente tinha que se virar entre a gente mesmo, porque nem dava para procurar o professor que estava dando aula...

**Professora2:** Isso tumultuava a cabeça de todo mundo.

**Estagiários:** Ah! Foi boa! As crianças gostam do que a gente faz.

**Pesquisador:** E, vocês perceberam alguma mudança nos alunos que participaram no Bairro-Escola?

**Professora3:** Antes, o Bairro-Escola teve uma procura muito grande, era tudo novidade, muita coisa para fazer, todo mundo queria. Agora, eu vejo que quem procura mais, são os pais, que precisam ocupar os filhos para poderem ir trabalhar, ou porque querem esse reforço na alimentação deles. É assim.

**Professora2:** Aquele aluno que participa do horário integral fica mais conhecido dentro da escola. Fica popular, né? Ele se sente mais à vontade na escola. Fala conosco com mais intimidade. Eles ficam bem mais inteirados do que a gente planeja para a escola, das festas, dos eventos.

**Professora1:** Eles querem participar. Eles se sentem mais acolhidos.

**Pesquisador:** E, você mãe, o que te trouxe para ser voluntária aqui na escola?

**Mãe:** Foi uma amiga que é estagiária aqui. Como eu tenho meus filhos matriculados, resolvi procurar saber como é. Eu ajudo aqui no almoço, no intermediário... Eu gosto de ajudar, né? Eu gostei dessa ideia da mãe entrar na escola para ajudar. Aí, foi assim...

**Pesquisador:** E como é essa experiência para você?

**Mãe:** Ah! Eu gosto, né? Gosto de ficar com as crianças. É bom, né?

**Pesquisador:** Há mais algo que faltou falar, ou algo que eu não perguntei?

**Todos:** Acho que não. Não.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

## **8. Entrevista com orientadoras da Escola4**

**Pesquisador:** Como foi a “chegada” do Bairro-Escola aqui?

**Orientadora1:** Como era um programa novo, nós tínhamos muitas expectativas. Aqui trabalhamos em equipe, a direção “abraçou” a ideia, era uma coisa que fazia bem a comunidade. A maioria dos responsáveis trabalha fora e necessitavam que os filhos não ficassem ociosos, que tive um lugar onde pudessem desenvolver atividades. E, a gente foi trabalhando de acordo com a nossa realidade, então com 3 meses depois de inaugurado e gente já fez uma “culminância” no final do ano, uma oficina de dança, uma oficina de música... Na época os instrumentos da banda ainda não tinham chegado. As crianças tocaram flauta. E foi assim, e houve uma continuidade. No início foi o Bairro-Escola, agora é o Mais Educação, mas aqui é a mesma coisa, é a criança conosco em tempo integral.

**Pesquisador:** E você tem alguma coisa a acrescentar?

**Orientadora2:** Esse trabalho que é desenvolvido na escola reúne o conteúdo da sala de aula, mais atividades lúdicas que trabalham esse conteúdo de forma mais prazerosa para que o aluno aprenda com mais facilidade. Isso fez com que o aluno se interessasse mais em vir para a escola, a não terem tantas faltas, diminuindo a evasão escolar.

**Pesquisador:** E, isso foi percebido a partir da chegada do Bairro-Escola?

**Orientadora2:** Sim, porque eles querem participar das oficinas, da dança, da banda, da capoeira então chegam cedo na escola. Também tem a aula de reforço para os alunos que estão com dificuldades, que já deram resultados positivos logo nas primeiras semanas. Os próprios professores reconheceram os avanços dos alunos. Então, eu acho o trabalho como um todo muito positivo, ele tira a criança da rua e, além disso, contribui para a formação integral do aluno, para que ele forme uma visão crítica que o auxilie, quando terminarem os estudos, no ingresso no mercado de trabalho. Eu acho que o Horário Integral vem só a contribuir para a formação do cidadão.

**Pesquisador:** E como foi o início?

**Orientadora1:** Tudo que novo assusta, né? Mas, como falei, trabalhamos em equipe, aqui não existiu o pessoal do Horário Integral separado da escola. Todos somos uma só equipe. A gente se ajuda, troca experiências, planejamos as atividades juntas.

**Pesquisador:** E como é a relação do trabalho do Bairro-Escola com os professores?

**Orientadora2:** Integradora. Nós fazemos o acompanhamento pedagógico dos alunos que, neste programa demanda maior atenção. Então, nós fazemos esse elo. Conversamos tanto com os professores quanto com os monitores a respeito de atividades diversificadas para as crianças, então estamos sempre reforçando esse elo, porque um depende do outro.

**Pesquisador:** E vocês perceberam uma mudança na relação dos pais com a escola?

**Orientadora1:** Bastante, porque os filhos estudando aqui em tempo integral, eles vêm saber como é que é. Outro dia uma mãe escutou na rua que o programa iria acabar e ligou pra cá. O que acontece é que hoje não há mais termo de adesão para fazer parte do programa, toda escola estará em horário integral, é escola em tempo

integral a partir do ano que vem. É assim, elas precisam disso pra poder sair para trabalhar tranquilas.

**Pesquisador:** E a relação das crianças com a escola?

**Orientadora2:** São apaixonadas. Tem crianças que mudaram de escola, porque aqui atende apenas o ensino fundamental, mas que quiseram continuar participando das oficinas.

**Pesquisador:** Depois dessas experiências todas, como vocês avaliam o Bairro-Escola?

**Orientadora2:** Eu avalio o Bairro-Escola como um projeto muito bom que só vem a enriquecer o trabalho da escola e a formação do nosso aluno, que é tão precária, né? Eles têm uma condição financeira bem... Bem... Eles são bem pobres, né? Então, a escola pode desenvolver muitas atividades que eles não conheciam. Passeios, aula de dança... Nossa! Tem alunos daqui que nunca foram a um shopping. Teve um passeio para o Zoológico, as crianças ficaram fascinadas! Então o Bairro-Escola veio para ampliar os horizontes deles.

**Pesquisador:** Vocês sentiram falta de alguma pergunta?

**Orientadoras:** Não, não.

**Pesquisador:** Então, muito obrigado!

## **9. Entrevista com professora da Escola1**

**Pesquisador:** Como foi a “chegada” do Bairro-Escola?

**Professora:** Acho que tudo no começo é muito confuso, né? Até que tudo se organize, tudo se estruture. A escola não tem uma infraestrutura adequada para atender todas as crianças, para elas tomarem banho, essas coisas, então o começo é muito complicado.

**Pesquisador:** Complicado como?

**Professora:** Em termos organizacionais mesmo. Se todo mundo entendesse a sua função, como deveria fazer, quando deveriam fazer, todo era muito confuso. Algumas coisas “batiam” com o horário regular, horário de recreio, mas, aos poucos, as coisas foram se acertando.

**Pesquisador:** Mas, você observou isso como uma confusão normal de início de trabalho ou como falta de planejamento?

**Professora:** Eu acho que “eles”, quando lançaram o Bairro-Escola, tinham muito concreto na mente deles o que queriam. Mas, para as pessoas que trabalhavam nas escolas, no caso, para vir à informação desde “lá de cima” até chegar às pessoas que estavam nas escolas, não foi passado adequadamente isso. Assim, não foi bem esclarecido, o que deveria ser, como deveria ser.

**Pesquisador:** Não foi feito um planejamento aqui dentro antes do início da implantação?

**Professora:** Não.

**Pesquisador:** E o desenvolvimento, como é que foi?

**Professora:** Assim, no princípio pareciam duas escolas dentro de uma. O Bairro-Escola e os alunos do “regular”, aos pouco que as coisas foram se encaixando. O que eu via era que estava acontecendo uma coisa muito nova e que as pessoas não estavam preparadas para aquilo, e foram se adequando, cada uma ao seu modo.

**Pesquisador:** Você observou algum impacto do Bairro-Escola nas crianças?

**Professora:** No começo foi muito agitado, muito complicado para todos e também para as crianças. Teve uma época que não havia uma quantidade de estagiários que comportasse a quantidade de crianças que existiam nas turmas, e assim, ao invés das atividades acalmarem as crianças ou gerarem algum tipo de reflexão, agitava ainda mais. Quando um aluno da manhã ficava no Horário Integral e ele vinha para a tarde, ele vinha mais agitado.

**Pesquisador:** Você sentiu falta de alguma pergunta que eu deveria ter feito?

**Professora:** Não.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado.

## 10. Entrevista com professora da Escola1

**Pesquisador:** Você não “pegou” o Bairro-Escola desde o início aqui?

**Professora2:** Não.

**Pesquisador:** Você trabalhou em outra escola da rede antes?

**Professora2:** Não, a primeira escola foi aqui.

**Pesquisador:** Como foi começar a trabalhar numa escola com o Bairro-Escola? O que você observou?

**Professora2:** Eu observei que as crianças tinham muita empolgação em relação ao Bairro-Escola. Tinham ajuda com o dever de casa, e as “meninas” sempre perguntavam em que poderiam nos auxiliar. Então, eu gostei bastante da parceria, gostei do projeto.

**Pesquisador:** E, antes de estar nesta escola, você já tinha ouvido falar de algum programa parecido?

**Professora2:** Não.

**Pesquisador:** E como foi a sua adaptação? Você precisou se adequar ao programa de alguma forma?

**Professora2:** O problema daqui da escola sempre foi estrutura. São poucas salas, não há salas sobrando, e com essa mobilidade do Bairro-Escola, as salas “de lá” são muito prejudicadas por causa do barulho. São crianças, isso é normal. O problema daqui é de infraestrutura.

**Pesquisador:** E, o que os outros professores te falaram quando você chegou?

**Professora2:** A mesma coisa que te falei. Eles falaram que o programa era bom, mas era prejudicado pela falta de infraestrutura.

**Pesquisador:** Teve na sua sala alunos que nunca fizeram parte do Bairro-Escola?

**Professora2:** Sim, muitos casos por opção. Eles não queriam ficar o dia todo na escola.

**Pesquisador:** E você observou diferenças entre os alunos que estavam ou estiveram no Bairro-Escola para esses que nunca participaram?

**Professora2:** Não, não cheguei a reparar isso não. Dentro de sala de aula são os mesmo alunos.

**Pesquisador:** Qual é a sua avaliação do Bairro-Escola na escola?

**Professora2:** Na escola daria muito mais certo se tivesse uma infraestrutura adequada, uma quadra coberta, mais pessoal de apoio para ajudar “as meninas” que ficam sobrecarregadas por causa da quantidade de crianças.

**Pesquisador:** Qual tipo de apoio?

**Professora2:** Além das Mães Educadoras, tinham que ter mais profissionais, professores e estagiários. Mas, o principal é infraestrutura, que a escola não tem para suportar o programa.

**Pesquisador:** Que tipo?

**Professora2:** Além da quadra, salas. Às vezes os parceiros não tem cadeira, não tem área coberta, então isso dificulta o trabalho, quando chove não tem como ter Bairro-Escola, isso atrapalha. São essas as reclamações que eu sempre ouço elas fazerem.

**Pesquisador:** Você acha que faltou alguma pergunta?

**Professora2:** Não.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

## **11. Entrevista com professoras da Escola2**

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola.

**Professora1:** Foi de súbito. Quando a gente percebeu a coisa já estava acontecendo. E, a escola era um ponto, um foco. A gente recebeu uma literaturazinha, um livreto, né? Explicando, mais ou menos, como era. Mas, a coisa foi tão rápida que a gente viu a escola como um ponto de passagem de muita gente. Um fluxo, um corredor de gente o tempo todo, de comida... Uma loucura. Na sala de aula interferiu muito pouco, mas a escola nesse movimento virou uma estação, um ponto de referência muito maior no bairro.

**Professora2:** Logo no início eles fizeram uma reunião aqui. “Nós tivemos uma ideia...” Só que a ideia era ótima lá no gabinete deles, não tinham professores para discutir como seria a sua implementação. Então, veio primeiro a equipe de organização... “Nós vamos ter o Bairro-Escola. Vai ser maravilhoso...” Na segunda seguinte, nós chegamos aqui e nos deparamos com uma 20 pessoas que nunca tínhamos visto antes para trabalhar com os nossos alunos. E, nós não sabíamos como eles iriam trabalhar, como seria, como funcionaria. E foi assim que aconteceu. Vinham as crianças que estudavam à tarde na manhã e vice-versa, era um entra e sai de criancinhas durante todo o dia, nós não tínhamos mais lugar para ficar.

**Professora1:** Nessa reunião que teve, nós chegamos a ser muito elogiadas pelos questionamentos que fizemos, levantamos muitos pontos relevantes ao funcionamento do programa, questionando, inclusive se o que eles haviam planejado daria certo. O grupo de propôs a reunião ficou de voltar para discutirmos melhor esses pontos em uma nova reunião, mas, o que aconteceu foi que na semana seguinte, o programa já estava implementado! Então a gente viu que aquela reunião foi apenas para passar a ideia mesmo. Não era para discutir com a gente. Não teve nem um momento de integração das pessoas que estavam chegando conosco.

**Professora3:** O bairro foi dividido em “estações”, em cada “estação” tinha um planejamento de certa atividade, aonde as crianças iriam se comunicar com o bairro por esses pontos, igreja, clube... E, a escola era apenas mais uma “estação” nesse circuito. Aí, o que aconteceu exatamente eu não sei te dizer, a gente ficava em sala de aula. O corpo docente da escola foi deixado de lado, nunca fomos parte do processo.

**Professora4:** O que aconteceu foi que a escola ficou muito movimentada, lotada, a gente ficou sem ter onde ficar. Ficávamos restritas às nossas salas de aula, porque neste espaço aqui (em frente à sala dos professores) ficava muito falatório, muita bagunça... Sem contar que o movimento durante o horário de aula, nos atrapalhava também, porque era muito barulho, e, em relação ao conteúdo dos alunos, eu não vi diferença nenhuma. Só um ou outro aluno que passaram a participar mais, mas é só.

**Professora2:** E, uma coisa que fiquei impressionada foi a sobrecarga para o pessoal da cozinha e o da limpeza. Era trabalho demais o dia todo!

**Professora3:** Na quadra também era um problema. A gente tinha que dividir a quadra, não tinha espaço para todo mundo. Era professor de Judô, a Capoeira... E tinha estagiário que nem perguntava o que eu estava fazendo, ia simplesmente ocupando a quadra, sem um menor respeito. E eu sou professora da escola! Eles não vinham conversar comigo para saber qual era o meu trabalho e como poderíamos nos integrar para atender melhor as crianças, não tinha conversa, nada. O pessoal chegava com uma autoridade que eu não entendia. E eu dizia que não! Eu dizia que ninguém iria ocupar a quadra no meu horário. Eu tinha que fazer isso, para poder abrir um espaço de comunicação. Nem que fosse aquele mínimo necessário para o estagiário saber o que eu faria para ele saber se ele podia dividir a quadra comigo. Senão, eu não teria diferença nenhuma para uma bola ou uma cadeira da escola! Agora, se tem uma coisa para elogiar no Bairro-Escola, foi o material. Depois que os estagiários foram saindo, indo embora, eu fiquei com tudo que foi mandado para eles. (Risos) Eu nunca fiquei tão bem para dar as minhas aulas! Ora! Pegar 15, 20 crianças para dar aula com esse material todo, é mole! Quero ver pegar 40, 50 alunos nas condições que eu tinha e fazer o que eu fazia. E, sozinha! Eu não tinha ajudante não!

**Professora1:** E tem outra coisa também, os estagiários vinham para a escola, mas sem compromisso. Começavam num dia, e de repente não ia mais. Isso não era legal para o aluno.

**Pesquisador:** E, qual é a opinião de vocês sobre o Bairro-Escola enquanto programa?

**Professora2:** Acho a ideia válida.

**Professora1:** Eu acho que essa ideia de desenvolver o aprendizado com o bairro muito bacana. Essas crianças ficam muito sozinhas em casa, ou então ficam jogadas na rua. Elas têm uma vivência de rua, com uma liberdade muito perigosa. Então, para essas comunidades de periferia, esse trabalho ajuda a segurar a criança, orienta, faz perceber o espaço do bairro, geográfico, físico e social.

**Pesquisador:** E como você avalia a experiência da escola em todo esse processo?

**Professora1:** No caso para a escola, para o pessoal entender o que estava acontecendo aqui, não deu tempo. Não deu para acontecer uma interação sobre o processo, não houve uma integração para o funcionário da escola. Fomos todos pegos de surpresa, de assalto. Então, eu nem posso fazer uma avaliação maior, porque eu não conheci o projeto. Eu peguei aquele livrinho que explicava alguma coisa, mas sentir, dentro da escola, o que estava acontecendo, não deu.

**Professora4:** A ideia que eu percebi deste projeto foi que a ideia era muito boa, a propaganda era maravilhosa, mas na prática não aconteceu o que eles haviam previsto. Tanto que teve uma vez que eles pediram para ir para a sala de leitura, eu desenvolvia um projeto de incentivo à leitura, fotografaram os alunos com os quais eu desenvolvia o projeto e, puseram num pôster como se fosse um projeto do Bairro-Escola. Para quem ficava sabendo do Bairro-Escola, tudo era lindo, os alunos ficavam o dia inteiro na escola, tinha natação, reforço escolar. Tudo muito bonito! Mas, na prática, não aconteceu como eles falavam. E o que acontece hoje, pelo que sei, é o reforço. Não vejo mais qualquer indício que o projeto continua, se é que continua.

**Professora2:** Eu acho que se quem planejou o projeto o tivesse feito com quem vivencia o dia a dia nas escolas, o Bairro-Escola teria funcionado melhor. Porque nós conhecemos a “realidade” da escola. Não sabemos o espaço que temos para trabalhar...

**Pesquisador:** Há mais algo que faltou falar, ou algo que eu não perguntei?

**Professoras:** Acho que não.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

## **12. Entrevista com professores da Escola3**

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola?

**Professora1:** De início acho que a comunidade aceitou muito bem, tanto que o número de alunos era muito grande. Eu acho que quase todas as crianças fizeram adesão. Ficou até um pouco confuso no início, era tudo muito novo, ninguém ainda sabia direito como era, mas as coisas foram se enquadrando...

**Professora2:** E a escola também não tinha estrutura, né?

**Professora1:** É. Eu acho que o grande problema foi esse. A ideia do projeto é boa, porém a escola não tem estrutura.

**Pesquisador:** E como vocês viram a chegada do Bairro-Escola aqui?

**Professora2:** Quando falaram que ia vir, era uma ideia legal. Mas, quando aconteceu, para os professores não foi uma ideia bacana. Porque, todo o espaço que tinha na escola, o Bairro-Escola usava. Por exemplo: Tinha a sala de leitura,

tinha o telecentro. Eles (os alunos) tinham horário para usar. Mas, quando o Bairro-Escola veio, eles tinham horário para usar. Então, o meu aluno da manhã não podia usar o telecentro porque o aluno da tarde estava usando no Horário Integral. Então, assim, para o professor é muito angustiante ficar quatro horas na sala de aula. Quando tem algo extraclasse para fazer, é bom para o professor e bom para o crescimento do aluno. E isso aí foi tirado da gente.

**Professora3:** Outra coisa foi a agitação que ficou na escola. Tá certo que no início tinham os parceiros, mas tinham aqueles momentos dentro da escola. Eles usavam a biblioteca, o telecentro, tinha o momento do banho, de escovar os dentes...

**Professora2:** Era o momento que estava todo mundo da escola, alunos dos dois turnos juntos no pátio da escola. Era muito tumultuado. A gente observou também uma agitação dos alunos. Eles realmente ficaram mais agitados dentro de sala.

**Professora4:** Antes de começar eles falaram que iria ter um monte de atividades, karatê, aula de artes, a piscina, que estava na propaganda... Mas, no dia que começou, eu fiquei até um pouco triste porque uma aluna minha chegou... “Tia, olha aqui o que eu trouxe!” Um maiô... Um maiô. Aí eu disse para guardarmos o maiô e esperar. Só que até hoje a piscina não apareceu. Aí, a crianças entristeceu. Tinha também a questão do uso do computador, vinha um aluno meu perguntar se podia usar o computador e eu tinha que explicar que para isso ele tinha que estar no Integral. Tinha o lanche, a minha aluna vinha: “Tia! Tá dando ‘isso’. Tá dando ‘aquilo’” Estavam os dois alunos, do turno e o do “contra turno”, no mesmo espaço, no mesmo horário. E, infelizmente tinha merenda diferenciada. Isso era bem triste. Depois, quando a gente foi perdendo parceiros, o Bairro-Escola ocupava a quadra, a biblioteca, o telecentro, e nós, não podíamos utilizar nenhum desses espaços porque estavam todos ocupados, eram todos os alunos da escola, num turno só.

**Pesquisador:** Vocês observaram mais alguma coisa?

**Professora1:** Com o tempo, observamos que alguns pais foram tirando seus filhos do Horário Integral, e, as crianças que ficavam eram justamente as crianças que os pais trabalhavam, e que, não tinham com quem deixar seus filhos. Então eles deixavam aqui, por que, no Bairro-Escola eles estavam seguros, eles poderiam trabalhar despreocupados porque eles sabiam que tinham olhando os filhos deles, era melhor do que deixar as crianças em casa sozinhas.

**Pesquisador:** Vocês souberam qual foi o motivo dos pais tirarem seus filhos do Bairro-Escola?

**Professora1:** Em alguns casos, ouvimos falar que era por causa da agitação também.

**Professora2:** Também tinha o problema da mobilidade, as crianças andavam da escola até o parceiro debaixo desse sol quente.

**Professora4:** Tinham crianças que passavam mal, tinham dor de cabeça e tudo mais.

**Professora2:** Teve problemas também com os trabalhos de casa. As crianças não tinham um tempo no Horário Integral para fazer os trabalhos que eram mandados para fazer em casa.

**Pesquisador:** E não havia um canal de comunicação entre vocês para resolver esse assunto dentro da equipe escolar?



**Professora1:** Sim, a gente tinha. Mas a resposta para a gente era: “Diminui o trabalho de casa” ou “Então acaba com o trabalho” Não era justo, porque tinham os alunos que não eram do Horário Integral. Aí, vinham pais pedindo menos atividades, porque o filho estava no Horário Integral e tinham pais que pediam muita atividade. Então tinham pais que achavam melhor tirar o filho da integralidade para coloca-los numa explicadora.

**Pesquisador:** E hoje, como vocês avaliam essa experiência com o Bairro-Escola?

**Professora3:** Quando passou a fase da adaptação, parece que as coisas começaram a entrar nos eixos, tinham ainda muitas crianças, mas tudo passou a funcionar melhor. As crianças não ficavam mais soltas, não ficavam mais aquela agitação e tudo estava num ritmo mais ordenado. Assim, ficou melhor para a gente. Por exemplo, com a escola cheia, é mais fácil de uma criança, ao descer a escada, esbarrar na outra. É aí que causa o conflito. Na medida em que esvazia um pouco, fica melhor para todo mundo, para os alunos e para a escola.

**Professora2:** Mas, quando começou a entrar ao ritmo legal, foi quando começamos a perder parceiros. E, na mesma medida os pais começaram a tirar seus filhos do Horário Integral. Aí... (Todas acenam com a cabeça)

**Pesquisador:** E o que você podem falar sobre o Bairro-Escola em si.

**Professora1:** Eu acho que é uma ideia maravilhosa, se tivesse estrutura para acontecer.

**Professora5:** Espaço físico. Como se fosse um CIEP. Lá tinha o professor, enfermeiro, dentista, assistente social. A parte de esporte tinha piscina. Tinha videoteca, biblioteca... Para o Bairro-Escola funcionar, precisa de um espaço assim. A gente tinha um parceiro que não ganhava nada por isso. Aí quando acontecia alguma coisa, quebrava ou rachava alguma coisa, quem pagava por isso? Então, o próprio parceiro não tinha mais interesse em ceder seu espaço.

**Pesquisador:** Vocês observaram mudanças na relação dos pais com a escola, ou do bairro com a escola?

**Professora3:** Eu acho que piorou. Eles começaram a achar que a escola era uma bagunça. As mães viam a confusão da hora do banho e achavam ruim aquele monte de meninas no banheiro. Nosso banheiro não dava conta daquela criançada toda.

**Professora4:** Era um chuveiro!

**Pesquisador:** E houve mudança na relação das crianças, na sala de aula?

**Professora3:** Assim, os professores da manhã não sentiram muito. Mas, quem dava aula na parte da tarde, já pegava o aluno que passou pelas oficinas, eles se agitaram nas oficinas, e esses professores pegavam essa agitação.

**Professora1:** Quem dava aulas à tarde enfrentava duas situações com os alunos do Horário Integral. O aluno que chegava cansado e dormia na sala de aula, e aquele que chegava “na pilha”. E, era pilha alcalina! Eles não paravam! (Todas concordam)

**Professora3:** Eu tinha de dar um tempo para eles chegarem à sala de aula e contarem todas as novidades que tinha acontecido, para deixar eles se acalmarem. E eles tinham novidades!

**Professora5:** Quando os alunos começaram a sair, o Bairro-Escola começou a funcionar melhor. As oficinas eram mais bem aproveitadas...

**Professora2:** E quem ficava no Bairro-Escola, nem sempre era porque os pais trabalhavam. Também tinham os casos em que os pais não queriam o filho em casa, mesmo. Deixavam eles na escola porque eles davam muito trabalho. Problema de indisciplina...

**Pesquisador:** Tem alguma coisa que eu deixei de perguntar a respeito do Bairro-Escola? Algo que vocês querem pontuar?

**Professora4:** É necessário dar atenção aos parceiros. Quando as crianças estão divididas nos espaços, tudo funciona melhor. Mas quando junta todo mundo, não dá certo. O bairro tem que funcionar.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

### **13. Entrevista com professora da Escola4**

**Pesquisador:** Você acompanhou o início do Bairro-Escola?

**Professora:** Mais ou menos, quando eu cheguei, já tinha.

**Pesquisador:** E como foi a sua percepção do Bairro-Escola?

**Professora:** Pelo movimento das crianças, eles fazem esportes, artes, dança.

**Pesquisador:** E como você observou a relação da escola com o Bairro-Escola?

**Professora:** Eu acho que foi legal. Trouxe muitos benefícios para a escola.

**Pesquisador:** E como é a sua relação de sala de aula com as atividades do Bairro-Escola?

**Professora:** São ótimas! Porque nossas atividades tem acompanhamento pedagógico.

**Pesquisador:** Tem crianças que nunca participaram do Bairro-Escola?

**Professora:** Mais da metade participa.

**Pesquisador:** Você observou alguma diferença entre as crianças que participam e as que não participam do Bairro-Escola?

**Professora:** É. Eu penso que o programa é bom porque as crianças não ficam soltas na rua, mas acontece que as crianças que participam ficam um pouco agitadas. Principalmente as que estudam à tarde comigo, que são os que fazem as oficinas de manhã. Mas, é uma agitação que logo passa.

**Pesquisador:** E como foi a sua relação com o Bairro-Escola?

**Professora:** Pra mim foi uma grande novidade.

**Pesquisador:** E como você avaliaria o Bairro-Escola?

**Professora:** Ah! Muito bem, as crianças aprendem muitas coisas novas, arte, tem o Tae Kwon Do, tudo isso é muito legal para eles.

**Pesquisador:** Teve alguma pergunta que esperava que eu fizesse, mas eu não fiz?

**Professora:** Não... Eu esperaria que você perguntasse sobre a acomodação do Bairro-Escola.

**Pesquisador:** E o que você tem a dizer sobre isso?

**Professora:** Eu acho que essa é uma escola em que a prefeitura deveria investir mais. Por exemplo, depois do almoço, eles (os alunos) ficam em nossas salas (de aula). Então, eu acho que deveria ter um espaço de leitura, um espaço com televisão, para eles se acalmarem para depois seguirem para a atividade da tarde, seja na sala de aula, seja nas oficinas. Eu acho isso importante, ainda mais nesse calor.

**Pesquisador:** Muito obrigado!

#### **14. Entrevista professora da Escola4**

**Pesquisador:** Você acompanhou o início do Bairro-Escola aqui.

**Professora2:** Acompanhei. No início as crianças estavam curiosas, se perguntando: O que é isso? Elas estavam motivadas pela empolgação do desconhecido, mas eles abraçaram muito bem a ideia e participavam muito bem das ações. Era muito gratificante, tudo era bem diferente, eram atividades que eles não tinham acesso, até porque essas oficinas por aqui são oferecidas apenas por lugar pago.

**Pesquisador:** E como a escola recebeu o Bairro-Escola?

**Professora2:** Com muita expectativa de sucesso. Eu já conhecia o Bairro-Escola, eu vim de outra escola que tinha o Bairro-Escola, e sabia que aqui daria muito certo. Os pais ficaram um pouco ansiosos, pois queriam saber quem ficaria com as crianças, quem eram os professores, essas dúvidas normais.

**Pesquisador:** Como foi o impacto que o Bairro-Escola causou na escola?

**Professora2:** Muito positivo. Nossa estrutura é a ideal para receber o programa, não, não é, e isso faz muita diferença. Mas, a gente faz o que pode com o que tem.

**Pesquisador:** Essa escola foi privilegiada pelo fato de ter acompanhado o início do programa em outras escolas, antes do Bairro-Escola vir para cá.

**Professora2:** Verdade.

**Pesquisador:** E a relação dos professores com o Bairro-Escola?

**Professora2:** Ah! Foi de integração mesmo. A direção trabalhou bem com os professores antes do Bairro-Escola começar, eu sou professora aqui e vi isso de perto. E a resposta de todos foi muito boa.

**Pesquisador:** E como você avalia o Bairro-Escola aqui?

**Professora2:** Avaliar não é fácil, né? No contexto de oferecer às crianças a oportunidade de realizar atividades que normalmente estão fora das suas expectativas, foi muito bem, mas, infelizmente, a infraestrutura da escola não corresponde ao empenho que todos temos para que o programa dê certo, mas, mesmo assim, a nossa escola faz a diferença.

**Pesquisador:** Vocês sentiram falta de alguma pergunta?

**Professora2:** Não. Mas eu gostaria de deixar registrada a falta que faz o agente de trânsito, eles fazem muita falta. Eles impunham respeito, as pessoas viam que o nosso trabalho não era bagunça, não era uma coisa local, era um programa macro.

**Pesquisador:** Ok. Muito obrigado.

## 15. Entrevista com professores da Escola6

**Pesquisador:** Como foi a chegada do Bairro-Escola?

**Professora1:** Muito tumultuada.

**Pesquisador:** Como?

**Professora1:** Os alunos vinham para ficar o dia inteiro e a escola não tinha estrutura para acomodar isso.

**Pesquisador:** E, como foi para vocês professores, houve algum tipo de preparo?

**Professora1:** Não, só houve preparo com quem seria do Bairro-Escola mesmo. Nós sentimos a diferença no aluno, eles rendiam menos porque ficavam muito cansados. Eles saíam no sol, andavam muito. Eles chegavam a dormir na sala de aula.

**Pesquisador:** Como foi o desenvolvimento do Bairro-Escola?

**Professora1:** A gente via o Bairro-Escola como um problema, como algo que veio atrapalhar.

**Professora2:** Quando fomos à primeira reunião, vimos que tinham muitas professoras em pânico, porque ninguém sabia o que era.

**Pesquisador:** E, em relação aos alunos, foi observada alguma diferença entre quem era inscrito no Bairro-Escola e quem não era?

**Professora3:** Só esse cansaço mesmo.

(Entra uma das coordenadoras da escola).

**Professora2:** A gente via isso como uma coisa que enfiaram na escola, a gente não conseguia ver que era uma proposta para toda a escola.

**Coordenadora:** Embora a proposta seja muita boa, a gente viu que era, tinha que ter tido mais estrutura para começar. Eles falavam que se fosse esperar por isso, o projeto não começava, mas precisa de um mínimo. Não basta colocar as crianças na praça e na igreja, tem as horas que eles voltam pra escola, e vão escovar os dentes, tomar banho, mudar de roupa, comer, como faz? Era uma loucura. A escola precisa estar preparada para esses momentos de pico. As meninas se desdobravam para dar conta disso.

**Pesquisador:** Como vocês observaram a relação dos pais com o Bairro-Escola?

**Coordenadora:** Os pais ajudavam bastante, tivemos muitas mães voluntárias. Eles estavam sempre presentes, sim. O nosso maior problema foi de infraestrutura mesmo.

**Professora3:** Se você me perguntar sobre o Bairro-Escola, vou dizer que acho um fracasso. Mas porque um fracasso? Por causa da falta da estrutura. Eles enrolaram muito tempo.

**Professora1:** A gente pegava aquele monte de crianças, levava para a praça pra fazer o que? Passar o tempo? Cadê o objetivo do programa?

**Coordenadora:** A gente ia para uma igreja que tinha oficinas de cultura, esporte e aprendizagem, mas tínhamos salas pra isso. Agora, sem parceiros, não podemos mais nos organizar para isso.

**Pesquisador:** Vamos fazer uma reunião com a direção e coordenação só para falar do Bairro-Escola em si, meu objetivo com vocês era entender como lidaram com o programa nesse tempo. Muito obrigado pela atenção de vocês!

16. **Entrevista com Mães Voluntárias e mães de alunos que participaram do Programa de Educação Integral em Rancho Novo**

**Pesquisador:** Quem aqui foi mãe voluntária?

(Três mães levantaram a mão)

**Pesquisador:** O que levou a vocês se integrarem no Bairro-Escola?

**Mãe1:** Eu matriculei meu filho porque trabalho, e ou meu filho fica em casa. E, filho em casa é uma benção, né? Aí, no Bairro-Escola eles brincam, elas cuidam dele direitinho, então eu gostei do Bairro-Escola.

**Mãe2:** Eu tenho meus filhos aqui no Bairro-Escola e também vim trabalhar de Mãe Voluntária para ficar perto deles. Sou mãe coruja.

**Mãe3:** Eu também trabalho e não tenho com quem deixar meus filhos, aí eles ficam aqui, no Bairro-Escola.

**Mãe4:** Eu fui a primeira mãe a ser voluntária aqui na escola, eu via que a P. (coordenadora) era muito ocupada, que precisava de ajuda, que tinha muita dificuldade na hora do banho (das crianças), e que eu poderia ajudar ela. Aí juntei 4 amigas minhas e a Tia P. convidou a gente para participar como Mãe Voluntária. A gente dava banho, ajudava no almoço, a escovar o dente das crianças, passávamos o dia todo na escola. Depois de um ano, a prefeitura abriu vaga para que a escola contratasse a gente, a Tia P. pediu para nós fossemos contratadas e passamos a receber uma ajuda pelo nosso trabalho, mas foi só por um ano, também. Mas, eu fico, eu gosto.

**Pesquisador:** Os filhos de vocês ainda estão no Bairro-Escola?

**Mãe4:** Não, meus filhos tiveram que sair porque já passaram de ano (saíram do ensino fundamental).

**Mãe2:** O meu pediu pra sair. O colega dele queria ficar em casa e o meu quis sair também.

**Mãe1:** Eu tirei os meus porque era longe, eles chegavam à noite cansados.

**Pesquisador:** E, durante o tempo que ficaram, como vocês avaliam essa experiência?

**Mães:** Muito boa! Foi legal!

**Mãe1:** Meus filhos conheceram bastantes lugares, eles falavam.

**Mãe4:** Aprenderam um monte de brincadeiras. Aprenderam a jogar xadrez, foi muito legal. Teve a capoeira também, que é um esporte pras crianças. (Mães concordaram acenando as cabeças)

**Pesquisador:** E a experiência como mães voluntárias?

**Mãe4:** Pra mim foi ótima, tanto que já estou há 5 anos na escola.

**Mãe5:** Eu gostei muito.

**Pesquisador:** Vocês já tinham uma relação com a escola antes do Bairro-Escola?

**Mãe2:** Ninguém me aguenta mais aqui, todos os meus filhos eu matriculo aqui! (Risos. Todas as mães acenaram que tinham uma relação com a escola).

**Pesquisador:** Todas vocês são moradoras de Rancho novo?

(Quatro mães acenaram que sim)

**Pesquisador:** Então, eu gostaria de fazer uma entrevista, também rápida, mas individualmente, quem puder. De qualquer forma, agradeço a todas pela entrevista!

## **17. Entrevista com uma moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** (A moradora não quis registrar seu nome). Qual é a primeira coisa que te vem à cabeça quando pensa no bairro?

**Moradora1:** É os problemas, né? Ele tá muito ruim.

**Pesquisador:** E o lugar, em qual lugar que você pensa?

**Moradora1:** Na rua que eu moro.

**Pesquisador:** Você gosta dela?

**Moradora1:** Gosto, mas ela está muito acabadinha, muito ruinzinha.

**Pesquisador:** E, quais são os trajetos que você mais faz?

**Moradora1:** É para o trabalho mesmo. Eu não ando muito por aí não.

**Pesquisador:** Nem final de semana?

**Moradora1:** Nem.

**Pesquisador:** Você não faz compras?

**Moradora1:** Só duas vezes por mês, e só vou ao mercadinho. Eu não gosto de supermercado não, vive cheio.

**Pesquisador:** Então, no seu trajeto para o trabalho, o que mais te chama à atenção no caminho?

**Moradora1:** Os buracos nas ruas, as casas do pessoal que são dentro do valão, atrapalha a passagem e atrasa a vida deles que vivem lá. Porque tem muita casa que enche quando chove. Aí, é muito ruim, eles perdem tudo.

**Pesquisador:** E quais são as referências neste seu caminho?

(Em ambas as explicações, a moradora indica as ruas que compõem o caminho, não soube marca-lo com um uma referência visual qualquer)

**Pesquisador:** Qual o lugar que você mais gosta no bairro?

**Moradora1:** As praças, essa pracinha aqui (a Imperatriz) e a outra, a Carioquinha.

**Pesquisador:** E, qual o lugar que você não gosta?

**Moradora1:** Não tem lugar que eu não goste não.

**Pesquisador:** Qual é a referencia do bairro, em sua opinião?

**Moradora1:** O lava-jato, todo mundo conhece.

**Pesquisador:** Onde fica?

**Moradora1:** Perto da mercearia no Rancho Novo (centro).

**Pesquisador:** Você conhece o Bairro-Escola por causa dos seus filhos.

**Moradora1:** Sim, por causa dos meus filhos.

**Pesquisador:** Você viu as obras do Bairro-Escola?

**Moradora1:** Vi. Ficaram bonitinhas por uns dias, mas depois voltou tudo ao normal, ficou tudo ruim de novo.

**Pesquisador:** E o que você pode falar da praça nova?

**Moradora1:** Acho que foi boa, por que as crianças tem um lugar pra passear. Se não fosse o Bairro-Escola estaria tudo ruim, tudo quebrado, um descampado.

**Pesquisador:** Você acha que o Bairro-Escola mudou a vida do bairro?

**Moradora1:** Um pouquinho, não muito.

**Pesquisador:** Em que?

**Moradora1:** As pracinhas mesmo, eles reformaram umas. Teve também umas ruas asfaltadas, taparam uns buracos e só. No valão eles não melhoraram em nada, cavaram, cavaram, mexeram, mexeram, mas não melhoraram em nada ali.

**Pesquisador:** E sobre os seus filhos, estão desde quando aqui?

**Moradora1:** Desde 2007.

**Pesquisador:** E porque você os matriculou no bairro escola?

**Moradora1:** Porque era uma coisa boa para eles e para mim, porque eles num ficam jogados na rua. Eu trabalho e não tenho condições de olhar eles.

**Pesquisador:** E eles ainda estão no Bairro-Escola?

**Moradora1:** Não, eu os tirei porque eles reclamavam muito de cansaço. Eles chegavam em casa e iam dormir direto, não queriam nem jantar. Eu tinha que ficar acordando eles. Aí, os tirei, e agora eles ficam com a prima.

**Pesquisador:** E qual é a sua avaliação desse período deles no Bairro-Escola?

**Moradora1:** Eles aprenderam bastante coisas. Capoeira. Aprenderam a escrever certinho, não trocam letras, aprenderam a mexer no computador. Agora eles conhecem mais o bairro. Antes do Bairro-Escola eles se perdiam na rua, agora eles não se perdem mais. Eles vão à padaria. Vão comprar pipa, doce, brinquedo. Vem na pracinha brincar. Antes eles não faziam isso. “Não, não vou não, não vou não, eu vou me perder”. Agora eles já sabem ir e voltar pra casa.

**Pesquisador:** Muito obrigado pela entrevista.

## **18. Entrevista com moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** (A moradora pediu para não divulgar seus dados) É moradora do bairro há quanto tempo?

**Moradora2:** Devem ter uns 20 anos.

**Pesquisador:** E, quais os locais que você mais frequenta no bairro?

**Moradora2:** A casa da minha mãe, no Bariri. Aqui no bairro eu vou mais ao Centro, fazer as compras do dia a dia, vou à feira, e vou também à igreja, que também é no Centro.

**Pesquisador:** Você conhece o Bairro-Escola?

**Moradora2:** Conheço. Eu cheguei a matricular minha filha.

**Pesquisador:** Hum! E, como foi?

**Moradora2:** Com ela não deu certo não. Ela faz tratamento de fonoaudiologia e o Bairro-Escola tava atrapalhando isso. Ela não tinha mais horário, ficava cansada, não queria mais fazer o tratamento. O problema era que ela tinha dificuldades de aprendizado por causa do problema dela. Daí, eu aproveitei o cansaço dela para incentivá-la a sair.

**Pesquisador:** Pena...

**Moradora2:** É.

**Pesquisador:** E quanto a obras, você lembra-se de obras que aconteceram aqui a partir de 2006.

**Moradora2:** Melhorou muito aqui. Aqui só tinha um banco, agora tem três. Miguel Couto cresceu muito. A rua da minha mãe era uma imundice, subia água quase todo mês. O prefeito asfaltou tudo ali.

**Pesquisador:** E perto das escolas, o que você viu?

**Moradora2:** Também melhorou muito, foi feita a pracinha, ali.

(Outra pessoa que estava acompanhando a entrevista interveio)

**Moradora3:** Mas essas obras foram antes de 2006. O asfalto, as manilhas e a Praça do DPO são da administração anterior.

(Essa pessoa explicou esse histórico de obras)

**Moradora3:** Depois de 2006, as obras aqui foram aquelas do Bairro-Escola.

**Moradora2:** Isso mesmo.

**Moradora3:** Fizeram a calçada ali no centro.

**Moradora2:** É.

**Pesquisador:** Mais, algo que vocês lembrem?

**Moradora2:** É isso mesmo, as obras que falei são de antes. Depois eu não vi muita coisa, mas o centro ficou melhor, mais limpo, acho que pintaram algumas ruas aqui também, mas não lembro quais, faz tempo e hoje já tá tudo igual de novo.

**Pesquisador:** Tem alguma coisa a mais que você queira falar sobre a sua relação com o bairro, algo que eu não te perguntei?

**Moradora2:** Tem. Eu queria que o prefeito melhorasse o posto de saúde, é um lugar muito procurado pelos moradores de Miguel Couto e dos bairros vizinhos e deveria estar em melhores condições.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado pela entrevista.



## **19. Entrevista com Nizete, moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e a rua em que mora.

**Nizete:** Meu nome é Nizete de Souza Lacerda. Eu moro na Rua Almir, 45, Viga.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. Por onde você mais anda no bairro?

**Nizete:** Eu num ando em lugar nenhum, só por aqui mesmo. Não vou em rua, nem casa de ninguém, só fico em casa. Só pego umas coisas que preciso e, vou em Nova Iguaçu (centro).

**Pesquisador:** E os lugares que frequenta?

**Nizete:** Quase lugar nenhum. Só vou à igreja, ao mercado e a Nova Iguaçu.

**Pesquisador:** Quais os lugares que mais gosta?

**Nizete:** Só o colégio mesmo, é onde trabalho.

**Pesquisador:** Algum lugar que evite ou não goste?

**Nizete:** Não sei explicar, não. É tudo bonzinho, legal de viver. Pra mim está tudo legal.

**Pesquisador:** E como é a sua relação com o bairro?

**Nizete:** Ela tem que melhorar, a minha rua “enche” muito (inunda). Na última chuva, a rua “encheu” e eu fiquei com água no meio da canela. Isso, eu queria que isso melhorasse pra gente ter uma vida melhor.

**Pesquisador:** Então a sua relação com o bairro não é boa.

**Nizete:** Não, não é. Eu moro na beira do valão. Já fiz inscrição no Minha Casa Minha Vida, mas ainda não recebi resposta de nada.

**Pesquisador:** Sua relação com os seus vizinhos é boa?

**Nizete:** Muito boa, mas é eu na minha casa e eles na deles. Eu me dou com todo mundo, todo mundo me conhece.

**Pesquisador:** Já que você trabalha na escola, você sabe do Bairro-Escola.

**Nizete:** Sim. Vi o que aconteceu por aí, as obras. Tem umas obras boas e outras estão tudo destruídas.

**Pesquisador:** O que você chama de obras boas?

**Nizete:** Umas coisas melhoraram e outras não. Tinham ruas que não eram asfaltadas e fizeram. Tem muita coisa errada. Por aqui mesmo, não fizeram nada. Fizeram essas calçadas na rua principal, mas não fizeram mais nada. Só fizeram esse negócio de pintar umas paredes das casas dos outros, mas não melhoraram o posto (de saúde), não fizeram nada na escola, que tá caindo.

**Pesquisador:** E o que mais você pode falar?

**Nizete:** De quê? Do Bairro-Escola?

**Pesquisador:** É.

**Nizete:** Ih! Só sei isso que te falei mesmo! (Risos) Sei falar mais nada não.

**Pesquisador:** Nem do que você vê ou viu na escola?

**Nizete:** Ih, moço! Isso é com as professoras. (Risos) Pra mim era um monte de crianças para lá e para cá, e que agora fica na escola só.

**Pesquisador:** Tudo bem. Meu objetivo é saber apenas do que você pode falar, nada mais. Muito obrigado!

## 20. Entrevista Cristiane, moradora de Rancho Novo

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e onde você mora.

**Cristiane:** Meu nome é Cristiane Afonso. Eu moro na Rua Dr. Carreiro há 19 anos.

**Pesquisador:** É perto?

**Cristiane:** Não. É lá perto das Tintas Águia. Atrás.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. E primeiro, me diz os lugares que você mais frequenta.

**Cristiane:** À lazer, à trabalho.

**Pesquisador:** Tanto faz, os dois.

**Cristiane:** Barzinho, lanchonete. Vou ao mercado. Vou a uma pracinha perto de casa, a São José Operário. Mas eu fico muito em casa. Saio mais com o meu marido, mas não é aqui no bairro. Vou à Nova Iguaçu ou para outros lugares.

**Pesquisador:** Entendi. E quais os percursos que mais faz quando anda no bairro?

**Cristiane:** Todos os lugares que falei ficam ao longo da Estrada do Iguaçu, ou perto.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que você mais gosta no bairro?

**Cristiane:** A rua do meu pai, perto da AACD.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que você não goste?

**Cristiane:** Não, me sinto bem em qualquer lugar aqui.

**Pesquisador:** Você usa o centro de Rancho Novo?

**Cristiane:** Muito pouco, eu prefiro ir à Nova Iguaçu (centro).

**Pesquisador:** Você, por morar a muito tempo no bairro, ouviu falar no Bairro-Escola?

**Cristiane:** Eu vi que pintaram umas praças, asfaltaram umas ruas, arrumaram as praças, colocaram sinal, que não tinha no bairro.

**Pesquisador:** Mais alguma coisa chamou atenção?

**Cristiane:** Os desenhos que a prefeitura fez para identificar onde tem o Bairro-Escola. As ruas ficaram mais alegres, os vizinhos comentavam. Também tinham as crianças que andava na rua. Era muita criança.

**Pesquisador:** Mais alguma coisa para falar?

**Cristiane:** Essa época que tinha esse movimento todo, a do Bairro-Escola, era uma época boa.

**Pesquisador:** Então, obrigado pela entrevista.

## 21. Entrevista Carla, moradora de Rancho Novo

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e a rua você mora.

**Carla:** É Carla do Nascimento, moro na Rua Jordão.

**Pesquisador:** É próxima da escola?

**Carla:** É aqui perto.

**Pesquisador:** Quais são os percursos que você faz mais?

**Carla:** É beirando o rio.

**Pesquisador:** E os lugares que você mais frequenta?

**Carla:** Vou à Praça Imperatriz, no mercadinho.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que mais goste?

(...) Tempo

**Moradora:** Eu gosto da Praça Imperatriz

**Pesquisador:** Tem outro percurso que você faça?

**Carla:** Pela rua principal, quando vou pra Nova Iguaçu (Centro) ou para Rancho Novo (centro).

**Pesquisador:** Tem algum lugar que não goste?

**Carla:** Não, tem não.

**Pesquisador:** Você já ouviu falar do Bairro-Escola?

**Carla:** Mais ou menos, não.

**Pesquisador:** Você as obras que foram feitas no bairro?

**Carla:** As obras eu vi, só não sei se são do Bairro-Escola.

**Pesquisador:** E o que achou?

**Carla:** Acho que foi bom pro bairro, né. Teve pintura também, né?

**Pesquisador:** O que você viu de mais relevante que foi feito no bairro?

**Carla:** Foi à praça (Imperatriz) e as ruas que asfaltaram, algumas ficaram pelo meio do caminho, e outras fizeram uma “maquiagem”, só fizeram a entrada e jogaram um cimento, mas não fizeram o encanamento de água, essas coisas.

**Pesquisador:** Mais algo que queira falar?

**Carla:** Não.

**Pesquisador:** Então, obrigado pela entrevista.

## 22. Entrevista Daniele, moradora de Rancho Novo

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e onde você mora.

**Daniele:** Meu nome é Daniele Medeiros Batista Ferreira. Eu moro na Rua Cacique.

**Pesquisador:** É perto da escola?

**Daniele:** São duas ruas daqui.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. E primeiro, me diz os lugares que você mais frequenta.

**Daniele:** O centro do bairro, para comprar as coisas do dia a dia, a igreja, a escola, e a casa das amigas. Eu moro aqui há 32 anos, eu ando tudo por aqui.

**Pesquisador:** E quais os percursos que mais faz?

**Daniele:** Eu ando muito pela Rua dos Comerciantes, em direção ao centro de Rancho Novo. Uso muito o centro para compras. Também vou para faculdade por aqui, lá para Estácio. Atravesso a Dutra pela passarela. Também vou pelo caminho do valão para a escola do meu filho.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que você mais gosta no bairro?

**Daniele:** A Praça Imperatriz. É, basicamente, onde meus filhos estão sendo criados.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que você não goste?

**Daniele:** Não, tudo aqui é muito tranquilo.

**Pesquisador:** E, qual é o lugar mais importante no bairro?

**Daniele:** É o centro do bairro. Tem também a Praça Imperatriz, depois que foi reformada ela passou a ser muito usada. Todo mundo sabe aonde é.

**Pesquisador:** E, você ouviu falar do Bairro-Escola?

**Daniele:** Bairro-Escola? Eu não. O que é isso?

**Pesquisador:** (Explicação). Mas, você viu as obras que aconteceram no bairro?

**Daniele:** Quando eu voltei a morar aqui essas coisas já estavam. Eu fiquei três anos fora, então só vi a praça e as melhorias que foram feitas nas ruas, mas não sabia que eram por conta disso (do Bairro-Escola).

**Pesquisador:** Então, obrigado pela entrevista.

### **23. Entrevista Erenice, moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome.

**Erenice:** Erenice.

**Pesquisador:** Você é mora em que rua?

**Erenice:** Na Rua Pedro Reis, 402, bairro Rancho Novo.

**Pesquisador:** É perto da escola?

**Erenice:** É perto.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. Como é?

**Erenice:** Minha vida toda está no bairro.

**Pesquisador:** Quais são os percursos mais usados?

**Erenice:** Pra igreja, padaria, mercado, trabalho.

**Pesquisador:** Quais os lugares que mais frequenta?

**Erenice:** A igreja, a católica. Não sou muito de sair.

**Pesquisador:** Algum lugar que evite ou não goste?

**Erenice:** Não... Tem umas casas de show aqui, mas não atrapalham não. A gente não gosta de ver é a rua suja, o bairro jogado, sem luz, sem coleta de lixo. A gente paga impostos, quer ver o bairro funcionando.

**Pesquisador:** Quais são os lugares que você gosta?

**Erenice:** As praças tem uma que é perto daqui que é iluminada, tem outra ali, mas num tem nada. Eu gosto das áreas de lazer, mas aqui tem poucas e alguns lugares não tem nada.

#### **24. Entrevista Mariza, moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e onde você mora.

**Mariza:** Meu nome é Mariza e eu moro na Rua Edmundo Lopes.

**Pesquisador:** É perto?

**Mariza:** É aqui do lado.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. E primeiro, me diz os percursos que você mais faz.

**Mariza:** Eu não ando muito no bairro não. Eu vou ao centro de Rancho Novo, no sacolão, no mercadinho, na lotérica, pagar algumas contas, mas eu vou mais ao Cruzeiro (bairro). Muito de vez em quando eu sento num barzinho perto de casa.

**Pesquisador:** Qual é o lugar que você mais gosta no bairro?

**Mariza:** Eu gosto da minha casa. (...) Tem um lugar ali na Rua Sobral que eu gosto de ficar porque é fresquinho. Tenho amigas que moram por lá.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que não goste?

**Mariza:** Não. À noite, ali na Luiz Sobral fica perigoso, porque é perto da Dutra, perto do túnel, que fica perigoso.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que seja mais conhecido no bairro?

**Mariza:** Tem a pracinha ali (Imperatriz). Todo mundo gosta, é bem frequentada, tanto por criança quanto pelos adultos.

**Pesquisador:** Vamos falar sobre o Bairro-Escola. Você conhece?

**Mariza:** Conheço algumas coisas, tenho amigas que trabalham na escola (Ornéia Lippi). É bom para as mães que trabalham fora, as crianças ficam na escola. Tinha guardas de trânsito na rua, que era bom pro bairro, dava segurança nas ruas. A praça. Essas coisas.

**Pesquisador:** Sei. Mais alguma coisa que você queria falar sobre o Bairro-Escola?

**Mariza:** É que essas coisas que acontecia no bairro estavam boas. Não devia ter parado. Era um movimento bom, ver as crianças na rua, os guardas, era bom.

**Pesquisador:** Então, obrigado pela entrevista.

## **25. Entrevista Ana Paula, moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome.

**Ana Paula:** É Ana Paula.

**Pesquisador:** Qual rua você mora?

**Ana Paula:** Rua Santa Helena.

**Pesquisador:** É perto?

**Ana Paula:** É mais ou menos.

**Pesquisador:** Quais são os lugares que você mais frequenta?

**Ana Paula:** Eu quase não saio de casa. Eu e meu marido ficamos muito em casa.

**Pesquisador:** Quais os percursos que faz?

**Ana Paula:** Para o trabalho e para Nova Iguaçu, e faço compras também.

**Pesquisador:** Tem outro percurso que você faça?

**Ana Paula:** De vez em quando eu desvio meu caminho pra visitar a igreja.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que goste?

**Ana Paula:** Não.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que não goste?

**Ana Paula:** Eu não gosto de nada daqui. Eu vim morar aqui por causa do meu esposo, mas acho que esse lugar aqui ruim. Não gosto dos amigos dele, acho má companhia.

**Pesquisador:** Então, você não sai de casa por isso?

**Ana Paula:** É. Não faço nada neste lugar.

**Pesquisador:** Então me fala dos seus caminhos.

**Ana Paula:** Ah... Quando vou para o trabalho, eu corto o caminho pelo valão (rio). Também uso esse caminho para ir ao Rancho Novo (centro).

**Pesquisador:** É um atalho?

**Ana Paula:** É. O valão faz uma “reta” só, por isso que é o meu percurso.

**Pesquisador:** Você ouviu falar no Bairro-Escola?

**Ana Paula:** Já.

**Pesquisador:** Como?

**Ana Paula:** Tenho amigas minhas que trabalham em escolas, então eu sempre ouvi falar. Inclusive eu trabalho na Ornélia.

**Pesquisador:** Ah! Você está na escola?

**Ana Paula:** Sim, eu fico com as crianças.

**Pesquisador:** Mãe voluntária?

**Ana Paula:** É. É um trabalho que é bom pra mim, porque me distraí, eu gosto de crianças, ajudo na escola, e é bom pras crianças também, eu do banho nelas, penteio o cabelo delas, elas me recebem com abraço, com beijo... Tem crianças que

são muito carentes, parece que as mães não dão carinho para elas. Eu não, eu gosto de crianças, por isso elas também gostam muito de mim. E eu acho que estou fazendo um trabalho bom para o bairro.

**Pesquisador:** E o que mais você sabe sobre o Bairro-Escola?

**Ana Paula:** Sei que as crianças ficam na escola o dia todo.

**Pesquisador:** E o que mais?

**Ana Paula:** Hum... Não sei, acho que é só.

**Pesquisador:** Sabe das obras feitas?

**Ana Paula:** Isso eu não sei, eu moro há menos de um ano aqui. Foi por agora?

**Pesquisador:** Tem mais tempo. Então há mais algo que queira falar?

**Ana Paula:** Não.

**Pesquisador:** Então, obrigado pela entrevista.

## **26. Entrevista Dora, moradora de Rancho Novo**

**Pesquisador:** Primeiro você me diz seu nome e a rua em que mora.

**Dora:** Meu nome é Maria Isadora dos Santos, moro na rua Fernão Rodrigues, 43, rua do colégio Alice Couto.

**Pesquisador:** Eu quero entender a sua relação com o bairro. Quais são os seus principais percursos e os lugares que você mais frequenta no bairro?

**Dora:** Olha, durante a semana é o meu trabalho mesmo, e o meu percurso é da minha casa para a creche, onde ficam minhas crianças, lá na Igreja N.S. Aparecida.

**Pesquisador:** E os lugares que mais gosta?

**Dora:** Não sei, acho que minha casa mesmo, a igreja.

**Pesquisador:** Algum lugar que evite ou não goste?

**Dora:** Eu não gosto do Jardim Tropical.

**Pesquisador:** O bairro?

**Dora:** É. Muito movimentado, não é bom para andar com as crianças.

**Pesquisador:** Você leva seus filhos para brincar em algum lugar?

**Dora:** Levo naquela praça nova.

**Pesquisador:** A Praça Imperatriz?

**Dora:** É... Meus filhos gostam muito dela.

**Pesquisador:** Há alguma referência no bairro.

**Dora:** Tem o Planeta Bola, e a própria escola, todo mundo conhece.

**Pesquisador:** E o centro de Rancho Novo?

**Dora:** Ah, sim. Lá todo mundo conhece.

**Pesquisador:** Você usa?

**Dora:** Só pra ir à lotérica. Eu vou mais à Nova Iguaçu (ao centro).

**Pesquisador:** Vamos falar um pouco sobre o Bairro-Escola. O que você pode me falar sobre?

**Dora:** Houve muita mudança, né? Fizeram muitas coisas para as crianças, placas... Assim, fizeram muitas obras para a segurança das crianças. Teve a praça que fizeram, a Imperatriz. E, para as mães que trabalham e para a comunidade que valoriza, o Bairro-Escola foi muito importante. As crianças não andam pra baixo e pra cima sem segurança. No começo era até melhor, porque tinham os guardas, eles são muito importantes. Não adianta só as obras.

**Pesquisador:** Você acha que o Bairro-Escola mexeu com o bairro?

**Dora:** Olha, acho que mexeu um pouco sim. As pessoas que não ouviram falar do Bairro-Escola, que não sabem, ficaram curiosas com o que tava acontecendo, com as obras e, as crianças andando por aí, né? Mas o projeto precisa ser mais “calçado”, e a comunidade tem que dar mais valor, porque a comunidade ajuda, né? Mas, pra mim é um projeto bom, as mães que trabalham podem contar com isso para deixar suas crianças, elas aprendem, brincam, almoçam, é muito bom.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado.

## **27. Entrevista Neide, moradora de Miguel Couto**

**Pesquisador:** Qual é o seu nome?

**Neide:** Neide Aparecida de Castro.

**Pesquisador:** Qual rua você mora?

**Neide:** Moro na Rua Luiz Carlos de Oliveira, 619, Vila Claudia.

**Pesquisador:** É perto daqui da escola?

**Neide:** São 10 minutos daqui andando.

**Pesquisador:** Quais são os lugares que você frequenta no bairro.

**Neide:** Ih! Lugar nenhum. Só minha casa mesmo e a casa de amigos e parentes, mais ali no centro de Miguel Couto.

**Pesquisador:** Qual o lugar que você mais gosta no bairro?

**Neide:** A minha igreja.

**Pesquisador:** Algum lugar que você não goste?

**Neide:** Hum... Não.

**Pesquisador:** Qual é a referencia do bairro?

**Neide:** Eu só uso a referencia dos lugares que eu vou, num tem uma referência assim não. Talvez a Praça de Miguel Couto, que é ali no Centro.

**Pesquisador:** Você lembra mudanças no bairro desde 2006?

**Neide:** Ah! Eles só estragaram as ruas, né? Eles botavam as máquinas, cavavam, cavavam, mas na hora de botar as manilhas demoravam.

**Pesquisador:** Lembra-se de obras menores? Calçadas, ruas?



**Neide:** Ah! Essas aí foram mais pro centro, né? Eles arrumaram perto das escolas, ficou bom, ficou legal. Pintura também, mas essas fizeram e do jeito que pinto ficou até hoje... Acho que só.

**Pesquisador:** Você conhece o Bairro-Escola?

**Neide:** Clareia minha mente.

**Pesquisador:** Você já ouviu falar de um programa da prefeitura para as escola e o bairro, chamado Bairro-Escola?

**Neide:** Não, não sei não. Mas eu não procuro me inteirar do que a prefeitura faz o deixa de fazer não.

**Pesquisador:** E, sobre essas obras de calçadas e pinturas, você poderia me falar mais como foi?

**Neide:** Eu não acompanhei não porque foram mais pro centro mesmo, só vi depois de prontas.

**Pesquisador:** Ok, então! Muito obrigado pela entrevista.

## **28. Entrevista Cristiane, moradora de Miguel Couto**

**Pesquisador:** Me diz o seu nome e a rua onde mora.

**Cristiane:** Cristiane, eu moro na Rua Capitão Pedro Resende, no Forte de Miguel Couto.

**Pesquisador:** Mora aqui há quanto tempo?

**Cristiane:** Moro ali há sete anos.

**Pesquisador:** E, quais os locais que você mais frequenta no bairro?

**Cristiane:** O meu trabalho, mercado... E, só. Não sou muito de sair não. Só de vez em quando eu vou ao Clube (Esporte Clube Miguel Couto)

**Pesquisador:** Quais são seus trajetos mais frequentes?

**Cristiane:** Eu vou muito pela viela do beco atrás do posto de saúde, é mais perto.

**Pesquisador:** E, qual é o lugar no bairro que você mais gosta?

**Cristiane:** Que eu mais gosto? Eu só ando de casa pro trabalho e do trabalho pra casa... Tem o vídeobar, que é legal, no centro de Miguel Couto.

**Pesquisador:** E o lugar que você não gosta?

**Cristiane:** Eu não gosto do Clube em dia de sábado, por que tem funk, sai briga. Eu só gosto do Clube nos dias de sexta, por que não é funk é baile dos anos 70, aí é mais legalzinho.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que seja uma referência para o bairro?

**Cristiane:** A Igreja da Matriz. É o ponto de referencia do bairro.

**Pesquisador:** E você lembra mudanças ou obras que aconteceram no bairro a partir de 2006?

**Cristiane:** Lá, onde moro melhorou muito. Não tinha asfalto, não tinha encanamento... Melhorou muito. Melhoraram também o posto de saúde...

**Pesquisador:** Você já ouviu falar do Bairro-Escola?

**Cristiane:** Já. Eu trabalho aqui na escola, e vejo acontecendo aqui.

**Pesquisador:** E você conhece o Bairro-Escola fora da escola? As melhorias que fizeram no bairro?

**Cristiane:** No começo eles pintaram as ruas, os muros, botou muitos guardas por aí... Ficou muito bom. Mas, depois, não ficou nada. Os guardinhas sumiram tudo, aí as crianças andavam sozinhas com os professores. Não ficou nada pro bairro.

**Pesquisador:** Tem alguma coisa a mais que você queira falar sobre a sua relação com o bairro, algo que eu não te perguntei?

**Cristiane:** Não... não.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado pela entrevista.

## **29. Entrevista Glória, moradora de Miguel Couto**

**Pesquisador:** Me diz o seu nome e a rua onde mora.

**Glória:** Maria da Glória Matias, Rua Barão de Taquara.

**Pesquisador:** Mora aqui há quanto tempo?

**Glória:** Há 40 anos.

**Pesquisador:** E, quais os locais que você mais frequenta no bairro?

**Glória:** Meu trabalho, o clube... E, eu uso toda a área de saúde, farmácia, açougue, mercado. Agora, em relação à área de diversão, só temo o clube.

**Pesquisador:** Quais são seus trajetos mais frequentes?

**Glória:** Estrada de Miguel Couto, eu moro aqui na direção do Forte (bairro).

**Pesquisador:** E, qual é o lugar no bairro que você mais gosta?

**Glória:** Que eu mais gosto? Eu gosto de tudo aqui. Se é para dizer o lugar que mais gosto, então é a Igreja da Matriz, e a Igreja N. S. das Graças, que frequento.

**Pesquisador:** E o lugar que você não gosta?

**Glória:** A praça (de Miguel Couto). Eu acho que aquilo lá abandonado, eu nem gosto de passar por lá. Acho aquilo lá um desperdício, poderia ser um lugar muito melhor para as crianças. Meu filho adora ir lá, mas eu não gosto. Também não gosto de andar em ruas que já deveriam estar asfaltadas e ainda não foram. Aí, eu tenho que conviver com aquela feiura, eu não gosto.

**Pesquisador:** Tem algum lugar que seja uma referência para o bairro?

**Glória:** Tem o mercadão popular, que é muito conhecido, né? O clube. Tem também a Casa do Menor (São M. Arcanjo), que não é no centro, mas é em Miguel Couto. É muito conhecida! E, tem a escola, tá? A Janir é bem conhecida. Quando tem evento no bairro, quando não é nas igrejas, é no Janir.

**Pesquisador:** E você lembra mudanças ou obras que aconteceram no bairro a partir de 2006?

**Glória:** Teve muitas. O bairro cresceu, teve bastante saneamento. Tinha a praça, com aquele negócio de malhação (academia popular), que até os idosos utilizavam, as ruas, que começaram a virar realidade, né? Asfalto... O Mercadão, a rodoviária, essas coisas valorizaram o bairro. Aqui era uma lama... E, tem também essa praça que fizeram aqui perto que tava abandonada (a Praça do DPO).

**Pesquisador:** Você já ouviu falar do Bairro-Escola?

**Glória:** Já. Eu trabalho aqui na escola. Então, a gente ouve falar.

**Pesquisador:** E o que você conhece?

**Glória:** Eu trabalho no turno da noite, então eu sei o que tem porque me falam. Sei que tem oficinas, os parceiros. Aqui, a gente tem o privilégio de não ter que sair com as crianças, mas sei de escolas que tem que ir, porque não tem espaço. Aí eles usam a igreja, a praça, e as crianças tem que caminhar... É essa parte que eu acho meio complicada. Porque é professor que não é professor, é estagiário que é responsável por 20, 25 crianças pela rua.

**Pesquisador:** E você sabia que o Bairro-Escola envolve também realizar melhorias no bairro?

**Glória:** É. Soube a partir das pinturas. Alargaram as calçadas e pintaram as fachadas dos muros, principalmente onde os alunos passam. Eles até acertaram calçadas que tinham degrau. Mas, eu acho que os alunos não tinham que sair da escola.

**Pesquisador:** Em sua opinião, essas coisas mexeram com a rotina do bairro?

**Glória:** Mexeram. O povo gostou de ver tudo colorido, a sinalização, os guardas em todas as portas das escolas. Agora não tem mais isso, tiraram tudo. Só tem um ou outro aqui em Miguel Couto (centro).

(Em meio à conversa, uma amiga chega e comenta da escola perto das suas casas)

**Pesquisador:** Então, perto da sua casa tem uma escola com o Bairro-Escola?

**Glória:** Tem sim, lá no Forte.

**Pesquisador:** E o impacto do Bairro-Escola lá foi grande?

**Glória:** Sim, eles asfaltaram tudo lá, até o prefeito apareceu, foi um alvoroço. Em volta da própria escola era um lamaçal só.

**Pesquisador:** Então esse foi o movimento que o Bairro-Escola fez lá?

**Glória:** Isso e a interação que foi criada com as pessoas lá, né? Muitos dos estagiários moram perto da escola. Meu filho participa lá, ele faz educação física e é estagiário do Bairro-Escola. Aliás, é o que eu acho de mais interessantes desses projetos, Bairro-Escola, Mais Educação, essas coisas, são um trabalho extra, né? É uma ajuda para as pessoas que estão se formando, é muito difícil trabalhar e estudar e, o horário que eles pedem é bom, dá pra conciliar e ainda ter um dinheirinho...

**Pesquisador:** E isso mexeu com a vida lá?

**Glória:** Mexeu. As crianças do bairro acham tudo diferente. “Ih! Mexeu aqui!” “Olha! Pintou a rua!” “Melhorou a praça!” “Ih! Agora a gente sai da escola para ir pra igreja!” Então é tudo novidade, eles não têm que ficar o dia todo dentro de sala de aula. E, sem contar que lá não tinha área de lazer, né? A escola não tem quadra, nem um

pátio grande para fazer a recreação das crianças. Então, antes do Bairro-Escola, a escola já usava a igreja para fazer algumas festas para as crianças.

**Pesquisador:** E como a comunidade vê isso?

**Glória:** Eu acho que todo mundo gosta. Mas eu não vejo o povo comentando muito na rua não, só quando há falta de aula.

**Pesquisador:** Você uma aproximação entre as pessoas do bairro e a escola.

**Glória:** Não sei não. Acho que sim. A gente mora no bairro, então as crianças passam lá perto de casa e gritam pelo meu filho. “Tio! Você vai dar aula segunda?” “Vô!” (Risos) É muito engraçado!

**Pesquisador:** E você viu mudança de comportamento nas crianças?

**Glória:** Mais ou menos. Os problemas das crianças são os pais. Elas são jogadas na rua, ficam na rua, vão para a escola, fazem o Bairro-Escola, voltam pra casa e fica na rua... O que eu vi lá foi um maior entusiasmo. Você vê que ele tem mais interesse de ir pra escola porque sabe que o Tio e a Tia têm alguma novidade ou brincadeira para fazer com eles. Eles ficam mais animados com o que estão aprendendo. Parece que eles sentem que estão recebendo mais atenção.

**Pesquisador:** Tem alguma coisa a mais que você queira falar sobre a sua relação com o bairro, algo que eu não te perguntei?

**Glória:** Não, não.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado pela entrevista.

### **30. Entrevista Terezinha, moradora de Miguel Couto**

**Pesquisador:** Me diz o seu nome e a rua onde mora.

**Terezinha:** Terezinha de Jesus e, eu moro na Rua Constantino da Silva, Centro de Miguel Couto.

**Pesquisador:** Mora lá há quanto tempo?

**Terezinha:** Devem ter uns 20 anos.

**Pesquisador:** E, quais os locais que você mais frequenta no bairro?

**Terezinha:** A casa da minha mãe, no Bariri. Aqui no bairro eu vou mais ao Centro, fazer as compras do dia a dia, vou à feira, e vou também à igreja, que também é no Centro.

**Pesquisador:** Você conhece o Bairro-Escola?

**Terezinha:** Conheço. Eu cheguei a matricular minha filha.

**Pesquisador:** Hum! E, como foi?

**Terezinha:** Com ela não deu certo não. Ela faz tratamento de fonoaudiologia e o Bairro-Escola tava atrapalhando isso. Ela não tinha mais horário, ficava cansada, não queria mais fazer o tratamento. O problema era que ela tinha dificuldades de aprendizado por causa do problema dela. Daí, eu aproveitei o cansaço dela para incentivá-la a sair.

**Pesquisador:** Pena...

**Terezinha:** É.

**Pesquisador:** E quanto a obras, você lembra obras que aconteceram aqui a partir de 2006.

**Terezinha:** Melhorou muito aqui. Aqui só tinha um banco, agora tem três. Miguel Couto cresceu muito. A rua da minha mãe era uma imundice, subia água quase todo mês. O prefeito asfaltou tudo ali.

**Pesquisador:** E perto das escolas, o que você viu?

**Terezinha:** Também melhorou muito, foi feita a pracinha, ali.

(Outra pessoa que estava acompanhando a entrevista interveio)

**Moradora:** Mas essas obras foram antes de 2006. O asfalto, as manilhas e a Praça do DPO são da administração anterior.

(Essa pessoa explicou esse histórico de obras)

**Moradora:** Depois de 2006, as obras aqui foram aquelas do Bairro-Escola.

**Terezinha:** Isso mesmo.

**Moradora:** Fizeram a calçada ali no centro.

**Terezinha:** É.

**Pesquisador:** Mais, algo que vocês lembrem?

**Moradora:** É isso mesmo, as obras que falei são de antes. Depois eu não vi muita coisa, mas o centro ficou melhor, mais limpo, acho que pintaram algumas ruas aqui também, mas não lembro quais, faz tempo e hoje já tá tudo igual de novo.

**Pesquisador:** Tem alguma coisa a mais que você queira falar sobre a sua relação com o bairro, algo que eu não te perguntei?

**Terezinha:** Tem. Eu queria que o prefeito melhorasse o posto de saúde, é um lugar muito procurado pelos moradores de Miguel Couto e dos bairros vizinhos e deveria estar em melhores condições.

**Pesquisador:** Ok! Muito obrigado pela entrevista.

### **31. Entrevista Tainá e Roberta em Miguel Couto**

**Pesquisador:** Me diz o seu nome e a rua onde mora.

**Tainá:** Tainá Nascimento, eu moro no Boa Esperança.

**Pesquisador:** E você?

**Roberta:** Roberta, moro na Rua América.

**Pesquisador:** São ruas próximas daqui do Centro?

**Tainá:** e Moradora2: Sim.

**Pesquisador:** E, quais os locais que vocês mais frequentam no bairro?

**Tainá:** Miguel Couto. Aqui no centro mesmo. Estou todo dia por aqui.

**Roberta:** Eu também.

**Pesquisador:** Algum lugar específico, de lazer?

**Tainá:** Aqui não tem! (Risos) A gente vai à igreja, e só.

**Pesquisador:** Então o percurso de vocês é sempre pela rua principal... E, qual é o lugar no bairro que você mais gosta?

**Tainá:** Eu gosto dessa rua perto da Janir.

**Roberta:** Eu não tenho um lugar assim. Para mim é indiferente.

**Pesquisador:** E você lembra mudanças ou obras que aconteceram no bairro a partir de 2006?

**Tainá:** Mudou, mudou bastante. Isso aqui parecia uma roça, agora aqui tá tudo arrumado. Isso é coisa de uns 4 a 5 anos para cá. Mas se você se afastar do centro, é tudo lama!

**Pesquisador:** Você já ouviu falar do Bairro-Escola?

**Tainá:** Já. Lá no colégio da minha filha tem. Mas eu não deixo minha filha não, porque, durante o dia, eles oferecem comida estragada para as crianças. Daí é maldade, né? A minha filha não come. A própria professora me fala para não deixar.

**Pesquisador:** E você, tem filhos?

**Roberta:** Tenho.

**Pesquisador:** E eles estão na escola?

**Roberta:** Estão na mesma escola da filha dela.

**Pesquisador:** E eles estão no Horário Integral?

**Roberta:** Estão.

**Pesquisador:** E o que fez você matricular eles no Horário Integral?

**Roberta:** Meu trabalho.

**Tainá:** Ele como lá?!?

**Roberta:** Come.

**Tainá:** Mas ele gosta da comida?

**Roberta:** Ele acha ótima!

(Elas se entreolham e há um ar de confusão na expressão da moradora<sup>1</sup>)

**Pesquisador:** E, estão há quanto tempo no Horário Integral?

**Roberta:** Uns 5 meses. A inscrição foi agora.

**Pesquisador:** E você já percebeu alguma diferença nos seus filhos depois que ele começou no Horário Integral?

**Roberta:** Ele escreve mais, e tem também um negócio de grafite. Ele fala muito nisso, e na dança.

**Tainá:** É o Hip-hop. Minha filha tava também, mas era aqui. Eu tirei porque ela tava ficando estressada. Ela tinha que voltar em casa para almoçar, então não tava dando tempo, porque era o tempo contado dela ir, comer correndo, e voltar pra escola antes deles fecharem o portão. Aí, ela ficava muito estressada. Era o tempo

de tomar um banho, almoçar e voltar pra cá. Às vezes ela comia aqui, por que aqui a comida é boa, o diretor é muito bom.

**Pesquisador:** E vocês sabiam que o Bairro-Escola tem a ver com melhorias no bairro? Vocês viram alguma coisa?

**Tainá:** Não.

**Pesquisador:** Pinturas, sinalização.

**Tainá:** Ah! Eu vi, uns muros pintados por aqui, mas foi só. Melhoria, melhoria, eu não vi não.

**Pesquisador:** Miguel Couto tem algum lugar que seja representativo?

**Tainá:** (Risos) Representativo? Importante? Aqui tem a Igreja da Matriz e o Mercado Popular, todo mundo conhece. Não que o mercado preste, pra mim, aqui nada presta, mas todo mundo conhece o mercado. Se você perguntar pra qualquer um você consegue chegar nele.

**Pesquisador:** Hum... Como vocês avaliam a relação de vocês com o bairro?

**Tainá:** De visitante. (Risos) Esse negócio de ficar por aqui, participar de projetos, não é comigo não. Tem gente que tá metido em tudo aqui, eu não. Nem sei te dizer se tem área de lazer aqui, porque eu não fico aqui.

**Morada2:** Para mim hoje é mais fácil de pagar as contas, tem banco. Agora tem a loteria, tem laboratório, farmácia de manipulação... É, é boa.

**Pesquisador:** Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar sobre a nossa entrevista?

**Roberta:** Pode falar de transporte? Porque aqui transporte é um “perrengue”. É difícil... Posto de saúde também, não tem médico... Só Deus mesmo.

**Tainá:** Mas, em comparação com outros municípios, aqui é bem melhor. Mais urbanizado, tem guardas... Nos outros municípios não tem nada.

**Pesquisador:** Então, é isso? Muito obrigado pela entrevista.